

BESTSELLER

NEW YORK TIMES • USA TODAY • WALL STREET JOURNAL

Um dos 100 Melhores Romances
de Todos os Tempos
GOODREADS

A VOZ DE ARCHER

FENÓMENO
BOOKTOK

UMA HISTÓRIA DE AMOR

MIA SHERIDAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER

NEW YORK TIMES • USA TODAY • WALL STREET JOURNAL

Um dos 100 Melhores Romances
de Todos os Tempos
GOODREADS

A VOZ DE ARCHER

FENÔMENO
BOOKTOK

UMA HISTÓRIA DE AMOR

MIA SHERIDAN

Ficha Técnica

Título: A Voz de Archer – Uma História de Amor

Título original: Archer's Voice

Autor: Mia Sheridan

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Ana David

Revisão: Catarina Sacramento

ISBN: 9789892357430

Edições ASA II, S.A.

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2016, 2018, Mia Sheridan

Esta edição publicada por acordo com Grand Central Publishing, Nova Iorque, Nova Iorque, EUA.

© 2023, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Mia Sheridan

A VOZ DE ARCHER
Uma História de Amor

Tradução
Ana David

Capa

Ficha Técnica

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezassex

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Epílogo

Ponto de Vista Alternativo - Capítulo Quinze

Agradecimentos

*Dedico este livro aos meus filhos,
Jack, Cade e Tyler. O mundo precisa
do maior número possível de homens bons.
Orgulho-me de ser responsável por três deles.
Irmãos até ao fim.*



A lenda de Chiron, o Centauro

Os centauros, enquanto grupo, eram conhecidos por serem agitadores, dados a bebedeiras e a comportamentos desordeiros e agressivos. Mas Chiron não era como os outros – chamavam-lhe O Bom Centauro e O Curandeiro Ferido, mais sábio, mais gentil e mais justo do que os outros da sua espécie.

Infelizmente, Chiron foi ferido pelo seu amigo Hércules com uma flecha envenenada, quando este lutava com os outros centauros. Como Chiron era imortal, não foi capaz de encontrar alívio para a sua ferida incurável, e passou a viver com uma dor agonizante.

Um dia, Chiron encontrou Prometeu, que também vivia em agonia. Prometeu fora condenado ao tormento eterno pelos deuses e estava amarrado a uma rocha, onde, todas as manhãs, uma águia era enviada para lhe comer o fígado, que voltava a regenerar-se todas as noites.

Chiron ofereceu-se para dar a sua vida pela de Prometeu. Assim, livraria ambos do tormento eterno. Chiron caiu morto aos pés de Prometeu. Mas, graças à sua bondade e generosidade, Zeus fez dele uma das estrelas da constelação de Sagitário, onde a sua beleza poderia ser contemplada por toda a eternidade.

A ferida de Chiron simboliza o poder transformador do sofrimento – a forma como a dor, tanto física como emocional, pode tornar-se a fonte de grande força moral e espiritual.

CAPÍTULO UM

Archer – Sete anos de idade; abril

— **S**egura a minha mão! Agarrei-te – disse eu baixinho, o helicóptero a erguer-se do chão, enquanto o Duke segurava a mão do Snake Eyes. Eu estava a tentar ser o mais silencioso possível a brincar – a minha mãe tinha levado uma tarefa outra vez e eu não queria acordá-la do seu sono no quarto lá em cima. Ela disse-me para ficar a ver desenhos animados na cama ao lado dela, e ainda estive a ver durante um tempo, mas quando reparei que ela tinha adormecido, desci as escadas para brincar com os meus bonecos G.I. Joe.

O helicóptero aterrou e os meus homens saltaram e correram para baixo da cadeira – eu tinha posto uma toalha por cima, a fingir que era um *bunker* subterrâneo. Peguei no helicóptero e levantei-o novamente no ar, com um som de *whop, whop, whop*. Desejei poder estalar os dedos e transformar o brinquedo num helicóptero verdadeiro. Então, levaria a minha mãe dentro dele e voaríamos para longe daqui... para longe *dele*, dos olhos negros e das lágrimas da minha mãe. Não me importava para onde iríamos, desde que fosse para muito, muito longe.

Rastejei para o meu *bunker* e, uns minutos mais tarde, ouvi a porta da frente a abrir e a fechar, e depois passos pesados percorreram o *hall* de entrada e atravessaram o corredor até onde eu estava a brincar. Espreitei e vi um par de sapatos pretos brilhantes e a bainha do que eu sabia serem as calças de uma farda.

Arrastei-me para fora o mais rápido que consegui, exclamando:

– Tio Connor! – Enquanto ele se ajoelhava, atirei-me para os seus braços, certificando-me de que permanecia afastado do lado onde ele tinha a sua arma e a lanterna de polícia.

– Olá, pequenote – disse ele, abraçando-me. – Como está o meu herói de resgate?

– Bem. Estás a ver a fortaleza subterrânea que eu construí? – perguntei, inclinando-me e apontando orgulhoso para a fortaleza que tinha montado por baixo da mesa usando mantas e toalhas. Estava muito fixe.

O tio Connor sorriu e olhou de relance para trás de mim.

– Claro que sim. Tens aí um ótimo trabalho, Archer. Nunca vi uma fortaleza com um aspeto tão impenetrável como essa. – Piscou-me o olho e fez um sorriso enorme.

Eu retribuí o sorriso.

– Queres brincar comigo?

Ele despenteou-me o cabelo, rindo-se.

– Agora não, amigo. Mais tarde, está bem? Onde está a tua mãe?

O meu semblante mudou.

– Hum... ela não está a sentir-se muito bem. Está deitada. – Olhei para o rosto do tio Connor, para os seus olhos castanho-dourados. A imagem que me veio à cabeça de imediato foi a do céu antes de uma tempestade... escuro e um pouco assustador. Afastei-me ligeiramente, mas depressa os olhos do tio Connor clarearam, e ele puxou-me outra vez para junto de si e abraçou-me.

– Tudo bem, Archer, tudo bem – disse-me. Depois afastou-me um pouco e agarrou-me os braços enquanto me perscrutava o rosto. Eu sorri e ele sorriu de volta.

– Tens o sorriso da tua mãe, sabes?

Fiz um sorriso ainda maior. Eu adorava ter o sorriso da minha mãe. Era afetuoso, bonito e fazia com que me sentisse amado.

– Mas sou parecido com o meu pai – exclamei, olhando para baixo. Eu tinha o aspeto dos homens da família Hale.

Ele ficou a olhar para mim durante um momento, como se quisesse dizer-me alguma coisa, mas depois mudou de ideias.

– Ora, isso é bom, amigo. O teu pai é um tipo bonito. – Sorriu para mim, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Olhei para ele, desejando ter o seu aspeto. A minha mãe disse-me uma vez que o tio Connor era o homem mais bonito que ela já tinha visto na vida. Mas depois parecera culpada, como se não devesse ter dito aquilo. Provavelmente, porque ele não era o meu pai, imaginei. Para além disso, o tio Connor era polícia: um herói. Quando eu crescesse, ia ser como ele.

O tio Connor levantou-se.

– Vou ver se a tua mãe está acordada. Brinca com os teus bonecos e eu já desço num minuto, está bem, amigo?

– OK – assenti. Ele despenteou-me o cabelo outra vez e afastou-se na direção das escadas. Aguardei alguns minutos e depois segui-o em silêncio. Evitei todas as tábuas que rangiam, agarrado ao corrimão para subir. Sabia ser silencioso naquela casa. Era importante que eu soubesse ser silencioso naquela casa.

Quando cheguei ao cimo das escadas, fiquei imóvel diante da porta do quarto da minha mãe, à escuta. A porta tinha apenas uma fresta aberta, mas era o suficiente.

– Estou bem, Connor, a sério – afirmou a minha mãe, a sua voz suave e ainda sonolenta.

– Tu não estás bem, Alyssa – sussurrou ele, a voz a falhar no final, de uma forma que me assustou. – Meu Deus! Tenho vontade de o matar. Estou farto disto, Lys. Estou farto desta rotina de mártir. Podes pensar que mereces isso, mas o Archer não merece – disse ele, cuspiendo as últimas três palavras entre os dentes, de uma forma que eu já vira. Normalmente, quando o meu pai estava por perto.

Não ouvi nada além do choro baixo da minha mãe durante alguns minutos, até que o tio Connor voltou a falar. Desta vez a voz parecia estranha, desprovida de expressão.

– Queres saber onde está ele neste momento? Saiu do bar com a Patty Nelson. Andam a dormir juntos desde domingo na rulote dela. Conduzi até lá e do carro conseguia ouvir os dois lá dentro.

– Credo, Connor! – A voz da minha mãe saiu engasgada. – Estás a tentar tornar tudo pior...

– Não! – rugiu ele, e eu dei um pulo. – Não – repetiu o tio Connor agora mais calmo. – Estou a tentar que percebas que já chega. *Já chega*. Se achas que precisavas de pagar uma penitência, está paga. Não vês isso? Nunca tiveste razão com essa crença, mas por hipótese, vamos dizer que tinhas razão... agora está paga, Lys. Já está paga há muito tempo. Agora estamos todos a pagar. Deus, queres saber o que senti quando ouvi os sons que saíam daquela rulote? Tive vontade de entrar por ali adentro e rebentar-lhe a cara por te humilhar, por te ofender daquela forma. E o pior de tudo é que eu deveria sentir-me feliz por ele estar com qualquer outra pessoa que não fosses tu, *qualquer* outra que não a mulher que está tão entranhada na minha pele que não consigo tirar-te nem com um martelo pneumático. Mas, em vez disso, senti-me enojado. Enojado, Lys. Enojado por ele não te estar a tratar bem, mesmo sabendo que, se ele te tratasse bem, isso significaria que eu poderia não te ter outra vez.

O quarto ficou em silêncio durante alguns minutos, e eu tive vontade de espreitar lá para dentro, mas não o fiz. Só conseguia escutar o choro baixo da minha mãe e um leve ruído.

Por fim, o tio Connor prosseguiu, a voz mais tranquila agora, mais meiga.

– Deixa-me levar-te daqui para fora, querida. Por favor, Lys. Deixa-me proteger-te e ao Archer. Por favor. – A voz dele estava cheia de alguma coisa que eu não sabia nomear. Sustive a respiração. Ele queria levar-nos para longe dali?

– E a Tori? – interrogou a minha mãe num tom de voz baixo.

O tio Connor demorou alguns segundos a responder.

– Vou dizer à Tori que me vou embora. Já não temos mesmo um verdadeiro casamento há anos. Ela terá de entender.

– Ela não vai entender, Connor – exclamou a minha mãe, parecendo assustada. – Não vai. Ela vai fazer alguma coisa para se vingar de nós. Ela sempre me odiou.

– Alyssa, já não somos crianças. Não se trata de uma estúpida disputa. É a vida real. Trata-se de eu te amar, de merecermos ter uma vida juntos. Tem que ver comigo, contigo e com o Archer.

– E o Travis? – perguntou ela, baixinho.

Houve uma pausa.

– Vou chegar a um acordo com a Tori – disse ele. – Não tens de te preocupar com isso.

Houve mais um momento de silêncio, e depois a minha mãe exclamou:

– O teu trabalho, a cidade...

– Alyssa – disse o tio Connor, em voz carinhosa –, não me importo com nada disso. Se eu não te tiver, nada importa. Já não sabes isso? Vou pedir demissão, vender a propriedade. Vamos ter uma vida, meu amor. Vamos ser felizes. Longe daqui, longe desta cidade. Em algum outro lugar a que possamos chamar nosso. Meu amor, não queres isso? Diz-me que sim.

Houve mais silêncio, só que dessa vez ouvi sons suaves, como se eles estivessem a beijar-se. Eu já os tinha visto a beijarem-se, quando a minha mãe não sabia que eu estava a espreitar, como agora. Eu sabia que era errado – as mães não deviam beijar homens que não fossem os seus maridos. Mas também sabia que os pais não deviam chegar a casa sempre bêbedos e dar estalos na cara às suas mulheres, e que as mães não deveriam olhar para os tios com o olhar meigo que a minha mãe tinha sempre no rosto quando o tio Connor aparecia. Era tudo muito confuso e eu não sabia o que pensar. Era por isso que os espiava, para tentar entender.

Finalmente, depois do que pareceu muito tempo, a minha mãe sussurrou e eu mal consegui ouvir:

– Está bem, Connor, leva-nos para longe daqui. Leva-nos para bem longe. Eu, tu e o Archer. Vamos ser felizes. Eu quero isso. Eu quero-te. Tu és o único que eu sempre quis.

– Lys... Lys... minha Lys... – Ouvi o tio Connor dizer, entre respirações pesadas.

Eu esgueirei-me e desci as escadas, evitando os pontos que rangiam, sem fazer barulho, movendo-me em silêncio.

CAPÍTULO DOIS

BREE

Coloquei a mochila ao ombro, peguei na pequena caixa de transporte para cães que estava pousada no banco do passageiro e fechei a porta do carro. Fiquei imóvel por um minuto, só a ouvir a música das cigarras a ecoar por toda a parte, quase abafando o sussurro suave das folhas das árvores a farfalhar ao vento. O céu por cima de mim era de um azul vívido, e apenas conseguia distinguir o ligeiro brilho prateado das águas do lago além dos chalés à minha frente. Estreitei os olhos na direção de um deles, o único que ainda tinha a placa na janela da frente a anunciar que estava para arrendar. Era claramente o mais antigo e estava um pouco decadente, mas tinha um charme que me atraiu de imediato. Podia imaginar-me sentada no pequeno alpendre à noite, a observar as árvores ao redor a balançarem com a brisa enquanto a Lua surgia sobre o lago atrás de mim, o aroma dos pinheiros e da água fresca a encher o ar. Sorri para mim mesma. Esperava que o interior do chalé também tivesse algum charme, ou pelo menos, que estivesse *limpo*.

– O que achas, *Phoebes*? – interroguei baixinho.

Da sua caixa de transporte, a *Phoebe* pareceu satisfeita.

– Sim, também acho – acrescentei.

Um carro antigo parou perto do meu carocha, e um senhor calvo saiu do carro e veio na minha direção.

– Bree Prescott?

– Sou eu. – Sorri e avancei alguns passos para lhe apertar a mão. – Obrigada por vir ter comigo tão rápido, Mr. Connick.

– Por favor, chame-me George – disse ele, a sorrir para mim enquanto caminhava em direção ao chalé, ambos a levantar pó e agulhas de pinheiro secas a cada passo. – Não causou problema nenhum. Agora estou reformado, e por isso não tenho horários a cumprir. Resultou muito bem.

Subimos os três degraus de madeira que levavam ao pequeno alpendre, e ele retirou um molho de chaves do bolso e começou à procura de uma delas.

– Aqui vamos nós – disse ele, enquanto enfiava a chave na fechadura e abria a porta. O cheiro a pó e a mofo receberam-me quando entrámos e olhei à volta. – A minha mulher vem aqui sempre que possível e faz umas limpezas básicas, mas, como pode ver, o lugar precisa de uma boa limpeza. A Norma já não tem a mobilidade que tinha antes, por causa da artrite na anca. O espaço esteve vazio durante todo o verão.

– Está ótimo. – Sorri, enquanto pousava a caixa de transporte da *Phoebe* no chão perto da porta e avancei na direção da cozinha. O interior do chalé estava mesmo a precisar de uma boa limpeza. Mas adorei-o de imediato. Era agradável e cheio de charme. Quando levantei alguns lençóis que cobriam a mobília, vi que era antiga, mas de bom gosto. O piso de madeira era de tábua corrida, rústica, as cores das paredes eram suaves e aconchegantes.

Os equipamentos de cozinha eram antigos, mas a verdade era que eu não precisava de muito no que se referia à cozinha. Não sabia se um dia iria querer voltar a cozinhar.

– O quarto e a casa de banho ficam nas traseiras... – começou a dizer Mr. Connick.

– Eu fico com ele – interrompi-o, depois ri-me e abanei a cabeça ao de leve. – Quero dizer, se o chalé ainda estiver disponível e estiver tudo bem por si, eu fico com ele.

Ele riu-se.

– Bem, sim, isso é ótimo! Deixe-me ir buscar o contrato de arrendamento ao carro e podemos tratar já de tudo. Pedi caução de segurança, mas podemos negociar isso, se for um problema para si.

Abanei a cabeça.

– Não, não há problema. Tudo bem.

– Muito bem, já volto, então – disse ele, encaminhando-se para a porta. Enquanto Mr. Connick estava lá fora, aproveitei para espreitar o quarto e a casa de banho. Eram ambos pequenos, mas serviriam, exatamente como eu imaginara. O que me chamou a atenção foi a janela grande no quarto, com vista para o lago. Não pude evitar um sorriso quando vi o pequeno cais que levava à água tranquila e espelhada, de um azul impressionante sob o brilho do sol da manhã.

Havia dois barcos distantes, pouco mais do que pequenos pontos no horizonte.

De repente, ao olhar para a água, tive uma estranha sensação, como se quisesse chorar, mas não de tristeza e sim de *felicidade*. Assim que a senti, desvaneceu-se, deixando-me com uma estranha nostalgia que não conseguia explicar.

– Vamos lá – disse Mr. Connick, e ouvi a porta do chalé a fechar-se atrás dele. Saí do quarto para assinar os papéis de arrendamento da casa a que chamaria lar – pelo menos nos próximos tempos – esperando que este fosse o lugar onde finalmente encontraria alguma paz.

Norma Connick tinha deixado todos os produtos de limpeza no chalé, por isso, depois de ir buscar a minha mala ao carro e de a pousar no quarto, pus mãos à obra. Três horas depois, afastei uma mecha de cabelo húmido dos olhos e recuei um passo para admirar o meu trabalho. O piso de madeira estava limpo e sem pó, todos os móveis tinham sido destapados e todas as divisões completamente espanadas. Encontrei a roupa de cama e as toalhas de banho no armário do corredor e lavei-os e sequei-os na pequena máquina de lavar e secar que estava ao lado da cozinha; depois fiz a cama. A cozinha e a casa de banho foram lavadas e desinfetadas, e abri todas as janelas para deixar entrar a brisa quente de verão que vinha do lago. Não ia ali ficar muito tempo, mas por enquanto estava satisfeita.

Retirei da mala os poucos artigos de *toilette* que trouxera e arrumei-os no armário dos medicamentos, e depois, tomei um banho frio e longo, lavando do corpo as horas de limpeza e de viagem. Tinha dividido a viagem de dezasseis horas desde a minha cidade natal, Cincinnati, no Ohio, em dois turnos de oito horas e tinha passado a noite num pequeno motel à beira da estrada. Conduzira durante a noite seguinte para chegar ali nessa manhã. Tinha parado num pequeno cibercafé em Nova Iorque no dia anterior, e procurara por anúncios *online* de imóveis para arrendar na cidade para onde estava a ir. A cidade no Maine que escolhera como destino era uma famosa atração turística, por isso, depois de mais de uma hora de pesquisa, o mais próximo que consegui arranjar foi do outro lado do lago, nesta pequena cidade chamada Pelion.

Depois de me secar, vesti uns calções limpos e uma *T-shirt*, e peguei no telemóvel para ligar à minha melhor amiga, a Natalie. Ela telefonara-me várias vezes desde que lhe enviara uma mensagem a avisar que me ia embora, e eu só tinha respondido com mensagens escritas. Devia-lhe uma chamada.

– Bree? – atendeu a Natalie, o som de conversas em voz alta ao fundo.

– Olá, Nat, é má altura para falar?

– Espera um pouco que eu vou lá para fora. – Ela cobriu o bocal com a mão, disse alguma coisa a alguém, depois voltou a falar. – Não, não é má altura! Estava desejosa de ter notícias tuas! Estou a almoçar com a minha mãe e a minha tia. Elas podem esperar alguns minutos. Eu estava preocupada – resmungou, num tom levemente acusatório.

Suspirei.

– Eu sei, desculpa. Estou no Maine. – Tinha-lhe dito que era para ali que iria.

– Bree, tu simplesmente desapareceste. Santo Deus! Pelo menos levaste bagagem?

– Meia dúzia de coisas. O suficiente.

A Natalie bufou.

– OK. E quando voltas para casa?

– Não sei. Acho que vou ficar por aqui algum tempo. De qualquer modo, Nat, não te disse nada, mas estou com pouco dinheiro. Acabei de gastar uma

boa quantia como caução do arrendamento. Preciso de um emprego, pelo menos durante alguns meses, para ganhar o suficiente para pagar a viagem de volta a casa e me sustentar durante um tempo depois de regressar.

A Nat fez uma pausa.

– Não sabia que as coisas estavam assim tão más. Mas Bree, querida, tu tens uma licenciatura. Volta para casa e usa-a. Não precisas de viver como uma espécie de vagabunda numa cidade em que não conheces ninguém. Já estou com saudades tuas. A Avery e o Jordan também. Deixa os teus amigos ajudarem-te a retomar a vida... Nós amamos-te. Posso enviar-te algum dinheiro, se isso significar que voltas para casa mais depressa.

– Não, não, Natalie. A sério. Eu... preciso deste tempo, OK? Eu sei que me amas – disse baixinho. – Também te amo. Mas isto é algo que preciso de fazer.

Ela voltou a fazer uma pausa.

– Foi por causa do Jordan?

Mordi o lábio durante alguns segundos antes de responder.

– Não, não totalmente. Quero dizer, talvez tenha sido a última gota, mas não, não estou a fugir do Jordan. Foi só a última coisa de que precisava, entendes? Tudo acabou por ficar... demais para mim.

– Ah, querida, todos temos um limite. – Quando fiquei calada, ela suspirou e disse: – E então, a viagem meio estranha e súbita já está a ajudar? – Ouvi o sorriso na sua voz.

Ri-me baixinho.

– De certa maneira, talvez. De outras, ainda não.

– Então eles ainda não desapareceram? – questionou a Natalie, baixinho.

– Não, Nat, ainda não. Mas sinto-me bem neste lugar. A sério. – Tentei soar animada.

A Nat fez mais uma pausa.

– Querida, acho que não tem que ver com o lugar.

– Não é isso que estou a dizer. Só acho que aqui parece um bom lugar para ficar e me afastar de tudo por um tempo... Oh, Deus, tens de desligar! A tua mãe e a tua tia estão à tua espera. Podemos conversar sobre isto noutra altura.

– Está bem – disse a Natalie, hesitante. – Então, estás em segurança?

Fiz uma pausa. Nunca me senti inteiramente segura. Será que me sentiria algum dia?

– Sim, e este sítio é lindo. Encontrei um chalé mesmo à beira do lago. – Olhei pela janela atrás de mim, assimilando novamente a linda vista do lago.

– Posso ir visitar-te?

Sorri.

– Deixa-me instalar-me. Talvez antes de eu voltar para casa...

– Então está combinado. Tenho muitas saudades tuas.

– Também tenho saudades tuas. Ligo de novo em breve, está bem?

– Está bem. Adeus, querida.

– Adeus, Nat.

Desliguei o telefone, fui até à janela grande e corri as cortinas do meu novo quarto e estendi-me na cama acabada de fazer. A *Phoebe* acomodou-se aos meus pés. Adormeci no instante em que pousei a cabeça na almofada.

* * *

Acordei com o som dos pássaros e o barulho distante da água do lago a bater na margem. Virei-me na cama e olhei para o relógio. Passava agora um pouco das seis horas da tarde. Espreguicei-me e sentei-me na cama, tentando orientar-me.

Levantei-me, a *Phoebe* seguiu-me, e escovei os dentes na pequena casa de banho. Depois de enxaguar, estudei-me no espelho do armário dos medicamentos. Continuava com os círculos escuros sob os olhos, embora menos pronunciados depois das cinco horas de sono que tinha dormido. Belisquei as bochechas para lhes dar um pouco de cor e abri um sorriso grande e falso para o espelho, depois abanei a cabeça para mim mesma.

– Vais ficar bem, Bree. És forte e vais ser feliz de novo, estás a ouvir-me? Este lugar é bom. Sentes? – Inclinei a cabeça e encarei-me ao espelho por mais um minuto. Muitas pessoas fazem discursos de motivação na casa de banho, certo? É perfeitamente normal. Exalei baixinho e abanei a cabeça outra vez. Lavei o rosto e, em seguida, prendi rapidamente o meu longo cabelo castanho-claro num coque mal feito na nuca.

Fui até à cozinha e abri o congelador, onde guardara as refeições congeladas que trouxera na geleira. Não tinha trazido muita comida – apenas o que estava no frigorífico em casa: algumas refeições para aquecer no micro-ondas, leite, manteiga de amendoim, pão e alguma fruta. E meio saco de ração canina para a *Phoebe*. Mas daria para alguns dias, antes que tivesse de descobrir onde ficava o supermercado local.

Aqueci uma massa já feita no micro-ondas, sentei-me na bancada da cozinha e comi com um garfo de plástico. Fiquei a olhar pela janela enquanto comia e reparei numa senhora de vestido azul, com o cabelo branco curto, a sair do chalé ao lado do meu e a vir na direção do meu alpendre com um cesto nas mãos. Quando ouvi a leve batida na porta, deitei a embalagem vazia de comida congelada no lixo e fui atender. Abri a porta e a senhora sorriu calorosamente para mim.

– Olá, querida, sou a Anne Cabbott. Parece que é a minha nova vizinha. Bem-vinda ao bairro.

Retribuí o sorriso e peguei no cesto que me ofereceu.

– Bree Prescott. Obrigada. Que amável. – Levantei a ponta do pano no topo do cesto e senti o aroma doce de *muffins* de mirtilo. – Oh, Deus, cheiram maravilhosamente! – disse. – Quer entrar?

– Na verdade, ia perguntar se gostaria de beber um chá gelado comigo no meu alpendre. Acabei de o fazer.

– Ah. – Hesitei. – Sim, claro! Dê-me só um segundo para me calçar.

Entreí em casa novamente, pousei os *muffins* na bancada da cozinha e fui até ao quarto, onde tinha deixado os chinelos.

Quando voltei, a Anne estava parada na ponta do meu alpendre à minha espera.

– Que noite adorável. Tento sentar-me cá fora ao anoitecer e aproveitar um pouco. Em breve estarei a queixar-me de que está frio.

Começámos a andar na direção do seu chalé.

– Então, mora aqui o ano todo? – perguntei, olhando de relance para ela.

Assentiu com a cabeça.

– A maior parte de nós, deste lado do lago, mora aqui o ano inteiro. Os turistas não estão interessados na cidade tal como ela é. Ali – acenou com a cabeça na direção da outra extremidade do lago, que mal dava para ver à distância – é onde estão todas as atrações turísticas. A maioria das pessoas daqui não quer saber disso, gosta da tranquilidade. Mas as coisas vão acabar por mudar. A mulher que é dona da cidade, a Victoria Hale, tem planos para vários novos empreendimentos que vão trazer os turistas para cá. – Suspirou enquanto subia os degraus que levavam até ao seu alpendre e sentou-se numa das cadeiras de vime. Eu sentei-me no baloiço para duas pessoas e recostei-me na almofada.

O alpendre era lindo e acolhedor, cheio de vime branco confortável e almofadas azuis e amarelas brilhantes. Havia vasos de flores por toda a parte: petúnias e uma variedade de trepadeiras em cascata sobre os lados.

– O que acha de trazerem os turistas para cá?

Ela franziu a testa.

– Ah, bem... eu gosto da nossa pequena cidade tranquila. Diria para os deixarem onde estão. Ainda somos um local de passagem, o que é suficiente para o meu gosto. Além do mais, agrada-me este ar de cidade pequena. Ao que parece, vão construir condomínios por aqui; portanto, deixará de haver chalés à beira do lago.

Franzi a testa.

– Oh, lamento muito – disse, ao perceber que ela quis dizer que teria de se mudar.

Ela acenou a mão com desdém.

– Vou ficar bem. Preocupam-me mais os negócios da cidade que terão de fechar por causa da expansão.

Assenti, ainda de sobrolho franzido. Ficámos em silêncio durante algum tempo, até que eu disse:

– Passei as férias com a minha família do outro lado do lago, quando era criança.

Ela pegou na jarra de chá na mesinha ao seu lado, serviu um copo para cada uma de nós e entregou-me um.

– Ai sim? E o que a traz de volta agora?

Dei um gole no meu chá, protelando de propósito por alguns segundos.

Por fim, disse:

– Decidi fazer uma pequena viagem de carro. Fui feliz naquele verão. – Encolhi os ombros. Tentei sorrir, mas falar sobre a minha família ainda me deixava com um aperto no peito. Fiz uma expressão que esperava que fosse agradável.

Ela observou-me por um momento, enquanto dava um gole do seu chá. Depois assentiu.

– Bem, querida, parece-me um ótimo plano. E acho que, se este lugar lhe trouxe felicidade antes, poderá trazer-lhe felicidade outra vez. Penso que alguns lugares combinam com as pessoas. – Fez um sorriso caloroso e eu retribuí. Não contei à Anne que a outra razão pela qual estava ali era porque aquele tinha sido o último lugar em que a minha família fora realmente feliz e descontraída. Foi diagnosticado um cancro de mama à minha mãe quando regressámos daquela viagem. Morreu seis meses depois. Dali em diante, fomos apenas o meu pai e eu.

– Quanto tempo está a planear ficar? – perguntou a Anne, interrompendo os meus devaneios.

– Não sei bem. Na verdade, não tenho um itinerário definido. Mas vou precisar de arranjar um trabalho. Sabe de alguém que esteja a contratar?

A Anne pousou o copo.

– Na verdade, sei. O *snack-bar* da cidade está a precisar de uma empregada para o turno da manhã. Eles abrem para o pequeno-almoço e para o almoço. Estive lá no outro dia e havia um anúncio afixado. A rapariga que trabalhava lá teve um bebé e decidiu ficar em casa com ele. Fica mesmo na rua principal e chama-se Norm's. É um lugar agradável e movimentado. Diga-lhes que a Anne a enviou. – Ela piscou-me os olhos.

– Obrigada. – Sorri. – Vou fazer isso.

Ficámos ali sentadas em silêncio por um momento, as duas a bebericar o chá, o som dos grilos ao fundo e o zumbido ocasional de um mosquito perto do meu ouvido. Podia ouvir os gritos distantes dos barqueiros no lago, provavelmente prestes a aportar e terminar o dia de trabalho, e também o som suave da água do lago a bater na margem.

– Isto aqui é muito tranquilo.

– Bem, espero que não se incomode por eu dizer, querida, mas parece estar a precisar de um pouco de paz.

Deixei escapar um suspiro e ri-me baixinho.

– Deve ser boa a avaliar as pessoas – respondi. – Não está errada.

Ela também se riu baixinho.

– Sempre fui boa a perceber as pessoas. O meu Bill costumava dizer que não conseguia esconder nada de mim, se tentasse. Claro, o amor e o tempo também ajudam. Tornamo-nos tão próximos da outra pessoa que ela passa a ser quase uma parte de nós; e não conseguimos esconder nada de nós mesmos. Embora muita gente seja boa a fazer isso, presumo.

Inclinei a cabeça.

– Lamento muito. Há quanto tempo perdeu o seu marido?

– Oh, faz dez anos agora. Embora ainda sinta falta dele. – Uma melancolia tomou conta das suas feições antes de endireitar os ombros e acenar com a cabeça para o meu copo. – Ele gostava de acrescentar um pouco de *Bourbon* ao chá doce. Ficava animado. Claro que eu não me importava. Fazia-o sorrir e só me tirava um minuto ou dois do tempo.

Tinha acabado de tomar um gole do chá e pus a mão à frente da boca para não cuspir. Depois de ter engolido, ri-me e a Anne sorriu para mim.

Assenti com a cabeça passado algum tempo.

– Acho que os homens são mesmo simples assim.

– Nós, mulheres, aprendemos isso ainda jovens, não é? Há algum rapaz à sua espera em casa?

Abanei a cabeça.

– Não. Tenho alguns amigos, poucos e bons, mas mais ninguém está à minha espera em casa. – À medida que as palavras me saíam da boca, a verdadeira natureza da minha solidão foi como um soco no estômago. Aquilo não era novidade para mim; ainda assim, por algum motivo, dizer as palavras tornou tudo mais verdadeiro. Esvaziei a minha chávena de chá, tentando engolir a emoção que me dominou de repente.

– Tenho de ir – disse. – Muito obrigada pelo chá e pela companhia. – Sorri para a Anne e ela retribuiu o sorriso, começando a levantar-se ao mesmo tempo que eu.

– Sempre que quiser, Bree. Se precisar de qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

– Obrigada, Anne. É muito amável. Oh! Preciso de ir a uma farmácia. Há alguma na cidade?

– Sim, a Haskell's. Basta atravessar a cidade, por onde veio, e verá a farmácia à sua esquerda. Fica pouco antes do semáforo. Não tem como se enganar.

– Está certo, ótimo. Obrigada mais uma vez – declarei, descendo os degraus e acenando-lhe.

A Anne assentiu com a cabeça, sorrindo, e acenou de volta.

Enquanto percorria o caminho até ao meu próprio pátio, vi um dente-de-leão solitário cheio de penugem. Inclinei-me, colhi-o e levei-o aos lábios, cerrando os olhos e recordando as palavras da Anne. Passado um instante, sussurrei: «Paz», antes de soprar e ver a penugem ser levada pela brisa até a perder de vista, esperando que, de algum modo, uma daquelas sementes pudesse alcançar algo ou alguém que tivesse o poder de tornar esse desejo realidade.

CAPÍTULO TRÊS

BREE

O céu começava a escurecer quando cheguei a Pelion, uma pequena zona tranquila, quase antiquada, no centro da cidade. A maior parte dos estabelecimentos comerciais parecia pertencer a famílias ou a um único proprietário, e havia árvores grandes alinhadas ao longo dos passeios largos, onde as pessoas ainda passeavam no crepúsculo fresco do fim de verão. Eu adorava esta hora do dia. Havia nela algo mágico, algo *promissor*, que parecia dizer: *Não sabias se ias conseguir, mas aguentaste mais um dia, não foi?*

Vi a Haskell's, entrei no parque de estacionamento à direita e parei o carro num lugar vazio.

Ainda não precisava de comida, mas *precisava* de alguns produtos básicos. Era a única razão para ter saído de casa. Embora tivesse dormido cerca de cinco horas naquele dia, estava cansada outra vez e pronta para ir para a cama acompanhada de um livro.

Entreí e saí da Haskell's em dez minutos e regressei para o carro ao entardecer. Os candeeiros de rua tinham-se acendido enquanto eu estava dentro da loja e agora projetavam um brilho onírico sobre o estacionamento. Pendurei a mala ao ombro e estava a passar o saco de plástico de uma mão para a outra quando o fundo se rasgou e as minhas compras se espalharam pelo cimento, vários artigos a rolar, longe do meu alcance imediato.

– Raios! – praguejei, enquanto me agachava para apanhar as compras. Abri a minha mala grande, e comecei a atirar lá para dentro o champô e o amaciador que comprara, quando vi alguém a parar ao lado pela minha visão periférica, e assustei-me. Olhei para cima no momento em que um homem se baixou com um joelho apoiado no cimento e me passou um frasco de *Advil* que, aparentemente, tinha rolado à sua frente. Eu encarei-o. Era jovem e tinha cabelo castanho longo e desgrenhado, a precisar desesperadamente de um bom corte, e uma barba que parecia mais negligenciada do que intencionalmente comprida. Talvez fosse bonito, mas era difícil ver-lhe bem o rosto sob a barba e o cabelo que caía da testa e ao redor do maxilar. Vestia

umas calças de ganga e uma *T-shirt* azul justa sobre o peito largo. A *T-shirt* tinha tido alguma coisa escrita em algum momento, mas agora estava tão desbotada e desgastada que ninguém adivinhava o que dissera em tempos.

Reparei em tudo isto nos breves segundos que demorei a alcançar a sua mão estendida que segurava o frasco de analgésicos, momento em que os nossos olhos se encontraram e pareceram ficar enredados. Os olhos dele eram profundos, cor de *whisky*, emoldurados por pestanas longas e escuras. *Lindos*.

Enquanto o fitava, parecia que alguma coisa se movia entre nós, quase como se devesse estender a mão e tentar agarrar o ar que rodeava os nossos corpos – como se talvez a minha mão acabasse por agarrar algo tangível, suave e quente. Franzi a testa, confusa, mas incapaz de afastar os olhos quando os dele rapidamente se desviaram dos meus. Quem era aquele homem de aparência estranha e por que razão estava eu ali, quase paralisada diante dele? Abanei a cabeça levemente e obriguei-me a regressar à realidade.

– Obrigada – declarei, tirando o frasco da mão dele ainda estendida. Ele não disse nada e não voltou a olhar para mim.

– Raios – praguejei baixinho mais uma vez, voltando a atenção para as compras ainda espalhadas no chão. Arregalei os olhos quando vi que a minha caixa de tampões se abrira e vários deles estavam espalhados pelo chão. *Matem-me, agora*. Ele apanhou alguns, estendeu-mos e eu enfiei-os rapidamente na mala, erguendo os olhos para ele ao mesmo tempo que ele me olhava, mas não havia nenhuma expressão no seu rosto. Mais uma vez, desviou o olhar rapidamente. Senti-me corar e comecei a tagarelar enquanto ele me passava mais alguns tampões, e eu os enfiava na mala, tentando reprimir um ataque iminente de risadas histéricas.

– Malditos sacos de plástico – exalei, falando demasiado depressa, depois respirei fundo antes de continuar, desta vez um pouco mais devagar: – Não são só maus para o meio ambiente, também não são nada confiáveis, realmente. – O tipo passou-me uma tablete de chocolate e um tampão, e eu agarrei-os e atirei tudo para dentro da mala, gemendo por dentro. – Tentei usar os meus próprios sacos reutilizáveis. Até comprei uns engraçados, com tecidos divertidos, estampados, de bolinhas – acenei com a cabeça e guardei o último tampão dentro da mala –, mas esquecia-me sempre deles no carro ou em casa. Abanei a cabeça mais uma vez enquanto o homem me entregava mais duas tabletas de chocolate.

– Obrigada – disse. – Acho que posso apanhar o restante agora. – Apontei para as outras quatro barrinhas que estavam espalhadas no chão.

Levantei os olhos para o homem, o meu rosto enrubescido outra vez.

– Estavam em promoção – expliquei. – Não estava a pensar em comer tudo de uma vez, nem nada parecido. – Ele não olhou para mim enquanto as apanhava, mas podia jurar ter visto a sombra de um minúsculo sorriso. – Gosto de ter chocolate em casa como um presente para mim mesma de vez em quando. Estes devem durar pelo menos uns dois meses. – Eu estava a mentir. O que tinha comprado duraria dois dias, *se tanto*. Talvez comesse vários no

carro, a caminho de casa.

O homem levantou-se e eu também, voltando a pendurar a mala ao ombro.

– Bem, obrigada pela ajuda, por vir em meu socorro... e dos meus... itens pessoais... o meu chocolate com coco... e amêndoas... – Ri um pouco, envergonhada, e depois fiz uma leve careta. – Sabe, ajudava-me muito se dissesse alguma coisa e me livrasse do constrangimento. – Sorri-lhe, mas fiquei logo séria quando vi que a expressão dele ficara tensa, os olhos fecharam-se e logo um olhar vazio substituiu o calor que eu poderia jurar ter visto momentos antes.

Ele virou-se e começou a afastar-se.

– Ei, espere! – chamei, começando a ir atrás dele. Mas detive-me e franzi a testa, confusa, enquanto a distância crescia entre nós, o seu corpo a mover-se com graça quando começou a correr devagar na direção da rua. Uma estranha sensação de perda tomou conta de mim quando ele atravessou e desapareceu da minha vista.

Entrei no carro e fiquei sentada lá dentro, imóvel durante alguns minutos, a pensar naquele estranho encontro. Quando finalmente liguei o carro, reparei que havia alguma coisa no meu para-brisas. Estava prestes a ligar o esguicho de água para limpar quando me detive e me inclinei para a frente, olhando com mais atenção. Sementes de dente-de-leão estavam espalhadas pelo vidro e, conforme a brisa suave soprava, elas voaram, numa dança delicada, afastando-se de mim e seguindo na direção que o homem tomara.

* * *

Acordei cedo no dia seguinte, saí da cama e abri as cortinas da janela do quarto. Olhei para o lago, o sol da manhã refletido na água, conferindo-lhe uma cor quente e dourada. Um pássaro grande levantou voo, e vi ao longe um único barco na água, perto da margem mais distante. Sim, podia habituar-me a isto.

A *Phoebe* saltou da cama e veio sentar-se aos meus pés.

– O que achas, miúda? – sussurrei. Ela bocejou.

Respirei fundo, tentando concentrar-me.

– Esta manhã, não. Esta manhã estás bem. – Andei devagar até ao chuveiro, relaxando um pouco, a esperança parecendo desabrochar no meu peito a cada passo. Mas, quando abri a torneira, o mundo à minha volta pareceu extinguir-se e o chuveiro aberto transformou-se no som da chuva a bater no telhado. O medo apoderou-se de mim e fiquei imóvel, enquanto o barulho alto do trovão pulsava nos meus ouvidos e a sensação do metal frio me percorria o peito nu. Encolhi-me com o espasmo do revólver a contornar o meu mamilo, o frio a enrijecê-lo, enquanto as lágrimas me corriam depressa pelo rosto. Dentro da minha cabeça havia um guincho agudo do travão de um comboio a arranhar os trilhos de metal. *Oh, Deus. Oh, Deus.* Sustive a

respiração, esperando que o revólver disparasse, o terror gelado a percorrer-me as veias. Tentei pensar no meu pai, que jazia sobre o próprio sangue no quarto mais à frente, mas o meu medo era tão intenso que não conseguia concentrar-me em mais nada. Comecei a tremer incontrolavelmente, a chuva continuava a cair contra o...

Uma porta de um carro a bater do lado de fora trouxe-me de volta ao momento presente. Eu estava imóvel diante do chuveiro com a água a correr, a água a ensopar o chão no lugar em que o cortinado estava aberto. Senti o vômito a subir pela garganta e só tive tempo de me virar para a sanita. Fiquei sentada no chão, a ofegar e a tremer durante vários minutos, tentando recuperar o domínio sobre o meu corpo. As lágrimas ameaçavam correr, mas eu não iria permitir isso. Cerrei os olhos com força e comecei uma contagem decrescente a partir de cem. Quando cheguei ao um, respirei fundo novamente e fiquei de pé, cambaleante. Peguei numa toalha para colocar no chão e secar a poça que não parava de aumentar.

Tirei a roupa e entrei para debaixo do chuveiro morno. Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, tentando descontraír, tentando controlar o tremor que ainda me dominava.

– Tu estás bem, tu estás bem, tu estás bem – entoei, engolindo a emoção e a culpa, com o corpo ainda a tremer. Eu *iria ficar* bem. Sabia disso, mas demorava sempre algum tempo a livrar-me da sensação de estar de volta *lá*, àquele lugar, àquele momento de terror e sofrimento absolutos. Às vezes demorava várias horas a livrar-me da tristeza, embora ela nunca me abandonasse completamente.

Todas as manhãs o *flashback* voltava, e todas as noites me sentia mais forte outra vez. A cada amanhecer tinha a esperança de que *este novo dia* seria aquele que me libertaria, e em que conseguiria vivê-lo sem ter de reviver a dor de estar presa ao sofrimento daquela noite, que seria, para sempre, o divisor de águas entre o *agora* e o *então*.

Saí do chuveiro e sequei-me. Ao olhar para o meu reflexo no espelho, achei que estava com melhor aspeto do que na maioria das manhãs anteriores. Apesar de os *flashbacks* ainda não me terem abandonado, tinha dormido bem, o que não acontecera com frequência nos últimos seis meses, e experimentava uma satisfação que atribuía ao lago que contemplava pela janela. O que poderia ser mais tranquilo do que o som da água a bater delicadamente na areia da margem? Com certeza parte daquela paz iria entranhar-se na minha alma ou, no mínimo, ajudar-me-ia a ter as noites de sono de que tanto precisava.

Voltei para o quarto e vesti uns calções cor de caqui e uma *T-shirt* preta de manga curta. Estava a pensar em ir ao *snack-bar* que a Anne tinha mencionado e queria parecer apresentável, já que iria candidatar-me à vaga – que eu esperava que ainda estivesse disponível. Estava a ficar sem dinheiro e precisava de arranjar um emprego o mais rápido possível.

Sequei o cabelo, deixei-o solto e depois usei o mínimo de maquilhagem.

Calcei as minhas sandálias pretas e saí de casa para receber o ar quente da manhã, que me acariciou a pele enquanto trancava a porta.

Dez minutos depois, estava a estacionar junto do Norm's. Parecia um clássico *snack-bar* de cidade pequena. Olhei pela grande janela de vidro e vi que o lugar já se encontrava razoavelmente cheio às oito horas da manhã de uma segunda-feira. O anúncio a dizer «Contrata-se» ainda estava colado na janela. *Sim!*

Abri a porta e os aromas a café e a *bacon* deram-me as boas-vindas, os sons de conversas e risos suaves vindos das cabinas e das mesas.

Andei em frente e sentei-me ao balcão, ao lado de duas jovens de calções de ganga e *tops* justos – obviamente não faziam parte das pessoas que estavam ali para tomar o pequeno-almoço antes de irem trabalhar.

Quando me sentei no banco giratório, em vinil vermelho, a rapariga que estava mais próxima olhou para mim e sorriu.

– Bom dia – disse eu, a sorrir também.

– Bom dia! – respondeu ela.

Peguei na ementa à minha frente, e a empregada de mesa, uma mulher mais velha, de cabelo curto e grisalho, que estava parada diante da janela da cozinha, olhou para mim por cima do ombro e disse:

– Já vou ter consigo, querida. – Parecia apressada enquanto folheava o bloco de pedidos. O lugar estava apenas meio cheio, mas era óbvio que ela estava sozinha e tinha dificuldade em manter o ritmo de atendimento. Os clientes da manhã queriam um serviço rápido para chegarem a tempo ao trabalho.

– Não estou com pressa – disse.

Poucos minutos depois, quando ela entregou alguns pedidos e veio ter comigo, disse distraída:

– Café?

– Sim, por favor. E parece muito atarefada... vou facilitar-lhe a vida e pedir o número três, tal como é.

– Deus a abençoe, querida. – Ela riu-se. – Deve ter experiência como empregada de mesa.

– Na verdade, tenho. – Sorri e entreguei-lhe a ementa. – Sei que não é uma boa hora, mas vi o cartaz a dizer «Contrata-se» na janela.

– A sério? – perguntou ela. – Quando pode começar?

Eu ri-me.

– O mais depressa possível. Posso voltar mais tarde para preencher uma ficha ou...

– Não é preciso. Tem experiência como empregada de mesa, precisa de um emprego, portanto, está contratada. Volte mais tarde para preencher a papelada necessária, mas o Norm é o meu marido. Tenho autoridade para contratar outra empregada de mesa e acabo de a contratar a si. – Ela estendeu a mão. – A propósito, sou a Maggie Jansen.

Sorri-lhe.

– Bree Prescott. Muito obrigada! – respondi.

– É a menina quem acaba de melhorar a minha manhã – exclamou ela, enquanto percorria o balcão para encher novamente algumas chávenas de café.

Bem, esta fora a entrevista de emprego mais rápida que já tivera.

– És nova na cidade? – interrogou a rapariga que estava perto de mim. Eu virei-me para ela, a sorrir.

– Sim, na verdade, mudei-me para cá ontem.

– Bem-vinda a Pelion. Sou a Melanie Scholl e esta é a minha irmã, Liza.

– A rapariga que estava à sua esquerda inclinou-se para a frente e estendeu-me a mão.

Eu abanei-a e disse:

– É mesmo um prazer conhecer-vos.

Reparei na alça do fato de banho por baixo dos *tops* e perguntei:

– Estão cá a passar férias?

– Ah, não. – A Melanie riu-se. – Trabalhamos na outra margem. Somos nadadoras-salvadoras durante as próximas duas semanas, enquanto os turistas ainda cá estiverem, e depois voltamos a trabalhar na pizaria da nossa família durante o inverno.

Assenti com a cabeça e bebi um gole de café. Pensei que as duas deveriam ter mais ou menos a minha idade, e que a Liza provavelmente era a mais nova. As duas eram muito parecidas, o cabelo arruivado e os mesmos olhos azuis grandes.

– Se tiveres alguma pergunta sobre a cidade, diz-nos – afirmou a Liza. – Fazemos questão de estar a par de todas as fofocas. – Ela piscou o olho. – Também podemos dar-te umas dicas sobre com quem sair e quem evitar. É muito provável que já tenhamos deparado com todos eles, em ambas as cidades... portanto, somos um poço de informações.

Eu ri-me.

– OK, não me vou esquecer disso. Estou muito feliz por vos ter conhecido, miúdas. – Já estava a virar-me para a frente quando algo me ocorreu. – Ei, na verdade, tenho uma pergunta sobre uma pessoa. Ontem, estava a sair da farmácia e o meu saco de compras rebentou. Caiu tudo no chão do parque de estacionamento e um rapaz parou para me ajudar. Era alto, magro, bem constituído, mas... não sei, ele não disse uma palavra... e tinha uma barba muito comprida...

– O Archer Hale – adiantou a Melanie. – Estou chocada por ele ter parado para te ajudar. Ele não costuma prestar muita atenção a ninguém. – Fez uma pausa. – E acho que também ninguém lhe presta muita atenção.

– Bem, acho que ele não teve muita escolha – comentei. – As minhas compras literalmente rolaram até aos pés dele.

A Melanie encolheu os ombros.

– Ainda assim, não é comum. Acredita em mim. De qualquer modo, acho que ele é surdo. É por isso que não fala. Sofreu um acidente quando era

pequeno. Nós tínhamos só cinco e seis anos quando isso aconteceu, logo à saída da cidade, na autoestrada. Os pais dele morreram e o chefe de polícia da cidade, que era tio dele, também. Acho que foi nesse acidente que o Archer perdeu a audição. Ele mora no fim da Briar Road... morava com outro tio, e estudava em casa, mas esse tio morreu há alguns anos e agora o Archer mora lá sozinho. Ele nem vinha à cidade enquanto o tio estava vivo. Agora vemo-lo de vez em quando. Mas ele é um verdadeiro solitário.

– Uau – exclamei, franzindo a testa –, que triste...

– Sim – comentou a Liza –, porque... viste o corpo dele? É claro que está nos genes. Se ele não fosse tão antissocial, iria com ele.

A Melanie revirou os olhos e eu levei a mão aos lábios para não cuspir o café com uma gargalhada.

– Por favor, sua assanhada – disse a Melanie –, irias de qualquer forma, se ele olhasse uma vez na tua direção.

A Liza pensou por um instante no que a irmã disse e depois abanou a cabeça.

– Duvido que ele sequer soubesse o que fazer com aquele seu corpinho. Uma pena imensa... – A Melanie revirou os olhos outra vez, depois reparou nas horas no relógio por cima da janela.

– Raios, temos de ir, ou vamos atrasar-nos. – Pegou na carteira e chamou a Maggie. – Vou deixar o dinheiro no balcão, Mags.

– Obrigada, querida – gritou a Maggie em resposta, enquanto passava rapidamente por nós, com dois pratos nas mãos.

A Melanie anotou alguma coisa num guardanapo e entregou-mo.

– Aqui está o número do nosso telefone – disse. – Estamos a planear uma noite só de raparigas, do outro lado do lago, em breve. Talvez queiras ir connosco?

Peguei no guardanapo.

– Oh, OK, bem, talvez. – Sorri. Anotei o meu telefone noutro guardanapo e dei-lho. – Muito obrigada. É muito simpático da vossa parte. – Fiquei surpreendida com o facto de o meu humor ter melhorado tanto depois de conversar com duas raparigas da minha idade. Talvez fosse disto que eu precisasse, pensei: lembrar-me de que era uma pessoa com uma vida e com amigos antes de a tragédia me atingir. Era tão fácil sentir que toda a minha existência começara e terminara naquele dia terrível... Mas isso não era verdade. Precisava de me lembrar disto o máximo possível.

É claro que os meus amigos antigos tinham tentado tirar-me de casa algumas vezes nos meses que se seguiram à morte do meu pai, mas eu não tinha a menor vontade de sair. Talvez sair com pessoas que não tinham conhecimento da minha tragédia fosse melhor. Afinal, não era esse o objetivo desta viagem? Uma fuga temporária? A esperança de que um lugar novo me curasse? E depois teria forças para encarar a minha vida outra vez.

A Liza e a Melanie saíram apressadas pela porta, acenando e cumprimentando outras pessoas que estavam no restaurante. Passado um

minuto, a Maggie pousou um prato à minha frente.

Enquanto comia, pensei no que elas me tinham contado sobre o rapaz chamado Archer Hale. Agora fazia sentido... ele era surdo. Perguntei-me por que razão não me tinha ocorrido isso antes. Fora por isso que ele não dissera nada. Obviamente, conseguia ler lábios. E ofendera-o terrivelmente quando comentei o facto de ele não dizer nada. Por isso o seu semblante mudara e ele se afastara daquela forma. Encolhi-me por dentro.

– Boa, Bree... – disse baixinho para mim mesma, enquanto dava uma dentada na torrada.

Faria questão de me desculpar, da próxima vez que o visse. Perguntei-me se ele saberia a língua gestual. Dir-lhe-ia que eu sabia, caso ele quisesse conversar comigo. Eu sabia bem. O meu pai era surdo.

Havia algo no Archer Hale que me intrigava... algo que eu não conseguia identificar. Algo que ia para além de ele não conseguir ouvir ou falar e de eu estar familiarizada com essa condição em particular. Refleti sobre isso durante um momento, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão.

Terminei de comer, e a Maggie ignorou-me quando pedi a conta.

– Os empregados da casa comem de graça – comentou, voltando a encher-me a chávena com café. – Volta a qualquer hora depois das duas, para preencher a papelada.

Fiz-lhe um largo sorriso.

– Está bem – respondi. – Vejo-a mais tarde. – Deixei uma gorjeta em cima do balcão e segui em direção à porta. *Nada mal*, pensei. Estava na cidade havia apenas um dia e já tinha uma casa, um emprego, uma espécie de amiga na Anne, a minha vizinha, e talvez também na Melanie e na Liza.

Os meus passos tinham outra energia quando me encaminhei para o carro.

CAPÍTULO QUATRO

BREE

Comecei a trabalhar no Norm's na manhã seguinte. O próprio Norm trabalhava na cozinha e estava sempre maldispuesto e rabugento, e não falava muito comigo, mas vi os olhares que lançava de vez em quando à Maggie e que só poderiam ser descritos como de adoração. Desconfiava que ele era um coração mole; ele não me assustava. Também sabia que eu era uma boa empregada de mesa e que o nível de *stress* da Maggie tinha diminuído de forma significativa uma hora depois de eu ter começado a trabalhar, e isso já me garantia uns bons pontos na consideração do Norm.

O *snack-bar* era movimentado, o trabalho fácil e os clientes que frequentavam o lugar eram agradáveis. Não podia queixar-me e os primeiros dois dias passaram rápida e tranquilamente.

Na quarta-feira, depois de sair do trabalho, voltei de carro para casa, tomei banho, troquei de roupa e vesti um fato de banho, uns calções de ganga e um *top* branco. Tinha intenção de descer até ao lago e explorar um pouco a área. Prendi a coleira na *Phoebe* e tranquei a porta quando saí.

Quando estava a sair de casa, a Anne chamou-me do seu pátio, onde estava a regar as roseiras. Avancei até ela, sorrindo.

– Como está a adaptar-se? – perguntou-me, baixando o regador e caminhando até à cerca, onde eu estava parada.

– Bem! Tinha intenção de vir agradecer-lhe por me ter avisado sobre o lugar no *snack-bar*. Consegui o emprego e estou a trabalhar lá como empregada de mesa.

– Ah, isso é ótimo! A Maggie é fantástica. Não deixe que o Norm a assuste. Ele é do tipo que ladra, mas não morde.

Eu ri-me.

– Já reparei nisso. – Pisquei-lhe o olho. – Não, está a ser ótimo. Vou descer um pouco a estrada e ver como está o lago.

– Oh, ótimo. Os cais dificultam um pouco a caminhada aqui à frente,

como já deve ter percebido. Se descer até à Briar Road, pode seguir as indicações até uma pequena praia. – Ela orientou-me rapidamente, e depois acrescentou: – Se quiser, tenho uma bicicleta que já não uso. Com a minha artrite, já não consigo agarrar o guiador com segurança. Mas está praticamente nova e até tem uma cestinha para o seu cão. – Ela baixou os olhos para a cadelinha. – Olá! Como é que te chamas? – A Anne sorriu para a *Phoebe*, que arfou, feliz, e dançou um pouco à nossa volta.

– Diz olá, *Phoebe*.

– És uma menina muito bonita – declarou a Anne, inclinando-se um pouco para deixar a *Phoebe* lambe-lhe a mão.

Depois endireitou-se e disse:

– A bicicleta está no quarto de hóspedes. Quer vir vê-la?

Fiz uma pausa.

– Tem a certeza? Quer dizer, eu ia adorar poder descer até ao lago de bicicleta, em vez de ter de ir de carro.

– Sim, sim. – Ela fez-me sinal para que eu a acompanhasse e começou a andar em direção à casa. – Ia adorar ver aquela bicicleta a ter utilidade. Eu costumava ir apanhar mirtilos por esse caminho que vai fazer. Eles crescem na natureza. Leve uns sacos e pode metê-los na cesta da bicicleta quando voltar. Gosta de fazer doces?

– Bem... – respondi, enquanto a seguia até ao chalé. – Eu gostava. Mas não faço nenhum há algum tempo.

A Anne olhou para mim.

– Bem, talvez os mirtilos a inspirem a vestir o avental outra vez. – Sorriu enquanto abria a porta à direita do quarto principal.

O seu chalé estava decorado de maneira informal com mobília bastante usada, coberta com mantas, muitos enfeites e fotos emolduradas. O cheiro a eucalipto seco pairava no ar. A sensação era de conforto e bem-estar imediatos.

– Aqui está ela – disse a Anne, trazendo uma bicicleta para fora do quarto em que entrara segundos antes. Não pude deixar de sorrir. Era uma daquelas bicicletas antigas, com uma cesta grande à frente.

– Oh, meu Deus! É fabulosa! Tem a certeza de que quer que eu a use?

– Nada me faria mais feliz, querida. Na verdade, se lhe der jeito, fique com ela.

Sorri-lhe e trouxe a bicicleta para o alpendre.

– Muito obrigada. É muito gentil da sua parte. Eu realmente... muito obrigada.

A Anne saiu atrás de mim e ajudou-me a descer os degraus.

– O prazer é meu. Fico feliz por saber que alguém está a aproveitar a bicicleta.

Sorri outra vez, admirando-a, quando algo me ocorreu:

– Ah! Posso fazer-lhe uma pergunta? Esbarrei com uma pessoa na cidade, e quando o mencionei a uma rapariga no *snack-bar* ela disse-me que

ele mora no fim da Briar Road. Chama-se Archer Hale. Conhece-o?

A Anne franziu a testa, curiosa, e pareceu pensativa ao mesmo tempo.

– Bem, sim, sei quem é. Na verdade, vai passar pelas terras dele a caminho da pequena praia. Vai ver, pois é a única propriedade naquele troço de estrada. – Fez uma curta pausa. – Sim, o Archer Hale... lembro-me dele quando era um menino muito meigo. Mas agora ele não fala. Deve ser porque não consegue ouvir.

Inclinei a cabeça.

– Sabe o que lhe aconteceu?

Ela pressionou os lábios e murmurou suavemente.

– Houve um grande acidente de carro à saída da cidade, na mesma época em que o meu Bill recebeu o diagnóstico da sua doença. Acho que por isso não prestei muita atenção aos pormenores, como o resto da cidade... apenas lamentei, como toda a gente. Mas o que sei é que os pais dele e o tio, Connor Hale, chefe de polícia da cidade, morreram naquele dia, e o que quer que seja o problema do Archer, aconteceu naquele acidente. Ora, deixe-me pensar... – A Anne ficou em silêncio durante um instante. – Ele foi morar com o outro tio, o Nathan Hale. Mas esse tio morreu há uns três ou quatro anos... de cancro, se bem me lembro. – Ela olhou para o vazio durante algum tempo. – Algumas pessoas da cidade dizem que o Archer não bate muito bem da cabeça... Mas não tenho muita certeza disso. Talvez estejam apenas a projetar nele o que sabiam da personalidade do tio. A minha irmã mais nova frequentou a escola com o Nathan Hale, e ele nunca foi muito normal. Era incrivelmente inteligente, mas sempre um pouco estranho. E, quando voltou para casa, depois de servir no exército, estava ainda mais... diferente.

Franzi a testa e perguntei:

– E, mesmo assim, mandaram um menino morar com ele?

– Bem, acho que ele pareceu apropriado ao pessoal do condado. Para além disso, que eu saiba, ele era a única família que restava ao rapaz. – A Anne ficou calada por um minuto. – Não falo sobre os rapazes Hale da minha época há anos... Mas o que é certo é que eles causaram sempre rebuliço. – Ficou mais um momento em silêncio antes de prosseguir: – Agora que penso nisso, foi mesmo uma situação muito triste a do Hale mais novo. Às vezes, nas cidades pequenas, as pessoas que sempre estiveram presentes... acabam por fazer parte do pano de fundo, acho. Na tentativa de a cidade superar a tragédia, o Archer pode ter sido deixado de lado também. É lamentável.

A Anne voltou a fazer silêncio, parecendo distraída pelas memórias, e achei melhor ir-me embora.

– Hum, bem, obrigada mais uma vez pelas indicações sobre o caminho. Passo cá mais tarde.

A Anne iluminou-se e pareceu voltar rapidamente ao presente.

– Sim, isso seria fantástico. Tenha um ótimo dia! – Sorriu, virou-se e voltou a pegar no regador que tinha pousado no alpendre, enquanto eu saí com a bicicleta pelo portão.

Pousei a *Phoebe* dentro da cesta e, enquanto montava na bicicleta e pedalava lentamente em direção à Briar Road, pensava no que a Anne me havia contado sobre os irmãos Hale e sobre o Archer Hale. Parecia que ninguém sabia muito bem o que lhe acontecera, ou será que se tinham esquecido dos pormenores? Eu sabia qual era a sensação de perder os pais, mas não os dois de uma vez. Como era possível lidar com algo assim? Será que a mente permite que se processe uma perda de cada vez? Será que a pessoa não enlouquecia de sofrimento com tantas perdas ao mesmo tempo? Alguns dias eu tinha a sensação de mal conseguir dar conta das minhas emoções. Acho que cada pessoa lida com o sofrimento de forma diferente – a dor e a cura são tão pessoais quanto as pessoas que as vivenciam.

A visão daquilo que parecia ser a propriedade dele arrancou-me de súbito aos meus pensamentos. Havia uma cerca alta à sua volta, as copas das árvores eram numerosas e grossas e não permitiam ver para além delas. Estiquei o pescoço para tentar ver até onde ia a cerca, mas era difícil fazer isso da estrada e havia bosques de ambos os lados. Os meus olhos viraram-se para a frente da cerca, onde vi uma fechadura, mas estava trancada.

Não sabia bem porque estava ali, parada a olhar e a ouvir os mosquitos a zumbirem. Mas, passados alguns minutos, a *Phoebe* latiu baixinho, e continuei a descer a estrada até ao acesso à praia que a Anne me indicara.

Passei algumas horas à beira do lago, a nadar e a apanhar sol. A *Phoebe* deitou-se à sombra, num canto da minha toalha, a dormir satisfeita. Era um dia quente de agosto, mas a brisa que soprava do lago e a sombras das árvores atrás da margem deixavam a temperatura agradável. Havia algumas pessoas mais adiante na pequena praia, mas a zona onde me encontrava estava deserta. Achei que era porque este lado do lago só era frequentado pelos habitantes locais. Deitei-me na toalha que trouxera e ergui os olhos para as copas ondulantes das árvores e para os pedaços de céu azul brilhante, enquanto ouvia a água a bater na margem. Após alguns minutos, fechei os olhos, apenas com a intenção de descansar um pouco, mas acabei por adormecer.

Sonhei com o meu pai. Só que, desta vez, ele não morrera de imediato. Tinha rastejado pelo chão da cozinha mesmo a tempo de ver o homem escapar pela porta das traseiras.

– Estás vivo! – disse, começando a erguer-me do chão onde o homem me deixara.

Ele assentiu com a cabeça, de sorriso terno no rosto.

– Estás bem? – interroguei, hesitante e receosa.

– Sim – respondeu ele, e espantei-me porque o meu pai nunca tinha usado a voz para comunicar, apenas as mãos.

– Consegues falar – sussurrei.

– Sim – proferiu ele outra vez, rindo baixinho. – É claro! Mas foi então que percebi que os lábios dele não se moviam.

– Quero-te de volta, pai – afirmei, sentindo os olhos marejarem. – Tenho tantas saudades tuas.

O rosto dele ficou sério e parecia que a distância entre nós estava a aumentar, embora nenhum dos dois se tivesse mexido.

– Lamento tanto que não nos tenhas aos dois, Pequena Abelhinha – disse ele, chamando-me pela minha alcunha.

– Aos dois? – sussurrei, confusa, observando a distância entre nós crescer ainda mais.

Subitamente ele desapareceu, e eu fiquei sozinha. Eu estava a chorar, e os meus olhos estavam cerrados, mas senti uma presença a pairar sobre mim.

Despertei assustada, lágrimas quentes a correr-me pelo rosto, enquanto o sonho se desvanecia numa bruma. Enquanto estava ali deitada, a tentar dominar as emoções, podia jurar ter ouvido o som de alguém a afastar-se entre as árvores do bosque atrás de mim.

* * *

Na manhã seguinte, cheguei cedo ao *snack-bar*. Apesar de ter dormido bem, tivera um *flashback* particularmente mau ao acordar e estava com dificuldade em afastar a melancolia que ainda me dominava.

Mergulhei na agitação da manhã, mantendo a cabeça baixa e a mente ocupada com o trabalho de anotar pedidos, servir a comida e tornar a encher chávenas de café. Por volta das nove horas, quando o *snack-bar* começou a esvaziar, já me sentia melhor, mais leve.

Estava a repor o *stock* de condimentos no balcão quando a porta do *snack-bar* se abriu e um jovem de farda de polícia entrou. Tirou o boné e passou a mão pelo cabelo castanho curto e ondulado antes de acenar com a cabeça para a Maggie, que sorriu e o cumprimentou:

– Trav.

O seu olhar passou para mim enquanto caminhava em direção do balcão, e os nossos olhos encontraram-se por um segundo. O seu rosto iluminou-se com um sorriso, os dentes direitos e brancos a brilhar quando se sentou à minha frente.

– Bem, você deve ser a razão do sorriso no rosto da Maggie esta manhã – disse ele, estendendo a mão. – Sou o Travis Hale.

Ah, outro Hale. Retribuí o sorriso e apertei-lhe a mão.

– Olá, Travis. Sou a Bree Prescott.

Ele sentou-se, acomodando as pernas longas debaixo do balcão.

– Prazer em conhecê-la, Bree. O que a traz a Pelion?

Escolhi as palavras com cuidado porque não queria ser vista como uma nómada esquisita. Embora, para ser sincera, uma nómada esquisita fosse exatamente o que eu era no momento.

– Bem, Travis, acabei a faculdade recentemente e decidi sair e viajar sem rumo durante algum tempo. – Sorri. – Acabei por vir parar aqui, à sua linda cidade.

Ele sorriu.

– Explorando o país enquanto pode – comentou. – Gosto da ideia. Gostava de ter feito isso.

Sorri de volta, e entreguei-lhe uma ementa no momento em que a Maggie surgia atrás de mim. Ela pegou na ementa e pousou-a debaixo do balcão.

– O Travis Hale já deve conhecer esta ementa de cor – disse ela, piscando-me o olho. – Ele vem aqui desde que a mãe precisava de o sentar numa cadeirinha de criança para ele chegar à mesa. Por falar nisso, como está a tua mãe?

Ele sorriu.

– Ah, está ótima. Já sabe, mantém-se ocupada, está sempre envolvida em alguma atividade social. Além disso, está ainda mais ocupada por causa de todos os planos de expansão para a cidade – explicou o Travis.

A Maggie contraiu os lábios, mas disse:

– Bem, dá-lhe os meus cumprimentos.

– Darei – respondeu o Travis, virando-se para mim outra vez.

– Então, o seu apelido é Hale – comentei. – Deve ser familiar do Archer Hale.

O Travis franziu levemente as sobrancelhas e pareceu confuso por um momento.

– O Archer? Sim, é meu primo. Conhece-o?

– Oh, não – respondi, abanando a cabeça. – Cruzei-me com ele na cidade há alguns dias e fiquei curiosa... ele foi um pouco...

– Estranho? – concluiu o Travis.

– Diferente – corrigi, refletindo. Afastei o assunto com um gesto. – Ainda só conheci algumas pessoas na cidade desde que cheguei e ele foi uma delas, portanto... quero dizer, não cheguei a conhecê-lo de verdade, mas... – Peguei na cafeteira e ergui-a na sua direção, indagando. O Travis assentiu e eu servi-lhe uma chávena.

– É difícil conhecer alguém que não fala – disse o Travis. Pareceu pensativo por um instante. – Tentei aproximar-me dele ao longo dos anos, mas o Archer simplesmente não responde a delicadezas. Vive num mundo próprio. Lamento que ele tenha feito parte do seu comité de boas-vindas. De qualquer forma, é bom tê-la cá. – Sorriu e bebeu um gole do café.

– Obrigada – disse eu. – Então você é polícia aqui em Pelion? – perguntei o óbvio só para fazer conversa.

– Sim – respondeu o Travis.

– A caminho de se tornar *chefe* de polícia – interrompeu a Maggie –, assim como o pai antes dele. – Ela pestanejou e continuou a andar até à mesa perto do balcão onde ficávamos nos nossos momentos de folga.

O Travis ergueu as sobrancelhas e sorriu.

– Veremos – comentou, mas não parecia ter nenhuma dúvida.

Limitei-me a sorrir para ele, e o Travis retribuiu o sorriso. Não mencionei que a Anne me tinha contado sobre o pai dele, que presumi que

fosse o Connor Hale. Achei que poderia parecer estranho se o Travis soubesse que eu já andara a fazer perguntas sobre a família Hale. Ou, pelo menos, sobre a tragédia que se abatera sobre eles.

– Onde está hospedada? – perguntou o Travis.

– Junto ao lago – respondi. – Em Rockwell Lane.

– Numa das casas que o George Connick arrenda?

Assenti com a cabeça.

– Bem, Bree, adoraria mostrar-lhe a cidade em algum momento, se estiver disponível. – Os olhos cor de *whisky* avaliaram-me.

Eu sorri, enquanto também o avaliava. O Travis era um homem bonito, não havia dúvidas. E eu tinha a certeza de que ele estava a convidar-me para sair, não só para ser simpático. Mas namorar não era boa ideia para mim naquele momento.

– Lamento muito, Travis, mas as coisas estão um bocado... complicadas para mim agora.

Ele observou-me durante alguns segundos, e eu senti o rosto enrubescer sob aquele olhar.

– Sou um tipo muito simples, Bree – declarou o Travis, e pestanejou.

Eu ri-me, grata por ele ter quebrado a tensão. Conversámos tranquilamente enquanto o Travis terminava de beber o seu café e eu continuava a reabastecer os condimentos no balcão e a arrumar tudo.

O Norm saiu da cozinha no momento em que o Travis se levantava para ir embora.

– Estás a tentar seduzir a minha nova empregada de mesa? – grunhiu ele.

– Tem de ser – respondeu o Travis. – Por algum motivo que desconheço, a Maggie não quer largar essa sua carcaça rabugenta para ficar comigo. – Ele piscou os olhos para a Maggie, que estava a passar um pano na mesa perto do balcão. – Mas ainda tenho esperança de que ela caia em si um dia destes.

O Norm bufou, passou as mãos pelo avental manchado de gordura que lhe cobria a barriga proeminente e asseverou:

– Ela volta para casa para isto à noite. O que iria querer contigo?

O Travis riu-se e virou-se para sair, mas ainda se dirigiu à Maggie:

– Vem ter comigo quando te cansares deste traste rabugento.

A Maggie riu-se, passando a mão pelos caracóis curtos e grisalhos, e o Norm grunhiu mais uma vez antes de voltar para a cozinha. Já à porta, o Travis virou-se para mim e disse:

– A minha oferta mantém-se de pé, Bree.

Sorri enquanto ele saía e fechava a porta.

– Cuidado – disse-me a Maggie –, ou aquele rapaz vai usar todo o seu charme para obter tudo de ti. – Mas ela estava a sorrir enquanto o dizia.

Eu ri-me, abanei a cabeça e fiquei a olhar pela janela enquanto o Travis Hale entrava no carro-patrolha e se afastava.

Naquela noite, peguei na minha bicicleta e desci pela Briar Road para colher mirtilos ao longo da estrada. Quando o saco estava quase cheio e tinha as pontas dos dedos manchadas de roxo, decidi regressar a casa. No caminho de volta, fiquei sentada na bicicleta diante da casa do Archer, a olhar para a cerca à minha frente sem nenhuma razão em particular – pelo menos nenhuma razão que eu conseguisse explicar a mim própria. Ao fim de alguns minutos, comecei a pedalar de volta para casa.

Nessa noite, sonhei que estava deitada na margem do lago. Podia sentir a areia sob a minha pele nua, os grãos a arranharem-me enquanto movia o corpo com o peso bem-vindo de um homem sobre mim. Não havia medo, ou tensão – eu queria-o ali. A água batia-me nas pernas, como seda macia e fria acariciando a pele e aliviando a aspereza da areia.

Acordei ofegante, com os mamilos dolorosamente rígidos sob a *T-shirt*, e o sangue a pulsar de forma rítmica entre as minhas pernas. Revirei-me na cama até que finalmente consegui adormecer, quando o dia já estava quase a amanhecer.

CAPÍTULO CINCO

BREE

No dia seguinte era a minha folga do *snack-bar*. Quando acordei e olhei para o relógio, vi que eram 8h17. Fiquei ligeiramente surpreendida. Há mesmo muitos meses que não dormia até tão tarde, mas imaginei que era de se esperar, já que mal conseguira pregar olho na noite anterior. Sentei-me na cama devagar, até o quarto entrar em foco. Sentia-me pesada e atordoada quando balancei as pernas para o lado da cama. A cabeça, ainda zonza de sono, mal começara a funcionar quando um som alto vindo do lado de fora, apenas um galho que caíra, ou um motor de um barco a funcionar à distância, me fez os músculos enregelar de terror, a mente aos gritos. Olhei pela pequena janela que havia na porta, que me separava do meu pai. Ele viu-me com a sua visão periférica, e começou a fazer gestos que diziam *Esconde-te*, sem parar, enquanto o homem gritava para ele baixar as mãos. O meu pai não conseguia ouvi-lo, e as mãos dele continuavam a mover-se apenas para mim. O meu corpo estremeceu quando a arma explodiu. Gritei e a minha mão voou até à boca para abafar o som enquanto cambaleava para trás, dominada pelo horror e pelo choque. Tropecei na borda de uma caixa e caí de costas, trazendo as pernas para cima, tentando encolher-me o máximo possível. Não havia telefone ali. Os meus olhos percorreram o espaço à procura de um lugar onde me esconder, algum lugar para onde pudesse rastejar. E foi nesse momento que as portas se abriram...

A realidade atingiu-me enquanto o mundo à minha volta recuperava o foco, e eu senti a colcha da cama agarrada aos punhos. Deixei escapar um arquejo, levantei-me a tremer e apressei-me para a casa de banho mesmo a tempo. *Deus, não vou conseguir suportar isto para sempre*. Isto tinha de parar. *Não chores, não chores*. A *Phoebe* sentou-se no chão, aos meus pés, a gemer baixinho.

Ao fim de alguns minutos, consegui controlar-me.

– Está tudo bem, miúda – disse, dando festinhas na cabeça da *Phoebe*

para a acalmar e a mim também.

Cambaleei até ao chuveiro e, vinte minutos depois, enquanto vestia o fato de banho, uns calções e uma camisola de alças azul, já me sentia melhor. Respirei fundo, fechei os olhos e acalmei-me. Estava tudo bem.

Depois de tomar um rápido pequeno-almoço, calcei as sandálias, agarrei num livro e numa toalha, chamei a *Phoebe* e saí para o ar quente, levemente húmido, os mosquitos já a zumbir à minha volta, enquanto um sapo coaxava em algum lugar ali perto.

Inspirei profundamente o ar puro, o cheiro do eucalipto e da água fresca do lago a encher-me os pulmões. Quando subi para a bicicleta, com a *Phoebe* acomodada na cesta à minha frente, finalmente consegui expirar.

Pedalei pela Briar Road abaixo outra vez, voltando à pequena praia onde estivera há uns dias. Mergulhei no romance que levava e, quando dei conta, já tinha terminado o livro e tinham-se passado duas horas. Levantei-me e alonguei o corpo enquanto olhava para o lago tranquilo, estreitando os olhos para ver o outro lado, onde barcos e *jet skis* avançavam pela água.

Enquanto dobrava a toalha, pensei que tinha tido imensa sorte em ir parar àquele lado do lago. Paz e tranquilidade eram exatamente aquilo de que eu precisava.

Voltei a pôr a *Phoebe* na cesta, empurrei a bicicleta para subir a leve inclinação até à estrada e pedalei lentamente em direção à cerca do Archer Hale.

Encostei-me para o lado quando a carrinha dos correios passou por mim, o motorista me acenou e os pneus levantaram tanto pó que eu tossi, acenando também, mas para afastar o ar à minha frente enquanto regressava à estrada.

Percorri a curta distância até à cerca e depois parei. Hoje, por causa da inclinação do Sol no céu, consegui ver vários retângulos na madeira, que estavam um pouco mais claros, como se tivessem sido penduradas placas ali uma vez, mas retiradas mais tarde.

Assim que comecei a mover-me outra vez, reparei que o portão estava ligeiramente entreaberto. Fiz uma pausa e fiquei a olhar para a fresta durante alguns segundos. O carteiro devia estar a entregar alguma coisa ali e deixou o portão aberto.

Levei a bicicleta até lá, e encostei-a contra a cerca, enquanto abria um pouco mais o portão e espreitava lá para dentro.

Respirei fundo enquanto observava a bela entrada de pedra que conduzia a uma pequena casa branca a cerca de trinta metros de onde eu estava agora. Não sabia exatamente o que estava à espera de ver, mas não era aquilo. Estava tudo muito limpo, arrumado e bem cuidado, com um pequeno trecho de relva verde-esmeralda recém-cortada entre algumas árvores, ao lado da entrada dos carros, e um pequeno jardim plantado em paletes de madeira à esquerda.

Inclinei-me para trás, e começava a fechar o portão quando a *Phoebe* saltou da cesta da bicicleta e se comprimiu pela fresta estreita.

– Merda! – resmunguei. – *Phoebe!*

Abri o portão mais um pouco e espreitei lá para dentro outra vez. A *Phoebe* estava parada na entrada dos carros mais à frente, a olhar para mim e a arfar.

– Menina má! – sussurrei. – Anda cá!

A *Phoebe* olhou para mim, virou as costas e trotou para dentro da propriedade. *Bem, que merda!* Atravessei o portão, deixando uma fresta ainda aberta atrás de mim, e continuei a chamar a *Phoebe*, que aparentemente não me ouvia.

Quando me aproximei da casa, pude ver um grande pátio de pedra e uma passagem na frente da casa, construída em ambos os lados, adornada com grandes floreiras cheias de vegetação.

Enquanto olhava ao redor do pátio, dei conta de súbito de um barulho de batidas altas que se repetiam a cada poucos segundos. Alguém estava a cortar lenha? Era esse o som que eu estava a ouvir?

A *Phoebe* deu a volta à casa e desapareceu de vista.

Inclinei a cabeça à escuta, oscilando o peso do corpo entre um pé e outro. O que deveria fazer? Não podia deixar a *Phoebe* ali, nem podia voltar até ao portão e gritar o nome do Archer – ele não iria ouvir.

Tinha de entrar para ir atrás dela. O Archer estava lá. Eu não era o tipo de rapariga que gostava de se envolver em situações perigosas. Nunca havia sido e, ainda assim, o perigo encontrara-me. Mas mesmo assim. Entrar em território desconhecido não era algo que desejava fazer. *Maldita cadelinha malcomportada*. Mas, quando estava ali parada, a ganhar coragem para ir atrás da *Phoebe*, pensei no Archer. O meu instinto dizia-me que ele era pacífico. Isso tinha de contar para alguma coisa. Iria deixar que aquele homem cruel do passado me fizesse duvidar do meu próprio instinto para o resto da vida?

Pensei no modo como os pelos do meu braço se tinham arrepiado no instante em que ouvira a campainha da porta naquela noite. Algo no meu íntimo adivinhara o perigo, assim como algo dentro de mim sentia que naquele momento eu não corria risco nenhum. Os meus pés avançaram para a frente.

Caminhei lentamente pela entrada da garagem, inalando o cheiro pungente de seiva de árvore e da relva recém-cortada enquanto continuava a chamar pela *Phoebe* baixinho.

Segui o caminho de pedra que dava a volta à casa, passando as mãos pela madeira pintada. Espreitei à volta das traseiras da casa e lá estava ele, de costas nuas voltadas para mim, erguendo um machado sobre a cabeça, os músculos das costas fletidos enquanto baixava o machado, atingindo o meio de um toro que estava de pé e partindo-o em três pedaços que caíram sobre a terra.

O Archer inclinou-se, pegou nos pedaços e colocou-os numa pilha onde havia mais lenha empilhada de forma organizada debaixo de uma árvore, uma grande lona tombada para um lado.

Quando se virou para o cepo sobre o qual estava a cortar os pedaços mais pequenos, viu-me, assustou-se e depois ficou imóvel. Ficámos os dois parados, a olhar um para o outro, a minha boca ligeiramente aberta e os seus olhos arregalados. Um pássaro gorjeou ali perto e o trinado de outro pássaro em resposta ecoou entre as árvores.

Fechei a boca e sorri, mas o Archer continuou a fitar-me durante uns segundos, antes que os seus olhos me examinassem de cima a baixo e voltassem ao meu rosto, estreitando-se então.

Os meus olhos também o examinaram, os músculos bem definidos do peito nu, a pele muito lisa e o abdómen desenhado. Nunca tinha visto de perto um abdómen desenhado, mas ali estava um, mesmo à minha frente. Imaginei que mesmo os eremitas ligeiramente estranhos também podiam ter físicos excepcionais. *Bom para ele.*

O Archer usava o que parecia já terem sido umas calças de cor caqui, cortadas pela altura dos joelhos e amarradas à cintura com uma... aquilo era uma *corda*? Interessante. Os meus olhos desceram até às botas de trabalho e voltaram ao seu rosto. Ele tinha inclinado a cabeça de lado enquanto nos avaliávamos, mas a sua expressão permanecia a mesma: cautelosa.

A barba estava tão desgrenhada como na primeira vez em que o vira. Ao que parecia, o cuidado com a relva não se estendia à barba, que com certeza beneficiaria de uma boa aparadela. Era tão comprida que devia fazer algum tempo que ele a deixava crescer – talvez anos.

Limpei a garganta.

– Olá. – Sorri, aproximando-me para que ele pudesse ler claramente os meus lábios. – Bem, desculpa incomodar-te. A minha cadela correu para aqui. Eu chamei-a, mas ela não ouviu. – Olhei ao redor, mas não vi a *Phoebe*.

O Archer afastou dos olhos o cabelo comprido e franziu as sobrancelhas diante das minhas palavras. Virou o corpo, baixou o machado e enterrou-o no tronco. Depois voltou-se para mim. Eu engoli em seco.

De repente, uma pequena bola de pelo branco saiu disparada do meio das árvores e avançou na direção do Archer. A *Phoebe* parou diante dele e sentou-se aos seus pés, a arfar.

O Archer olhou para ela, depois inclinou-se e acariciou a cabeça da cadelinha. A *Phoebe* lambeu-lhe a mão, muito animada, ganindo para pedir mais carinho quando ele recolheu a mão e endireitou o corpo. *Sua pequena traidora.*

– É ela – declarei o óbvio. Ele continuou a fitar-me.

– Hum, então, a tua propriedade – continuei, acenando com a mão para indicar o lugar – é muito bonita. – O Archer continuou a fitar-me. Finalmente, inclinei a cabeça. – Lembras-te de mim? Da cidade? As barras de chocolate...? – perguntei.

Ele continuou a encarar-me.

Meu Deus, eu precisava de me ir embora. Isto era demasiado embaraçoso. Pigarreei outra vez.

– *Phoebe* – chamei. – Anda cá, miúda. – A *Phoebe* olhou para mim, ainda sentada aos pés do Archer.

Movi os olhos entre o Archer e a *Phoebe*. Estavam os dois completamente imóveis, de olhos fixos em mim.

Bem.

Os meus olhos fixaram-se no Archer.

– Consegues perceber o que estou a dizer? – questionei.

As minhas palavras pareceram captar um pouco a sua atenção. Olhou para mim durante um momento, depois enrugou os lábios e deixou o ar escapar pela boca, parecendo ter tomado uma decisão. Passou por mim e seguiu em direção à casa, com a *Phoebe* no seu encalço. Virei-me para o observar, confusa, quando ele se virou, olhou para mim e fez-me sinal para o seguir.

Presumi que me acompanharia de volta ao portão. Apressei-me para conseguir acompanhar as suas passadas longas, enquanto a pequena traidora, também conhecida como *Phoebe*, se manteve ao pé dele o tempo todo, mas virando-se de vez em quando para ver se eu os seguia, latindo animada.

Quando cheguei ao sítio onde ele estava parado à minha espera, disse:

– Não és, tipo, um assassino do machado ou algo parecido, pois não? – Eu estava a brincar, mas então ocorreu-me novamente que, se eu gritasse, não havia ninguém por perto para me ouvir. *Confia no teu instinto, Bree*, recordei a mim mesma.

O Archer Hale ergueu as sobrancelhas e apontou para o declive onde havia deixado o machado, preso no tronco. Olhei para o machado e de volta para ele.

– Certo – sussurrei. – Essa história de assassino do machado não funciona se não estás com o teu machado.

Aquele mesmo sorriso minúsculo que eu vira no parque de estacionamento da farmácia fez-me tomar a decisão. Segui-o pelo resto do caminho que levava até à casa.

Ele abriu a porta da frente, e eu ofeguei quando olhei para dentro e vi uma enorme lareira de tijolos flanqueada por duas estantes de livros, que iam do chão ao teto, cheias de livros de capa dura e outros. Comecei a andar naquela direção como um robô entorpecido e apaixonado por livros, mas senti a mão do Archer no meu braço e parei. Ele ergueu um dedo para me pedir que esperasse um minuto e entrou. Quando voltou, alguns segundos depois, trazia um bloco de notas nas mãos e estava a escrever alguma coisa. Esperei e, quando ele virou o bloco na minha direção, vi escrito em letras muito bem-feitas, todas maiúsculas:

SIM, PERCEBO O QUE DIZES.

PRECISAS DE MAIS ALGUMA COISA?

Os meus olhos dispararam para os dele e abri ligeiramente a boca para responder, mas fechei-a antes de responder à sua pergunta. Era uma pergunta um pouco rude, por sinal. Mas, a sério, precisava eu de mais alguma coisa? Mordi o lábio por um instante e mudei o peso do corpo de um pé para o outro enquanto ele me observava, à espera de uma resposta. A expressão no seu rosto era cautelosa e atenta, como se não fizesse ideia se eu ia responder ou mordê-lo, e estivesse preparado para as duas possibilidades.

– Ah, eu só... senti-me mal pelo nosso encontro no outro dia. Eu não sabia que tu não... falavas, e só queria que soubesses que o que eu disse não foi intencional... eu só... sou nova na cidade e... – Bem, isto estava a correr muito bem... Jesus. – Queres ir comer uma *pizza* ou algo assim? – deixei escapar, arregalando os olhos. Não tinha exatamente decidido perguntar-lhe isso. Apenas perguntei e olhei para ele, esperançosa.

Ele olhou-me de volta, como se eu fosse um problema avançado de matemática que ele não conseguia resolver.

Franziu a testa e começou a escrever outra coisa no bloco, sem nunca quebrar o contacto visual. Por fim, olhou para baixo enquanto escrevia e ergueu o bloco para mim:

NÃO.

Não pude conter uma gargalhada. Ele não sorriu, só continuou a fitar-me, cauteloso. O meu riso morreu e eu sussurrei:

– Não?

Uma expressão confusa passou rapidamente pelo rosto dele, que ainda me observava, e voltou a pegar no bloco e escreveu outra coisa. Quando o levantou de novo, vi que havia acrescentado uma palavra sob a primeira. Agora estava escrito:

NÃO,
OBRIGADO.

Expirei, sentindo o rosto quente.

– OK. Compreendo. Bem, mais uma vez, desculpa o mal-entendido no parque de estacionamento. E... desculpa por invadir a tua casa hoje... a minha cadela... – Peguei na *Phoebe* ao colo. – Bem, foi um prazer conhecer-te. Oh! A propósito, não fomos devidamente apresentados. Sei o teu nome, mas tu não sabes o meu. Sou a Bree. Bree Prescott. E estou a ir-me embora. – Apontei para o portão com o polegar por cima do ombro, comecei a afastar-me de costas, e depois virei-me apressada e caminhei rapidamente pela

entrada da garagem até ao portão. Ouvi os seus passos atrás de mim, a seguir na direção oposta, de volta à pilha de lenha, supus.

Saí pelo portão, mas não o fechei completamente. Em vez disso, fiquei imóvel do outro lado, a mão ainda na madeira quente. *Bem, isto foi esquisito!* E constrangedor. Em que é que eu estava a pensar quando o convidei para ir comer uma *pizza* comigo? Olhei para o céu, levei a mão à testa e fiz uma careta. Enquanto pensava sobre isso, ocorreu-me uma coisa. Quisera perguntar ao Archer se ele conhecia a língua gestual, mas com a minha falta de jeito tinha-me esquecido. E então ele trouxe aquele bloco de notas idiota. Mas só agora me tinha dado conta de que o Archer em nenhum momento olhara para os meus lábios enquanto eu falava. Ele tinha olhado para os meus olhos.

Dei meia-volta e passei novamente pelo portão, indo na direção da pilha de lenha atrás da casa, com a *Phoebe* ao colo. Ele estava ali parado, com o machado nas mãos, um pedaço de madeira em pé sobre o cepo. Mas não estava a balançar o machado. Estava só a olhar para a madeira, a sobancelha levemente erguida, parecendo perdido em pensamentos. E, quando me viu, uma expressão de surpresa tomou-lhe conta do rosto, antes de os seus olhos se estreitarem, cautelosos como antes.

Quando a *Phoebe* o viu, começou a arfar e a ganir outra vez.

– Tu não és surdo – afirmei. – Consegues ouvir-me muito bem.

Ele ficou imóvel durante algum tempo, mas depois enfiou o machado no cepo outra vez, passou por mim e olhou para trás da mesma forma que fizera da primeira vez, gesticulando para que eu o seguisse. E foi o que fiz.

Entrou em casa e voltou a sair com o mesmo bloco e a mesma caneta nas mãos.

Passado um momento, ergueu o bloco.

EU NÃO TE DISSE QUE ERA SURDO.

Hesitei.

– Não, não disseste – exclamei suavemente. – Mas consegues falar?

Ele olhou para mim, pegando no bloco, e escreveu durante algum tempo, antes de virar o papel para que eu lesse.

EU CONSIGO FALAR. SÓ QUE GOSTO DE EXIBIR
A MINHA CALIGRAFIA.

Fiquei a olhar fixamente para as palavras, a digeri-las, franzi a testa e depois olhei para o seu rosto.

– Estás a tentar ser engraçado? – perguntei, ainda com a testa franzida.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Muito bem – disse, inclinando a cabeça. – Talvez devesses treinar um pouco mais.

Ficámos ali parados, a olhar um para o outro alguns segundos, quando ele suspirou pesadamente, pegou no bloco de notas outra vez e escreveu:

QUERES MAIS ALGUMA COISA?

Ergui os olhos para ele.

– Conheço a língua gestual – disse. – Posso ensinar-te. Quero dizer, não terias oportunidade de exibir a caligrafia, mas é um modo mais rápido de comunicar. – Sorri, esperançosa, tentando fazê-lo sorrir também. Ele *sorria*? Será que era capaz?

Ficou a encarar-me durante um momento antes de pousar delicadamente o bloco e a caneta no chão, perto dele, endireitou-se, levantou as mãos e gesticulou: *Já conheço a língua gestual*.

Assustei-me ligeiramente e senti um aperto na garganta. Não comunicava com ninguém por gestos há seis meses, e isso trouxe o meu pai de volta, a sensação forte da presença dele.

– Oh – suspirei, usando a voz porque tinha a *Phoebe* nos braços. – Certo. Deves ter comunicado com o teu tio desse modo.

Ele franziu a testa, provavelmente perguntando-se como é que eu sabia sobre o tio dele, mas não perguntou. Por fim, gesticulou: *Não*.

Pisquei os olhos, e passado algum tempo pigarreei.

– Não? – interroguei.

Não, repetiu.

Silêncio de novo.

Eu suspirei.

– Bem, eu sei que pode parecer meio estúpido, mas achei que talvez pudéssemos ser... amigos. – Encolhi os ombros e deixei escapar um riso desconfortável.

O Archer estreitou novamente os olhos, mas ficou só a olhar para mim, sem escrever nada.

Olhei para ele e novamente para o bloco, mas quando ficou claro que ele não iria «dizer» nada, sussurrei:

– Toda a gente precisa de amigos. – *Toda a gente precisa de amigos? A sério, Bree? Credo, pareces patética*.

Ele continuou a olhar para mim.

Suspirei, sentindo-me constrangida mais uma vez, mas também desapontada.

– Muito bem, como queiras, então. Vou-me embora agora. –

Sinceramente, porque estava eu tão desapontada? O Travis tinha razão: este tipo não respondia a amabilidades.

Ele continuou a fitar-me, imóvel, os olhos profundos, cor de *whisky*, a cintilar quando comecei a recuar. Queria afastar-lhe aquele cabelo desalinhado do rosto e fazer aquela barba para perceber como era exatamente o seu aspeto. Ele parecia ter um rosto bonito por baixo de tudo aquilo.

Suspirei pesadamente.

– OK. Bem, então, acho que vou andando... – *Cala-te, Bree, e VAI. Obviamente esta pessoa não quer ter nada a ver contigo.*

Senti os olhos dele a seguir-me quando me virei e atravessei a entrada da garagem até ao portão. Desta vez, fechei-o firmemente atrás de mim. Encostei-me ao portão por um momento, acariciando a *Phoebe* debaixo do queixo de forma distraída e perguntando-me o que havia de errado comigo. Qual tinha sido o objetivo daquilo tudo? Porque não peguei simplesmente na maldita cadela e me fui embora?

– Maldita cadela – disse para a *Phoebe*, acariciando-a um pouco mais. Ela lambeu-me a cara e agitou-se um pouco. Eu ri-me e beijei-a de volta.

Quando subi para cima da bicicleta e comecei a afastar-me, ouvi o machado a voltar à ação.

CAPÍTULO SEIS

Archer – Sete anos de idade; maio

Onde é que eu estava?

Era como se estivesse a nadar na piscina da YMCA, a superfície da água a quilómetros de distância. Começaram a surgir ruídos nos meus ouvidos e senti uma dor no pescoço, quase como se fosse uma dor de garganta muito forte, tanto por dentro como por fora. Tentei recordar-me de como me tinha magoado, mas apenas sombras se moviam na minha cabeça. Afastei-as.

Onde é que eu estava?

Mamã? Eu queria a minha mamã.

Senti lágrimas, quentes e pesadas, a escorrer dos meus olhos fechados, pelo rosto. Tinha tentado não chorar. Homens fortes não choram. Homens fortes devem proteger os outros, como fazia o meu tio Connor. Só que ele tinha chorado. Tinha chorado muito, gritando aos céus e caindo de joelhos ali mesmo no passeio.

Oh, não. Oh, não. Não penses nisso.

Tentei mexer o corpo, mas era como se alguém me tivesse atado pesos aos braços e pernas, e até mesmo aos dedos das mãos e dos pés. Pensei que talvez estivesse a mexer-me só um pouco, mas não tinha a certeza.

Ouvi uma voz de mulher dizer:

– Psiu, ele está a acordar. Vamos deixar que ele volte a si lentamente. Vamos deixá-lo fazer isso sozinho.

Mamã, mamã. Por favor, que estejas aqui, também. Por favor, que estejas bem. Por favor, não estejas deitada na beira da estrada.

Senti mais lágrimas quentes a escapar-me dos olhos.

Parecia que estavam a cravar agulhas e alfinetes por todo o meu corpo. Tentei gritar, pedir ajuda, mas acho que nem cheguei a abrir os lábios. Oh, Deus, doía-me o corpo todo, como se um monstro ganhasse vida na escuridão debaixo da minha cama.

Ao fim de breves minutos só a respirar, cheguei cada vez mais perto do

que podia sentir que era a superfície, abri os olhos e logo os semicerrei, porque havia uma luz forte mesmo por cima de mim.

– Baixa a luz, Meredith – ouvi alguém dizer à minha esquerda.

Abri novamente os olhos e deixei que se habituassem à luz. Então vi uma enfermeira mais velha, de cabelo louro e curto, a olhar para mim.

Abri os lábios.

– Mamã – tentei dizer, mas não saiu nenhum som.

– Psiu – disse a enfermeira. – Não tentes falar, querido. Sofreste um acidente. Estás no hospital, Archer, e estamos a cuidar de ti, está bem? O meu nome é Jenny e esta é a Meredith. – Ela sorriu com tristeza e apontou para uma enfermeira mais nova que estava atrás dela, a verificar alguma coisa numa máquina perto da cama.

Assenti com a cabeça. Onde estava a minha mamã? Mais lágrimas me correram pelo rosto.

– Muito bem, lindo menino – disse a Jenny. – O teu tio Nathan está aqui fora. Vou chamá-lo. Ele vai ficar muito feliz por teres acordado.

Fiquei ali deitado, a olhar para o teto durante alguns minutos, antes de a porta se abrir e fechar outra vez e o tio Nate olhar para a minha cara.

– Bem-vindo de volta, pequeno soldado – comentou o meu tio. Os olhos dele estavam muito vermelhos e parecia que não tomava banho há algum tempo. Mas o tio Nate parecia sempre um pouco estranho, de uma forma ou de outra. Nuns dias vestia a camisa do avesso, noutros calçava sapatos de pares diferentes. Eu achava engraçado. Ele dizia-me que era porque o seu cérebro estava ocupado com coisas mais importantes, que não tinha tempo para pensar sobre as roupas que deveria vestir. Pensei que era uma boa resposta. Para além disso, dava-me coisas boas, como doces e notas de dez dólares às escondidas. Disse-me para começar a fazer um mealheiro em algum lugar onde ninguém pudesse encontrar o meu dinheiro. Disse que mais tarde eu iria agradecer-lhe pelo conselho e piscara os olhos para mim, como se eu soubesse o que era esse «mais tarde» quando o momento chegasse.

Abri a boca outra vez, mas a Jenny e o tio Nate abanaram a cabeça ao mesmo tempo, e a Jenny pegou em alguma coisa que estava em cima da mesa perto dela. Virou-se para mim com um bloco e um lápis e deu-mos.

Peguei no que ela me entregava e escrevi uma palavra:

MAMÃ?

Os olhos da Jenny desviaram-se daquela palavra e o tio Nate baixou os olhos para os pés. Naquele exato momento, todo o acidente assomou-me de rompante à memória – imagens e palavras a martelar-me na cabeça, levando-me a desabar na almofada e a cerrar os dentes.

Abri a boca e comecei a gritar e a gritar e a gritar, mas o quarto

permaneceu em silêncio.

CAPÍTULO SETE

BREE

No sábado, quando já estava a sair do *snack-bar*, apareceu-me no telemóvel um número que não reconheci.

– Sim? – atendi.

– Olá, Bree? É a Melanie. Conhecemo-nos no *snack-bar* na semana passada...?

– Ah, olá! – disse, acenando para me despedir da Maggie enquanto caminhava em direção à porta. – Sim, claro que me lembro de ti.

A Maggie sorriu e acenou de volta.

– Ah, ótimo! – disse ela. – Bem, espero não ter ligado em má altura, mas eu e a Liza vamos sair hoje à noite e queríamos saber se querias vir connosco.

Saí para o sol abafado da tarde e comecei a andar em direção ao meu carro. Lembrei-me do que tinha pensado sobre tentar ser uma rapariga normal outra vez, fazer coisas que uma rapariga normal faz.

– Hum, bem... sim, tudo bem, parece boa ideia. Ia adorar.

– OK, ótimo! Vamos buscar-te. Às nove, pode ser?

– Sim, tudo bem. Estarei pronta. – Dei-lhe a minha morada, e a Melanie sabia exatamente onde era, despedimo-nos e desliguei.

No momento em que estava a pôr a chave na porta do carro, reparei num grupo de rapazes com os seus dez ou doze anos, do outro lado da rua, a rir alto. O rapaz mais alto estava a empurrar um rapaz mais baixo, que usava óculos e trazia os braços cheios de livros. Quando o rapaz maior deu um grande empurrão ao mais pequeno, este cambaleou para a frente, espalhando pelo passeio os livros que carregava. Os outros rapazes riram-se ainda mais e afastaram-se. Um deles gritou para trás:

– Muito bem, esquisitoide!

Mesmo estando do lado oposto da rua, conseguia ver a expressão de profundo constrangimento no rosto do rapaz antes de ele se baixar para apanhar os livros.

Pequenos idiotas. Deus, odeio *bullies*.

Atravessei a rua para ajudar o miúdo.

Quando lá cheguei, ele olhou-me com cautela, o queixo a tremer um pouco. Percebi que tinha uma pequena cicatriz no lugar onde provavelmente fizera a cirurgia para corrigir o lábio leporino.

– Olá – exclamei em voz baixa, dirigindo-lhe um pequeno sorriso e baixando-me para ajudá-lo a apanhar os livros. – Estás bem?

– Estou – respondeu baixinho, os olhos nos meus, que desviou de seguida, o rosto ruborizado.

– Gostas de ler, não é? – perguntei, inclinando a cabeça na direção dos livros.

Ele assentiu com a cabeça, ainda parecendo tímido.

Olhei para o volume que estava nas minhas mãos.

– Harry Potter... hummm. Este é bom. Sabes porque é que gosto muito deste livro?

Os olhos do rapaz voltaram a encontrar os meus, e ele abanou a cabeça, mas não tornou a desviar os olhos.

– Porque é sobre alguém oprimido em quem ninguém acreditava... este rapaz engraçado, de óculos, que morava por baixo da escada na casa dos tios. Mas sabes uma coisa? Ele acaba a fazer coisas incríveis, apesar de tudo o que existia contra ele. E não há nada melhor do que ver alguém que ninguém esperava que vencesse a ter sucesso, não achas?

Os olhos do rapaz arregalaram-se e ele assentiu com a cabeça.

Levantei-me, e ele fez o mesmo. Quando lhe entreguei os livros que tinha apanhado, disse-lhe:

– Continua a ler. As miúdas adoram rapazes que leem. – Pisquei-lhe os olhos e o rosto do rapaz abriu-se num sorriso radiante. Retribuí o sorriso e virei-me para ir para o carro, quando reparei no Archer Hale parado à porta de uma loja ali perto, a observar-nos, com uma expressão intensa e indecifrável no rosto. Sorri-lhe, inclinando a cabeça, e algo pareceu acontecer outra vez entre nós. Pestanejei e o Archer desviou o olhar, virando-se para descer a rua. Ele voltou-se para trás para me ver uma vez, mas, quando encontrei o seu olhar, virou novamente a cabeça e continuou a andar.

Fiquei imóvel durante alguns segundos, observando o Archer a andar numa direção, e depois virei a cabeça para ver o rapaz a seguir na direção oposta. Deixei escapar um suspiro e virei-me para atravessar a rua até ao sítio onde tinha o carro.

Parei no viveiro de plantas à saída da cidade e comprei umas flores, terra e alguns vasos de plástico.

Quando cheguei a casa, vesti uns calções e uma *T-shirt* e passei umas boas horas a plantar as flores, dispondo os vasos no alpendre e fazendo uma limpeza geral no quintal, inclusive arrancando ervas daninhas e limpando os degraus da frente. Um deles estava solto e parecia prestes a soltar-se ainda mais, mas eu era um desastre no que dizia respeito a consertar esse tipo de

coisa. Teria de ligar ao George Connick.

Quando me afastei para admirar o meu trabalho, não pude evitar um sorriso ao olhar para o meu pequeno chalé. O lugar estava um encanto.

Entrei e tomei um longo banho, esfregando a sujidade debaixo das unhas para tirar a terra que se acumulara sob elas e depilei-me toda. Depois liguei o pequeno rádio que já havia no chalé quando me mudei e fiquei a ouvir uma estação de música local, enquanto arranjava o cabelo, secando e encaracolando-o um pouco com uma prancha, para que ficasse comprido e ondulado. Maquillei-me e, em seguida, espalhei creme nas pernas, para que parecessem bonitas no meu vestido de malha, prateado, bem justo e decotado nas costas. Era informal, mas *sexy*, e eu esperava que fosse adequado ao lugar onde iríamos naquela noite. Tornei o visual ainda um pouco mais descontraído com as minhas sandálias pretas.

A última vez que tinha usado aquele vestido fora na festa de licenciatura organizada pelo pessoal do meu dormitório na faculdade. Eu tinha bebido a minha quota-parte de cerveja de pressão, rido com as outras raparigas do meu andar e curtido com um tipo que sempre achara um querido, mas com quem nunca tinha falado até àquela noite. Ele não beijava muito bem, mas eu estava bêbeda o suficiente para não me importar.

Fiquei parada algum tempo, a pensar na rapariga que tinha sido, e *tive saudades* dela. Tive saudades do meu antigo eu. Não era uma rapariga que não conhecia o sofrimento. Não era ingénua em relação ao que se passava no mundo. Eu sabia que não tinha nada garantido e que a vida nem sempre era justa. Mas eu e o meu pai tínhamos sobrevivido juntos à tragédia da doença da minha mãe e éramos fortes. Eu nunca tinha imaginado que ele seria arrancado de mim num instante, num momento absurdo, que me deixou sozinha e profundamente abalada. E que não pudera sequer dizer-lhe adeus.

Talvez esta viagem não fosse a resposta que eu esperara que fosse. Mas não tinha sido exatamente uma decisão consciente.

Tudo no Ohio me fazia lembrar do meu pai, da minha dor, do meu medo e da minha solidão. Depois daquela noite, passei vários meses a sentir-me anestesiada e acabara por fazer uma mala pequena, enfiado a *Phoebe* na caixa de transporte dela, entrado no carro e partido. Parecera a única opção. A tristeza era sufocante, claustrofóbica. Precisava de fugir.

Forcei-me a fugir antes que me afundasse muito no medo e na melancolia. Era sábado à noite, fim de semana. E no fim de semana, as raparigas normais saíam com as amigas e divertiam-se. Eu merecia um pouco mais disso, não merecia... não merecia?

A Melanie e a Liza chegaram poucos minutos depois das nove e, quando vi os faróis, saí e tranquei a porta atrás de mim.

A porta do pequeno *Honda* abriu-se e Justin ecoava, rompendo o silêncio da noite.

Sorri quando abri a porta de trás e entrei, cumprimentando a Melanie e a Liza calorosamente:

– Olá!

– Estás *sexy*! – elogiou a Liza, olhando por cima do ombro enquanto a Melanie arrancava com o carro.

– Obrigada! – respondi. – Vocês também! As duas estavam de saia e *top*, e senti-me aliviada por ter escolhido uma roupa semelhante.

Durante a viagem até ao outro lado do lago conversámos descontraidamente sobre o meu trabalho no *snack-bar* e se eu estava a gostar de Pelion até agora, e a Melanie e a Liza falaram um pouco sobre o emprego de verão como nadadoras-salvadoras.

Estacionámos em frente de um bar chamado The Bitter End Lakeside Saloon, uma pequena estrutura de madeira na beira da estrada com um parque de estacionamento à frente. Quando saímos do carro da Melanie, vi que a parte da frente do bar estava decorada com varas de pesca, armadilhas para lagostas, placas de barcos, caixas de equipamento e outros artigos relacionados com o lago.

Entrámos no bar e fomos recebidas pelo cheiro de cerveja e pipocas, pelo som de gargalhadas, vozes a falar alto e bolas de *snooker* a bater umas nas outras. O bar parecia um pouco maior do lado de dentro do que eu imaginara ao ver de fora. Parecia ao mesmo tempo decadente e cheio de estilo, com mais artigos de pescaria e placas a decorar as paredes.

Mostrámos as nossas identidades ao segurança e sentámo-nos numa mesa perto do bar. Quando recebemos a primeira rodada de bebidas, já havia fila a formar-se à porta.

Passámos os primeiros vinte minutos a rir e a conversar. A Melanie e a Liza estavam a avaliar os tipos que consideravam interessantes, tentando não parecer muito óbvias. A Melanie reparou em alguém quase de imediato e começou a chamar a sua atenção. A tática funcionou e, ao fim de poucos minutos, o tipo aproximou-se e convidou-a para dançar.

Ela seguiu-o em direção à pista de dança, olhando para trás e piscando o olho a mim e à Liza, e nós abanámos a cabeça, a rir. Fizemos sinal à empregada de mesa para trazer outra rodada de bebidas. Eu já estava a divertir-me.

Enquanto bebia a minha cerveja, um homem que vinha a entrar chamou-me a atenção. Estava de costas, mas vi que os seus ombros eram largos, as pernas longas e musculadas, numas calças de ganga desbotadas. *Oh, uau...* O tamanho dele, a sua constituição física e o cabelo castanho ondulado mantiveram-me os olhos fixos nele. Começou a virar-se na minha direção, rindo de alguma coisa que o tipo perto dele dissera, e os nossos olhares cruzaram-se. Travis Hale. Os olhos dele brilharam por um momento e o sorriso abriu-se enquanto se dirigia para a nossa mesa.

Duas raparigas que vinham atrás dele pararam quando viram para onde ele estava a ir. As duas voltaram para o grupo atrás delas.

– Bree Prescott – disse ele, baixando os olhos para os meus seios por um instante, antes de voltar a concentrar-se no meu rosto.

– Travis Hale – respondi, a sorrir, dando outro gole na cerveja. Ele retribuiu o sorriso e disse:

– Não sabia que ias estar aqui esta noite. – O Travis voltou a olhar na direção da Liza e disse apenas: – Liza. – Ela deu um gole na bebida que estava a beber e cumprimentou-o:

– Olá, Trav.

Depois a Liza levantou-se e disse:

– Vou à casa de banho. Já volto.

– Oh, OK, queres que vá contigo? – perguntei, começando a levantar-me.

O Travis pousou-me a mão no braço.

– Tenho a certeza de que ela consegue ir sozinha – disse ele.

– Está tudo bem – afirmou a Liza, os olhos a demorarem-se na mão do Travis no meu braço. – Daqui a pouco estou de volta. – Então, ela virou-se e afastou-se.

O Travis voltou a olhar para mim.

– Então pensei que seria *eu* a fazer a *tour* de boas-vindas.

Ri-me e depois encolhi os ombros, encarando-o com os olhos semicerrados.

Ele riu de novo. Tinha um belo sorriso. Um pouco predatório, talvez, mas isso era mau? Acho que depende. Mas eu já tinha tomado duas bebidas e, naquele momento, gostei.

O Travis inclinou-se.

– Então, Bree, essa viagem... quando vai terminar?

Ponderei a sua pergunta.

– Não tenho exatamente um plano específico, Travis. Acho que em algum momento vou resolver voltar para casa – respondi, bebendo outro gole da cerveja.

Ele assentiu com a cabeça.

– Achas que vais ficar algum tempo por aqui?

– Depende – respondi, franzindo ligeiramente a testa.

– De quê?

– De continuar a sentir-me segura aqui – disparei. Não tivera a intenção de dizer aquilo, mas a cerveja estava a atingir-me o estômago vazio e a corrente sanguínea como se fosse um soro da verdade.

Suspirei e comecei a arrancar o rótulo da garrafa de cerveja, sentindo-me subitamente exposta.

O Travis observou-me por um instante, depois fez um sorriso lento.

– Ora, então isso é bom, já que por acaso o tema segurança é a minha especialidade.

Ergui os olhos para o rosto dele e não pude conter uma risada diante da sua expressão presunçosa.

– Ah, tenho a sensação de que és tudo menos seguro, agente Hale.

Ele fingiu ficar magoado e deslizou o corpo para a cadeira em que a Liza

estivera sentada alguns minutos antes.

– Bem, isso magoou-me profundamente, Bree. Porque dizes isso?

Eu ri-me.

– Ora, em primeiro lugar – inclinei-me para a frente –, se os olhares dessas louras que entraram contigo pudessem disparar flechas venenosas, eu já estaria morta há quinze minutos. E a ruiva à minha esquerda não tirou os olhos de ti por um segundo desde que entraste. Acho até que a vi secar a baba que escorreu. Tenho a sensação de que todas elas têm planos para ti esta noite.

– Ergui uma sobrancelha.

Ele manteve os olhos fixos em mim, sem olhar para nenhuma das mulheres que eu mencionara. Depois recostou-se na cadeira, inclinou a cabeça e apoiou um dos braços nas costas do assento.

– Não posso controlar as ideias das outras pessoas. E se os meus planos forem outros? E se eles te envolverem a ti? – Sorriu preguiçosamente.

Meu Deus, este tipo era bom. Cheio de charme e autoconfiança. Mas sabia bem namoriscar com alguém de forma inofensiva... estava feliz por não me ter esquecido por completo de como fazer isso.

Retribuí-lhe o sorriso e dei mais um gole na cerveja, mantendo os olhos presos aos dele.

Ele estreitou os olhos, fitando-me os lábios à medida que envolviam o gargalo da garrafa.

– Jogas *snooker*? – perguntei passado algum tempo, mudando de assunto.

– Faço qualquer coisa que queiras – disse ele, tranquilo.

Eu ri-me.

– Muito bem, então, impressiona-me com os teus talentos de geometria – disse, e comecei a levantar-me.

– Com certeza – retrucou ele, pegando-me na mão.

Fomos até às mesas de *snooker*, e o Travis pediu outra rodada de bebidas enquanto esperávamos a nossa vez. Depois de algum tempo, a Melanie, a Liza e os tipos que a Melanie conhecera também se aproximaram, e passámos o resto da noite a rir e a jogar *snooker*. O Travis era muito bom no jogo e ganhou todas as partidas com facilidade, obviamente satisfeito por estar a exhibir o seu talento.

A Liza tinha trocado a cerveja pela água um pouco antes, para poder levar-nos a casa, e eu fiz o mesmo perto da meia-noite. Não queria que o dia seguinte, que era a minha folga, fosse passado na cama de resaca.

Quando as luzes piscaram, indicando que o bar estava prestes a fechar, o Travis puxou-me contra o seu corpo e disse:

– Deus, Bree, és a rapariga mais linda que já vi. – A voz dele era como seda. – Deixa-me levar-te a jantar esta semana.

As bebidas que eu tomara estavam a perder o efeito e comecei a sentir-me um pouco desconfortável com os movimentos suaves do Travis e com a continuação da sedução.

– Hum... – hesitei.

A Liza interrompeu-nos de repente:

– Estás pronta, Bree? – O Travis olhou para ela, irritado.

– Toda a gente precisa de comer – insistiu o Travis, voltando a olhar para mim e sorrindo com charme. Eu ri-me e, ainda hesitante, anotei o número do meu telemóvel num guardanapo e dei-lho, enquanto fazia uma anotação mental para comprar mais minutos. Tinha-me esquecido do telemóvel em Cincinnati ao sair de lá e comprara um daqueles cartões pré-pagos. Estava a funcionar bem, mas esquecia-me sempre de comprar mais minutos.

Dei as boas-noites a todos, e eu, a Liza e a Melanie saímos a rir até ao carro.

Quando já estávamos na estrada, a Melanie comentou:

– O Travis Hale, Bree? Credo, foste diretamente à liga profissional de Pelion, hein? Na verdade, à liga profissional de todo o Maine.

Eu ri-me.

– É assim que o Travis Hale é considerado? – indaguei.

– Bem, sim. Quero dizer, ele sai com muitas raparigas, mas não posso culpá-lo. As mulheres normalmente saltam para cima dele, tentando fisgá-lo. Talvez sejas tu quem finalmente vai conseguir fazer isso. – Ela piscou os olhos para mim e a Liza riu-se.

– Vocês as duas...?

– Oh, não, não – disseram as duas ao mesmo tempo. Então a Liza continuou: – Muitas amigas nossas envolveram-se com ele e depois achavam que estavam apaixonados. Somos testemunhas do rasto de destruição que ele deixa. Por isso, tem cuidado.

Sorri, mas não disse nada. Cuidado era o meu nome do meio nesses dias. No entanto, apesar de o óbvio interesse do Travis me ter deixado um pouco desconfortável no fim da noite, eu estava orgulhosa de mim mesma por ter dado alguns passos naquela direção. Tinha sido divertido.

Conversei um pouco mais com as raparigas sobre os outros tipos que elas tinham conhecido e, antes que me desse conta, estávamos a parar em frente ao meu chalé.

Saí do carro e sussurrei, para não acordar os vizinhos:

– Adeus! Muito obrigada!

– Nós ligamos-te! – disseram as duas, e partiram.

Lavei o rosto, escovei os dentes e naquela noite fui a sorrir para a cama, pensando, esperando, que talvez fosse possível também *acordar* a sorrir.

CAPÍTULO OITO

BREE

Acordei a arquejar. Antes mesmo de conseguir sentar-me na cama, fui catapultada diretamente para a mãe de todos os *flashbacks*. Tinha a força e a clareza daqueles que experimentara depois do assassinio do meu pai: completo, com o meu pai deitado sobre uma poça de sangue, os olhos sem vida virados para o teto. Agarrei os lençóis da cama, e puxei-os, aquele exato som alto e estridente a encher-me o cérebro até finalmente a realidade começar a regressar e o mundo ao meu redor desobscurer.

Alguns minutos mais tarde, inclinei-me sobre o lavatório, com os olhos cheios de lágrimas.

– Porquê? – gemi, deixando-me invadir pela autocomiseração e o sofrimento que as lembranças traziam.

Ergui-me e entrei a tremer no duche, recusando-me a passar o resto do dia na cama, como era o meu desejo agora, e como tinha feito durante meses depois daquela noite.

O *flashback* tinha certamente destruído a felicidade descontraída que tinha sentido na noite anterior.

Tomei um banho rápido, vesti o fato de banho, uns calções e uma camisola de alças. Por alguma razão, passar um tempo lá em baixo na pequena praia de Briar Road enchia-me de uma sensação de satisfação particular. Sim, tivera aquele sonho com o meu pai ali, mas apesar da tristeza de tê-lo perdido, e de o sonho ter evocado isso, tinha despertado dele com uma sensação de esperança. Eu gostava daquele lugar.

Saí na bicicleta, com a *Phoebe* na cesta da frente. A manhã estava clara e já começava a ficar calor. Era final de agosto; não tinha ideia de quando é que o tempo começava a mudar no Maine, mas por enquanto ainda parecia verão.

Virei na Briar Road, deixando a bicicleta desacelerar, esticando as pernas para o lado. Tirei as mãos do guiador durante alguns segundos e deixei a bicicleta descer sozinha, saltando nas pedrinhas da estrada de terra e rindo

alto. A *Phoebe* ladrou várias vezes, como se dissesse: *Tem cuidado, sua louca.*

– Eu sei, minha carga preciosa. Não vou atirar-nos ao chão, *Phoebe*.

Quando cheguei ao lago, estendi a toalha, pousei a geleira no lugar de sempre e entrei na água fria, enquanto a *Phoebe* me observava da margem. A água estava maravilhosa, a bater-me suavemente nas coxas enquanto eu avançava mais no lago. Por fim, mergulhei todo o corpo e comecei a nadar, a água envolvendo-me como uma carícia fresca.

Quando me virei para regressar à margem, ouvi o ganido de um animal, provavelmente um cão grande, como se estivesse em perigo. A *Phoebe* começou a ladrar, agitada, correndo de um lado para o outro na praia. Saí da água e fiquei parada a ouvir, enquanto o animal continuava a gemer à minha esquerda, na direção da propriedade do Archer Hale.

Perguntei-me se a sua propriedade se estenderia até esta pequena praia. E deduzi que era possível. Caminhei até à orla da floresta e, quando afastei alguns arbustos para o lado e espreitei por entre as árvores, não consegui distinguir nada além de mais árvores. Mas a cerca de trinta metros à frente, vi vários arbustos de amora. Inspirei, animada. O meu pai fazia uma tarte de amoras maravilhosa. Se ele ao menos pudesse ver aqueles arbustos mesmo à minha frente. Comecei a andar em direção aos arbustos, mas quando um galho me arranhou a barriga nua, resmunguei e recuei. Não estava vestida para colher amoras. Isso teria de ficar para outro dia.

Voltei para a toalha, sequei-me e sentei-me. Passei várias horas ali, a ler e a apanhar sol antes de eu e a *Phoebe* voltarmos para casa. Como de costume, parei por um breve momento diante do portão do Archer, pensando outra vez no que as placas desbotadas que outrora estiveram na sua cerca teriam escrito.

– A perseguir o homem, Bree? – sussurrei para mim mesma. Enquanto pedalava, ouvi o mesmo cão a ganir angustiado. Esperava que, independentemente do que fosse, o Archer tivesse a situação sob controlo.

* * *

Regressei a casa, troquei de roupa e depois fui de carro até ao centro da cidade, à biblioteca pública de Pelion. Passei uma hora a escolher vários livros novos. Infelizmente, tinha deixado o meu leitor de *e-books* em Cincinnati, e tive de voltar aos livros em papel. Ainda não tinha percebido o quanto sentira falta do cheiro e da sensação de ter um livro velho nas mãos até àquele momento. Além disso, não era preciso fazer *downloads*, ou ter uma conta. Não ia ao Facebook há mais de seis meses e não sentia falta disso.

Deixei a pilha de livros no banco do passageiro e depois fui ao supermercado fazer as compras da semana.

Passei um bom tempo a percorrer todos os corredores, a ler rótulos e a encher o carrinho. Quando acabei e me dirigi à caixa para pagar, vi pelas

janelas grandes do supermercado que já começava a anoitecer.

– Olá. – Sorri para a funcionária atrás da caixa registradora.

– Olá – respondeu ela, mastigando a sua pastilha. – Algum cupão de desconto?

– Ah, não – retorqui, abanando a cabeça. – Nunca consegui fazer isso bem. Sempre que tento, termino com uma dúzia de caixas de algo que nem como e de detergente para a roupa que deixa grandes bocados de... – Interrompi-me quando percebi que a rapariga à minha frente estava a registar as compras com uma das mãos e a escrever uma mensagem no telemóvel com a outra. Não estava a ouvir uma só palavra do que eu dizia. OK, tudo bem.

– São sessenta e dois dólares e oitenta e sete cêntimos – disse ela e voltou a mascar a sua pastilha.

Retirei o dinheiro da carteira. Só tinha sessenta dólares. *Merda.*

– Oh, céus – afirmei, o rosto a corar. – Lamento, pensei que tinha prestado atenção. Só tenho sessenta dólares. Preciso de devolver alguma coisa.

Ela suspirou pesadamente e revirou os olhos.

– O que quer devolver?

– Hum... – Comecei a procurar nos sacos de compras. – Que tal isto? Não preciso disto. – Entreguei-lhe uma esponja nova que tinha comprado apenas para repor a antiga que estava no chalé quando cheguei.

– São só sessenta e quatro cêntimos – disse ela.

Hesitei e alguém atrás de mim na fila resmungou.

– Ah, bem, hum, vamos ver... – Procurei um pouco mais. – Ah! Que tal isto? Não preciso delas, na verdade. – Entreguei-lhe uma embalagem de lâminas que tinha trazido. Ela estendeu a mão para as lâminas, mas eu guardei-as de volta. – Espere, na verdade, preciso delas, sim. Sendo meio polaca. – Ri-me nervosamente. A empregada da caixa não se riu. – Hum... – Enfie a cabeça de novo nos sacos, ouvindo mais resmungos atrás de mim.

– Ah, obrigada. – Ouvi a rapariga dizer. Quando levantei os olhos para o seu rosto confuso, ela disse lentamente:

– Ele pagou a diferença. – E fez sinal com a cabeça para a direita. Confusa, inclinei-me para a frente, e vi um rosto mal-humorado de um senhor e parado atrás dele o Archer Hale a olhar fixamente para mim. Vestia uma camisola com o capuz para cima, embora não estivesse frio.

Sorri, inclinando levemente a cabeça. A empregada da caixa clareou a garganta, para chamar a minha atenção. Tirei a fatura da mão dela e avancei até à extremidade da caixa.

– Muito obrigada, Archer – disse.

Ele manteve os olhos fixos em mim. A empregada da caixa e o idoso olharam para mim e em seguida para o Archer, com a mesma expressão confusa no rosto.

– Vou devolver-te o dinheiro, claro. – Sorri outra vez, mas ele não. Abanei levemente a cabeça, olhando à volta e percebendo que agora as

pessoas nas caixas à esquerda e à direita nos observavam.

O idoso pagou os poucos artigos que comprara e passou por mim um minuto depois, e o Archer pousou um saco grande de comida de cão em cima do tapete rolante.

– Oh – disse. – Estive hoje lá em baixo no lago e acho que ouvi um cão a ganir na tua propriedade. Parecia que estava em sofrimento.

Ele olhou para mim, enquanto entregava algumas notas à rapariga da caixa. Olhei em redor novamente e reparei que todos os olhares continuavam fixos em nós. O Archer Hale não parecia estar ciente disso.

Arfei e fiz sinal ao Archer: *Estas pessoas são muito intrometidas, não?*

Um leve curvar dos lábios. Uma piscadela. Fim.

Ele pegou nas suas compras e passou por mim. Virei-me e empurrei o carrinho de compras atrás dele, sentindo-me ridícula e constrangida outra vez. Abanei a cabeça e segui para o meu carro. Dei uma última olhada na direção do Archer e vi que ele também estava a olhar para mim.

Fiquei boquiaberta quando ele levantou a mão e gesticulou: *Boa noite, Bree*. Em seguida, virou as costas outra vez e, segundos depois, desapareceu. Encostei-me ao carro e sorri como uma palerma.

CAPÍTULO NOVE

Archer – Catorze anos de idade

Caminhei pela floresta, evitando os locais onde sabia que poderia torcer o tornozelo, desviando-me dos galhos que poderiam atingir-me se me aproximasse muito. Conhecia aquele terreno de cor. Não saía dali há sete anos.

A Irena serpenteava à minha direita, acompanhando o meu ritmo, mas explorando tudo o que o seu focinho considerasse interessante. Eu estalava os dedos ou batia palmas se precisasse de a chamar para que me alcançasse. Ela era uma cadela idosa e só me obedecia metade do tempo – se era porque já tinha problemas de audição ou simplesmente porque era teimosa, não tinha a certeza.

Encontrei a rede da armadilha que o tio Nate me pedira que o ajudasse a montar dois dias antes e comecei a desmontá-la. Gostava do facto de esse tipo de projetos ajudar a acalmar as vozes que o tio Nate parecia ouvir na sua cabeça; também gostava da ideia de este tipo de projetos me manter ocupado, mas o que não suportava era ouvir os pobres animais a serem apanhados por elas a meio da noite. Por isso, percorria a propriedade e desmontava o que tínhamos montado apenas alguns dias antes e procurava outras que o tio Nate tinha montado sozinho.

Quando estava a terminar, ouvi vozes, risadas e salpicos na água. Pousei no chão tudo o que recolhera e que tinha nos braços e caminhei timidamente na direção dos sons das pessoas a brincar na praia.

Vi-a assim que cheguei à beira das árvores. A Amber Dalton. Tive a sensação de deixar escapar um gemido, mas é claro, não emiti nenhum som. Ela tinha um biquíni preto e estava a sair do lago, toda molhada. Senti-me a endurecer entre as pernas. Fantástico. Isso parecia acontecer agora a toda a hora, mas, por algum motivo, o facto de acontecer perante a visão da Amber fez-me sentir estranho, envergonhado.

Apesar de me sentir humilhado com aquilo tudo, tentei perguntar ao tio

Nate sobre isso no ano passado, quando fiz treze anos. A reação dele foi a de atirar para o meu colo algumas revistas com fotos de mulheres nuas e a seguir foi para a floresta montar mais armadilhas. As revistas não explicavam muita coisa, mas eu gostava de vê-las. Provavelmente passei muito tempo a olhar para elas. E depois deslizava a mão para dentro das calças e tocava-me até deixar escapar um suspiro de alívio. Não sabia se o que fazia era certo ou errado, mas era demasiado bom para parar.

Estava tão concentrado a olhar para a Amber, vendo-a rir e torcer o cabelo molhado, que não o vi chegar. De repente, uma voz masculina soou alto:

– Olhem para *aquilo*! Há um tarado no meio da floresta! Porque é que não dizes alguma coisa, tarado? Não tens nada para *dizer*? – E depois murmurou em voz baixa, mas alto o suficiente para eu ouvir: – Maldita aberração.

O Travis. O meu primo. A última vez que o tinha visto fora logo após ter perdido a voz. Ainda estava de cama na casa do tio Nate, quando o Travis e a mãe dele, a tia Tori, vieram visitar-me. Eu sabia que ela estava lá para ver se eu dizia alguma coisa sobre o que descobrira naquele dia. Eu não faria isso. De qualquer maneira, isso não era importante.

O Travis tinha feito batota a jogar às cartas, mas foi ter com a mãe a queixar-se de que *eu* é que o tinha enganado. Eu estava muito cansado e com dores, em todos os sentidos, para me importar. Virei o rosto para a parede e fingi estar a dormir até eles se irem embora.

E, agora, lá estava ele na praia, com a Amber Dalton. Senti o rosto quente e enrubescido ao ouvir as palavras de chacota dele. Todos os olhos se voltaram para mim enquanto eu estava ali parado, sentindo-me exposto e humilhado. Levei a mão à cicatriz, tapando-a. Não sabia porquê, mas fi-lo. Não queria que a vissem – a prova de que era culpado e defeituoso, *feio*.

A Amber olhou para o chão, parecendo constrangida, mas depois ergueu os olhos para o Travis e disse:

– Vamos, Trav, não sejas *mau*. Ele é deficiente. Não consegue sequer *falar*. – A última frase foi quase sussurrada, como se estivesse a contar uma espécie de segredo. Alguns olhares voltaram-se para mim com pena, que desviaram quando encontraram o meu, e outros brilharam, animados e ansiosos para ver o que aconteceria em seguida.

O meu rosto latejava de humilhação, enquanto todos continuavam a fitar-me. Fiquei paralisado. O sangue fazia um som estridente nos meus ouvidos, e sentia-me tonto.

Finalmente, o Travis foi ter com a Amber e envolveu-a pela cintura, puxando-a para ele e beijando-a na boca. Ela parecia rígida, desconfortável quando encostou o rosto ao dele, os olhos abertos, fixos em mim, parado atrás dela.

Este foi o catalisador que finalmente me pôs os pés em movimento. Virei-me, tropecei numa pedra que estava atrás de mim e caí estendido no

chão. Pedrinhas sob as agulhas dos pinheiros cravaram-se nas minhas mãos e um galho arranhou-me o rosto. Explodiram gargalhadas nas minhas costas e eu apressei-me a levantar-me, e corri de volta para a segurança da minha casa. Estava a tremer de vergonha e raiva e algo que parecia sofrimento. Embora não soubesse muito bem o motivo do sofrimento.

Eu *era* uma aberração. Estava ali, sozinho e isolado, por uma razão. Era eu o culpado de tanta tragédia e tanta dor.

Eu não tinha valor nenhum.

Segui pela floresta e, quando as lágrimas me brotaram dos olhos, deixei escapar um grito silencioso, peguei numa pedra e atirei-a à *Irena*, que não saía do pé de mim desde que aquela gente na praia começou a gozar comigo.

A *Irena* ganiu e saltou para o lado quando a pedrinha atingiu o seu flanco traseiro e depois voltou logo para o meu lado.

Por alguma razão, o facto de aquela cadela palerma voltar para junto de mim depois de eu ter sido cruel com ela foi o que finalmente permitiu que as lágrimas comessem a correr sem parar pelo meu rosto. O peito arfava enquanto eu enxugava o pranto que me brotava dos olhos.

Desabei no chão e puxei a *Irena* para os meus braços, abraçando-a com força, acariciando-lhe o pelo e dizendo *desculpa, desculpa, desculpa* na minha cabeça sem parar, esperando que os cães tivessem o poder de ler mentes. Era tudo que eu tinha a oferecer-lhe. Enfiei a cabeça no seu pelo e esperei que me perdoasse.

Após alguns minutos, a minha respiração começou a abrandar e as lágrimas secaram. A *Irena* continuou a tocar-me no rosto, deixando escapar ganidos baixos quando eu parava de a acariciar.

Ouvi agulhas de pinheiro a serem esmagadas atrás de mim sob o peso dos pés de alguém e soube que era o tio Nate. Continuei a olhar em frente quando ele se sentou ao meu lado, encolhendo os joelhos, como os meus.

Durante alguns minutos, ficámos ali sentados, sem dizer nada, apenas a olhar para a frente, a *Irena* a arfar e ocasionalmente a ganir baixinho, os únicos sons entre nós.

Por fim, o tio Nate estendeu a mão e segurou a minha, apertando-a. A mão dele era grossa, seca, mas estava quente, e eu precisava daquele contacto.

– Eles não sabem quem és, Archer. Não fazem ideia. E não merecem saber. Não deixes que a opinião deles te magoe.

Assimilei as suas palavras e fiquei a revirá-las na cabeça. Tive de depreender que o meu tio tinha assistido ao que aconteceu na praia, de alguma forma. As palavras dele não faziam muito sentido para mim, mas confortaram-me, mesmo assim. Ele parecia estar sempre no limite de algo profundo, mas não conseguia que mais ninguém, além dele, entendesse a profundidade dos seus próprios pensamentos. Assenti com a cabeça para ele sem a virar.

Ficámos sentados durante mais algum tempo, e depois levantámo-nos e fomos para casa jantar e fazer um curativo na minha cara.

As gargalhadas e os respingos de água à distância foram ficando cada vez mais fracos, até que por fim desapareceram por completo.

CAPÍTULO DEZ

BREE

Alguns dias depois de o Archer Hale me ter cumprimentado no parque de estacionamento do mercado, fiz o turno da manhã no *snack-bar* e, quando cheguei a casa naquela tarde, vi a Anne sentada no alpendre da sua casa. Fui até lá cumprimentá-la e ela sorriu dizendo:

– Quer um chá gelado, querida?

Destranquei o seu portão, entrei e subi os degraus.

– Parece-me ótimo. Se conseguir suportar o meu cheiro... *eau* de grelha e gordura de *bacon*.

A Anne riu-se.

– Acho que consigo aguentar. Como foi o seu turno?

Colapsei no seu baloiço de vime, recostando-me e inclinando o corpo na direção da pequena ventoinha que estava ligada perto da Anne. Suspirei, sentindo-me confortável.

– Ótimo – respondi. – Eu gosto do trabalho.

– Ah, isso é bom – disse ela, passando-me um copo de chá gelado que acabara de servir. Dei um gole, agradecida, e recostei-me novamente.

– Vi que as raparigas Scholls vieram buscá-la na outra noite e fiquei muito feliz por já ter feito amigas. Espero que não se importe de ter uma vizinha tão bisbilhoteira. – Ela sorriu com carinho, e eu retribuí o sorriso.

– Não, claro que não. Sim, fui até ao outro lado do lago com elas. Demos de caras com o Travis Hale e divertimo-nos juntos no The Bitter End.

– Ah, anda a conhecer todos os rapazes Hale.

Ri-me.

– Sim, há mais?

– Não, só o Archer e o Travis, da geração mais jovem. Imagino que, na verdade, o Travis seja a única hipótese de haver agora mais uma geração Hale.

– Porque diz isso?

– Ora, não estou a ver o Archer Hale a sair da sua propriedade para namorar, menos ainda para se casar com alguém, mas, mais uma vez, não sei quase nada sobre ele, a não ser que não fala.

– Na verdade, ele fala – disse eu. – Conversei com ele.

A Anne pareceu surpreendida e inclinou levemente a cabeça.

– Bem, não fazia ideia. Nunca o ouvi dizer uma palavra.

Abanei a cabeça.

– Ele conhece a língua gestual – afirmiei. – E eu também. O meu pai era surdo.

– Ah, compreendo. Bem, nunca tinha pensado nisso. Acho que ele se apresenta como alguém que não quer ter nada a ver com ninguém, pelo menos nas poucas vezes que o vi na cidade. – A Anne franziu a testa ligeiramente.

– Acho que nunca ninguém tentou realmente – comentei, encolhendo os ombros. – Não há nada de errado com ele, a não ser, talvez, a sua falta de jeito com as pessoas e o facto de não conseguir falar – disse eu, olhando por cima do ombro dela, imaginando o Archer. – Também tem alguns problemas com a moda. – Sorri.

A Anne retribuiu o sorriso.

– Sim, realmente ele tem uma aparência interessante, não é? É claro que, imagino, se o limpassem um pouco, pareceria mais apresentável. Vem de uma longa linhagem de homens bonitos. Na verdade, todos os rapazes Hale eram tão atraentes que praticamente nem pareciam humanos. – A Anne riu-se como uma miúda e eu ri-me com ela.

Bebi um longo gole de chá e inclinei a cabeça de lado.

– Não se lembra exatamente do que se passou com os outros dois irmãos no dia do acidente do Archer?

Ela abanou a cabeça.

– Não, só o que ouvi na cidade. Não sei o que aconteceu entre eles para causar toda aquela tragédia. Tento recordar-me deles como eram... como todas as raparigas, no raio de cerca de cem quilómetros, sonhava com eles. É claro que aqueles rapazes se aproveitavam disso, até mesmo o Connor, que, dos três, era o que se metia em menos confusões. Mas, pelo que me lembro, a única rapariga pela qual todos eles realmente se interessaram era a Alyssa McRae.

– *Os três?* – perguntei, arregalando os olhos. Isto soava a uma história e tanto.

– Hummm – murmurou a Anne, de olhar perdido ao longe. – Foi uma telenovela, principalmente a questão entre o Connor e o Marcus Hale. Aqueles dois rapazes estavam sempre a competir por alguma coisa. Se não era pelos desportos, era pelas raparigas. E, quando a Alyssa chegou à cidade, passou a haver apenas uma rapariga por quem competiam. O Nathan Hale não deixou qualquer dúvida de que também estava interessado nela, mas os outros dois não se importavam muito com ele, suponho. Como lhe disse antes, ele sempre foi um pouco diferente.

– E quem é que ficou com a rapariga? – sussurrei.

A Anne pestanejou e olhou para mim, sorrindo.

– O Marcus Hale. Ela casou-se com ele... um casamento relâmpago, como lhe chamávamos naquela época. Era o costume da família. Mas ela perdeu o bebé e só engravidou outra vez alguns anos depois, do Archer. – A Anne abanou a cabeça. – Depois de se ter casado com o Marcus, aquela rapariga estava sempre com um semblante triste, assim como o Connor Hale. Suspeitava que os dois achavam que ela tinha feito a escolha errada. Claro, com o estilo de vida de bebida e mulheres que o Marcus Hale manteve, mesmo depois de se casar com a Alyssa, a cidade toda também soube que ela tinha feito a escolha errada.

– E depois o Connor Hale tornou-se chefe de polícia? – perguntei.

– Sim, tornou-se. E também se casou, tentando seguir também em frente, imagino. E teve o Travis.

– Uau. E depois terminou tudo numa enorme tragédia.

– Sim, sim... foi muito triste. – Ela olhou para mim. – Mas, querida, acho maravilhoso que consiga comunicar com o Archer. – A Anne abanou a cabeça ligeiramente. – Faz-me perceber que fizemos muito pouco por aquele rapaz. – Ela pareceu triste e perdida em pensamentos.

Ficámos as duas em silêncio durante alguns minutos, a bebericar o chá, até que eu disse:

– É melhor ir tomar banho e trocar de roupa. Vou de bicicleta até ao lago outra vez.

– Ah, ótimo. Fico feliz por a bicicleta estar a dar-lhe jeito. Aproveite o máximo que puder no lago. O tempo vai mudar em breve.

Sorri, levantando-me.

– Vou sim. Obrigada, Anne. E obrigada também pela conversa.

– Eu é que agradeço, querida. Traz um sorriso ao rosto de uma velhota.

Sorri-lhe e acenei, enquanto descia os degraus do alpendre e saía pelo portão.

* * *

Uma hora depois, estava a descer a Briar Road de bicicleta, levando na cestinha uma garrafa de água, uma toalha e a minha doce e malandra cadelinha.

Ao passar pela casa do Archer, abrandei a bicicleta, arrastando os pés no chão. O portão dele estava entreaberto. Olhei para a fresta e travei por completo. Não vira nenhuma carrinha do correio a voltar pela estrada. Será que o próprio Archer o deixara aberto? Inclinei a cabeça, avaliando a situação. Levei um dedo aos lábios, enquanto pensava. Seria muito rude entrar na propriedade dele sem ser convidada outra vez? Ou ele deixara o portão levemente aberto *como um convite*? Seria ridículo da minha parte considerar sequer essa possibilidade? Provavelmente.

Virei a bicicleta e encostei-a à vedação, pegando na *Phoebe* e espreitando para dentro do portão aberto, com a intenção apenas de dar uma olhadela. O Archer ia a andar na direção da casa, mas, quando ouviu o portão a ranger, virou-se, de olhos postos em mim, mas sem surpresa.

Entrei.

– Olá – disse, pousando a *Phoebe* no chão e dizendo por gestos: *Espero que o facto de teres deixado o portão aberto signifique que não te incomoda se eu entrar, ou seja, que não invadi a tua propriedade outra vez. Isso seria muito constrangedor.* Fiz uma careta, levei as mãos ao rosto e sustive a respiração, aguardando uma resposta.

Os seus olhos profundos cor de âmbar observaram-me por alguns segundos, enquanto eu corava, e então a sua expressão suavizou-se.

O Archer vestia umas calças de ganga que pareciam prestes a desintegrar-se, tantos eram os buracos que tinha, uma *T-shirt* justa – demasiado justa – e pés descalços.

Queria mostrar-te uma coisa, disse ele.

Soltei a respiração e não consegui evitar que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Mas depois inclinei a cabeça para o lado, confusa. *Sabias que eu vinha?*

Ele abanou a cabeça devagar.

Achei que talvez viesses. Vejo as marcas dos pneus da bicicleta.

Voltei a ruborizar.

– Oh – suspirei, deixando os gestos de lado. – Hum...

Queres ver ou não?

Fiquei a olhar para ele por um instante, depois assenti. *OK. Espera, onde está o teu machado?*

Ele arqueou uma sobrancelha, analisando-me por alguns segundos. *Estás a tentar ser engraçada?*

Eu ri-me, encantada com o facto de ele ter mencionado a nossa última conversa. *Touché.* Sorri. *O que queres mostrar-me?*

Estão mesmo ali.

Estão?, perguntei, avançando na sua direção, descendo a entrada de carros e passando pelas árvores.

Ele assentiu com a cabeça, mas não explicou.

A *Phoebe* viu um pássaro a voar pelo relvado e saiu a correr atrás dele o mais rápido que as suas curtas pernas lhe permitiam.

Chegámos à sua pequena casa e subi alguns degraus até ao alpendre minúsculo, cujo espaço era apenas suficiente para uma cadeira de baloiço branca e uma pequena caixa.

Ele afastou a cadeira de baloiço e eu arquejei.

Oh, meu Deus!, afirmei, sustendo a respiração e aproximando-me.

Aquele som que disseste que ouviste há alguns dias era a Kitty a dar à luz.

Sorri à medida que baixava os olhos para a cadelinha que dormia, com

três minúsculas crias castanhas, agarradas preguiçosamente à sua barriga; tinham claramente acabado de comer e estavam embriagadas de tanto leite. Mas em seguida franzi as sobrancelhas quando me dei conta do que ele acabara de dizer. Levantei os olhos para o Archer. *O nome da tua cadela é Kitty?*

Ele afastou um pouco o cabelo do rosto e encarou-me. *Longa história. O meu tio confidenciou-me que os animais da nossa propriedade eram espões que trabalhavam para ele e deu-lhes nomes de acordo com isso. O nome completo dela é Kitty Storms. Foi treinada pela Agência de Informações Russa para Assuntos Estrangeiros. E trabalha para mim agora.*

Oh-oh... isto não era bom. *Estou a ver*, disse. *E tu acreditas nisso?* Fitei-o com uma expressão cautelosa.

Bem, as missões dela limitam-se principalmente à perseguição de esquilos e, ao que parece, fez sinal para onde a cadela dormia com as crias, *encontros às escondidas com indivíduos férteis do sexo masculino.* Algo que parecia um ar divertido dançava nos olhos dele.

Deixei escapar uma gargalhada e depois abanei a cabeça. *Então, o teu tio era um pouco...*

Paranoico, disse ele. *Mas inofensivo. Era um tipo porreiro.* Pensei ter visto um lampejo de tristeza cruzar o rosto do Archer, antes de ele virar outra vez a cabeça para as crias.

Toquei no braço do Archer, e ele sobressaltou-se e voltou-se para mim. *Soube que o teu tio faleceu há alguns anos. Lamento muito.*

Ele olhou para mim, os olhos a varrer-me o rosto. Assentiu, quase impetivelmente, e virou-se para as crias mais uma vez.

Examinei o perfil dele por alguns segundos, notando o quanto era bonito, pelo menos o que conseguia ver. Depois baixei-me para ver as crias mais de perto.

Sorri para o Archer quando ele se baixou ao meu lado. *Posso pegar num?*, perguntei.

Ele assentiu.

São machos ou fêmeas?

Dois machos e uma fêmea.

Peguei num corpinho quente e macio ao colo e aconcheguei-o ao peito, embalando-o e acariciando com o meu nariz o pelo macio. O cachorrinho choramingou e começou a fuçar a minha bochecha. O focinho molhado fazia-me rir.

Olhei para o Archer, que me observava com atenção, um leve sorriso nos lábios. Era o primeiro sorriso que eu lhe conseguia arrancar, e fiquei um pouco surpreendida. Fitei-o, os nossos olhos encontraram-se e ficaram presos, como no dia em que nos conhecemos. Senti-me confusa quando tudo dentro de mim pareceu acelerar. Fitei-o intensamente, roçando o rosto, distraída, na maciez aveludada da barriga gordinha do cachorro.

Passado um minuto, pousei a cria no chão, para poder utilizar as mãos

para fazer sinais. *Obrigada por me mostrares os cachorrinhos...*

Ele estendeu a mão e deteve as minhas, olhando-me nos olhos. Fitei-o com uma expressão indagadora e depois baixei os olhos para a sua grande mão pousada na minha. Tinha umas mãos lindas, fortes, mas elegantes ao mesmo tempo. Ergui os olhos para ele outra vez.

Ele levantou ambas as mãos e disse: *Podes falar comigo normalmente. Eu consigo ouvir-te, lembra-te?*

Pisquei os olhos e, após alguns segundos, também levantei as mãos. *Se não te importares, gostava de falar a tua língua.* Fiz um sorriso tímido.

Ele olhou-me com uma expressão indecifrável antes de se pôr de pé.

Tenho de voltar ao trabalho, disse.

Trabalho?, perguntei.

Assentiu com a cabeça, mas preferiu não explicar mais nada. Bom, muito bem, então.

Bom, então é melhor ir embora?

O Archer ficou apenas a olhar para mim.

Posso voltar?, perguntei. *Para ver as crias?*

Ele franziu a testa por um segundo, mas assentiu, concordando.

Expirei o ar. *OK. Se o teu portão estiver aberto, vou saber que não há problema em entrar.*

Ele acenou com a cabeça outra vez, quase impercetível.

Ficámos a olhar um para o outro durante mais alguns segundos antes de eu sorrir, virar-me e caminhar de volta pela entrada da garagem. Chamei a *Phoebe*, que veio a correr desta vez, e peguei-a ao colo. No portão, virei-me e ele ainda estava parado no mesmo lugar, a observar-me. Fiz um pequeno aceno e fechei o portão atrás de mim.

CAPÍTULO ONZE

BREE

No dia seguinte, passei pela entrada do Archer hesitante, mordendo o lábio. Ouvi o que parecia ser pedra a bater em pedra em algum lugar nas traseiras da sua casa. Quando dei a volta, vi o Archer, sem camisa, de joelhos, a colocar pedras no que parecia ser o início de um pátio lateral.

– Olá – disse eu baixinho, e ele ergueu depressa a cabeça. Parecia ligeiramente surpreso, mas... satisfeito? Talvez? Ele não era a pessoa mais fácil de decifrar com toda a certeza, especialmente porque eu não conseguia ver bem as suas feições debaixo da barba e do cabelo que lhe caía sobre a testa e ao redor do queixo.

Fez-me sinal com a cabeça e levantou a mão, indicando uma pedra enorme que estava do lado direito, e voltou ao trabalho.

Eu tinha saído do *snack-bar* às duas da tarde, depois fui para casa e tomei um banho rápido, montei na bicicleta e fui até à casa do Archer. Tinha deixado a *Phoebe* com a Anne porque não sabia se os outros cães podiam andar perto das crias para já.

Ao chegar ao portão do Archer, não conseguira evitar um sorriso ao constatar que estava ligeiramente aberto. Avancei até à pedra que ele acabara de indicar e sentei-me na borda, a observá-lo em silêncio por um momento.

Aparentemente, era pedreiro e calceteiro nas horas vagas? Devia ter sido ele quem fizera a longa entrada para os carros e o pátio à frente da casa. Era um tipo cheio de surpresas. Não pude deixar de notar a maneira como os seus bíceps se fletiam e contraíam quando ele erguia cada pedra e a colocava no lugar. Não era de admirar que fosse tão escultural. Tudo o que fazia era trabalhar.

– Bom, então, eu fiz uma lista – afirmei, olhando para ele enquanto me endireitava em cima da pedra grande, para ficar mais confortável.

O Archer ergueu os olhos para mim, de sobrancelhas levantadas.

Eu estava a usar a voz para comunicar com ele para que pudesse

continuar a trabalhar sem ter de olhar para mim.

Mas ele sentou-se de joelhos, pousou as mãos enluvadas nas coxas musculadas, e encarou-me. Vestia uns calções de ganga desbotados, joelheiras e botas de trabalho. O tronco nu estava bronzado e com uma leve camada de suor.

Uma lista?, perguntou.

Assenti com a cabeça, mantendo o papel sobre o colo. *Nomes. Para as crias.*

Ele inclinou a cabeça para o lado. *OK.*

Então, disse: *Estás à vontade para discordar, afinal os cães são teus, mas pensei que Ivan Granite, Hawk Stravinski e Oksana Hammer eram boas escolhas.*

Ele ficou a olhar fixamente para mim. E depois o seu rosto fez algo milagroso. Abriu-se num sorriso.

A minha respiração ficou presa na garganta e fiquei boquiaberta. *Agradam-te?*, perguntei.

Sim, agradam-me, disse ele.

Assenti com a cabeça, um ligeiro sorriso a tomar conta de mim. *Bem, OK, então.*

Fiquei ali sentada mais um momento, aproveitando o sol de verão e a sua presença, enquanto o observava a trabalhar... o seu corpo forte a movimentar as pedras, posicionando-as no lugar em que queria.

Olhou para mim algumas vezes e fez-me um pequeno sorriso tímido. Não trocámos muitas palavras depois disso, mas o silêncio entre nós era confortável e sociável.

Por fim, levantei-me e disse:

– Tenho de ir, Archer. A minha vizinha, a Anne, tem um compromisso e preciso de ir buscar a *Phoebe*.

O Archer também se levantou, limpou as mãos às coxas e assentiu com a cabeça. *Obrigado*, gesticulou.

Sorri, assenti e encaminhei-me para o seu portão. Pedalei de volta a casa com um sorrisinho de satisfação no rosto.

* * *

Dois dias depois, passei pela casa do Archer vinda da pequena praia do lago, e o portão estava ligeiramente aberto outra vez. Um arrepio percorreu-me a espinha quando desci da bicicleta. Entrei e desci a entrada da garagem, com a *Phoebe* nos braços.

Bati à porta, mas ninguém respondeu, por isso segui os sons de latidos dos cães que vinham da direção do lago. Quando passei por entre as árvores, vi o Archer e a *Kitty* um pouco mais à frente na praia. Fui ao seu encontro e, quando ele me viu, fez-me um ligeiro sorriso tímido e disse: *Olá.*

Sorri, estreitando os olhos por causa do sol forte. Pousei a *Phoebe* no

chão e disse: *Olá.*

Caminhámos ao longo da margem durante algum tempo, num silêncio tranquilo. Quanto mais tempo passávamos juntos, mesmo sem falar, mais confortável me sentia com ele. Conseguiu perceber que ele também se sentia cada vez mais à vontade perto de mim.

O Archer apanhou uma pedra na praia e atirou-a ao lago. Ela fez ricochete várias vezes na água, mal levantando um respingo da superfície tranquila. Eu ri-me, surpreendida:

Mostra-me como fizeste isso!

O Archer observou as minhas mãos, depois olhou para a areia da praia, à procura de uma pedra.

Encontrou uma que o satisfizes e deu-ma. *Quanto mais plana, melhor, explicou. Agora atira-a como se fosse um disco, de modo a que a parte plana toque ligeiramente na superfície da água.*

Assenti com a cabeça e preparei-me para atirar. Lancei-a e observei enquanto deslizava pela superfície da água uma vez, depois fazia ricochete e voltava a acertar a água. Gritei e o Archer sorriu.

Ele apanhou outra pedra pequena e atirou-a ao lago. Bateu na superfície, e saltou umas vinte vezes.

– Exibicionista – resmunguei.

Olhei para o rosto divertido dele. *És bom em tudo o que fazes, não és?*, perguntei, inclinando a cabeça para o lado e semicerrando os olhos.

Pareceu pensativo durante uns momentos, antes de responder por gestos: *Sim.*

Eu ri-me. Ele encolheu os ombros.

Passado um minuto, perguntei: *O teu tio deu-te aulas em casa?*

Ele olhou para mim. *Sim.*

Ele devia ser inteligente.

O Archer pensou nisso por um instante. *Sim, era. Principalmente em Matemática e tudo o que se relacionava com Ciências. A mente dele divagava, mas ensinou-me o que eu precisava de saber.*

Assenti com a cabeça, lembrando-me de que a Anne me contara que o Nathan Hale sempre fora inteligente na escola. *Antes de vir para aqui, fiz perguntas sobre ti na cidade*, disse, sentindo-me um pouco tímida.

O Archer olhou para mim e franziu levemente a testa. *Porquê?*

Inclinei a cabeça e considerei a pergunta. *Depois da primeira vez que nos vimos... alguma coisa em ti me despertou o interesse.* Mordi o lábio. *Queria conhecer-te.* As minhas bochechas enrubesceram.

O Archer olhou-me por um momento, como se quisesse perceber algo. Depois pegou noutra pedra e atirou-a ao lago, fazendo-a saltar tantas vezes que os meus olhos a perderam de vista antes que parasse.

Abanei a cabeça devagar. *Se elas soubessem...*

Ele virou-se na minha direção. *Se quem soubesse o quê?*

Todas as pessoas na cidade. Algumas delas acham que não és bom da

cabeça, sabes? Ri-me baixinho. Dá vontade de rir, na verdade.

O Archer encolheu os ombros outra vez, pegou num pau e atirou-o à Kitty, que vinha na nossa direção pela praia.

Porque é que deixas que pensem assim?

Soltou um suspiro e fitou o lago durante alguns segundos antes de se virar para mim. *É mais fácil assim.*

Eu observei-o e depois suspirei. *Não gosto disso.*

As coisas são assim há muito tempo, Bree, está tudo bem. Funciona para todos os envolvidos.

Não entendi exatamente, mas pude ver as linhas tensas do seu corpo enquanto falávamos sobre a cidade, por isso recuei, querendo que ele se sentisse confortável comigo outra vez.

Então, o que é que me podes ensinar mais?, perguntei em jeito de provocação, mudando de assunto.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou-me nos olhos. Senti um aperto na barriga, e um estranho enxame de borboletas vibrou sob as minhas costelas. *O que é que tu podes ensinar-me?*, perguntou ele.

Abanei a cabeça ao de leve, batendo com a ponta do dedo nos lábios. *Acho que posso ensinar-te uma ou duas coisas.*

Ai sim? O quê? Os seus olhos brilharam ligeiramente, mas depois desviou-os.

Engoli em seco.

– Hum – sussurrei, mas depois continuei a gesticular, para que ele tivesse de olhar novamente para mim. *Eu era uma ótima cozinheira.* Não sabia bem por que razão disse isso. Na verdade, não tinha nenhuma intenção de cozinhar para ninguém ou de ensinar ninguém a cozinhar. Mas naquele momento, foi a primeira coisa que me veio à cabeça e queria preencher o estranho constrangimento que se havia instalado entre nós.

Queres ensinar-me a cozinhar?

Anuí lentamente. *Quero dizer, se essa não for uma das muitas coisas que já dominas.*

Ele sorriu. Ainda não estava habituada aos seus sorrisos, e este em especial fez o meu coração acelerar um pouco. Eram como um presente raro que ele distribuía. Recolhi-o e guardei-o em algum lugar dentro de mim.

Eu ia gostar disso, disse ele passado um minuto.

Assenti, sorrindo, e ele presenteou-me com outro sorriso.

Percorremos a margem do lago por mais uma hora, recolhendo pedras e atirando-as à água até eu conseguir que a minha ricocheteasse três vezes.

Quando mais tarde cheguei a casa, percebi que não tinha um dia assim tão bom há muito tempo.

No dia seguinte, embrulhei algumas sanduíches no *snack-bar*, fui para

casa, tomei um banho, troquei de roupa, meti a *Phoebe* no cesto da bicicleta e fui a casa do Archer. Apesar de ser eu quem ia a casa dele e de ter tomado a iniciativa para que passássemos algum tempo juntos, senti que ele também estava a esforçar-se, ao permitir que eu o visitasse.

Então, Archer, disse, se o teu tio não sabia a língua gestual, como é que comunicavas com ele?

Estávamos no relvado dele, com a *Kitty* e as crias deitadas numa manta, os seus pequenos corpos gorduchos a andar ali à volta, perdidos na sua cegueira, antes que a mãe os trouxesse de novo para perto dela.

A *Phoebe* também estava deitada ali perto. Mostrava-se ligeiramente curiosa em relação às crias, mas não lhes prestava muita atenção.

O Archer olhou para mim de onde estava deitado, com a cabeça apoiada na mão. Sentou-se devagar para poder usar as mãos.

Eu não falava muito. Encolheu os ombros. *Eu escrevia, se fosse alguma coisa importante. Caso contrário, só ouvia.*

Encarei-o em silêncio por um minuto, desejando poder vislumbrar melhor a expressão do seu rosto, mas estava escondida sobre todo aquele cabelo despenteado. *Como é que aprendeste a língua gestual?*, perguntei por fim.

Aprendi sozinho.

Inclinei a cabeça, dando uma dentada na sanduíche de pastrami que tinha na mão. O Archer tinha devorado a dele em trinta segundos, comendo-a quase toda de uma vez, mas partilhando uns pedaços de pastrami com a *Kitty*. Pousei a sanduíche. *Como? Através de um livro?*

Ele assentiu com a cabeça. *Sim.*

Tens computador?

Ele ergueu os olhos para mim, franzindo a testa ligeiramente. *Não.*

Tens eletricidade?

O Archer olhou-me com uma expressão divertida. *Sim, tenho eletricidade, Bree. Toda a gente tem, certo?*

Preferi não o elucidar que ele parecia alguém que não tinha necessariamente *algum* tipo de confortos modernos. Inclinei a cabeça. *Tens televisão?*, perguntei passado um minuto.

Ele abanou a cabeça. *Não, tenho livros.*

Assenti, analisando o homem à minha frente. *E todos estes projetos que fazes... trabalho com as pedras, jardinagem... também aprendeste sozinho?*

Ele encolheu os ombros. *Qualquer um pode aprender a fazer qualquer coisa, se tiver tempo. Eu tenho tempo.*

Aquiesci, retirando um pedaço de carne que saía da minha sanduíche e mastigando por um instante antes de perguntar: *Como é que arranjaste todas as pedras para a entrada da garagem e para o pátio?*

Algumas recolhi à volta do lago; outras, comprei na cidade, na loja de jardinagem.

E como é que as trouxeste para cá?

Transportei-as, disse ele, olhando-me como se tivesse feito uma pergunta absurda.

Então, não conduzes?, perguntei. *Vais a pé para todo o lado?*

Sim, respondeu, encolhendo os ombros.

OK, chega de perguntas, disse ele. *E tu? O que estás a fazer em Pelion?*

Observei-o por um momento antes de responder, os seus olhos castanho-dourados a fitar-me, à espera do que eu ia dizer. *Estou numa espécie de viagem...* comecei, mas depois interrompi. *Não, sabes que mais? Eu fugi*, disse-lhe. *O meu pai... faleceu e... aconteceram outras coisas, com as quais lidei com dificuldade, entrei em pânico e fugi*. Suspirei. *Não sei bem porque te contei isto, mas é a verdade*.

Ele observou-me por mais tempo do que aquele que me deixava confortável, o que me fez sentir-me exposta, e desviei os olhos. Quando vi as suas mãos a moverem-se na minha visão periférica, olhei para ele. *Está a funcionar?*, indagou.

– O que é suposto estar a funcionar? – sussurrei.

Fugir, gesticulou. *Está a ajudar?*

Olhei para ele. *De um modo geral, não*, respondi por fim.

Ele assentiu com a cabeça, encarando-me, pensativo, antes de desviar os olhos.

Fiquei contente por não tentar dizer-me algo encorajador. Às vezes, um silêncio compreensivo era melhor do que dizer imensas palavras sem sentido.

Olhei à volta, para o pátio imaculado, para a casinha, pequena, mas bem cuidada. Queria perguntar-lhe como tinha ele dinheiro para viver ali, mas achei que não seria educado. Provavelmente vivia com o dinheiro de algum seguro que o tio lhe deixara... ou talvez os pais.... Deus, ele já tivera tantas perdas.

Então, Archer, disse finalmente, levando a conversa noutra direção, *aquela aula de culinária que mencionei... Estás disponível este sábado? Em tua casa. Às cinco da tarde?* Ergui uma sobrancelha.

Ele sorriu ligeiramente. *Não sei, tenho de consultar a minha agenda*.

Grunhi. *Estás a tentar ser engraçado?*

Ele arqueou uma sobrancelha.

Melhor, afirmou.

O sorriso dele ficou maior. *Obrigado, tenho andado a trabalhar nisso*.

Eu ri-me. Os olhos dele brilharam e moveram-se para a minha boca. Aquelas borboletas voltaram a esvoaçar e ambos desviámos os olhos.

Passado um tempo, reuni as minhas coisas e a minha cadelinha, despedi-me do Archer e comecei a encaminhar-me para a entrada da garagem. Quando cheguei ao portão, parei e olhei para a pequena casa atrás de mim. De repente, ocorreu-me que o Archer Hale aprendeu sozinho uma língua, mas não tinha uma única pessoa com quem conversar.

Até eu aparecer.

No dia seguinte, quando levava uma sandes Reuben com batatas fritas ao Cal Tremblay e uma sandes de *bacon*, alface e tomate com salada de batata ao Stuart Purcell na mesa três, a sineta da porta tilintou e vi o Travis entrar, fardado. Ele fez-me um grande sorriso e apontou para o balcão, perguntando se eu estava a servir ali também. Sorri e assenti, dizendo em voz baixa:

– Estou a ir.

Entreguei os pratos que levava nas mãos, voltei a encher os copos de água e regresssei ao balcão, onde o Travis já estava sentado.

– Olá – saudei, sorrindo. – Como estás? – Levantei a cafeteira e ergui as sobrancelhas interrogativamente.

– Por favor – disse ele, aceitando o café, e eu comecei a servir. – Tenho andado a tentar ligar-te – afirmou o Travis. – Estás a evitar-me?

– Evitar... ah, que treta! Os meus minutos acabaram. Raios. – Levei a mão à testa. – Desculpa, o meu telefone é um desses pré-pagos e uso-o muito raramente.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

– Não tens família com quem tenhas de manter contacto?

Abanei a cabeça.

– Alguns amigos, mas o meu pai faleceu há seis meses e... não, na verdade, não há ninguém.

– Meu Deus, lamento muito, Bree – disse ele, com uma expressão preocupada no rosto.

Fiz um gesto com a mão, indicando que não precisava de se preocupar. Recusava-me a ser emotiva no trabalho.

– Está tudo bem. Estou bem. – Eu estava quase sempre bem. Andava até melhor nesses últimos dias.

O Travis observou-me por um segundo.

– Bem, a razão de te ter ligado era para saber se sempre queres ir jantar, como tínhamos falado?

Encostei a anca ao balcão e fiz-lhe um sorriso.

– Então, tentaste localizar-me quando não atendi o telefone?

Ele sorriu.

– Bem, não chamaria a isso exatamente de uma operação de localização digna de um espião de alto nível.

Eu ri-me, mas as palavras dele fizeram-me lembrar o Archer e, por alguma estranha razão, algo semelhante a culpa agitou-se no meu peito. O que era aquilo? Não fazia ideia. A nossa amizade estava a florescer, mas ele ainda era bastante fechado em relação a muitos aspetos. Eu compreendia-o, penso, e o facto de toda a cidade o ignorar, quando, na verdade, ele era um homem incrivelmente inteligente e gentil que, até onde eu podia dizer, nunca fizera nada de mal a ninguém, deixava-me exasperada. Não era justo.

– Olá, Terra chama Bree – disse o Travis, interrompendo os meus devaneios. Eu estivera a fitar o exterior pela janela.

Abanei a cabeça ligeiramente.

– Desculpa, Travis. Acabei por me perder nos meus pensamentos por um momento. O meu cérebro às vezes é um buraco negro. – Ri-me baixinho, envergonhada. – De qualquer modo, hum... claro, vou jantar contigo.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Bem, tenta não parecer demasiado animada com isso.

Eu ri-me, abanando a cabeça.

– Não, desculpa, é que... é só jantar, certo?

O Travis sorriu.

– Bem, talvez um aperitivo... talvez até uma sobremesa...

Eu ri-me.

– OK.

– Sexta-feira à noite?

– Sim, está bem. – Ergui um dedo para um casal que acabara de se sentar numa das mesas, e eles sorriram.

– Tenho de voltar ao trabalho, mas vejo-te na sexta? – Anotei o meu endereço numa folha do meu bloco e entreguei-lha.

– Sim, que tal ir buscar-te às sete?

– Perfeito. – Sorri. – Até lá. – Enquanto contornava o balcão para ir até à mesa, pude vê-lo a recostar-se no banco para observar o meu rabo enquanto eu me afastava.

CAPÍTULO DOZE

BREE

Saí do trabalho cedo na sexta-feira e regressei a casa para me preparar para o encontro com o Travis.

Tomei um longo banho quente e dediquei um tempo extra ao meu cabelo e à maquilhagem, tentando animar-me por ser apenas uma rapariga prestes a sair para um encontro.

E se ele me beijasse? Senti um frio nervoso na barriga. Estranhamente, mais uma vez, o Archer surgiu-me na mente bem como um vago sentimento de culpa. Era uma tolice... o Archer era só um amigo. Pensei que talvez houvesse algo entre nós, apesar de não ter a menor ideia do que pudesse ser. Era um território confuso, estranho e desconhecido para mim. Ele tinha um rosto bonito, pelo que podia ver, mas será que estava atraída por ele? Franzi a testa para a minha imagem refletida no espelho. Ele tinha, sem dúvida, um corpo bonito – não, ele tinha um corpo *incrível*, de deixar qualquer uma de queixo caído – e eu estava sempre a admirá-lo, mas seria atração? Como podia sentir-me atraída por alguém tão diferente de qualquer outra pessoa que já me atraía antes? Ainda assim, não podia negar o seu charme. Quando pensava nele e imaginava o seu sorriso tímido e o modo como os olhos dele observavam constantemente a mais pequena coisa em mim, sentia borboletas na barriga. Sim, havia alguma coisa ali – eu só não sabia exatamente *o quê*.

O Travis, por outro lado, parecia alguém por quem era mais fácil de me sentir atraída. Ele tinha tudo: postura confiante e o tipo de beleza que qualquer rapariga no seu perfeito juízo acharia atraente. Aparentemente, eu não estava exatamente no meu perfeito juízo. Mas talvez dar-me um empurrãozinho fosse uma coisa boa, uma coisa necessária. Já fazia mais de seis meses...

Terminei a minha maquilhagem. Não precisava de complicar muito esta situação. Era apenas um encontro com um tipo bonito e simpático.

E não precisava de estar tão nervosa. Não era inexperiente... e não era virgem. Tinha tido três namorados relativamente sérios na faculdade e até

chegara a pensar que estava apaixonada por um deles. No final das contas, descobri que o tal namorado estava apaixonado por todas as raparigas do meu dormitório – ou, pelo menos, apaixonado pela ideia de levá-las para a cama nas minhas costas. E a história não acabou bem. Mas a questão era que eu não precisava de ficar nervosa por causa do Travis Hale. Isto era só um encontro, um primeiro encontro. E se não quisesse sair com ele outra vez, não sairia. Simples.

O Travis bateu à porta às sete horas em ponto, lindo num par de calças mais formais e uma camisa. Eu tinha escolhido um vestido preto traçado, que abraçava as minhas poucas curvas, e estava com umas sandálias prateadas de salto alto. Tinha deixado o cabelo solto, e enrolei-o ligeiramente com um modelador. Ele olhou-me com admiração e entregou-me um buquê de rosas vermelhas que tinha nas mãos, já numa jarra de vidro.

– Estás linda, Bree.

Levei as flores ao nariz e sorri.

– Obrigada – disse, pousando a jarra na mesa perto da porta e dando-lhe o braço, enquanto caminhávamos até à sua carrinha grande e prateada.

Ele ajudou-me a entrar e fomos a conversar sobre a minha adaptação a Pelion durante a viagem até ao restaurante.

Levou-me a um lugar chamado Cassell's Grill, do outro lado do lago, que eu já ouvira dizer que era o melhor restaurante da região. O que eu tinha ouvido parecia bastante provável – era acolhedor, romântico e tinha uma bela vista da costa através das enormes janelas que o rodeavam.

Quando nos sentámos à nossa mesa e eu comentei como o restaurante era lindo, o Travis disse:

– Em breve não teremos de atravessar o lago para vir a lugares como este. Teremos várias escolhas em Pelion.

Ergui os olhos do menu.

– Então gostas das mudanças propostas, certo?

Ele assentiu com a cabeça.

– Sim, gosto. Não só irão modernizar a cidade, como garantirão mais rendimentos para todos, incluindo a minha família. Acho que, no fim de contas, a maioria das pessoas ficará feliz.

Acenei com a cabeça, refletindo sobre aquilo. Pelas conversas que ouvira no *snack-bar*, a maioria das pessoas na cidade não gostava da ideia de transformar Pelion noutro destino turístico grande e moderno.

– E mais – continuou o Travis –, em breve vou tomar posse das terras onde a cidade está construída, por isso já estou a trabalhar em alguns projetos com a minha mãe.

Levantei os olhos para ele, surpreendida.

– Ah, não fazia ideia – exclamei.

O Travis tinha uma expressão ligeiramente presunçosa no rosto. Bebeu um gole de água e disse:

– As terras em que a cidade foi construída estão na minha família desde

que a primeira povoação de Pelion fez dela o seu lar. E sempre foram transmitidas de um filho primogénito para outro, quando este completa vinte e cinco anos. Deste fevereiro a um ano, estarei a gerir as coisas.

Assenti. Antes de me mudar para Pelion, não sabia que as pessoas podiam ser *donas* de cidades inteiras.

– Estou a ver. Bem, isso é fantástico, Travis. E o facto de teres seguido as pisadas do teu pai e teres-te tornado polícia... admiro muito isso.

O Travis pareceu satisfeito. Jantámos, bebemos vinho e ele manteve a conversa leve e divertida. Estava a ser uma noite agradável. Quando íamos a meio da refeição, ele perguntou-me o que eu andava a fazer para me divertir na cidade, além de ter saído com a Melanie e a Liza. Fiz uma pausa e depois respondi:

– Na verdade, tenho passado algum tempo com o Archer.

O Travis engasgou-se com a água que estava a beber, levando o guardanapo aos lábios.

– O Archer? Estás a brincar, não é?

Abanei a cabeça, franzindo a testa.

– Não. Sabias que ele sabe a língua gestual?

– Ah, não – respondeu o Travis. – Ele nem sequer olhou para mim da última vez que o vi na cidade.

Observei-o.

– Hum, bem, ele não é uma pessoa que confia nos outros com facilidade. Mas acho que tem uma boa razão para isso. Talvez devesse esforçar-te um pouco mais.

Ele fitou-me por cima da borda da taça de vinho antes de dar um gole.

– Talvez. OK. – Ficou em silêncio por um momento. – E o que é que vocês fazem os dois juntos?

– Bem – respondi –, na maior parte do tempo conversamos. Também sei a língua gestual... o meu pai era surdo.

Ele pareceu surpreendido por um momento.

– Bem, que coincidência! O que é que o Archer tem a dizer exatamente?

Encolhi os ombros.

– Conversamos sobre imensas coisas. Ele é gentil, inteligente e... interessante. Gosto dele.

O Travis franziu a sobancelha.

– Muito bem, mas, Bree, tem cuidado com ele, está bem? Ele não é lá muito... estável. Sei disso muito bem. Confia em mim. – Ergueu os olhos para mim com uma expressão preocupada. – Não quero que ele faça nada que te magoe.

Assenti com a cabeça para ele.

– Não estou preocupada com isso – respondi em voz baixa.

Não lhe perguntei nada sobre o pai dele e o pai do Archer, embora soubesse um pouco sobre a suposta rivalidade entre eles. Por alguma estranha razão, queria ficar a par dessa história pelo Archer, não pelo Travis. Não tinha

certeza exatamente porquê... talvez fosse o facto de o Archer e eu já termos criado uma amizade maior do que a que tinha com o Travis até então.

De qualquer modo, o Travis mudou de assunto depois disso e voltámos a temas mais ligeiros. Depois de ter pago a conta, voltámos para a sua carrinha, ele pegou na minha mão no banco e segurou-a durante todo o caminho de volta até ao meu chalé.

Acompanhou-me até à porta, aquelas borboletas a esvoaçarem outra vez. Quando chegámos ao meu alpendre e me virei para ele, o Travis segurou-me o rosto entre as mãos e pressionou os lábios contra os meus. A sua língua fez força para entrar na minha boca e eu paralisei um pouco, mas ele pressionou-a e, ao fim de alguns segundos, relaxei. Beijou-me com habilidade, as mãos desceram para os meus ombros, em seguida deslizaram-me pelas costas sem que eu percebesse, até me segurar o traseiro e me puxar contra o seu corpo. Senti a excitação dele através das suas calças e interrompi o beijo, ambos a respirar com dificuldade quando fitei os seus olhos cheios de desejo. Alguma coisa parecia... desligada. Devia ser eu. Precisava de ir devagar. A última vez que um homem olhou para mim com desejo fora no momento mais traumático da minha vida. Eu precisava de avançar mesmo muito devagar.

Sorri para o Travis.

– Obrigada por esta noite tão agradável – disse. Ele retribuiu o meu sorriso e beijou-me na testa com delicadeza.

– Eu ligo-te. Boa noite, Bree.

Virou-se e desceu os degraus; e, quando a sua carrinha arrancou, entrei em casa e fechei a porta atrás de mim.

* * *

No dia seguinte, acordei cedo, tive um *flashback* horrível... aparentemente, sair à noite com um tipo bonito também não era a cura... e arrastei-me até à cozinha para beber uma chávena de chá quente.

Quando me lembrei de que hoje era o dia da minha aula de culinária com o Archer, a felicidade esvoaçou-me levemente no peito, substituindo a sensação de pavor do *flashback*. Precisava de pensar no que iria ensinar-lhe. Senti um baque no peito quando pensei em cozinhar outra vez. Seria boa ideia? Ontem à noite tinha pensado em ir devagar no que se referia à intimidade, e o mesmo se aplicava a cozinhar. Na verdade, não me ia lançar na preparação de uma refeição complicada. Ia mostrar ao Archer como preparar algo simples. Seria perfeito. Sentia-me bem em relação a isso. E mal podia esperar por passar tempo com ele.

Estava imóvel diante do lava-loiça, retirei o saquinho de chá e bebi cuidadosamente o líquido quente enquanto pensava em tudo aquilo, sentindo-me melhor. O *flashback* tinha sido mau, mas mais uma vez, eu ia ficar bem. Até ao dia seguinte, quando aconteceria outra vez. Debrucei-me pesadamente na bancada, tentando não deixar que esse pensamento deprimente tomasse

conta de mim.

Felizmente foi um dia de trabalho intenso no *snack-bar* e as horas pareceram voar. Quando o meu turno acabou, fui para casa, tomei banho, vesti uns calções de ganga e uma camisola de alças e sentei-me à mesa da cozinha a fazer uma lista de ingredientes. Quando terminei, peguei na mala, nas chaves e calcei os chinelos.

Dez minutos mais tarde, estava a estacionar no parque do supermercado no centro da cidade. Sorri para mim mesma enquanto me dirigia para a porta da frente, recordando a última vez que ali estivera e de como me tinha sentido quando o Archer se virara e me desejara boa-noite. Sentira-me como aquela pessoa que percebe que ganhou a lotaria. Duas palavras de um rapaz que vivia em silêncio – a minha sorte inesperada. Isso *emocionou-me!*

Desta vez passei na caixa registadora com dinheiro suficiente e conduzi de volta ao meu chalé.

Os homens gostam de bife e de batatas. E o Archer morava sozinho. Pensei em ensinar-lhe a fazer um bife perfeito, além de batatas gratinadas simples, acompanhadas de feijão-verde no forno com queijo parmesão.

Enquanto estava a escolher frutas para preparar uma sobremesa, lembrei-me dos arbustos de amoras no bosque perto da praia. Eu não tinha mais nenhuma tarefa até à hora de ir para casa do Archer, por isso pensei que apanhar amoras para fazer um bolo seria um bom plano. Acondicionaria tudo o que comprara e iria até ao lago por volta das quatro e meia para ter cerca de meia hora para colher a quantidade de amoras de que precisava. Era melhor aproveitar para apanhar fruta silvestre enquanto podia. Além disso, era um trabalho agradável e que não exigia pensar, o que resultava em algo maravilhoso. Gostava da ideia.

Quando regresssei ao chalé, preparei tudo e guardei os ingredientes em *tupperwares* dentro da minha geleira. Todas as coisas que levava teriam de ir presas à parte de trás da bicicleta e na cesta, mas achei que ia correr tudo bem.

A *Phoebe* teria de ficar excluída deste passeio, mas ela sobreviveria. Iria levá-la a fazer uma caminhada mais longa junto ao lago no dia seguinte.

Saí para o ar quente e ligeiramente abafado e sorri, a felicidade inundava-me. Porque estava mais animada por ir ensinar o meu rapaz estranho e silencioso a cozinhar do que me sentira ao beijar o tipo mais cobiçado da cidade no meu alpendre na noite anterior? *Uau*. Fiquei parada ao lado da bicicleta por um instante. *O meu rapaz estranho e silencioso? Menos, Bree... Limita-te a subir para a bicicleta e vai mostrar ao teu amigo como preparar uma refeição decente para si mesmo.*

Deixei a bicicleta apoiada numa árvore à entrada da praia, como sempre, e caminhei até ao início do bosque. Afastei com cuidado os galhos e arbustos, enquanto ia espreitando. Lá estavam eles – vários pés de amora, carregados de frutos maduros, prontos para serem apanhados. Seria uma pena deixar tudo aquilo apodrecer e cair no chão.

Passei lenta e cautelosamente entre os arbustos, evitando os galhos mais

pontiagudos que se projetavam no caminho. Quando consegui passar pelos arbustos maiores, cheguei a uma clareira, onde conseguia mexer-me com mais facilidade para colher os frutos.

Fui até um dos pés e arranquei uma baga madura e macia, levando-a à boca. Fechei os olhos ao sentir a explosão de sabor adocicado na língua e gemi baixinho. Céus, era muito boa. Dariam uma tarte deliciosa.

Comecei a apanhar as amoras com cuidado, colocando-as dentro de uma pequena cesta que levava comigo. Passado algum tempo, comecei a cantarolar. Estava mais fresco ali, as árvores impediam a entrada do calor do sol do fim de tarde, apenas alguns raios atravessavam as copas, a sua calidez acariciando-me a pele quando passava por eles.

Avancei mais para dentro do bosque em direção a um arbusto solitário de amoras silvestres, muito carregado. Estendi a mão na sua direção, de sorriso nos lábios, quando de repente o meu tornozelo se torceu bruscamente e fui agarrada violentamente por trás, os meus braços agitados no ar, e bati com a cabeça no chão antes de o meu corpo ser catapultado para cima, erguido no ar.

Gritei, gritei e gritei, mas ele não me soltava. Ele encontrara-me – tinha ido atrás de mim. E, desta vez, ia matar-me. Lutei, debati-me e gritei, mas isso só serviu para que me agarrasse com mais força.

Estava a acontecer outra vez. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Estava a acontecer outra vez.

CAPÍTULO TREZE

ARCHER

Encaixei as últimas pedras no lugar e recuei uns passos para observar o trabalho. Fiquei satisfeito com o que vi. O padrão circular provou ser um pouco desafiante, mas no final tudo se resumia a matemática. Tinha concebido tudo no papel primeiro, mapeando o diagrama e o espaço antes mesmo de colocar a primeira pedra. Em seguida, usei cordas e estacas para me certificar de que a inclinação ficaria no ângulo correto, para que a chuva fluísse para longe da casa. Parecia bom. Amanhã iria buscar um pouco de areia à margem do lago, para pôr entre as fendas e molharia tudo.

Mas neste momento, precisava de tomar banho e de me preparar para a Bree. *Bree*. Senti um calor a preencher-me o peito. Ainda não estava cem por cento certo dos motivos dela, mas tinha-me permitido começar a ter esperança de que era mesmo amizade que ela procurava. Porquê comigo, não sabia. Tudo tinha começado com a língua gestual e, talvez para ela, isso tivesse preenchido alguma coisa. Queria perguntar-lhe porque queria passar tempo comigo, mas não conhecia as regras sociais para esta situação. Podia perceber de diagramas avançados de alvenaria, mas quando se tratava de outras pessoas, sentia-me perdido. Era mais fácil fingir que elas simplesmente não existiam.

Claro, já tinha passado tanto tempo que nem me recordava como tinha começado – se fora a cidade a agir como se eu fosse invisível ou se eu tinha deixado claro que *queria* ser invisível. De qualquer modo, agora aceitava isso. Assim como obviamente fizera o meu tio Nate.

– É bom, Archer – dissera ele, passando a mão pela minha cicatriz. – Não há ninguém nesta terra verde de Deus que possa torturar-te para obter informações. Mostras-lhes a tua cicatriz e finges que não entendes, que eles deixar-te-ão em paz. – E assim tinha feito, mas não foi difícil. Ninguém queria acreditar em algo diferente. Ninguém se importava.

E, agora, tanto tempo se passou que eu senti que não havia forma de

voltar atrás. E estava bem com isso – até ela surgir, a dançar, na minha propriedade. E agora, eu estava a ter todo o tipo de ideias malucas e indesejadas na cabeça. E se fosse vê-la ao *snack-bar* onde trabalhava? Sentava-me apenas ao balcão a beber uma chávena de café como se fosse uma pessoa normal?

Mas como é que pediria uma chávena de café? Apontava para as coisas como uma criança de três anos, enquanto as pessoas riam e abanavam a cabeça com pena do pobre mudo? De maneira nenhuma. O simples pensamento encheu-me de ansiedade.

Estava a sair do chuveiro quando ouvi um grito ao longe. Dei um salto e vesti as calças de ganga rapidamente, enfiando a *T-shirt* enquanto corria para a porta. Sapatos... sapatos... Olhei em volta e os gritos continuaram. Parecia a voz da Bree. *Esquece os sapatos*. Saí a correr de casa rumo à floresta.

Segui o som dos gritos angustiados pelos arbustos, descendo na direção do lago no limite das minhas terras. Quando a vi, enrolada na rede, a debater-se e a agitar os braços, de olhos fechados, a gritar e a chorar, o coração disparou-me no peito. O tio Nate e as suas malditas armadilhas! Se já não estivesse morto, tê-lo-ia matado.

Corri até à Bree e aproximei as minhas mãos dela, dentro do emaranhado de cordas. Ela sobressaltou-se e começou a choramingar, levando as mãos à cabeça e enrolando o corpo numa bola, o máximo que conseguia dentro da armadilha. Parecia um animal ferido. Queria rugir, com a raiva a tomar conta de mim, diante da minha incapacidade em conseguir tranquilizá-la. Não conseguia dizer-lhe que era eu. Abri a parte de cima da armadilha. Sabia como funcionavam aquelas coisas; afinal, montara várias delas com o tio Nate, sentado nas pedras perto do lago, enquanto ele planeava a segurança da sua fortaleza.

A Bree tremia violentamente, deixando escapar pequenos gemidos, o corpo tenso sempre que as minhas mãos a tocavam. Baixei-a até ao chão e removi as cordas que estavam à volta do seu corpo. Depois peguei nela ao colo e regressei a casa pelo bosque.

A meio do caminho, ela abriu os olhos e olhou para mim, com lágrimas espessas a correr pelo rosto. O meu coração batia depressa no peito, não pelo esforço de a carregar colina acima – ela parecia uma pena nos meus braços, de tanta adrenalina que me corria nas veias –, mas por causa do medo e da devastação que vi estampados no seu lindo rosto. Havia uma grande marca vermelha na sua testa, onde provavelmente batera com a cabeça antes de a armadilha a içar. Não era de admirar que estivesse tão confusa. Cerrei o maxilar, jurando novamente acertar as contas com o Nate quando o encontrasse no Além.

Quando a Bree olhou para cima, pareceu reconhecer-me, os olhos arregalados a varrer-me o rosto. Mas depois contraiu o rosto e começou a soluçar, pondo os braços à volta do meu pescoço e pressionando a cara contra o meu peito. O choro fazia o seu corpo convulsionar. Segurei-a com mais

força quando pisei o relvado em frente à minha casa.

Abri a porta com um pé, entrei e sentei-me no sofá, com a Bree ainda nos braços, a chorar desesperadamente, as lágrimas a encharcar-me a *T-shirt*.

Não sabia bem o que fazer, por isso fiquei ali sentado, a abraçá-la enquanto ela chorava. Passado algum tempo, percebi que estava a embalá-la e que os meus lábios estavam encostados ao cimo da sua cabeça. Era o que a minha mãe costumava fazer quando eu me magoava ou ficava triste por algum motivo.

A Bree chorou durante muito, muito tempo, mas por fim os soluços foram diminuindo e a respiração quente no meu peito saía em jatos mais suaves.

– Eu não dei luta – disse ela baixinho após alguns minutos.

Afastei-a só um pouco do meu corpo para que ela pudesse ver os meus olhos inquisidores.

– Eu não dei luta – repetiu, abanando ligeiramente a cabeça. – E também não teria lutado, se ele não tivesse fugido. – Ela cerrou os olhos, mas tornou a abri-los segundos depois, olhando-me com tristeza.

Levantei-a um pouco e deitei-a no sofá, a cabeça apoiada na almofada, numa das pontas. Os meus braços estavam doridos e com câibras por estar a segurá-la na mesma posição há tanto tempo, mas não me importava. Tê-la-ia segurado pelo resto da noite se achasse que ela precisava que eu fizesse isso.

Absorvi-a, ainda tão bonita, mesmo em sofrimento, o seu longo cabelo castanho-dourado, caído em ondas, os olhos verdes a brilhar devido às lágrimas. *Não lutaste com quem, Bree?*, perguntei.

Com o homem que tentou violar-me, gesticulou ela, e o meu coração parou de bater, antes de retomar o batimento rápido e irregular no meu peito. *O homem que matou o meu pai.*

Eu não sabia o que pensar, o que sentir. E com certeza não sabia o que dizer.

Não lutei com ele, repetiu. *Nem quando o vi a apontar a arma ao meu pai nem quando veio atrás de mim. O meu pai disse-me para me esconder e foi o que eu fiz. Não dei luta*, repetiu ela, o rosto cheio de vergonha. *Talvez eu pudesse tê-lo salvado*, disse ela. *Ele matou o meu pai e depois veio atrás de mim, e ainda assim não lutei.*

Eu observava-a, tentando entender. Por fim, disse-lhe: *Tu lutaste, Bree. Sobreviveste. Lutaste pela vida. E conseguiste. Foi isso que o teu pai te disse para fazeres. Não terias feito o mesmo por alguém que amasses?*

Ela pestanejou, e depois algo na sua expressão pareceu descontrair-se e os seus olhos percorreram o meu rosto. E alguma coisa dentro de mim também pareceu libertar-se – embora não soubesse exatamente o quê.

As lágrimas da Bree começaram a cair outra vez, mas a expressão distante de agonia nos seus olhos pareceu atenuar-se pelo menos um pouco. Peguei nela ao colo e segurei-a contra o meu corpo outra vez, enquanto ela chorava baixinho, mas mais tranquila agora. Passado algum tempo, senti a sua

respiração a ficar mais profunda. Tinha adormecido. Deitei-a outra vez no sofá, peguei uma manta e tapei-a. Fiquei ali sentado ao lado dela durante muito tempo, apenas a olhar pela janela, observando o Sol a baixar no céu. Pensei em como eu e a Bree éramos tão diferentes... e, contudo, tão parecidos. Ela carregava a culpa de não ter lutado quando pensava que deveria tê-lo feito e eu carregava a cicatriz do que acontecera quando lutara. Cada um de nós tinha reagido de formas diferentes num momento de terror e ainda sofriamos por causa disso. Talvez não houvesse certo ou errado, branco ou preto, apenas muitos tons de cinzento quando se tratava de dor e do que cada um considerava ser da sua responsabilidade.

CAPÍTULO CATORZE

BREE

Acordei e abri os olhos. Podia sentir que estavam inchados. A sala encontrava-se na penumbra, apenas uma única luz acesa no canto perto de uma das estantes de livros. Eu estava deitada num sofá de pele bastante usado e havia uma mesa de centro antiga, de madeira, à minha frente. Os cortinados da janela estavam abertos, e podia ver que o sol já se pusera completamente.

Afastei para o lado a manta que estava sobre mim. O Archer devia ter-me tapado. O meu coração apertou-se. O *Archer*. Ele tinha tomado conta de mim. Tinha-me salvado.

Sentei-me e, apesar dos olhos inchados e do ponto na testa levemente dorido ao toque, sentia-me bastante bem, repousada. Era surpreendente, pois tinha-me transformado num animal selvagem quando aquela rede caíra sobre mim. Eu tinha percebido, como se estivesse a observar à distância, quando o Archer estava a remover a armadilha do meu corpo. Porque havia uma armadilha montada na propriedade, eu não sabia, mas desconfiei que fosse obra do seu tio.

Meu Deus, eu *tinha-me passado*. Agora estava envergonhada. Mas, de certa forma, também me sentia aliviada... mais leve? Ao perceber que ele estava a levar-me ao colo e vendo os seus olhos cheios de preocupação, tinha-me sentido *em segurança* e, por isso, as lágrimas finalmente tinham caído.

Os meus pensamentos foram interrompidos pelo som dos passos do Archer atrás de mim, de volta à sala.

Virei-me para lhe agradecer, com um sorriso constrangido nos lábios, mas, quando ele entrou no meu campo de visão, paralisei. Nossa senhora, por tudo o que era mais sagrado. Ele tinha prendido o cabelo para trás e fizera a barba.

E era... *lindo*.

Eu arquejei.

Não, lindo não. Era másculo o bastante para não cair no que, de outra

forma, seria uma beleza excessiva. O maxilar não era forte, era levemente anguloso, mas não de um modo exagerado. Os lábios eram mais largos do que cheios, de uma bela cor rosada. Com o cabelo puxado para trás e sem barba, podia ver como os olhos e o nariz dele combinavam perfeitamente com o resto das feições. Porque é que o Archer sempre se escondera? Eu sabia que havia um rosto bonito por detrás de tantos cabelos desgrehados, mas não assim. Nunca imaginara *isto*.

Quando estava prestes a falar, ele aproximou-se de mim, sob a luz, e foi então que vi a cicatriz na base do seu pescoço – rosada e brilhante, a pele em relevo em certos pontos e plana noutros. Destoava imenso da beleza das feições dele.

– Archer – sussurrei, fitando-o.

Ele deteve-se, mas não disse nada. Ficou ali parado, a insegurança clara na expressão do seu rosto e na sua postura, rígida e imóvel. E eu não conseguia fazer nada para além de fitá-lo, enfeitiçada pela sua beleza. Senti um aperto forte no peito. Ele não fazia a menor ideia. Nenhuma.

Vem cá, pedi, indicando o sofá perto de mim. Virei-me quando ele contornou o sofá e se sentou ao meu lado.

Os meus olhos moveram-se pelo seu rosto. *Porque fizeste isso?*

O Archer ficou em silêncio por um momento, a olhar para baixo, mordendo o lábio inferior antes de levantar as mãos e dizer: *Não sei*. Ficou pensativo, os olhos presos nos meus, depois continuou: *Quando estavas presa na armadilha, eu não conseguia falar para te tranquilizar. Tu não consegues ouvir-me... não posso mudar isso*. Baixou os olhos por um momento, em seguida voltou a fitar-me. *Mas quero que me vejas*. Uma expressão de vulnerabilidade dominou-lhe o rosto. *Agora podes ver-me*.

Senti um aperto no peito. Eu percebia. Compreendia. Aquela era a sua maneira de me deixar mais confortável por lhe ter exposto uma parte de mim... fazendo o mesmo por mim. Ergui as mãos e disse: *Sim, agora consigo ver-te. Obrigada, Archer*. Tinha a sensação de que poderia ficar a olhar para ele para sempre.

Passado um minuto, expirei e voltei a falar: *E obrigada... pelo que fizeste antes*. Abanei a cabeça ligeiramente. *Estou envergonhada. Salvaste-me. Eu estava um caos*. Levantei os olhos para ele. *Descul...*

Ele agarrou-me as mãos nas dele para interromper as minhas palavras e assinalou: *Não, desculpa*, disse, os olhos intensos. *O meu tio montou armadilhas por todas estas terras. Tentei encontrá-las todas e retirá-las, mas falhei aquela*. Desviou os olhos. *A culpa foi minha*.

Abanei a cabeça. *Não, Archer. Não foi culpa tua*. Voltei a abanar a cabeça. *Não. E, de qualquer modo, por mais que lamente ter-me passado, ri-me, envergonhada, e o Archer sorriu um pouco, talvez... eu precisasse disso*. *Não sei*.

Ele franziu a testa. *Queres falar sobre esse assunto?*

Recostei-me no sofá e suspirei. Não tinha contado a ninguém sobre

aquela noite, exceto aos detetives da polícia que investigaram o caso. Nem uma única pessoa. Nem sequer aos meus melhores amigos. Eles só sabiam que o meu pai tinha sido baleado por um ladrão e que eu tinha presenciado tudo, mas não sabiam do resto. Mas por alguma razão, sentia-me segura a falar daquele dia agora. Sentia-me segura com o Archer. E havia algo de reconfortante em contar aquela história com as minhas mãos.

Estávamos prestes a fechar, naquela noite, comecei. O rapaz que costumava trabalhar ao balcão da nossa pastelaria já tinha saído e o meu pai estava a fazer a contabilidade. Eu estava nas traseiras, a cozer pão para o dia seguinte. Ouvi a porta a bater e demorei um minuto a lavar as mãos e secá-las. Assim que acabei, fui até à porta da cozinha e vi pela pequena janela que havia um homem a apontar uma arma ao meu pai. As lágrimas subiram-me aos olhos, mas continuei.

O meu pai viu-me pelo canto do olho e começou a gesticular: «Esconde-te». O homem estava a gritar com ele para que lhe desse o dinheiro. O meu pai não podia ouvi-lo e, por isso, não lhe respondia. Inspirei fundo enquanto o Archer me observava com aqueles olhos que pareciam não deixar escapar nada, absorvendo as minhas palavras, e o seu apoio silencioso dava-me forças para prosseguir.

Antes que eu sequer tivesse tempo de me dar conta do que estava a acontecer, a arma disparou. Fiz uma pausa, revivendo o momento mentalmente, e depois abanei a cabeça, trazendo-me de volta ao presente – para os olhos de compaixão do Archer.

Descobri mais tarde que o tiro atingira o meu pai no coração. Ele morreu logo. Lágrimas grossas caíam-me dos olhos. Como é que ainda tinha lágrimas? Respirei fundo mais uma vez para me acalmar.

Tentei esconder-me na cozinha, mas estava em choque, e tropecei e caí, e o homem deve ter-me ouvido. Veio atrás de mim e... estremei ao recordar antes de continuar, os olhos dele estavam injetados de sangue, as pupilas dilatadas, ele estava a tremer... Era óbvio que estava drogado. Fiz outra pausa, mordendo o lábio. Mas olhou para mim de tal modo que eu soube o que ele ia fazer. Simplesmente soube. Ergui os olhos para o Archer, que estava sentado, imóvel, os olhos mergulhados nos meus. Inspirei fundo outra vez.

Ele obrigou-me a despir-me e... começou a passar a arma no meu rosto. Depois passou para os meus seios. Ele disse que ia... violar-me com a arma. Eu estava apavorada. Fechei os olhos por um momento e olhei para o lado, desviando-os do Archer. Senti os seus dedos no meu queixo a virar-me o rosto de volta para ele, e algo naquele gesto foi tão carinhoso que deixei escapar um soluço abafado. Parecia que estava a dizer-me que eu não precisava de me sentir envergonhada, que não precisava de desviar os olhos dos dele. Os nossos olhos encontraram-se de novo.

Ele quase me violou, mas antes que o fizesse, ambos ouvimos as sirenes que se aproximavam. Ele fugiu. Saiu a correr pela porta das traseiras para a tempestade. Fechei os olhos por um instante e em seguida voltei a abri-los.

Agora detesto tempestades – os trovões, os relâmpagos. Transportam-me de volta àquele momento. Respirei fundo mais uma vez, trémula. Tinha acabado de lhe contar tudo o que acontecera naquela noite, e sobrevivera.

Bree, começou o Archer, mas parecia não saber como continuar. No entanto, eu não precisava que ele dissesse nada. Só o meu nome dito por aquelas mãos de forma tão adorável fazia o meu coração ficar mais leve.

Os olhos do Archer percorreram-me o rosto antes de perguntar: *Foi por isso que partiste? Que vieste a conduzir até cá?*

Abanei a cabeça. *Depois de o meu pai ser assassinado, descobri que ele tinha deixado expirar o seguro de vida. Ele tinha negligenciado algumas coisas quando eu estava na faculdade. Não fiquei muito surpreendida. O meu pai... ele era o sal da terra, o homem mais bondoso que podes conhecer, mas era muito desorganizado.* Deixei escapar um pequeno sorriso.

Olhei para o Archer e os olhos dele encorajaram-me a continuar. Havia algo no modo como ele me olhava – uma compreensão que me acalmava e me dava força.

Quando percebi que teria de vender a pastelaria para pagar as despesas do funeral e as outras contas da loja, eu... fiquei entorpecida. Não demorou muito tempo a receber uma oferta pelo negócio, mas custou-me tanto assinar os documentos de venda que mal conseguia respirar. Abanei de novo a cabeça, porque não queria voltar àquele dia, nem mesmo em pensamento. *Foi como perder outra parte do meu pai. Ele foi dono daquela pastelaria a minha vida toda – eu praticamente cresci ali.*

O Archer pegou-me na mão por um breve segundo, e depois soltou-a e disse: *Lamento muito.* Eu já ouvira aquelas palavras, mas, olhando para ele naquele momento, soube que elas nunca tiveram tanto peso como quando pronunciadas pelo Archer.

Prenderam o homem que matou o teu pai?

Abanei a cabeça. *Não. A polícia disse-me que o homem que matou o meu pai provavelmente era um drogado que nem se devia recordar do crime no dia seguinte.* Fiz uma pausa, refletindo. *Algo nunca me pareceu muito bem nesta história... mas a polícia é que sabia. Ainda assim, às vezes via-me a olhar por cima do ombro, mesmo quando só reconhecia isso mais tarde.*

O Archer assentiu com a cabeça, franzindo a testa. Eu fiquei a olhar para ele, sentindo-me mais calma ao seu lado, mais leve, como se me tivesse libertado de um peso que só então percebera que carregava. Fiz-lhe um pequeno sorriso. *Que forma de dar cabo da nossa aula de culinária, hein?*

O Archer fez uma pausa e depois retribuiu o sorriso, de dentes a brilhar. Percebi nesse momento que um dos seus dentes inferiores era um pouquinho torto e isso fez-me adorar ainda mais o sorriso dele. Não sabia bem porquê – talvez fosse apenas uma dessas imperfeições que tornam as coisas mais perfeitas. Ele tinha uma linha de cada lado do rosto que não era exatamente uma covinha, mas sim a forma como os músculos se moviam quando sorria. Fitei essas linhas como se fossem dois objetos mágicos que se tinham

escondido de mim debaixo da sua barba. *Mágico*. Os meus olhos moveram-se e demoraram-se na sua boca por um momento. Quando os meus olhos por fim encontraram os dele, os seus arregalaram-se por um momento antes de se desviarem.

Fui buscar a tua bicicleta e as geleiras enquanto estavas a dormir, disse ele. *Guardei tudo no frigorífico. Acho que está tudo bem. Estava no gelo.*

Obrigada, disse eu. *Então vamos remarcar a nossa aula de culinária?* Ri-me, levando a mão à testa e gemi baixinho. *Quero dizer, se me deixares voltar à tua propriedade.*

O Archer sorriu, e não disse nada durante um momento. Por fim, ergueu as mãos. *Ia adorar. E prometo não te deixar pendurada numa árvore da próxima vez.*

Sorri. *OK, está combinado?*

Ele sorriu, a beleza do seu sorriso deixava-me espantada, e em seguida respondeu: *Sim, está combinado.*

Continuei a sorrir para ele como uma tolinha. Quem iria dizer que este dia chegaria ao fim comigo a rir? Não a rapariga que tinha sido apanhada numa armadilha e pendurada na floresta e que perdera a cabeça em frente de um belo e silencioso homem (como acabara por se ver).

Fiquei séria quando ele engoliu em seco e os meus olhos se moveram para a sua cicatriz na base do pescoço. Estendi a mão para lhe tocar com cuidado e o Archer encolheu-se instintivamente, mas depois descontraíu-se. Olhei-o nos olhos e deixei as pontas dos dedos roçarem suavemente a pele marcada.

– O que é que te aconteceu? – sussurrei, a minha mão ainda no seu pescoço.

Ele engoliu em seco mais uma vez, os olhos a percorrer o meu rosto, como se estivesse a pensar se me ia responder ou não. Por fim, levantou as mãos e disse: *Fui alvejado. Quando tinha sete anos levei um tiro.*

Arregalei os olhos, levantei uma das mãos e cobri a boca. Passado um segundo, ergui novamente a mão e perguntei com a voz abafada:

– Um tiro? Quem é que disparou, Archer?

O meu tio.

Senti o sangue gelar nas veias. *O teu tio?*, perguntei, confusa. *O que morava nestas terras contigo?*

Não, o meu outro tio. No dia em que perdi os meus pais, o meu tio disparou sobre mim.

Eu não... não entendo. Porquê?, perguntei, sabendo que a minha expressão deixava transparecer o terror que sentia. *De propósito? Porque é que ele iria...*

O Archer levantou-se e soltou o cabelo, que até então estava preso, afastado do rosto. Andou até uma mesinha que ficava atrás do sofá e pegou numa bisnaga de alguma coisa. Quando regressou ao sofá e se sentou novamente junto de mim, com o tubo no colo, disse: *Vou pôr esta pomada*

antibiótica nos teus arranhões para não infetarem.

Percebi que ele não queria falar mais sobre si. A minha vontade era insistir, mas não o fiz. Sabia melhor do que ninguém que, quando não estamos preparados para falar sobre uma coisa, ninguém deveria tentar pressionar-nos.

Olhei para baixo, para os meus braços e pernas. Tinha vários arranhões pequenos e outros maiores. Ardiam ligeiramente, mas nada de especial. Fiz sinal com a cabeça ao Archer, em concordância.

Ele abriu a pomada e começou a passar o medicamento com o dedo em cada ferida.

Quando se aproximou de mim, inspirei o cheiro de sabonete, um cheiro masculino e o seu próprio cheiro. A mão dele parou, e os olhos dispararam para os meus, que ficaram presos no seu olhar. O tempo pareceu parar, e o meu coração acelerou antes de o Archer desviar os olhos e enroscar a tampa no tubo da pomada e a pousar no colo.

Isto vai ajudar, disse ele, erguendo-se. Foi quando reparei nos seus pés e arquejei. Tinham cortes por toda a parte, grandes e pequenos, vermelhos e levemente inchados. *Oh, meu Deus! O que aconteceu aos teus pés?*, perguntei.

Ele olhou para baixo como se acabasse de reparar que estava ferido. *Não consegui encontrar os sapatos quando te ouvi a gritar*, disse ele. *Mas está tudo bem.*

Oh, Archer, disse-me, olhando para baixo. *Lamento muito. Devias ligá-los. Se tiveres ligaduras, posso ligá-los...*

Não é preciso... Vou pôr um pouco de pomada. De manhã já estarão bem.

Suspirei. Com certeza a pomada ajudaria, mas não estariam curados de um dia para o outro. Pelo menos nas feridas que pareciam tão doridas, não. Os pés dele pareciam todos cortados. Meu Deus, ele tinha corrido por cima de pedras, ramos pontiagudos e terreno irregular para me salvar.

Levantei-me. *Posso ir à casa de banho?*

O Archer assentiu, apontando para uma porta que ficava mesmo ao lado do quarto principal.

Passei por ele e entrei na pequena casa de banho. Estava tudo limpo e arrumado ali também – o lavatório e o espelho brilhavam e havia um suave aroma de limão no ar. Não podia censurar as suas capacidades domésticas, com certeza.

No lavatório havia uma barra de sabonete de um dos lados e, do outro, todo o tipo de produtos para higiene oral disponíveis: uma escova de dentes elétrica, fio dental, vários tipos de elixires bucais e – ergui um frasco – pastilhas de flúor. Muito bem, o rapaz levava demasiado a sério a sua saúde oral. Nada a apontar-lhe, suponho.

Fiz o que tinha a fazer e regressei para junto do Archer. Sorri-lhe. *Bom, vejo que levas a higiene dentária muito a sério*, disse em tom de brincadeira.

Ele retribuiu o sorriso e abanou a cabeça ligeiramente, levando a mão à

nuca. Os cabelos caíram-lhe para a frente do rosto e senti vontade de afastá-los para poder observar melhor o seu belo rosto outra vez.

O meu tio não confiava em médicos ou dentistas. Dizia que implantariam localizadores se tivessem acesso aos nossos corpos. Uma vez, vi-o arrancar um dente com um alicate. Ele fez uma careta. Depois disso, a saúde dos meus dentes tornou-se uma grande prioridade para mim.

Eu encolhi-me. *Oh, meu Deus! Isso é horrível, comentei. Quero dizer, o teu tio arrancar o próprio dente. Mas ser cuidadoso com a saúde oral é um bom hábito.* Não pude deixar de me rir, e ele retribuiu o sorriso, parecendo mais relaxado.

Passado um instante, perguntou: *Estás com fome?*

Esfomeada.

Ele assentiu. *Não tenho muita coisa, mas posso fazer uma sopa.*

Parece ótimo, disse. Mas deixa-me tratar disso. Prometi-te uma grande refeição e, em vez disso, tive uma crise de nervos. Uma grande falta de educação. Mordi o lábio, mas depois ri-me baixinho, encolhendo os ombros, desculpando-me.

O Archer olhou para mim e riu-se, o diafragma a mover-se por baixo da *T-shirt*, mas sem sair qualquer som da sua boca. Era a primeira vez que deixava escapar algo semelhante a uma gargalhada na minha presença. Absorvi tudo, adorando aquelas linhas nas suas bochechas.

Fizemos o jantar na sua cozinha pequena e obviamente limpa, o que não me surpreendia. Uma sopa de frango com massa e pãozinhos. Quando abri o frigorífico, voltei-me para ele: *Manteiga de amendoim, gelatina, puré de maçã? Tens cinco anos?*, questioneei, a sorrir.

No entanto, ele não retribuiu o sorriso, só olhou para mim durante um momento como se estivesse a considerar a minha pergunta. *Em alguns aspetos, sim, Bree. Noutros, não.*

O sorriso desapareceu-me do rosto. *Oh, meu Deus, Archer, desculpa. Foi mesmo sem pensar...* Mas ele agarrou-me as mãos para me interromper e ficámos assim durante alguns segundos, os dois a olhar para os nossos dedos entrelaçados.

Por fim, ele soltou-me e disse: *No entanto, como bónus para os meus amigos... tenho palhinhas naquele armário ali. Podemos fazer bolhas no nosso leite com chocolate.* Inclinou a cabeça, indicando um armário por cima do meu ombro.

Virei-me lentamente, depois voltei-me outra vez para ele e vi-o a sorrir. Inclinei a cabeça também. *Estás a brincar comigo?*

Ele continuou a rir. Eu dei uma gargalhada. *Bom trabalho,* disse-lhe, piscando os olhos.

O Archer mostrou-me onde estavam as panelas e as frigideiras, e entreteve-me a aquecer a sopa. Os equipamentos da cozinha eram antigos, mas o Archer tinha instalado as mais lindas bancadas de cimento. Eu tinha visto algo semelhante num programa de TV, mas não eram nem de longe tão

bonitas como as que ele fizera. Enquanto a sopa aquecia, passei a mão por elas, encantada com o seu talento.

Comemos na pequena mesa da cozinha, depois arrumámos tudo, na maior parte do tempo num silêncio agradável. Mas não conseguia evitar estar consciente da sua presença enquanto se movia pela cozinha, o seu corpo alto e esguio a passar junto ao meu. Consequia ver cada músculo delineado sob a *T-shirt*, e reparei nos músculos dos braços quando lavava e secava a loiça que tínhamos usado, enquanto fingia limpar as bancadas que, na verdade, já estavam muito limpas.

Quando terminou de limpar a loiça, virou-se para mim, ainda a segurar o pano. Secou as mãos enquanto nos olhávamos, sentindo uma certa eletricidade no ar à nossa volta. Engoli com dificuldade e vi-o fazer o mesmo, os meus olhos passando por um segundo na sua cicatriz.

Ergui os olhos para ele e disse: *Tenho de ir.*

O Archer baixou o pano e abanou a cabeça dizendo: *Não posso deixar-te guiar a bicicleta até casa na escuridão, e ainda não consigo caminhar esta distância toda até lá.* Ele olhou para baixo, para os seus pés, indicando as feridas. *Estarei bem de manhã e levo-te a casa nessa altura.*

Assenti.

– Hum... – murmurei. *OK, posso dormir no sofá.*

O Archer abanou a cabeça. *Não, podes dormir na minha cama.* Quando arregalei os olhos, ele empalideceu e fechou os olhos por alguns instantes. *Quero dizer, eu durmo no sofá e tu podes ficar com a cama,* explicou. O seu rosto ficou enrubescido, e eu podia jurar que o meu coração tinha dado uma volta no peito.

– Não posso fazer isso – sussurrei.

Podes, sim, disse ele, passando por mim e saindo da cozinha.

Eu segui-o pela porta, passando pela casa de banho e espreitei para o quarto com a sua mobília espartana: apenas uma cama, uma cómoda e uma cadeira num canto. Não havia decorações, fotografias, nada.

Lavei os lençóis há dois dias. Eles estão... limpos, disse ele, desviando os olhos dos meus, ruborizando outra vez.

Assenti. *OK,* disse. *Obrigada, Archer. Por tudo. Obrigada.*

O Archer assentiu com a cabeça, os nossos olhos demorando-se nos do outro, e quando os nossos ombros se tocaram quando ele ia a sair do quarto, senti-o a sobressaltar-se um pouco. Fechou a porta atrás de si.

Olhei ao redor do quarto mais uma vez e reparei que, na verdade, havia uma pequena fotografia em cima da sua cómoda. Aproximei-me e peguei nela com cuidado. Era de uma linda rapariga, o longo cabelo castanho a cair sobre os ombros, rindo para a pessoa atrás da câmara. Parecia despreocupada e feliz. Parecia apaixonada. Percebi por que razão o seu sorriso parecia tão familiar – era o sorriso do Archer. *Devia ser a mãe dele, Alyssa McRae,* pensei. Virei a foto e vi escrito no verso:

C? De Connor, o tio do Archer. O homem que lhe dera um tiro? Mas o tal Connor era visto como um herói na cidade... as pessoas provavelmente não sabiam que ele tinha alvejado o sobrinho.

– Mas como é que isso é possível? – perguntei baixinho à rapariga da foto. Os seus olhos grandes e castanhos permaneceram a sorrir, sem me darem uma única pista. Devolvi a foto ao sítio onde estava.

Despi-me rapidamente, ficando de cuecas e sutiã, puxei os cobertores para trás e deitei-me na cama do Archer. Cheirava como ele: a sabonete e a homem limpo.

Quando estava ali deitada, fiquei a pensar no Archer na sala, o corpo longo provavelmente a ultrapassar as dimensões do sofá. Inspirei o cheiro dele nos lençóis e imaginei-o sem camisa, a luz do luar a brilhar sobre o peito nu e suave e estremeci ligeiramente. Ele estava apenas a poucos metros de mim, do outro lado da parede.

Pensar no Archer daquela forma parecia um pouco perigoso – não sabia se era boa ideia. Pensando bem, percebi que havia química entre nós desde o início. Só tinha sido difícil de classificar por causa de todas as maneiras pelas quais ele era tão diferente. E eu *ainda* me sentia um pouco confusa. Mas, aparentemente o meu corpo não estava nada confuso com as hormonas a incendiarem-se, as veias a encherem-se de calor, a mente incapaz de se livrar de imagens dele comigo naqueles lençóis, os olhos lindos, cor de *whisky*, carregados de paixão.

Virei-me e ajustei a almofada, gemendo baixinho e fechei os olhos com força, tentando dormir. Passado pouco tempo, embora já tivesse dormido várias horas naquela noite, caí num sono tranquilo e só acordei quando a luz do sol atravessou as árvores à volta da casa, iluminando o quarto.

* * *

Sentei-me na cama e espreguicei-me, observando o quarto do Archer sob a luz da manhã. Vesti os calções, a camisola e espreitei para fora da porta. Ele não estava à vista, por isso fui diretamente para a casa de banho. Fiz o que precisava de fazer, usei o dedo para escovar os dentes e bochechei com um dos elixires bucais dele. Lavei o rosto e olhei-me ao espelho. Tinha bom aspeto. Os meus olhos ainda estavam levemente inchados, mas, fora isso, achei que a crise da véspera não me tinha deixado com uma aparência tão terrível naquela manhã. Alisei o cabelo com as mãos e encostei-me ao lavatório.

O facto de pensar em como me tinha passado na véspera fez-me ter a certeza de que iria ter um *flashback* a qualquer instante. Seria melhor se estivesse sozinha, longe da vista do Archer. Ele provavelmente já me achava

um bocado maluca. Deixar que presenciasse um dos meus episódios de *stress* pós-traumático com certeza que o iria convencer ainda mais disso.

Permaneci encostada ao lavatório durante alguns minutos, de olhos fechados, desejando que a parte pior do *flashback* acontecesse enquanto eu estava trancada na casa de banho. Mas não aconteceu nada.

Abri a torneira e imaginei a chuva a cair à minha volta, como naquela noite.

Tentei abafar a esperança que começava a despontar-me no peito – num passado recente, tivera esperança de que os *flashbacks* tivessem acabado, só para em seguida ser atingida por um deles.

Fechei os olhos e pensei na noite anterior, no que o Archer me tinha dito quando eu lhe contara sobre a minha maior vergonha, o facto de que não fizera nada quando o meu pai fora alvejado nem quando eu quase fora violada. Ele não me olhara com desprezo... muito pelo contrário, olhara-me com *compreensão*. O alívio voltou a invadir-me o corpo perante a recordação.

E eu tinha chorado mais do que imaginara ser capaz. Chorara um rio de lágrimas... pelo meu pai, pela sensação de perda que sentia todos os dias por causa da morte do meu melhor amigo, *de mim mesma...* por me ter perdido *a mim mesma* em algum lugar ao longo do caminho, por ter fugido...

Abri os olhos, mordendo a unha, a testa franzida. Era disso que eu precisava? Era esse o propósito dos *flashbacks* o tempo todo? Forçar-me a encarar as coisas de que estava a fugir? Parecia que sim. Mas não era só isso. Talvez eu precisasse de me sentir segura e aceitar a minha dor antes de me libertar de vez daquela tristeza diária. Eu tinha precisado de alguém que me compreendesse e me abraçasse enquanto eu chorava.

Tinha precisado do Archer.

Abri a porta da casa de banho e atravessei rapidamente a casa, chamando por ele. Ele não estava lá dentro. Corri lá para fora e tornei a chamá-lo. Passados alguns minutos, ele apareceu por entre as árvores e ficou a olhar para mim como se estivesse a questionar.

Não achei que fosses acordar tão cedo, disse ele.

Desci a correr o declive e parei mesmo à sua frente, com um sorriso largo na cara, o meu entusiasmo a transbordar. Ri-me, enquanto olhava para o seu belo rosto. Ainda não estava habituada a vê-lo por inteiro. Ou, pelo menos, a maior parte dele. O Archer ainda precisava desesperadamente de um corte de cabelo.

Não tive nenhum flashback esta manhã, disse, as minhas mãos movendo-se rapidamente.

Ele franziu a testa e olhou para mim, confuso.

Abanei a cabeça e fiz um ligeiro sorriso. *Acho que ainda não estou a acreditar... Eu tenho sempre um. Todos os dias. Tenho um flashback todos os dias desde há seis meses*, disse, com as mãos ainda a moverem-se depressa e os olhos a encherem-se de lágrimas.

O Archer continuava a olhar para mim, a compreensão a assomar aos

seus olhos, um lampejo de compaixão a mover-se pela sua expressão.

Tenho de voltar para casa para deixar a Phoebe ir à rua e dar-lhe comida, disse, secando as lágrimas com a mão. Voltei a fitar o Archer, sentindo a alegria invadir-me. Ele tinha-me dado um presente incrível, e eu estava eufórica. Queria passar o dia com ele, e não me importei com o facto de ser eu a perguntar. *Posso voltar mais tarde?*, disparei num impulso, olhando-o ansiosa.

Os seus olhos percorreram o meu rosto por alguns instantes, depois assentiu com a cabeça.

Sorri.

– *OK* – suspirei. Dei um passo em frente e os olhos dele abriram-se, ligeiramente, mas não se moveu. Passei os braços ao redor dele e abracei-o com força. Ele não me envolveu com os braços, mas deixou-me abraçá-lo.

Após um minuto, recuei e sorri para ele outra vez. *Vou voltar*.

OK.

OK, disse eu outra vez, o sorriso a crescer.

Um sorriso surgiu no canto dos seus lábios, mas ele apenas assentiu.

Virei-me e subi a correr a ladeira arborizada até à casa dele e saí pela entrada da garagem. A minha bicicleta estava apoiada na parte de dentro da cerca. Passei com ela pelo portão e comecei a pedalar em direção a casa. De vez em quando, deixava a bicicleta deslizar sozinha ao longo da estrada de terra, com a cabeça erguida para o céu, sentindo-me feliz, sentindo-me viva, sentindo-me *livre*.

CAPÍTULO QUINZE

BREE

Quando cheguei a casa, deixei a *Phoebe* sair para fazer as suas necessidades. Sentia-me mais leve, mais feliz, como se me tivesse libertado das correntes que me mantinham presa à dor e ao sofrimento pela minha perda nos últimos seis meses. Quando estava parada sob o sol radiante, à espera da *Phoebe*, senti uma profunda sensação de paz tomar conta de mim. Nunca iria esquecer o meu pai. Ele ia estar comigo em tudo o que eu fizesse durante o resto da vida. Libertar-me das correntes da dor e da culpa que me prendiam não significava que iria esquecê-lo. O meu pai amava-me; ele iria querer que eu fosse feliz. O alívio que se apoderou de mim quase me fez chorar. Reprimi a emoção, chamei a *Phoebe* e voltei para dentro de casa.

Depois de lhe dar comida, sentei-me e bebi uma chávena de chá. Pensei no meu pai o tempo todo que permaneci ali sentada, recordando os momentos especiais que tínhamos partilhado, lembrando as pequenas peculiaridades dele, visualizando o seu rosto na minha mente, com muita nitidez. Concentrei-me no que tinha tido, no que algumas pessoas não têm nem por um momento. Eu tinha tido o meu pai durante vinte e um anos. Era uma *sortuda* – fora abençoada. Quando me levantei para pôr os pratos no lava-loiça, estava a sorrir.

Fui até à casa de banho, abri o chuveiro e despi-me. Os meus arranhões estavam melhores. Aparentemente, a pomada que o Archer aplicara tinha dado resultado.

O Archer... suspirei, sentindo um misto de emoções e sentimentos invadir-me o corpo. Uma sensação agradável enchia-me o peito sempre que pensava nele.

Queria conhecer a sua história. Queria saber tudo sobre ele. Mas instintivamente sabia que não devia insistir no assunto do que acontecera no dia em que o tio o tinha alvejado. O chefe de polícia, o *seu tio*, dera-lhe um tiro. Meu Deus, como é que se consegue lidar com isso? E que *raios*

aconteceu para provocar aquilo?

Meia hora mais tarde, estava vestida com uns calções e uma *T-shirt*, os cabelos secos e penteados num rabo de cavalo.

Enquanto calçava os chinelos, olhei para o telemóvel em cima da cómoda e peguei nele. Tinha duas mensagens, ambas do Travis. Pousei o telefone de novo sobre a cómoda. Iria retribuir-lhe a chamada, mas não agora.

Peguei na *Phoebe* e saí para voltar a casa do Archer. Pensei em algo quando estava prestes a fechar a porta, e voltei para trás. Uns minutos depois, ia a pedalar em direção à Briar Road.

* * *

– Olá. – Sorri quando o Archer abriu a porta de casa. Ele tinha deixado uma pequena fresta do portão aberta para que eu pudesse entrar. Deixei a bicicleta do lado de dentro e soltei a *Phoebe*, que foi procurar a *Kitty* e as crias.

Ele também sorriu e abriu mais a porta para eu entrar.

Entrei e virei-me para ele. Respirei fundo. *Obrigada por me receberes outra vez, Archer. Mordi o lábio, pensativa. Espero que não te importes... Depois da noite passada, não havia outro lugar no mundo em que eu mais quisesse estar do que aqui contigo hoje.* Inclinei a cabeça, observando-o. *Obrigada.*

Ele observou as minhas mãos enquanto eu falava e, quando finalmente ergueu os olhos para encontrar os meus, a expressão no seu rosto era de satisfação. Assentiu com a cabeça e sorriu.

Eu estudei-o. Vestia as mesmas calças de ganga gastas que pareciam prestes a desintegrar-se a qualquer momento e uma *T-shirt* azul-marinha justa. Estava descalço, e, quando baixei a cabeça, vi que os seus pés estavam melhores, principalmente porque o inchaço desaparecera. Mas os cortes e arranhões ainda pareciam dolorosos. Encolhi-me e olhei para ele.

Os pés estão bem, Bree, disse ele, notando a minha reação às suas feridas.

Ainda não estava convencida, mas assenti de qualquer forma. Inclinei a cabeça para o lado. *Então, Archer, trouxe uma coisa, mas antes de te mostrar o que é, queria dizer-te que, se não gostares da ideia ou se quiseres dizer que não, entendo perfeitamente.*

Ele ergueu uma sobrancelha. *Parece assustador.*

Deixei escapar um pequeno sorriso. *Não... é só... bem, deixa-me mostrar-te.* Fui até à pequena mala que trouxera e peguei na minha tesoura.

O Archer ficou a olhar para o objeto com uma expressão prudente.

Pensei que talvez quisesse cortar o cabelo, disse, e depressa me apressei a acrescentar: *mas se não quiseres, está tudo bem. Não estou a dizer que precisas de um corte. Mas posso só aparar...*

Ele fez um leve sorriso envergonhado e levou a mão à nuca, mas depois

baixou-a outra vez e ergueu os olhos para mim. *la gostar disso.*

Sorri. *A sério? OK! Quero dizer, não sou a melhor cabeleireira do mundo, mas consigo cortar a direito. Aparei o cabelo do meu pai várias vezes.*

Ele sorriu. *Corta quanto quiseres, Bree.*

Bem, como queres? Farei o que quiseres.

O Archer olhou-me com uma expressão carinhosa, mas não sorriu. Apenas me fitou, muito sério, hesitando um pouco antes de dizer: *Quero que gostes do corte. Faz como quiseres.*

Hesitei, porque não queria que ele sentisse que estava a fazer algo que não queria. *Tens a certeza?*

Sim, respondeu, entrando na cozinha, e puxando uma das cadeiras que estavam diante da mesa, pousando-a no meio da divisão, onde seria fácil varrer os cabelos cortados.

Fui até à casa de banho e peguei numa toalha e no pente que estava no lavatório, e depois voltei para junto dele na cozinha, pousando-lhe a toalha nos ombros.

Comecei a cortar o cabelo, concentrada no trabalho de medir e deixar o corte simétrico. Ele dissera que eu podia cortar como quisesse, e eu pretendia cortar curto. Queria ver-lhe o rosto e tinha a impressão de que ele usava o cabelo para o esconder. Seria uma tarefa minha tirar-lhe isso? Não. Mas ele dera-me permissão e eu iria fazer o que queria. O cabelo voltaria a crescer, se ele quisesse.

Deixei o pente de lado e usei os dedos para desembaraçar o cabelo escuro e sedoso antes de usar a tesoura. Passar as mãos pelas mechas grossas e levemente onduladas era um gesto muito sensual e íntimo, e o meu ritmo cardíaco aumentou enquanto movia o corpo à volta do seu, cortando atrás primeiro e depois à frente. Cada vez que passava a mão devagar pelo couro cabeludo dele, o Archer estremecia um pouco. Inclinei-me mais enquanto cortava o cabelo, sentindo o perfume do champô que ele usava e o seu cheiro a limpo. Senti o perfume do sabonete, mas logo abaixo dele estava o aroma almiscarado de homem, que fez o meu ventre contrair-se de desejo.

Enquanto me mexia à sua frente, alisando para trás o cabelo que lhe caía sobre a testa, olhei para o rosto dele e os meus olhos encontraram os seus por um momento, antes de ele os fechar com força. Era quase como se estivesse a sofrer, e o meu coração apertou-se. Será que alguém já o tocara com carinho desde que a mãe morrera?

Continuei a trabalhar, e quando me aproximei para cortar o cabelo por cima das orelhas, a sua respiração saiu num arquejo. Os meus olhos dispararam para o rosto dele outra vez. As suas pupilas estavam levemente dilatadas e os lábios entreabertos. Os meus mamilos enrijeceram sob a *T-shirt* e os olhos do Archer fixaram-se neles, arregalados. Ele depressa desviou o olhar, o rubor voltando-lhe ao rosto, e cerrou os punhos sobre as coxas musculadas.

Inclinei-me sobre ele para continuar a cortar, o meu peito ainda mais perto do rosto dele. Ouvi a sua respiração entrecortada acelerar, os arquejos a quebrar o silêncio da cozinha. Olhei para baixo quando me inclinei para trás e vi o membro duro e grosso por cima das suas calças.

Passei rapidamente para trás dele, onde aparei um pouco mais o cabelo e tentei controlar a minha própria respiração. Os meus olhos pareciam baços e esperava estar a fazer um bom trabalho – era difícil concentrar-me, a humidade a acumular-se entre as minhas coxas. Estava tão excitada que mal conseguia suportar: a sua proximidade, a sensação de tocá-lo e a consciência de que eu também o estava a afetar. Nunca tinha ficado excitada tão depressa – e por causa de um corte de cabelo! Mas claramente ele estava no mesmo estado que eu.

Quando voltei para a frente dele, vi que o Archer tremia ligeiramente.

– Pronto – sussurrei. – Terminei. Ficou muito bom, Archer. – Ajoelhei-me diante dele e engoli em seco ao ver o resultado final.

Pousei a tesoura sobre a bancada atrás de mim e virei-me, ainda ajoelhada, levantando o corpo o mais alto que consegui e aproximando-me dele, o coração a bater ruidosamente nos meus ouvidos e o latejar incessante entre as minhas pernas. Ergui os olhos para o Archer, movendo-os rapidamente pela sua boca. Os olhos dele também se fixaram nos meus lábios. Meu Deus, queria tanto que ele me beijasse que chegava a doer.

Ele fitou-me, e engoliu com dificuldade, a maçã de Adão a mover-se na garganta e a cicatriz a elevar-se. Enquanto nos olhávamos, um lampejo de incerteza passou-lhe pelo rosto e ele cerrou os punhos com mais força sobre as coxas.

De repente, empurrou a cadeira para trás e levantou-se; e eu, chocada, fiz o mesmo.

Tens de te ir embora agora, disse-me.

Ir embora?, perguntei. *Porquê, Archer? Desculpa, fiz...*

Ele abanou a cabeça e pude ver a veia a pulsar no seu pescoço. *Não, não é nada, eu só... tenho coisas para fazer. Tens de ir.* Ele respirava com dificuldade, como se tivesse corrido uns dez quilómetros. Sempre que vi o Archer a fazer um trabalho físico, nunca o vira ficar sem fôlego. Ele olhou-me com uma expressão suplicante.

– OK – sussurrei, enrubescendo. – OK.

Agarrei na tesoura, fui até à sala e guardei-a na mala. Virei-me para o Archer.

Tens a certeza? Eu não...

Sim, por favor, afirmou ele.

Os meus olhos moveram-se para baixo e pude ver que ele ainda estava totalmente duro. Engoli em seco outra vez. Eu não sabia o que pensar. Ele estava envergonhado por estar excitado? Ou estava chateado por estar excitado por minha causa? Será que tinha sido muito ousada? Ele só queria ser amigo e eu interpretei-o mal? Mágoa e confusão toldaram-me a mente.

– OK – disse outra vez, caminhando em direção à porta.

Ele segurou-me no braço com delicadeza quando passei por ele, e eu assustei-me um pouco. *Desculpa. Gostei muito do corte de cabelo.*

Olhei para ele outra vez, reparando como estava lindo, recém-barbeado, com o novo corte de cabelo e o rosto ainda ruborizado, os olhos vidrados, de um castanho-dourado ainda mais brilhante do que o normal.

Assenti com a cabeça e saí pela porta. A *Phoebe* estava no alpendre, por isso peguei nela e apressei-me em direção ao portão.

CAPÍTULO DEZASSEIS

BREE

Voltei para casa devagar. No momento em que estava a entrar na minha rua, percebi que não me lembrava de nada do trajeto até casa. Tinha pedalado numa névoa, alheia a tudo à minha volta, focada apenas nos meus sentimentos de confusão e mágoa.

Quando avistei o meu chalé, notei que havia uma carrinha grande parada à frente e alguém de pé no meu alpendre. *Mas que raio?*

À medida que me aproximava, vi que era o Travis. Desci da bicicleta, encostei-a à cerca, peguei na *Phoebe* ao colo e fui na sua direção com um sorriso confuso no rosto.

– Olá, estranha – disse ele, vindo ao meu encontro.

Ri baixinho.

– Desculpa, Travis. Não estou a tentar ser uma estranha, e recebi as tuas mensagens. É que tenho andado ocupada, só isso. – Encontrámo-nos na base das minhas escadas.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Não ando a perseguir-te. – Fez um sorriso envergonhado. – É só que gostei mesmo da tua companhia na outra noite, e a cidade está a organizar um desfile do departamento de polícia e dos bombeiros daqui a algumas semanas. Há sempre um jantar depois em homenagem ao meu pai. É um grande acontecimento para a cidade... e eu esperava que me quisesse acompanhar. – Ele sorriu. – É claro que espero que saias comigo antes disso, mas queria garantir já o convite para o jantar. É um evento importante para mim.

Mordi o lábio, sem saber o que fazer. E depois ocorreu-me... o seu pai era o homem que alvejara o Archer. Uma homenagem a ele? Como poderia eu participar nisso? Não queria magoar o Travis, gostava dele. Só que gostava ainda mais do Archer. Oh, meu Deus. Era verdade. Eu realmente gostava mais do Archer. Mas ele tinha-me expulsado da sua casa, enquanto o Travis estava a fazer um grande esforço para passarmos mais tempo juntos, mesmo que

fosse para ir a um evento ao qual eu não me sentia confortável em comparecer. Tudo o que eu queria era entrar em casa para poder pensar em tudo aquilo. Queria ficar sozinha.

Sorri.

– Travis, posso pensar nisso? Lamento muito... aquela coisa complicada... Eu só...

Um lampejo de algo semelhante a raiva ou decepção passou rapidamente pelo seu rosto antes de ele sorrir e dizer:

– Que tal se eu te ligar daqui a um dia ou dois com os pormenores todos, para que possas aceitar? – Ele sorriu.

Eu ri-me e disse:

– Está bem, liga-me daqui a dois dias.

Ele concordou, parecendo apaziguado, depois inclinou-se para me beijar, e eu virei ligeiramente a cabeça para que ele me beijasse na bochecha. Ele franziu a testa enquanto se endireitava, mas não disse nada.

– Falamos em breve – afirmei suavemente.

O Travis assentiu com a cabeça e depois passou por mim e foi em direção à carrinha. Observei-o de onde estava, os ombros largos e o rabo musculado que preenchia as calças de ganga na perfeição. Ele era realmente um achado. Porque é que eu não sentia nenhuma faísca? Suspirei e entrei em casa com a *Phoebe*.

Fui para o quarto e deitei-me na cama e, sem que me desse conta, adormeci. Quando acordei, o quarto estava escuro. Olhei para o relógio. Dez e dezoito. Dormira durante a tarde toda e boa parte da noite. Provavelmente porque não tinha dormido bem na cama do Archer... tão consciente da presença dele na divisão ao lado. Gemi ao pensar no Archer e perguntei-me o que estaria ele a fazer naquele momento. Esperava não ter estragado tudo entre nós.

Suspirei, sentei-me na cama e a *Phoebe* entrou a trotar no quarto.

– Olá, miúda – sussurrei. – Provavelmente precisas de ir lá fora, não é?

Fui com ela até à porta da frente e calcei os chinelos, percebendo que precisava de deitar no lixo as rosas já murchas que estavam em cima da mesa da entrada. Quando abri a porta, vi que havia uma coisa sobre o tapete do alpendre. Confusa, baixei-me para apanhar. Sustive a respiração e comecei a rir. Era um «buquê» de barras de chocolate recheado, amarradas com um pedaço de fio.

Virei-o nas mãos, sorrindo estupidamente, sentindo a felicidade a florescer-me no peito. Seria um pedido de desculpa? Ou um gesto de amizade? O que significava aquilo exatamente? Gemi. Aquele homem!

Depois dei uma gargalhada, abraçada às barras de chocolate e, em seguida, fiquei ali, a sorrir como uma idiota. Que rapaz estranho. O doce e silencioso Archer Hale.

Trabalhei das seis da manhã às duas da tarde no dia seguinte e estava praticamente aos saltos quando entrei no *snack-bar*. Era a minha segunda manhã sem *flashback*. Quando fui para a cama na noite anterior, estava com um pouco de medo de que aquela manhã tivesse sido algum tipo de acaso estranho. Mas não, parecia que não. Sentia-me uma pessoa totalmente nova. Uma pessoa mais leve, uma pessoa cheia de *esperança* e liberdade.

Quando a grande quantidade de clientes para o pequeno-almoço dispersou, o Norm gritou da cozinha:

– Maggie, preciso de fazer uma pausa nas traseiras. Chama-me se alguém entrar. – Tirou as luvas de plástico, afastou-se do grelhador e foi para o pequeno escritório atrás da cozinha.

A Maggie abanou a cabeça.

– Ele está bem? – questionei.

– O teimoso está doente, mas é claro que não quer contratar outro cozinheiro. É um sovina e acha que é o único que pode fazer as coisas. – Ela abanou a cabeça outra vez.

Franzi a testa, parei de limpar o balcão e virei-me para a Maggie. Inclinei a cabeça, pensei um pouco e disse:

– Maggie, se precisar de ajuda na cozinha, a minha família era dona de uma pastelaria e eu costumava cozinhar lá. Acho que conseguia dar conta disto aqui... quero dizer, sabe, se for necessário.

A Maggie observou-me.

– Bem, obrigada, querida. Não me vou esquecer disso.

Assenti com a cabeça e voltei para as minhas tarefas de limpeza no balcão.

Quando já estava a terminar, a sineta por cima da porta de entrada tilintou e vi uma mulher de quarenta e poucos anos a entrar no *snack-bar*. Vestia um fato de calças e *blazer* de manga curta bege que parecia ser de marca e, embora não conhecesse muitas marcas famosas, até eu sabia que o C grande na mala significava *Chanel*.

Tinha o cabelo louro e brilhante preso num coque baixo elaborado, com algumas mechas cuidadosamente soltas a emoldurar o rosto. A maquilhagem estava impecável, embora um pouco pesada, enfeitando um rosto esticado, que obviamente já tinha passado por uma cirurgia plástica.

– Ora, olá, Mrs. Hale – disse a Maggie, apressando-se como se a rainha de Inglaterra tivesse acabado de entrar pela porta.

– Maggie – disse, mal olhando para ela enquanto caminhava na minha direção no balcão. O aroma a perfume caro e forte, uma mistura de lírios e rosas, fez-me cócegas no nariz. Espirrei, trazendo o braço para cima de modo a cobrir o nariz e a boca e, em seguida, voltei a baixá-los.

– Perdão! – disse.

A mulher olhou para mim como se eu pudesse ser contagiosa. Credo, um «Santinho» não era pedir muito, pois não? Uau, estava a sentir ótimas vibrações vindas dali...

- Vou esperar enquanto você lava as mãos.
- Hum... certo, OK. Volto já para anotar o seu pedido.
- Não vou pedir nada.

Fiz uma pausa. OK... Mas assenti e fui lá atrás, onde lavei e sequei as mãos e em seguida apressei-me de volta. Enquanto caminhava em direção ao balcão, de repente ocorreu-me perguntar-me por que diabos estava a receber ordens daquela pessoa.

– Como posso ajudá-la? – indaguei, mantendo distância do balcão, para não ter outra crise de espirros. Tinha a certeza de que era alérgica àquela mulher.

– Sou a Victoria Hale; certamente já ouviu falar de mim.

Olhei para ela com uma expressão vazia.

– Não, lamento, mas não ouvi – menti, sentindo um pequeno prazer ao notar o lampejo de raiva que tomou conta do seu rosto. Que cabra.

Mas ela depressa se recuperou.

– Bem, então fico feliz por ter passado por aqui para me apresentar. Sou a mãe do Travis Hale. Pelo que sei, vocês andam a sair, certo?

– Hum, eu... – Fiz uma pausa. Que diabos estava a acontecer ali? – Saí uma vez com ele – comentei, franzindo as sobrancelhas e analisando a mulher insolente. Não pretendia voltar a sair com o Travis, mas aquela mulher não precisava de saber disso.

– Sim, foi o que ouvi dizer – disse ela. – Isso não é problema, imagino. O Travis escolhe as mulheres que quer... ver. O que não me agrada é o facto de aparentemente se ter tornado amiga do Archer Hale.

Arregalei os olhos e fiquei boquiaberta. Como diabos sabia ela disso? Cruzei os braços sobre o peito.

– Na verdade – disse –, ele é mais do que um amigo. – Ergui o queixo e olhei de cima para ela. Muito bem, aquilo não era exatamente verdade, pelo menos no que dizia respeito ao Archer, mas eu queria ver a expressão no rosto da mulher ao ouvir aquilo. O seu desdém pelo Archer era óbvio, só não fazia ideia do motivo. E a melhor maneira que encontrei para o defender naquele momento foi dizer-lhe que éramos mais do que amigos.

Ela olhou para mim durante uns segundos e depois deu uma gargalhada, produzindo uma onda de raiva que me percorreu o corpo.

– Bem, isso parece-me familiar... Outra rapariguinha a controlar os rapazes Hale pelas suas partes íntimas. – Ela estreitou os olhos. – Esse rapaz tem um lado violento. Já alguém lhe disse disso?

Fiquei estupefacta.

– Um lado violento? – Ri-me. – Está errada a esse respeito...

Ela acenou a mão para me silenciar.

– Pergunte-lhe, rapariguinha. Ouvi dizer que sabe a língua gestual e que está a ensinar-lha. Pergunte-lhe como ele tentou atacar-me há uns anos. – Assentiu, como se concordasse consigo mesma. Eu não disse nada, fiquei apenas a fitá-la, e não a corrigi em relação à sua suposição de que eu estava a

ensinar a língua gestual ao Archer.

– Afaste-se dele – continuou. – Nada de bom pode vir dali. E, para uma rapariga que não é estranha à violência, acho que deveria prestar atenção ao que estou a dizer. Não há como saber quando ele vai explodir e fazer alguma coisa para a magoar. Não se esqueça disso. Ele já o fez antes. Tenha um bom dia.

E com isso, virou-se e começou a andar em direção à porta, fazendo um pequeno sinal à Maggie, que estava sentada à mesa de descanso, tentando não parecer que estava a ouvir a conversa.

Eu estava pasmada. Aquela mulher tinha andado a investigar-me – tinha sondado quem eu era e o que havia no meu passado? *Porquê? De todas as cabras mal-intencionadas e condescendentes! Que grande cabra!*

Quando a porta se fechou, a Maggie apressou-se a vir para o pé de mim.

– Que diabo foi aquilo? – perguntou, de olhos arregalados.

Eu ainda estava imóvel, a testa franzida.

– Não faço a menor ideia. Quem é que essa mulher pensa que é?

A Maggie suspirou.

– A Tori Hale sempre foi arrogante, desde o dia em que chegou à cidade, e ficou ainda mais arrogante depois de se ter casado com o Connor Hale. Ela é pretensiosa e difícil de lidar, mas o que dizer de uma mulher que é dona da cidade inteira, incluindo de todos os negócios, e que tem mais dinheiro do que Deus?

– Que precisa de comprar uma personalidade melhor para si própria? – sugeri.

A Maggie riu-se baixinho.

– Não discordo contigo, mas... – Encolheu os ombros. – Ela costuma frequentar vários clubes do outro lado do lago. Não tenho razão nenhuma para interagir com ela. É claro que ela não está a ganhar novos fãs com o que planeia fazer com a cidade.

Olhei para a Maggie.

– As mudanças vão afetá-la a si e ao Norm?

Ela abanou a cabeça.

– Ainda não sabemos. Ninguém viu o projeto final. A única coisa que sabemos é que vão construir condomínios na margem do lago.

Virei-me para trás, para a janela por onde vira a Victoria Hale desaparecer na esquina momentos antes.

– Hummm.

– Agora, que história é essa de andares a ver o Archer Hale? – perguntou a Maggie, interrompendo os meus pensamentos.

Respirei fundo, olhando para ela e apoiei as ancas ao balcão.

– Talvez tenha sido um certo exagero, mas tenho ido a casa dele e passado tempo com ele. Gosto dele.

– Sempre pensei que ele fosse um simplório.

Abanei a cabeça vigorosamente.

– De forma alguma. É inteligente, engraçado e doce. É um tipo incrível – afirmei, enrubescendo um pouco e olhando para baixo quando a Maggie me fitou com curiosidade.

– Gostas mesmo dele – comentou, parecendo chocada. – Bem, quem teria imaginado? Hum.

– Gosto – admiti. – Existem muitos motivos para gostar. De qualquer forma, o que era aquilo que a Victoria Hale estava a dizer... sobre o Archer ser violento?

A Maggie encolheu os ombros.

– Não faço ideia. Nunca vi nada disso. Como eu disse, sempre o considereei um simplório. Claro, também não me surpreenderia muito. Está nos genes, imagino. O pai dele era um bêbedor cruel. A pobre mulher tentava ocultar as nódoas negras, mas todos sabíamos...

– Alguém fazia alguma coisa? – interoguei, sentindo um peso no coração ao pensar na mãe do Archer.

A Maggie assentiu com a cabeça.

– O Connor Hale, o irmão dele, estava sempre lá. Pelo que sei, os dois pegaram-se várias vezes. – Ela voltou a abanar a cabeça.

Mordi o lábio, perguntando-me mais uma vez o que realmente tinha acontecido entre aqueles dois irmãos há tanto tempo.

– É melhor ir ver como está o Norm – disse a Maggie. – Tenho de me certificar de que ele não desfaleceu no escritório. Não seria bom para o negócio.

Ri baixinho e voltei ao trabalho, com a mente cheia de questões sobre os irmãos, segredos, uma rapariga que ambos tinham amado... e uma viúva amarga. Perguntei-me como se encaixariam as peças daquele *puzzle* e onde é que o Archer entrava naquilo tudo?

CAPÍTULO DEZASSETE

BREE

Saí do *snack-bar* ao final da tarde e reparei que o tempo estava claramente mais frio – ainda ameno e mais próximo do verão, embora já estivéssemos no início de setembro, mas achei que o outono já estava no ar. As folhas começavam mesmo a mudar de cor, e vi calças de ganga e camisolas no meu futuro próximo. Parei diante do meu carro. Será que isso significava que iria ficar ali? Estava em Pelion havia menos de um mês, mas já começava a pensar naquele lugar como sendo o meu lar. Tinha de pensar nisso. Por agora, não tinha pressa nenhuma.

Abri a porta do carro e, de repente, senti um leve toque no ombro. Assustei-me, inspirei fundo e virei-me. Um par de olhos castanho-dourados encontrou os meus. Por uma fração de segundo, fiquei confusa, examinando o rosto bonito emoldurado por cabelo curto e escuro. *Archer*. Deixei o ar escapar, ri e levei a mão ao peito.

Ele sorriu. *Desculpa*.

Eu sorri outra vez. *Tudo bem. Só não te ouvi a aproximar*. Franzi a testa. *O que estás a fazer aqui?*

Estou aqui por tua causa, disse ele, enfiando as mãos nos bolsos e olhando para os sapatos por um momento, antes de levantar as mãos para gesticular. *Pode ser?* Manteve-se cabisbaixo, mas ergueu os olhos para mim, estreitando-os levemente. Senti um frio no estômago.

Sim, tudo bem, respondi, sorrindo-lhe. *Encontrei o buquê que me deixaste. Adorei!*

Ele assentiu com a cabeça, os lábios formando um sorriso, mas depois o seu rosto assumiu uma expressão de preocupação. *Desculpa por ontem*, disse ele, passando a mão pelo cabelo curto. *Devia explicar-me, eu...*

Archer, disse, agarrando-lhe a mão para fazer com que parasse com os gestos, *que tal aquela aula de culinária esta noite e conversamos nessa altura? O que achas?*

Ele observou-me por um momento e depois assentiu, enfiando novamente as mãos nos bolsos, olhando ao redor com uma expressão tensa.

Eu sorri. *Muito bem, ótimo. Vou para casa, tomar um banho e depois sigo de bicicleta.*

O Archer assentiu com a cabeça outra vez.

Entra, disse, apontando para o carro. *Eu levo-te a casa.*

Ele olhou para o meu carro, como se fosse uma nave espacial. *Não, eu vou a pé.*

Franzi a testa. *Archer, sinceramente. Porquê ires a pé quando posso levar-te de carro?*

Ele começou a recuar. *Vejo-te daqui a pouco.*

Fiquei a olhar para ele até se virar e começar a afastar-se. *Bem, como quiseses*, pensei. Foi então que reparei nas pessoas na rua a olhar para mim com curiosidade, a andar devagar, sem tentar esconder a bisbilhotice. Credo, as cidades pequenas podiam ser muito irritantes. Seria possível ter alguma privacidade aqui?

Entrei no carro e conduzi até casa.

* * *

Assim que cheguei ao chalé, tomei um banho rápido, vesti os meus calções de linho amarelo-claro e o meu *top* branco preferido. Sequei o cabelo à pressa e prendi-o atrás frouxamente, deixando algumas mechas caídas para emoldurar o rosto. Demorei alguns minutos à frente do espelho, pois queria estar bonita para o Archer, e senti-me entusiasmada com a ideia de passar tempo com ele.

Vinte minutos depois, a *Phoebe* e eu parámos diante do portão aberto do Archer, entrámos e eu fechei o portão atrás de nós.

Como sempre, a *Phoebe* disparou pelo pátio, em busca da *Kitty* e das crias, que agora seguiam a mãe nas suas missões secretas por toda a propriedade. Sorri para mim mesma. Acho que ia gostar de ter conhecido o tio Nate.

O Archer saiu de casa e sorriu-me, e eu retribuí o sorriso, caminhando na sua direção. Ia precisar de um tempo para me habituar ao seu novo visual. Deus, ele era lindo. É verdade que as roupas ainda eram um pouco estranhas para um tipo de vinte e poucos anos que... espera, quantos anos *tinha* o Archer, na verdade?

A poucos metros dele, perguntei por gestos: *Quantos anos tens?*

Ele pareceu confuso por um momento, depois olhou para longe, como se estivesse a calcular e disse: *Vinte e três anos.*

Parei, franzindo a testa. *Porque é que estavas confuso?*

Ele abanou a cabeça. *O tio Nate não comemorava aniversários, por isso eu às vezes esqueço-me da minha idade. O meu aniversário é no dia 2 de dezembro.*

Eu não sabia o que dizer perante isto. Ninguém tinha comemorado o seu aniversário em todos aqueles anos? Parecia uma coisa relativamente simples, mas por alguma razão o meu coração ficou apertado de tristeza.

Lamento, Archer, disse quando cheguei ao pé dele.

Ele encolheu os ombros, como se não fosse importante. *Vamos entrar?*

Assenti.

– A propósito – disse, entrando em casa atrás dele –, por acaso sabes alguma coisa em relação àquele degrau solto no meu alpendre? Tinha reparado que o degrau já não estava solto quando chegara a casa, vinda do trabalho, pouco antes. Não havia forma de o George Connick ter sabido disso, já que eu não o avisara. A última pessoa que subira aqueles degraus tinha sido o Archer.

Ele olhou para trás para mim e girou o corpo devagar. *Era perigoso*, disse. *Passei por lá hoje e arranjei-o. Demorei apenas alguns minutos.*

Suspirei.

– Obrigada. Foste muito amável. – Meu Deus, este homem? Ele ia matar-me com uma sobrecarga de doçura.

O Archer limitou-se a assentir, como se não fosse nada.

Quando entrámos, deu-me a mão e conduziu-me ao sofá, e sentámo-nos. Olhei para ele em expectativa. Observei aquele homem alto e bonito, com um corpo desejado por muitos homens que passavam horas no ginásio, sentado à minha frente com uma expressão tão tímida e insegura, algo que eu tinha dificuldade em compreender, e ainda assim fazia o meu coração acelerar e o sangue circular mais quente nas minhas veias. Ele pareceu ligeiramente desconfortável, mas respirou fundo e gesticulou: *Sobre ontem à noite... eu...*

Archer, interrompi, *não tens de te explicar. Acho que compreendo...*

Não, não compreendes, interrompeu ele. Passou a mão sobre o novo cabelo, curto. *Bree, eu não...* Deixou escapar um suspiro e cerrou levemente o maxilar. *Não tenho experiência com...* Os olhos dele demoraram-se nos meus, brilhando com intensidade. Senti aquela intensidade no meio das minhas coxas. Não conseguia evitar... o meu corpo reagia a ele, quer eu quisesse quer não.

Posso perguntar-te uma coisa?, disse o Archer, o rosto novamente ruborizado. Deus, para mim ele era lindo.

Qualquer coisa.

Querias... que eu te beijasse, ontem? Querias que eu te tocasse? Os seus lábios abriram-se um pouco, e ficou a olhar para mim, à espera da minha resposta como se sua vida dependesse disso.

Sim, respondi sem hesitar. Eu já tinha feito joguinhos com outros tipos no passado. Namoriscos, nos quais me fazia de difícil, mas com o Archer não pensei duas vezes. Honestidade total era a única coisa que lhe podia dar... Nunca iria magoar intencionalmente aquele homem lindo, sensível e sofrido que já fora tão magoado.

Ele deixou o ar escapar. *Eu queria beijar-te, tocar-te. Só não sabia... se*

tu também querias o mesmo...

Sorri e olhei para ele com os olhos semicerrados. *Archer*, disse, pegando na sua mão e pousando-a sobre o meu coração, que batia freneticamente.

– Estás a sentir isto? – sussurrei usando a voz, já que as minhas mãos estavam a segurar a mão dele. – É assim que me afetas. O meu coração está a bater assim porque quero tanto que me beijes que mal consigo respirar.

Ele arregalou os olhos, as pupilas tão dilatadas que os seus olhos castanho-dourados pareciam quase castanho-escuros. Algo quase palpável passou entre nós. Ele desviou o olhar para a minha boca e voltou para os meus olhos. Não me mexi, sabendo instintivamente que era importante para ele assumir o controlo naquele momento. Fiquei sentada, imóvel, os olhos também fixos na sua boca. Ele humedeceu os lábios e só aquele movimento foi o suficiente para enviar uma corrente elétrica diretamente para o meio das minhas pernas. Apertei-as uma contra a outra devagar, tentando aliviar a tensão que crescia ali.

Beija-me, beija-me, entoei mentalmente, a tensão a aumentar de tal forma que quando a sua cabeça começou, por fim, a avançar na minha direção, quase deixei escapar um gemido de alívio.

O *Archer* aproximou-se de mim, os lábios entreabertos, uma expressão no rosto que era uma mistura de incerteza e desejo manifesto. Nunca esqueceria aquele olhar – enquanto vivesse, nunca esqueceria a beleza da expressão no rosto do *Archer*. Da próxima vez, não seria igual. Assim que me beijasse – o seu primeiro beijo, isso eu sabia –, nunca mais seria igual. Assimilei aquela imagem e memorizei-a, tornando-a parte de mim. E então os seus lábios alcançaram os meus e gemi, um som ofegante que me saiu de forma espontânea da garganta. Os olhos dele abriram-se e por um instante deteve-se, os olhos a escurecerem ainda mais, antes de pressionar os lábios com firmeza contra os meus, tornando a fechar os olhos. Fiz o mesmo e mergulhei na sensação dos lábios macios a experimentar o sabor dos meus, roçando-os levemente e em seguida voltando a pressioná-los. Após alguns segundos, ele aproximou o corpo do meu e a sua língua percorreu a linha dos meus lábios, que eu abri de imediato, convidando-o a entrar sem reservas. A sua língua entrou na minha boca, timidamente, e usei a minha própria língua para me enredar na dele. Ele pressionou o corpo com mais força contra o meu e um suspiro saiu da sua boca para a minha, como se estivesse a respirar vida em mim. E talvez estivesse. Talvez estivesse a fazer isso a toda a hora.

Deitou-me delicadamente no sofá, a boca sempre colada à minha, e debruçou-se sobre mim, inclinando a cabeça. O beijo tornou-se mais profundo e a língua dele continuou a sondar a minha boca, encontrando a minha língua numa dança lenta e erótica.

E nada nunca me pareceu tão verdadeiro.

O alívio delirante que desabrochou no meu coração ao me dar conta do quanto eu desejava o homem que estava em cima de mim, a beijar-me, quase me fez chorar de felicidade.

Após alguns minutos, ele afastou-se, ofegante, olhando-me nos olhos. Eu fitei-o e sorri, mas em vez de retribuir o sorriso, ele pressionou os lábios novamente contra os meus, ergueu as mãos e levou os dedos ao meu cabelo, agarrando algumas mechas com delicadeza. A sensação foi tão boa que gemi mais uma vez e pressionei as ancas contra o seu corpo hirto. Podia sentir a sua ereção, dura e vigorosa, e mexi o corpo até ela estar pressionada exatamente onde eu precisava, o calor a irradiar através do tecido das suas calças de ganga e do tecido fino dos meus calções de linho. Ele deixou o ar escapar com força dentro da minha boca outra vez e eu deleitei-me com aquilo, pois sabia que era um gemido sem som.

O Archer pressionou a ereção contra mim gentilmente, e afastou os lábios dos meus para me olhar interrogativamente, querendo certificar-se de que eu concordava com o que ele estava a fazer. A sua gentileza e cuidado com o que eu desejava fizeram o meu coração apertar-se no peito e sorri um pouco.

– Sim – disse, ofegante. – Sim.

Voltou a beijar-me, acrescentando agora o movimento suave das ancas para que a sua ereção se movesse contra o meu clítoris, em movimentos circulares deliciosos. Perguntei-me se ele saberia que esses movimentos que estavam a dar-lhe prazer também eram prazerosos para mim. Arquejei e pressionei as ancas contra as dele para demonstrar que estava a adorar aquilo. Ele ajustou os movimentos de acordo com as minhas reações, e o facto de estar tão sintonizado com o meu prazer fez com que outra onda de desejo me atingisse com força. O meu clítoris latejava, intumescido, o sangue pulsava furiosamente ali. Pensei, um pouco zozza, no quanto aquela dança entre um homem e uma mulher era puro instinto, uma comunicação silenciosa.

Enquanto ele se movia sobre mim, os meus mamilos rígidos roçavam no seu peito, provocando-me mais faíscas entre as pernas.

Outro arquejo lhe saiu da boca e, ao senti-lo, o meu corpo retesou-se deliciosamente e estremei de prazer, libertando-me da sua boca e gritando alto, arqueando as costas ligeiramente.

Senti-o a estremecer também e depois ficar imóvel em cima de mim, a respiração entrecortada. Quando abri os olhos, ele fitava-me com uma expressão de surpresa e puro encantamento. Sentou-se, ainda a olhar para mim e disse: *Era suposto isto acontecer? Quero dizer, só por nos beijarmos?*

Eu ri-me e assenti com a cabeça, erguendo as mãos também. *Sim*, disse, *quero dizer, sim, às vezes acontece.*

Inclinei-me e beijei-o suavemente na boca. Quando me encostei para trás, o seu rosto abriu um enorme sorriso. Oh, meu Deus. O meu coração não aguentava aqueles sorrisos... Eram demasiado: lindos e incríveis.

Sorri ao ver a expressão levemente presunçosa no rosto dele. Não iria dizer-lhe que ter um orgasmo nas calças não era exatamente uma coisa de que se orgulhar, porque a verdade era que eu achava que nunca tinha sentido metade da excitação que me dominara enquanto estava deitada naquele sofá

com ele, minutos antes. Portanto, ele podia, sim, sentir-se presunçoso por agora. Ri-me mais uma vez e voltei a beijá-lo.

Recostei-me e disse: *Não vou dar-te aquela aula de culinária agora. Vou cozinhar para ti. Quero cuidar de ti esta noite. Pode ser?*

O Archer observou-me e vi algo caloroso e gentil a surgir nos seus lindos olhos, e simplesmente assentiu com a cabeça.

* * *

Enquanto o Archer se lavava, decidi ficar à vontade na sua pequena cozinha e comecei a preparar-lhe uma refeição. Era a primeira vez que cozinhava em quase um ano, mas só sentia felicidade e satisfação à medida que cortava, misturava e preparava os alimentos, cantarolando enquanto trabalhava. O Archer entrou e colocou batatas fritas numa tigela, tirou um recipiente de molho de cebola do frigorífico e pôs tudo sobre o balcão.

Entrada, disse ele, sorrindo.

Que fino!, ri-me, e depois afastei algumas batatas para o lado até encontrar uma que se tivesse dobrado durante o processo de fritura. Aquelas eram as minhas favoritas. Eram um pouco mais crocantes e perfeitas para serem usadas como uma colherzinha para o molho. Pus a batata na boca, sorri-lhe, e voltei ao trabalho.

Não conversámos muito enquanto eu cozinhava; as minhas mãos estavam ocupadas, mas o Archer parecia contente em ficar a ver-me, com a anca estreita apoiada na bancada. Olhei para ele algumas vezes, ali parado, de braços cruzados sobre o peito e um sorrisinho feliz no rosto.

Por várias vezes, puxou-me para si e beijou-me intensamente, parecendo surpreendido mais uma vez quando não o detinha. Então, eu sorria, pegava noutra batata dobrada e levava-a à boca.

Quando o jantar estava pronto, pus a mesa da cozinha, sentámo-nos e servi a comida. O Archer segurou-me na mão e disse: *Obrigado por isto*, parecendo quase um menino que não sabia como expressar o que queria dizer realmente. *Obrigado*, repetiu. Mas eu compreendi o que significava aquele simples obrigado. Há muito tempo que ninguém tomava conta dele.

Deu uma dentada, recostou-se e o seu rosto assumiu a mesma expressão sonhadora após o nosso primeiro beijo. Eu sorri. *Está bom?*

Assentiu com a cabeça, ainda a mastigar. *Tinhas razão; és mesmo uma excelente cozinheira.*

Sorri. *Obrigada. Costumava cozinhar na nossa pastelaria. Eu e o meu pai inventávamos todas as receitas. Costumávamos cozinhar e fazer bolos juntos.*

Olhei para um ponto atrás do Archer, recordando o meu pai a deitar-me farinha na cara e a fingir que aquilo fora um acidente. Fiz um pequeno sorriso... a memória trazia-me calor ao peito, e não o aperto que provocara nos últimos seis meses sempre que me recordava do meu pai.

Estás bem?, perguntou o Archer, preocupado. Os meus lábios curvaram-se abrindo-se num grande sorriso, e peguei na mão do Archer apertando-a.

Sim, estou bem.

De repente, a chuva começou a cair levemente do lado de fora da janela da cozinha e eu olhei, franzindo ligeiramente a testa. Olhei para o Archer quando vi as suas mãos a moverem-se na minha visão periférica. *Não está prevista uma tempestade esta noite*, disse ele, obviamente lendo-me os pensamentos.

Deixei o ar escapar lentamente e sorri, descontraindo os ombros.

O Archer observou-me, pegou-me na mão e apertou-a.

Levantei-me e fui até à porta e chamei a *Phoebe*, que já estava no alpendre. Trouxe-a para dentro e ela instalou-se no tapete da sala de estar.

Voltei para a mesa, e comemos, ambos em silêncio durante alguns minutos.

Depois de comermos, o Archer ajudou-me a lavar a loiça e a arrumar a cozinha. Enquanto eu limpava uma travessa que ele acabara de lavar, disse-lhe:

– Archer, aconteceu uma coisa no *snack-bar* hoje e eu queria saber a tua opinião.

Ele olhou para mim, a mão na água com sabão, e assentiu.

Guardei a travessa lavada no armário e prossegui por gestos: *Uma mulher entrou no snack-bar hoje e...* Fiz uma pausa, pensando em como dizer-lhe as palavras. *Ela não me ameaçou exatamente... foi mais como um aviso, acho eu. Mas disse-me para me afastar de ti.*

O Archer estava a olhar fixamente para as minhas mãos, e os seus olhos dispararam para o meu rosto, de testa franzida. Inclinou a cabeça para o lado, mas parecia cauteloso, quase como se soubesse o que eu estava prestes a dizer.

A Victoria Hale?, perguntou e, no mesmo momento, o seu maxilar retesou-se e virou a cabeça, baixando os olhos para o lava-loiça cheio de água e detergente. Ficou imóvel durante vários segundos, antes de tirar a panela que estava a lavar da água e atirá-la para o lado vazio do lava-loiça, provocando um barulho súbito que me assustou.

Levou as mãos molhadas para trás e passou-as pelo cabelo, e permaneceu imóvel, o músculo no maxilar a pulsar sem parar.

Toquei-lhe no braço com delicadeza, mas ele não olhou para mim, embora o seu corpo se relaxasse ligeiramente.

Retirei a mão e fiquei parada um momento, reparando no seu corpo tenso, a expressão de preocupação, enquanto pensava que nunca tinha visto o Archer Hale zangado. Vira-o desconfiado, tímido, inseguro, mas nunca zangado. Não sabia muito bem o que fazer.

Ele inspirou profundamente, mas não disse nada, olhando para além de mim, a sua mente parecendo subitamente muito distante.

Vais falar-me sobre ela, Archer?

Os seus olhos dispararam para mim, mais suaves agora. Ele respirou fundo outra vez e assentiu.

Secámos as mãos, deixámos o resto da loiça no lava-loiça e fomos para a sala. Sentei-me perto dele no sofá e esperei que falasse.

Passado um segundo, ele olhou para mim e disse: *Quando o meu tio estava a morrer, a sua mente parecia... ficar lúcida, por vezes.*

Manteve-se em silêncio, perdido em pensamentos durante mais alguns segundos, de olhar distante, mas depressa voltou ao presente e encarou-me outra vez.

Era quase como se o seu cancro tivesse devorado uma parte daquilo que o fazia ser tão... diferente em termos mentais. Ele tinha esses momentos de normalidade que eu nunca tinha testemunhado antes, ou pelo menos não por períodos tão longos.

Às vezes, durante esses momentos, o meu tio confessava algumas coisas... sobre os mais diversos assuntos. Coisas que tinha feito na vida, o quanto amara a minha mãe... Um lampejo de dor atravessou-lhe o rosto antes de prosseguir.

Um dia, entrei no seu quarto e encontrei-o a chorar, ele puxou-me para perto dele e ficou a dizer o quanto estava arrependido. Quando lhe perguntei porquê, o tio Nate disse-me que quando eu estava no hospital, logo depois de ter levado um tiro – o Archer levou a mão à cicatriz, inconscientemente, acariciando-a devagar, e voltou a baixá-la –, os médicos lhe disseram que a minha laringe talvez pudesse ser reparada, mas que havia um prazo limitado para fazer a cirurgia. Ele fez outra pausa, com o maxilar cerrado e uma expressão amarga a preencher-lhe o rosto.

Mas depois ele contou-me que tinha falado com a Victoria sobre a cirurgia já marcada, e ela começou a semear-lhe na cabeça a ideia de que seria melhor se eu não conseguisse falar. Assim, não poderia ser interrogado. Ela explorou a paranoia do meu tio para que ele cancelasse a cirurgia e, assim, eu perdesse a oportunidade de algum dia voltar a falar.

Sustive a respiração, horrorizada. *Porquê?, perguntei. Porque é que ela faria isso? Porque não queria que falasses?*

O Archer abanou a cabeça, desviando o olhar por um momento. *Porque eu sei de coisas que ela não quer que ninguém saiba. Ou talvez ela simplesmente me odeie. Ou as duas coisas. Nunca consegui descobrir.* Voltou a abanar a cabeça. *Mas isso não tem importância.*

Franzi a testa, confusa. *Archer, ela sabe com certeza que tu podes escrever... que podes comunicar, se quiseres. O que é que ela não quer que tu contes?*

Ele respirou fundo. *Não tem importância, Bree. Não é nada de que eu queira falar, de qualquer forma. Essa é a pior parte de tudo. Ela roubou-me a única oportunidade de ser normal, de ser uma pessoa real, de viver uma vida como as outras pessoas – e tudo para nada. Eu nunca teria contado o maldito segredo dela de qualquer maneira.*

– Archer – disse, agarrando-lhe as mãos e levando-as ao peito, como fizera antes –, tu és uma pessoa real e podes viver uma vida como as outras pessoas. Quem te disse que não podias? – Era como se o meu coração estivesse a despedaçar-se. Aquele homem doce, inteligente e gentil tinha uma autoestima tão baixa...

Ele olhou para baixo e abanou a cabeça, sem conseguir responder, já que eu mantinha as suas mãos no meu peito.

Não lhe perguntei mais nada a respeito do segredo que guardava sobre a Victoria. Sabia que o Archer confiaria em mim quando se sentisse confortável. Ele passara a vida toda sozinho e isolado, sem ninguém com quem conversar por muito tempo. Assim como eu com a cozinha e a intimidade... era preciso ir devagar. Cada um à sua maneira, estávamos ambos a aprender a confiar.

Tinha, contudo, uma última pergunta a fazer-lhe. Soltei-lhe as mãos e falei por gestos: *Porque é que ela me disse que eras violento?* Era uma ideia quase ridícula. O Archer era o homem mais gentil que eu já conhecera.

Ela veio cá depois de o meu tio morrer, depois de me ver na cidade algumas vezes. Não tenho ideia do seu motivo e não quero saber. Eu estava com raiva, triste. Empurrei-a para fora do portão e ela caiu de rabo. Ele parecia envergonhado, embora não devesse, pelo menos na minha opinião.

Franzi os lábios. *Entendo, Archer. Ela merecia isso e muito mais. Lamento muito.*

Ele olhou para mim, observando-me o rosto. Inclinou a cabeça, alguma coisa pareceu entrar em foco nos seus olhos. *Não lhe deste muita importância. Só me perguntaste sobre o que ela te disse depois de nos termos... beijado.*

Assenti. *Conheço-te*, disse simplesmente.

O Archer parecia estar a tentar resolver um *puzzle*. *Acreditaste em mim em vez de acreditares nela de imediato?*

Sim, afirmei. *Totalmente.*

Ficámos a olhar-nos durante algum tempo, e depois o rosto dele abriu-se num daqueles sorrisos de parar o coração. Quase gemi, sentindo o calor subir pelas veias. Aquele sorriso era meu – ia garantir que ninguém fizesse o Archer Hale sorrir da mesma maneira por muito, muito tempo. Sentia-me ávida e possessiva em relação àquele belo sorriso. Sorri também.

Podemos beijar-nos mais um pouco?, perguntou, os olhos a brilharem de desejo.

Eu ri-me.

O que foi?, perguntou.

Nada, respondi. *Nada mesmo. Anda cá.*

Beijámo-nos no sofá durante muito tempo. Mas foi doce e terno desta vez, o desejo intenso que sentíamos já mais apaziguado. Conhecemos melhor a boca um do outro, memorizámos os nossos sabores e aproveitámos a intimidade do beijo, lábios contra lábios, respiração com respiração.

Quando abrimos os olhos, e ele me fitou, alisando-me o cabelo para trás

e prendendo uma mecha solta atrás da minha orelha, os seus olhos diziam-me tudo o que a voz não podia dizer. Dissemos mil palavras sem que nenhuma delas fosse pronunciada.

Mais tarde, depois de a chuva leve passar, o Archer acompanhou-me a casa, levando a bicicleta ao lado dele, com a *Phoebe* sentada na cesta.

Ele agarrou-me a mão, olhando-me com uma expressão tímida e sorridente enquanto eu retribuía o sorriso, sentindo o coração inchar no peito.

Depois beijou-me nos degraus do alpendre, um beijo tão doce e delicado que me deixou com um aperto no peito. Ainda sentia o toque suave dos seus lábios nos meus muito depois de ele ter ido embora, virado a esquina e saído do meu campo de visão.

CAPÍTULO DEZOITO

BREE

Na manhã seguinte, o meu telemóvel arrancou-me a um sono profundo.

Olhei para o relógio. Quatro e meia da manhã? Que diabos?

– Estou? – atendi, ainda meio a dormir.

– Querida? – Era a Maggie.

– Olá, Mags, o que se passa? – perguntei, preocupada.

– Querida, hoje vou aceitar a tua oferta para trabalhar na cozinha. O Norm ficou acordado a noite toda a vomitar as entranhas, desculpa a expressão... e não há maneira de ele ir trabalhar. Se decidires que não queres, não há problema. Mas, nesse caso, terei de pôr a placa a dizer «Fechado» à porta.

Fiz uma pausa por um momento, sabendo que fechar o *snack-bar*, mesmo que por um dia, seria tirar dinheiro do bolso deles. Os seus filhos já eram adultos, mas tinha ouvido a Maggie mencionar a uma amiga que ela e o Norm se mataram a trabalhar nos últimos dois anos para compensar o dinheiro da reforma que não tinham conseguido juntar enquanto os filhos estavam na faculdade.

– É claro que sim, Maggie.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio.

– OK, ótimo. Muito obrigada, querida. Vejo-te daqui a pouco, então?

– Sim, e as melhoras para o Norm.

– Obrigada, querida.

Desliguei. Ia cozinhar para muitas pessoas hoje. Fiquei sentada durante alguns minutos, mas não senti a ansiedade que imaginara, para além do nervosismo de dar conta dos pedidos que entrassem. Talvez fosse porque já tinha cozinhado para o Archer, ou simplesmente porque estava mais tranquila no que se referia aos meus medos e emoções. De qualquer modo, não tinha tempo para ficar ali parada, a pensar, o dia todo. Precisava de ir para o restaurante e começar a preparar a cozinha.

Tomei um banho rápido, vesti a farda, sequei o cabelo e preendi-o num coque baixo, certificando-me de que todo o cabelo estava preso. Levei a *Phoebe* à rua, dei-lhe comida e apressei-me para a porta.

Dez minutos mais tarde, estava a entrar no *snack-bar*. A Maggie, obviamente, chegara alguns minutos antes de mim.

– Vou ajudar-te a preparar tudo – disse ela. – Mas é muito simples. Se te sentes à vontade a fazer ovos, algumas omeletes, *bacon* e panquecas, está tudo bem. Nada do que servimos é muito complicado.

Concordei.

– Acho que vai correr bem, Maggie. Avise só os clientes que este é o meu primeiro dia, e com sorte, eles terão alguma paciência se o prato que pedirem demorar um pouco mais do que estão habituados.

– Eu trato deles – assegurou-me.

Ficámos atarefadas a reunir todos os ingredientes para as omeletes e a dispô-los na parte de trás do balcão, atrás da grelha, para facilitar o acesso. A Maggie bateu várias dúzias de ovos e guardou-as em recipientes no frigorífico sob o balcão, para que estivessem à mão quando eu precisasse de os deitar na frigideira. Meia hora depois, achei que tinha todos os ingredientes preparados. A Maggie começou a fazer café e virou a placa da porta de «Fechado» para «Aberto». A sineta por cima da porta começou a tilintar ao fim de alguns minutos, quando os primeiros clientes entraram.

Passei a manhã a fazer omeletes, a fritar tiras de *bacon* e batatas fritas, e a preparar a mistura de panquecas do Norm na grelha. Em alguns momentos, acabei por me atrasar um pouco, mas, de um modo geral, considerando que era a minha primeira vez naquela cozinha e que eu estava a cozinhar com pressa para uma grande quantidade de pessoas, fiquei muito satisfeita com o trabalho que fiz. Percebi que a Maggie também estava feliz, por causa de todas as piscadelas e sorrisos que me dava através da janela aberta.

– Estás a fazer um ótimo trabalho, querida – dizia ela.

Quando as coisas começaram a acalmar um pouco, passei a dar o meu toque pessoal a alguns pratos: um pouco de alho nos ovos que usava para as omeletes, um pouco de creme nos ovos mexidos, leiteiro no lugar de água na massa das panquecas – coisas que o meu pai me tinha ensinado.

Quando estava a limpar a cozinha para começar a prepará-la para o almoço, decidi acrescentar aos pratos do dia a minha salada especial de batata com *bacon* e uma salada de massa com pimentos assados que era a preferida na nossa pastelaria. Sorri enquanto cozinhas, sentindo o coração leve e alegre por aquela não ser uma tarefa triste e sim um modo de manter viva a memória do meu pai.

O almoço correu ainda melhor do que o pequeno-almoço, pois agora eu já estava à vontade na cozinha e dominava o funcionamento de todos os aparelhos.

A Maggie falou a todos os clientes das duas saladas «especiais» e, por volta do meio-dia e meia, as duas travessas já tinham acabado.

– Fizeram grandes elogios às tuas saladas, querida – disse a Maggie, a sorrir. – Gostavas de preparar mais algumas travessas para amanhã?

Sorri.

– É claro que sim – respondi, animada.

Por volta das três da tarde, hora em que o *snack-bar* fechava, eu e a Maggie estávamos exaustas, mas congratulámo-nos a rir. Eu estava cansada, mas feliz e satisfeita.

– Vai precisar de mim amanhã outra vez?

– Espero que não. Com sorte, o Norm estará melhor, mas eu aviso-te. – Piscou-me o olho. – Fizeste um excelente trabalho na cozinha. – Ela pareceu pensativa. – Mesmo depois de o Norm voltar, estarias interessada em fazer algumas daquelas saladas como prato regular?

– Ia adorar.

Saí do *snack-bar*, feliz e caminhei em direção ao meu carro. Quando estava quase lá, uma viatura da polícia estacionou no lugar ao lado do meu carro, com o Travis lá dentro.

Fiquei parada junto ao meu carro, esperando o Travis desligar as luzes e sair do carro.

Ele aproximou-se de mim, com um sorriso no rosto que parecia tudo menos genuíno.

– Olá, Bree.

– Olá, Travis – disse a sorrir.

– É verdade?

O sorriso desapareceu-me do rosto.

– O que é que é verdade? – perguntei, sabendo exatamente a que ele se referia.

– Que o Archer é mais do que um amigo para ti? – Ele encostou a anca ao meu carro e cruzou os braços, de olhos fixos em mim.

Suspirei, baixando os olhos por alguns segundos, e depois voltei a encarar o Travis.

– Sim, Travis, é verdade. Apoiei o corpo numa das pernas, sentindo-me um pouco desconfortável diante daquele homem que já tinha beijado. – Na verdade, vou agora ter com ele.

Ele riu-se.

– Ter com ele? Como assim? – Ele parecia realmente confuso.

Fiquei furiosa e endireitei o corpo.

– Como assim? Porque ele é um bom rapaz: é inteligente e doce e... porque é que estou a explicar-te isto? Olha, Travis, a verdade é que... eu gosto dele, e não estava a tentar seduzir-te quando saímos juntos. Mas, naquela altura, não tinha a certeza do que estava a acontecer entre mim e o Archer. E agora tenho. E por isso espero que entendas quando te digo que não quero sair com mais ninguém. Só com o Archer.

Os seus olhos estreitaram-se, a raiva a perpassar-lhe o rosto. Mas rapidamente se recompôs e encolheu os ombros.

– Ouve, não fiquei feliz em saber disso. Estou interessado em ti, portanto, sim, é bastante desagradável ouvir isso. – Franziu os lábios. – Mas, escuta, se encontraste uma maneira de comunicar com o Archer, como posso ficar zangado? Aquele miúdo já passou por momentos difíceis. Não sou assim tão egoísta a ponto de não perceber que ele merece um pouco de felicidade. Por isso, desejo-vos o melhor aos dois, Bree. A sério.

Deixei escapar um suspiro, decidindo ignorar o seu comentário ao referir-se ao Archer como «miúdo», e lembrá-lo de que, na verdade, o Archer era alguns meses mais velho do que ele.

– Obrigada, Travis. Aprecio muito isso. Amigos?

Ele gemeu.

– Ai! Um simples amigo... – Mas depois sorriu e pareceu falar com sinceridade. – Sim, amigos.

Sorri-lhe e expirei.

– OK, ótimo.

Sorrimos um para o outro durante um segundo, depois ele inclinou a cabeça para o lado parecendo que estava a pensar.

– Ouve, Bree, toda esta situação fez-me perceber que tenho sido um idiota por não tentar ser amigo do Archer. Talvez tenha desistido muito depressa, pensando que o silêncio dele significava que não estava interessado em ser meu amigo. Talvez tenha sido eu quem não se esforçou o suficiente.

Assenti com a cabeça, animada.

– Sim, ele só quer ser tratado como uma pessoa normal, Travis. E ninguém na cidade parece fazer isso. Todos o ignoram e fingem que ele não existe. – Franzi a testa.

Ele assentiu, observando-me.

– És uma boa pessoa, Bree. Vou passar por casa dele ainda esta semana para o cumprimentar.

Eu sorri.

– Isso era ótimo, Travis. Acho que ele ia gostar.

– OK. – Ele sorriu. – Agora vou afogar as mágoas numa fatia de tarte de cereja da Maggie.

– O *snack-bar* está fechado – comentei, fazendo uma careta de tristeza e sorrindo logo a seguir.

Ele também sorriu.

– Sim, mas a Maggie ainda lá está, e quando vir a minha cara vai servir-me uma fatia de tarte. – Ele piscou os olhos. – Tem um bom dia.

Ri-me baixinho.

– Tu também, Travis. – Entrei no carro e fui para casa, a cantar ao som do rádio do carro durante todo o trajeto.

* * *

Uma hora mais tarde, tinha tomado banho, vestido umas calças de ganga

e uma *T-shirt* azul-clara, com os cabelos soltos. Dez minutos depois, parei à frente do portão do Archer com a *Phoebe* na cesta. Abri o portão que ele deixara entreaberto e pousei a *Phoebe* no chão para que fosse ter com os amigos.

Encostei a bicicleta à cerca e comecei a descer a longa entrada da garagem, mesmo no momento em que ele surgia, vindo de trás da casa, de calças de ganga rasgadas, botas de trabalho e mais nada. O peito brilhava um pouco por causa do suor, e usava o braço para limpar o suor da testa. Obviamente, estivera a trabalhar num dos seus muitos projetos.

O meu estômago afundou-se ao ver aquele belo corpo, e pensei em como queria ver tudo – cada pedacinho. Esperava que em breve.

O Archer sorriu-me e começou a caminhar mais depressa; um bando de borboletas esvoaçou na minha barriga. Comecei também a avançar rápido na sua direção.

Quando estava quase a alcançá-lo, corri os últimos metros e atirei-me para os seus braços. Ele levantou-me, e eu ri-me alegremente enquanto ele me girava e também se ria, em silêncio.

Aproximei o rosto do dele e beijei-o com força, perdendo-me no doce sabor a canela da sua boca, misturado com aquele gosto singular que era só dele. Beijei-lhe a cara toda, sorrindo e adorando o gosto levemente salgado da sua pele.

Ele olhou para mim daquela maneira que me fazia sentir querida. A sua expressão era ao mesmo tempo maravilhosa e alegre. Dei-me conta de que eu era a responsável por aquela expressão estampada no rosto daquele homem lindo. O meu coração derreteu-se e o estômago contraiu-se novamente. Passei o polegar pelo seu rosto e olhei-o de cima, pois ele ainda me segurava no ar.

– Tive saudades tuas hoje – disse.

Ele sorriu e os seus olhos disseram tudo o que as mãos não podiam enquanto me apertava junto a si. Colou os lábios aos meus outra vez e deu-me um beijo longo e profundo.

Passados alguns minutos, afastei-me em busca de ar.

– Aprendeste depressa esta arte de beijar, não é? – Ele riu-se em silêncio, o peito a vibrar contra o meu.

Depois pousou-me no chão e gesticulou: *Estás muito feliz hoje.*

Assenti enquanto caminhávamos em direção à sua casa. Entrámos na cozinha, onde ele serviu dois copos de água enquanto lhe contava o meu dia a cozinhar no *snack-bar*.

Ele bebeu a água, observando-me a tagarelar, obviamente satisfeito com a minha felicidade. Que homem doce... A sua garganta movia-se cada vez que engolia a água, a cicatriz esticando-se com o movimento. Parei de falar, inclinei-me e beijei-o, lembrando-me por um instante do que me contara na véspera sobre a Victoria Hale, a cabra cruel. Que tipo de demónio horrível tinha de ser para fazer o que ela fizera com o Archer, garantindo que ele vivesse com aquela deficiência para sempre, levando-o a isolar-se e a sentir-se

imperfeito e limitado? Eu não era uma pessoa violenta, mas, quando pensava nisso, tinha a sensação de que poderia facilmente infligir dor física àquela mulher sem sentir o menor remorso.

Passei os braços em volta da cintura do Archer e pousei a cabeça no seu peito, ouvindo os seus batimentos cardíacos. Virei a cara sobre a pele quente e rocei o nariz contra ela, inspirando o seu cheiro almiscarado. Passei a língua para o provar, e, senti-o endurecer contra o meu estômago. Apertei-me contra ele, pressionando-o com força e ele estremeceu ligeiramente.

Ele passou os dedos pelo meu cabelo até eu gemer, de olhos fechados. Abri-os para olhar para ele, e o Archer estava a fitar-me com a mesma expressão de encantamento que fazia o meu coração querer saltar do peito. Por vários segundos, ficámos apenas a olhar um para o outro, até que ele encostou os lábios aos meus e invadiu-me a boca com a língua, quente e húmida, deslizando deliciosamente sobre a minha. Senti faíscas a disparar lá em baixo e pressionei o corpo com mais força contra a ereção do Archer para obter alívio do intenso latejar que começava a sentir entre as pernas. Mas isso só serviu para o tornar mais intenso.

– Archer... – arquejei, interrompendo o beijo.

Ele passou os braços à minha volta e os seus olhos procuraram os meus, a expressão ao mesmo tempo nervosa e faminta. *Sei que gostas das minhas mãos no teu cabelo. Mostra-me como gostas de ser tocada. Ensina-me aquilo de que gostas*, disse ele.

Enquanto as mãos dele gesticulavam as palavras lentamente, a minha respiração estava ofegante e senti a humidade aumentar entre as minhas pernas. Por mais erótica que fosse a sua pergunta, também me sentia um pouco insegura. Ninguém nunca me pergantara nada parecido... e não sabia exatamente o que fazer, por onde começar. Engoli com dificuldade.

Sem tirar os olhos dos meus, o Archer levou-me de volta para o sofá e deitou-me suavemente. Pestanejei e mordi o lábio. Parado por cima de mim daquela maneira, a sua ereção a elevar o tecido das calças de ganga, parecia que todas as fantasias que já tivera se tinham tornado realidade. Mas a minha imaginação não chegara tão longe a ponto de adicionar aquele olhar de admiração e luxúria a nublar as lindas feições da minha fantasia. Nunca sonhara com aqueles maravilhosos olhos cor de *whisky*, com as pestanas escuras. Não podia saber que o Archer existia em algum lugar neste mundo louco, e que fora feito especialmente para mim.

E naquele momento, soube. Estava a apaixonar-me por aquele homem lindo e silencioso que me encarava. Se é que não estava já completamente apaixonada.

Ele sentou-se no sofá ao meu lado, inclinou-se e deu-me um beijo doce, recostando-se em seguida, correndo as mãos pelo meu cabelo até me fazer gemer. Eu adorava aquilo. Se ele passasse a noite toda só a passar as pontas dos dedos pelo meu cabelo, talvez isso fosse suficiente para mim – *talvez*. OK, não seria. Mas sabia muito bem. Sorri-lhe, e ele olhou-me com uma expressão

inquisidora no olhar.

– O pescoço – sussurrei. – Gosto de beijos no pescoço.

O Archer inclinou-se de imediato e correu os lábios macios sobre a pele do meu pescoço. Arqueei a cabeça para trás e suspirei, passando também os dedos pelo seu cabelo macio e espesso.

Ele experimentou chupar delicadamente a pele sensível da minha orelha e depois passou os lábios suavemente por ela, e, com os meus gemidos, eu ia-lhe dizendo do que mais gostava. E ele era bom em tudo o que fazia – aprendia rapidamente como fazer-me arquejar e contorcer-me sob o corpo dele.

Como estava muito excitada, comecei a ficar mais ousada e puxei a cabeça dele mais para baixo, na direção dos meus seios. Ele entendeu logo, e chegou-se para trás tomando-os nas mãos, sopesando-os.

Os seus olhos encontraram os meus, brilhando de desejo, e então voltaram para o meu corpo, enquanto me levantava a *T-shirt* e a puxava pela cabeça. Os olhos dele percorreram-me, enquanto eu estava ali deitada com o meu sutiã de renda branca simples, e ele inspirou profundamente.

Estendi as mãos, desapertei o sutiã e deixei-o cair para o lado. Os olhos do Archer arregalaram-se ligeiramente com a visão dos meus seios. Noutras circunstâncias, talvez me tivesse sentido desconfortável, mas o desejo óbvio a brilhar nos seus olhos e a expressão de admiração no rosto dele eram tão intensos que me senti desabrochar.

É a coisa mais linda que já vi, disse ele.

– Podes beijá-los, Archer – sussurrei, desejando sentir a sua boca quente e húmida a sugar os meus mamilos com tanta intensidade que doía.

Os seus olhos brilharam, e ele inclinou-se logo, como se fosse exatamente o que quisesse fazer e estivesse apenas à espera da minha indicação.

Ofeguei e gemi quando usou a língua para saborear e lambe um mamilo, e depois o outro. O sangue agitava-se nas minhas veias e não consegui evitar erguer as ancas para a frente, procurando alívio para o pulsar louco entre as pernas, implorando para ser preenchido.

O Archer continuou a provocar e a sugar-me os mamilos até eu começar a gemer numa combinação de agonia e êxtase.

– Archer – arfei. – É demais. Tens de parar.

Ele levantou a cabeça e encarou-me com a testa ligeiramente franzida. *Não é bom?*, perguntou.

Ri-me, um som pequeno e torturado.

– Não, é demasiado bom – disse, mordendo o lábio.

Ele inclinou a cabeça, observando-me, depois assentiu. *Precisas de alívio*, disse. *Mostra-me como fazer isso com a minha mão*.

Pestanejei, surpreendida.

– Está bem – sussurrei. Percebi que ainda estava a usar a voz, em vez das mãos, embora agora houvesse bastante espaço entre nós, e tirei as mãos que

estavam na cintura dele para gesticular: *Podes tirar-me as calças?*

Ele virou-se imediatamente para me desabotoar as calças, abriu o fecho e depois levantou-se para as puxar pelas minhas pernas. A sua ereção ainda se destacava nas calças de ganga. Ele também devia precisar de algum alívio. Queria-o desesperadamente dentro de mim, mas sabia que seria a sua primeira vez. Achei que devíamos ir com calma. Não havia pressa.

O Archer voltou a sentar-se ao meu lado e olhou-me interrogativamente outra vez como quem pedia mais orientações. Peguei na sua mão e coloquei-a sob o elástico das minhas cuecas. Senti que elas já estavam bem molhadas.

Ele desceu a mão, timidamente, e quando os seus dedos alcançaram a minha fenda e deslizaram por aquela humidade, gemi e inclinei a cabeça para trás, uma perna caindo para o lado, de encontro às costas do sofá, para lhe conceder melhor acesso. A sensação dos seus dedos a deslizar sobre mim e a penetrar-me ligeiramente era deliciosa.

Passado um momento, puxou o meu corpo para baixo, tirou-me as cuecas e voltou a posicionar a minha perna contra as costas do sofá. Então, com o dedo, traçou os meus lábios, e observava enquanto fazia isso. Eu estava aberta e exposta para ele da forma mais íntima possível. Mas, estranhamente, não me sentia envergonhada. Quando o seu dedo tocou o feixe de nervos que era o centro do meu prazer, gemi e pressionei o corpo contra os seus dedos. Os olhos dele incendiaram-se, e começou a fazer movimentos circulares com o dedo, enquanto eu gemia e movia a cabeça de um lado para o outro na almofada do sofá. Sentia o sangue, que até então pulsava lentamente, começar a ferver.

– Mais rápido, por favor – implorei.

O Archer acelerou o ritmo, os dedos fazendo círculos firmes ao redor do meu clítoris, em resposta aos meus gritos e gemidos. Deixara-me tão excitada que, numa questão de minutos, o meu corpo se retesou e logo me descontraí num prazer delicioso, um jorro de deleite tão intenso que me fez gritar o nome do Archer, arquear as costas para trás e voltar a cair sobre o sofá.

Quando abri os olhos, o Archer estava a fitar-me, com os lábios entreabertos e aquela mesma mistura de adoração e desejo no rosto.

Subiu para o sofá e beijou-me com carinho, mordiscando-me os lábios de forma provocante. Podia sentir o sorriso nos seus lábios e sorri também.

Mas depois, quando me mexi ligeiramente no sofá, ele arfou de repente, e lembrei-me de que provavelmente também estava a precisar de alívio.

Sem falar, empurrei-o para trás delicadamente até que estivesse recostado no sofá. O seu olhar seguiu-me o tempo todo, esperando para ver o que eu ia fazer. Levantei-me e deslizei as minhas cuecas pelas pernas para não tropeçar nelas nos tornozelos.

Depois ajoelhei-me à sua frente e desabotoei-lhe as calças, olhando para ele. O Archer observava-me, ansioso. Literalmente não fazia ideia do que eu estava a fazer. Oh, meu Deus! Eu sabia que ele vivera isolado naquela casa, mas agora perguntava-me se o tio tinha conversado com ele sobre sexo...

Perguntei-me o que saberia sobre as coisas que os homens e as mulheres faziam no quarto. Ou no sofá da sala.

Puxei as calças dele para baixo, e o pénis saltou, livre. Examinei-o durante algum tempo, os meus lábios entreabertos. Ele com certeza não tinha nenhuma deficiência ali em baixo. Assim como o resto do corpo, o seu membro era grande e lindo. E parecia dolorosamente rijo, a glande roxa e intumescida.

Olhei para ele, que me observava, a incerteza agora a toldar-lhe as feições. *És lindo*, disse, e ele relaxou visivelmente.

Inclinei-me para a frente e lambi levemente a ponta inchada; ele estremeceu e respirou fundo. Olhei para ele com satisfação, e os seus olhos estavam arregalados, as pupilas ainda mais dilatadas. Debrucei-me outra vez e lambi a parte de trás do pénis, da base até à ponta, depois passei a língua em círculos sobre a ponta outra vez. A sua respiração ficou irregular, e eu podia ouvi-lo a inspirar golfadas de ar.

Posicionei a boca sobre a cabeça do pénis e segurei a base com a mão, para que conseguisse sugá-lo pela maior extensão que a minha garganta permitisse. Fiz alguns movimentos para cima e para baixo com a boca e, quando me afastei um pouco para ver se ele estava a gostar, ele pressionou o membro na minha direção, implorando-me com os olhos para continuar. Sorri e voltei a enfiá-lo na boca.

Ele levou as mãos à minha cabeça e voltou a passar os dedos pelo meu cabelo, enquanto a minha boca subia e descia pela extensão do seu membro rígido.

Menos de um minuto depois, senti que ele ficava ainda maior e mais duro na minha boca, os seus arquejos ficaram mais altos e ele começou a empurrar o corpo contra o meu rosto. Mais algumas carícias e ele paralisou, a sua essência espessa e salgada a jorrar na minha boca. Eu engoli-a e depois deslizei a língua pela cabeça do seu pénis uma última vez, antes de me levantar e olhar para ele.

As mãos do Archer estavam agora no seu próprio cabelo, agarrando as mechas logo acima da testa, e olhava-me como se tivesse acabado de descobrir o Santo Graal. Sorri, presunçosamente. *Foi bom?*, gesticulei.

Ele limitou-se a acenar com a cabeça, aquela mesma expressão repleta de admiração no rosto. Inclinei-me e sentei-me ao colo dele, beijando-lhe a boca. Ele beijou-me com intensidade durante vários minutos e voltou a recostar-se no sofá.

Vais fazer isso outra vez?

Deixei escapar uma risadinha. *Sim. Agora... não – ri-me –, mas sim. Vou fazer outra vez.*

Beijei-o novamente, e depois levantei-me do seu colo e vesti-me, enquanto o Archer puxava as calças para cima pelas ancas estreitas. Já vira quase todo o corpo dele, mas não tudo, e mal podia esperar para o ver completamente nu. Mal podia esperar para sentir o contacto da nossa pele

enquanto ele se movia dentro de mim. Estremeci. Embora tivesse tido um orgasmo há menos de quinze minutos, senti um calor a espalhar-se pelas minhas veias.

Tornei a sentar-me ao colo dele e beijei-o ao de leve no pescoço, passando a língua na pele salgada. Ele estivera a trabalhar no pátio e suara um pouco, mas, para mim, tudo nele era delicioso. Inspirei fundo quando passou os braços ao meu redor, abraçando-me com força. Sentia-me segura e protegida, e transbordava de felicidade.

Passado um minuto, levantei a cabeça e perguntei: *Archer, o teu tio falou-te sobre... sexo?* Enrubesci ligeiramente, porque não queria embarçá-lo. Era muito estranho estar sentada ao colo do tipo mais *sexy* que já conhecera, um homem lindo de vinte e três anos e perguntar-lhe se ele sabia o que era sexo. Não que estivesse muito preocupada com a atuação dele nesse departamento – era evidente que aprendia depressa, era um ótimo aluno. Imaginei que conhecesse os aspetos reprodutivos do sexo, supondo que aprendera biologia. Mas será que sabia a variedade de coisas que os homens e as mulheres faziam juntos?

Ele encolheu os ombros. *Não. A mente dele não funcionava dessa forma. O tio Nate parecia estar sempre a tentar resolver algum problema – ou a proteger a nossa propriedade. Perguntei-lhe sobre isso uma vez, quando tinha uns treze anos, e ele deu-me algumas revistas.* Desviou os olhos, parecendo desconfortável. *Havia alguns artigos nas revistas... e eu entendi a ideia geral da coisa.* Ele franziu a testa, analisando o meu rosto por um instante. *Incomoda-te que eu nunca tenha...*

Antes que ele pudesse terminar, eu já estava a abanar a cabeça. *Não, Archer. És o homem mais sexy que eu já conheci. Desde aquele dia em que paraste no parque de estacionamento da farmácia para me ajudar, senti-me atraída por ti. Mesmo com aquela barba enorme e o cabelo comprido.* Sorri e ele retribuiu o sorriso.

Acho que somos muito bons juntos, não achas?, provoquei, beijando-lhe o pescoço.

Ele sorriu de uma forma genuína desta vez, assentindo, e beijou-me os lábios.

Ficámos assim alguns minutos, só a trocar beijos, abraçados, eu a acariciar aquele pescoço que tinha um cheiro tão bom. Poderia ficar assim o dia inteiro.

Levantei a cabeça quando me lembrei da conversa que tivera com o Travis.

Ah, encontrei o Travis na cidade hoje e ele disse-me que queria vir visitar-te. O Archer franziu a testa, mas não disse nada. Não mencionei o facto de ter saído uma vez com o Travis. Não significara nada, de qualquer modo, e eu nunca sentira nada por ele, portanto, para quê falar disso agora?

Seja como for, prossegui, *ele disse que se sente mal por já não se dar contigo.* O Archer ergueu uma sobrancelha. *Ele disse que viria cá esta*

semana fazer-te uma visita.

O Archer pareceu desconfiado. *O que foi?*, perguntei. *Não gostas dele?*

Saí do colo dele, e sentei-me ao seu lado para podermos usar as mãos para conversar com mais facilidade. No pouco tempo em que o conhecia, tínhamo-nos tornado muito bons a conversar através da língua gestual, usando uma espécie de atalho para palavras que ambos conhecíamos, soletrando apenas partes de palavras, entre outras coisas. Agora levávamos cerca de metade do tempo que levaríamos duas semanas antes para dizer uma frase completa.

O Archer estava muito melhor na língua gestual do que quando eu tinha conversado com ele da primeira vez; ia aprendendo coisas comigo à medida que íamos comunicando. Afinal, eu comunicara daquele modo durante toda a vida. Era a minha segunda língua. Ele só aprendera através de um livro, e esta era a primeira vez que realmente a punha em prática. Apenas duas semanas antes, soletrara coisas para as quais não tinha gestos específicos – isso agora já não acontecia.

Não, nem por isso, respondeu. *Ele maltrata as pessoas, Bree.* O maxilar dele ficou tenso por causa de alguma recordação enquanto o seu olhar se perdia no vazio. *Não o vejo há uns dois anos... exceto quando o vejo a conduzir o carro da polícia.*

Eu observei-o. *Bem, acho que ele mudou. É um tipo muito simpático. Talvez lhe possas dar uma hipótese quando ele aparecer aqui? Não seria bom ter um familiar na cidade com quem realmente te relacionasses?* Pensei em como faria qualquer coisa para ter ao menos um familiar a quem pudesse ligar – e como faria o que pudesse para estabelecer uma relação desse tipo, se tivesse hipótese. E queria isso para o Archer. Detestava pensar nele completamente sozinho ali o tempo todo, a não ser por mim. Queria que ele tivesse amigos, família... que fosse feliz e fizesse parte da comunidade.

O Archer ainda parecia cético, mas diante da expressão esperançosa que deve ter visto no meu rosto, perguntou: *Queres que lhe dê uma hipótese?*

Eu assenti com a cabeça lentamente.

Ele continuou a olhar para mim por um tempo. *Muito bem, então, vou dar*, respondeu simplesmente.

Encostei a mão em concha à sua bochecha, inclinei-me para a frente e beijei-o.

– Sei que não é fácil para ti. Obrigada – declarei, usando a voz, de encontro aos lábios dele.

Ele assentiu, puxou-me para perto dele outra vez e abraçou-me com força.

CAPÍTULO DEZANOVE

ARCHER

Nunca estive tão feliz na minha vida. Todos os dias, trabalhava na propriedade enquanto os cãesinhos brincavam junto aos meus calcanhares, armando confusão sempre que podiam, derrubando coisas e causando um caos geral.

E, todas as tardes, o meu coração enchia-se de alegria quando ouvia o portão a ranger, avisando que a Bree chegara.

Conversávamos, e ela contava-me o seu dia. Os olhos da Bree brilhavam enquanto falava sobre as novas receitas que estava a fazer, agora que o Norm e a Maggie lhe tinham atribuído a tarefa de atualizar algumas partes do menu. Parecia muito orgulhosa e feliz quando se ria e contava-me como o Norm tinha admitido, a contragosto e com rabugice, que as receitas de acompanhamentos dela eram melhores do que as dele. Ela dizia que tinha planos para renovar também alguns pratos principais, e piscava os olhos ao dizer isso, fazendo o meu peito apertar de tão bonita que ela era.

Às vezes, sinto que olho demasiado para ela com ar admirado, e tento desviar o olhar quando ela me surpreende. Mas a verdade é que sentia vontade de ficar a olhar o dia todo para a Bree – para mim, ela era a mulher mais bonita do mundo.

Adorava o modo como o seu cabelo castanho tinha umas mechas douradas que se destacavam quando o sol os iluminava. Adorava o formato levemente amendoado dos olhos e os lábios carnudos e rosados, como um botão de rosa. Podia beijá-los para sempre. Sabiam a pêssego.

Adorava o formato do seu rosto – como um coração. E adorava o seu sorriso, a forma como o rosto dela se iluminava e como a felicidade brilhava nos seus olhos. Era lindo e sincero, e fazia o meu coração saltar um batimento sempre que me sorria.

Adorava o seu corpo esguio e a alvura da pele nas partes que ficavam tapadas pelo fato de banho. Ajeitei-me nas calças e afastei os pensamentos do

corpo da Bree. Estava a trabalhar naquele momento e precisava de me concentrar.

Espalhei um pouco mais de argamassa no espaço entre as pedras que estava a colocar nas laterais dos degraus de cimento das traseiras. Eram apenas pedras que tinha apanhado perto do lago, mas achei que faziam com que os degraus simples combinassem melhor com a nova pedra do pátio.

Estava a terminar o trabalho quando ouvi o portão a abrir e a fechar. Franzi a testa. Quem diabos podia ser? A Bree estava a trabalhar no *snack-bar* até às duas naquele dia. Ainda era meio-dia.

Levantei-me e dei a volta à casa para espreitar a entrada da garagem e vi o Travis, de farda, a andar lentamente e a olhar à volta como se nunca tivesse estado ali. Embora a última vez que ele tinha entrado na propriedade, eu fosse criança, e o lugar estava mesmo diferente.

O Travis viu-me e pareceu surpreso. Caminhámos os poucos metros que nos separavam e encontrámo-nos em frente da casa.

– Olá, Archer.

Limpei as mãos ao trapo que estava a agarrar e olhei para ele, esperando que me dissesse por que motivo estava ali.

– O espaço está bonito.

Assenti, aceitando o elogio. Sabia que estava mesmo bonito.

– Tens trabalhado muito.

Assenti outra vez.

Ele suspirou.

– Escuta, meu. A Bree contou-me que vocês os dois estão juntos, e eu...

– Passou as mãos pelo cabelo, parecendo considerar o que deveria dizer. – Bem, acho que quis vir até aqui dizer-te olá. E dizer também que lamento muito por não ter vindo antes.

Continuei a observá-lo. Nunca tinha conseguido perceber bem o Travis. Já caíra nas armadilhas dele antes, quando tentou fingir que era meu amigo e depois «me atingiu pelas costas» de forma metafórica. Mesmo quando éramos crianças, ainda antes do acidente. Não confiava nele agora, mas imaginei que talvez as pessoas pudessem mudar – já passara muito tempo. Eu ia dar-lhe uma oportunidade. Pela Bree. Apenas pela Bree. Porque pensei que isso a faria feliz. E eu faria qualquer coisa para deixar a Bree feliz.

Assenti com a cabeça para ele, curvei levemente os lábios e gesticulei na direção da casa, perguntando-lhe se queria entrar.

– Sim, sim, claro – disse o Travis.

Fomos até à porta da frente e deixei-o entrar primeiro. Apontei para a cozinha. Fui até um armário, peguei um copo, enchi-o de água até à borda e dei um longo gole. Quando terminei, apontei para o copo e para ele, e ergui as sobrancelhas.

– Não, obrigado – disse o Travis. – Na verdade, estou na minha hora de almoço, por isso não posso demorar. O que eu realmente queria saber era se gostavas de sair comigo e com alguns amigos logo à noite. Nada de mais, só

uma noite de homens, para beber umas cervejas e dar umas gargalhadas.

Franzi as sobranceiras e olhei para ele. Depois apontei para a minha cicatriz e fingi o movimento de uma risada.

O Travis deixou o ar escapar com força.

– Não consegues dar gargalhadas? – E ele parecia realmente constrangido. Nunca vira aquela expressão no rosto do Travis. Talvez ele tivesse mesmo mudado um pouco. – Espera – pareceu reconsiderar. – Tu consegues rir. Uma risada sem som ainda é uma risada. Vamos lá. Não gostavas de te divertir um pouco? De sair desta casinha por uma noite? Ser um tipo normal?

Eu queria ser um tipo normal. Ou, pelo menos, queria que a Bree me visse como um homem que era pelo menos um pouco como os outros homens. Nunca quisera isso antes. Na verdade, sempre quisera o oposto – parecer o mais diferente possível, para que ninguém olhasse para mim. Mas agora... agora havia a Bree. E eu desejava poder oferecer-lhe o que ela merecia, não um ermita triste que nunca saía de casa. Tinha a certeza de que a Bree já namorara com outros homens antes de mim. Eles provavelmente tinham-na levado a restaurantes e cafés. Eu não sabia fazer nada disso. Precisava de aprender.

Assenti para o Travis e articulei em silêncio: *OK*.

Ele pareceu um pouco chocado, mas sorriu – os seus dentes grandes, brancos e cintilantes.

– Muito bem, então! – exclamou. – Volto para te apanhar hoje à noite. Às nove está bom?

Encolhi os ombros. Parecia um pouco tarde, mas o que sabia eu sobre a hora em que os homens iam para os bares?

O Travis estendeu a mão e eu apertei-lha.

– Muito bem. Até logo, então. – Ele sorriu. – Não precisas de me acompanhar. – E, com isso, saiu da cozinha e fechou a porta da frente ao passar.

Apoiei-me na bancada e cruzei os braços sobre o peito, a refletir. Por alguma razão, não tinha um bom pressentimento em relação àquilo. Mas achei que era só nervosismo e fui tomar banho.

* * *

Às dez para as nove, o Travis abriu o portão da minha casa e eu levantei-me da cadeira no alpendre onde estivera à espera dele. Subi a entrada da garagem e tranquei o portão atrás de mim. O Travis tinha uma carrinha grande, prateada escura, parada ali na estrada com o motor ligado. Inspirei fundo. A última vez que tinha entrado num carro – pelo menos de que me lembrasse, achava que a ambulância não contava – tinha sido no dia em que perdera a voz.

Cerrei os dentes e entrei, expulsando da minha mente as lembranças

daquele dia.

O Travis ligou o carro e arrancámos.

– Então, meu – disse ele, olhando para mim –, estás com ótimo aspeto. Acho que até estás mais bonito do que eu. – Ele riu-se, mas o sorriso não chegou aos olhos.

A Bree praticamente saltara de alegria quando lhe tinha contado que ia sair com o Travis e os amigos dele, quem quer que eles fossem. Depois ajudara-me a escolher uma roupa decente, não que tivesse muitas opções.

«Archer», perguntara ela, segurando uma camisa, «quando foi a última vez que compraste roupa?»

Eu tinha encolhido os ombros. *Foi o meu tio. Ele comprou-me algumas coisas quando fiz dezoito anos.*

Ela observara-me em silêncio por um minuto, depois dissera:

«E deixa-me adivinhar, na época não eras tão...», ela agitou a mão na minha direção, apontando para os meus músculos, acho «... desenvolvido.»

Assenti, encolhendo os ombros.

Ela suspirara, como se isso fosse um problema e começara a procurar entre as minhas roupas velhas. Por fim, tinha escolhido umas calças de ganga ainda decentes, que disse que passariam por desbotadas de propósito, e uma camisa mais formal da qual já nem me lembrava, e que me ficava um pouco grande quando o meu tio a comprara.

A Bree pareceu satisfeita e eu também. Talvez eu pudesse ir à cidade comprar algumas roupas novas se a Bree ficasse feliz, por eu ficar mais apresentável.

O Travis ligou o rádio e seguimos durante algum tempo apenas a ouvir música. Quando percebi, estávamos a sair da cidade, toquei no braço do Travis, e aponte para a estrada erguendo os ombros, questionando para onde estávamos a ir.

– Vamos a um clube do outro lado da cidade. Chama-se As Provocadoras. – Olhou para mim, erguendo as sobrancelhas, e voltou a atenção para a estrada.

Passado um instante, tornou a olhar para mim.

– Podemos ter uma conversa? De homem para homem?

Ergui as sobrancelhas, sem saber muito bem aonde aquilo iria levar e sentindo-me um pouco desconfortável.

– Já fizeste sexo com a Bree?

Olhei-o de relance e voltei a fitar a estrada. Não queria falar com ele sobre esse assunto. Se eu realmente confiasse nele, iria querer fazer uma ou duas perguntas a esse respeito. Mas não confiava. Até o Travis me provar o contrário, para mim ele continuava *a não ser de confiança*.

– Muito bem, entendi. Não queres falar sobre a Bree. – Ele ficou em silêncio durante algum tempo. – Posso ao menos assumir que ainda não foram até ao fim?

Encolhi os ombros e concordei. Achei que não haveria problema em

dizer-lhe o que ainda *não* tínhamos feito.

Ele sorriu e, sob a luz fraca da carrinha, os seus dentes brilharam e uma sombra atravessou-lhe o rosto. Por um segundo, pareceu um daqueles palhaços diabólicos que via nas lojas na época do Halloween. Pisquei os olhos e era apenas o Travis outra vez.

– No entanto, presumo que queiras ir até ao fim, certo?

Olhei para ele, estreitei os olhos, mas concordei. É claro que queria. Quem não iria querer? A Bree era doce e linda.

Ele tornou a sorrir.

– OK. Olha, Archer, vou dizer-te o que acontece quando estás com uma rapariga tão bonita como a Bree. Ela provavelmente já tem alguma experiência, e vai querer que tu saibas o que estás a fazer quando derem o grande passo. É por isso que vou levar-te a este clube. Lá, há mulheres que te vão deixar... praticar um pouco com elas. Percebeste?

O meu coração disparou no peito. *Na verdade, não*, quis dizer-lhe. Em vez disso, fiquei apenas a olhar para ele, estreitei os olhos para que ele soubesse que teria de me explicar mais. Até ali, não estava a gostar nem um pouco da ideia. Mas, acima de tudo, não gostava de pensar na experiência que a Bree poderia ter, nos homens com quem ela provavelmente já estivera no passado. Na verdade, o sangue gelava-me nas veias ao pensar nisso e deu-me vontade de dar um soco em alguma coisa. Preferia nem pensar.

Além do mais, a Bree tinha-me dito que não se incomodava por eu não ter nenhuma experiência nessa área. Será que tinha dito a verdade? As dúvidas começaram a apoderar-se de mim, e tinha dificuldade em engolir.

O Travis pareceu ler-me os pensamentos.

– As raparigas dizem que não se importam que não tenhas experiência, mas acredita em mim, ela vai gostar que saibas o que estás a fazer quando a levores para a cama. Não queres atrapalhar-te todo como um idiota com ela, não é? Envergonhares-te?

Olhei pela janela, querendo dizer-lhe que desse a volta com a maldita carrinha e me levasse a casa. Isto não era o que eu tinha em mente para aquela noite.

– Ei, não fiques chateado, meu. Todos os homens fazem isso, confia em mim. Solteiros, casados... o meu amigo Jason é casado há quase dez anos e ainda se aproveita das raparigas nos quartos dos fundos do clube. A mulher dele finge que não vê, porque também beneficia disso, percebes?

Continuei a olhar pela janela, pensando no tio Nate e em como ele às vezes saía e, quando voltava, cheirava a perfume de mulher, além de ter marcas de batom no colarinho da camisa. Ele não tinha namorada e não era casado, portanto devia sair com mulheres como as que o Travis disse que trabalhavam nesse clube aonde íamos. E o Nate era um bom homem. Desejei que ainda estivesse vivo para poder perguntar-lhe sobre isso.

Eu sabia que não era parvo, mas também sabia que tinha muito a aprender. Tinha lido todos aqueles livros várias vezes, mas quando se tratava

do mundo real, do modo como as pessoas se relacionavam umas com as outras, do modo como agiam e reagiam, tinha a ideia de que estava constantemente em desvantagem – e não gostava dessa sensação.

Parámos em frente a um edifício com janelas escuras e um grande parque de estacionamento. Havia uma enorme placa de néon preta e rosa, onde se lia *As Provocadoras*, em letras que piscavam.

Estacionámos o carro, e o Travis virou-se para mim.

– Ouve, não te sintas obrigado a fazer nada que te deixe desconfortável. Mas confia em mim quando te digo que, se vires alguém que te agrada, vai em frente. A Bree vai gostar. É isso que os homens fazem.

Suspirei e abri a porta. Ia entrar com o Travis. Pelo menos a Bree ficaria feliz por eu ter tido uma noite de rapazes, como ela queria tanto.

Fomos até à porta, e um tipo grande, com a cabeça rapada e uma *T-shirt* onde se lia «funcionário», pediu-nos a identificação. Bem, já estava a correr mal. Eu não tinha identificação. Comecei a virar-me para ir embora, mas o Travis segurou-me no braço, mostrou o distintivo ao homem e disse-lhe alguma coisa. O homem assentiu e fez sinal para que entrássemos.

Dentro do clube, a música estava muito alta – algo sobre sexo e doces – e eu semicerrei os olhos enquanto estudava o espaço iluminado por uma luz ténue, e logo os arregalei ao ver uma mulher seminua a deslizar por um poste dourado. Durante alguns segundos, fiquei ali parado, a vê-la, antes que o Travis me agarrasse outra vez no braço e me puxasse para uma mesa onde estavam sentados outros dois homens com copos de bebida já pela metade à sua frente.

– Olá, idiotas – disse o Travis, virando uma das cadeiras de costas, sentando-se e apontando a cadeira ao lado para mim. Eu sentei-me.

– Jason, Brad, este é o meu primo, o Archer.

– Olá, meu – disse o Jason, estendendo a mão. – Ainda bem que vieste. – Apertei a mão e percebi que o Travis dissera a verdade. O homem usava uma aliança de casado.

– Prazer em conhecer-te – disse o Brad, e eu também lhe apertei a mão.

Uma empregada aproximou-se da mesa, vestindo o que parecia ser um fato de banho com uma saia curta, e perguntou se queríamos pedir alguma bebida.

O Travis virou-se para a rapariga, olhou para o crachá dela e disse:

– Olá, Brenda! – E sorriu. Ela deu uma gargalhada e olhou ao redor da mesa.

– Bem, vocês são um belo grupo – disse a Brenda, a sorrir para nós. Sorri educadamente quando a rapariga estabeleceu contacto visual comigo.

– O que posso trazer-vos?

O Travis inclinou-se para a frente.

– Uma rodada de *shots* de tequila e uma rodada de cerveja.

A empregada sorriu e foi buscar as nossas bebidas. O Travis ficou a conversar com o Brad e o Jason enquanto eu assistia ao espetáculo no palco.

Quando a rapariga abriu as pernas e deslizou lentamente pelo poste, senti o pénis enrijecer um pouco sob as calças e empurrei a cadeira mais para baixo da mesa, para que os outros rapazes não pudessem ver. O Travis olhou para mim e sorriu como se tivesse percebido.

A empregada pousou as nossas bebidas na mesa e o Travis deu-lhe algumas notas. Ela debruçou-se ligeiramente e enfiou as notas entre os seios grandes. Eu engoli em seco. Não sabia muito bem o que pensar de tudo aquilo.

O Travis virou-se, ergueu o copo com o *shot* de tequila e disse:

– Ao Archer! E a uma noite inesquecível! – Os outros tipos levantaram os copos, a rir e a gritar:

– Bravo, bravo! – Observei-os enquanto sorviam a bebida num único gole e em seguida chupavam limão. Fiz o mesmo, esforçando-me para não cuspir a bebida quando ela desceu a queimar-me a garganta. Fiquei com os olhos a lacrimejar e também espremi limão na boca, sugando o caldo amargo. Isso ajudou.

O Travis deu-me uma palmada no ombro e disse:

– É isso! – E ergueu a cerveja na minha direção. Peguei na minha também, levantei-a na direção dele e bebi um gole, fazendo uma breve careta ao sentir o sabor.

O tio Nate tinha sido um consumidor de álcool. Ele tinha sempre bebidas em casa e eu experimentara uma vez quando tinha uns quinze anos. Ele parecia gostar bastante. Para mim, tinha sabor a álcool puro e cuspi logo ao primeiro gole. Não entendia como é que ele gostava tanto daquilo.

Mantive-me afastado de bebidas alcoólicas depois disso. Além disso, o meu pai tinha sido um bêbedo agressivo e eu ainda me lembrava de o ver a chegar a casa, aos tombos, mas com força suficiente para bater à minha mãe.

Deixei esses pensamentos de lado e voltei a olhar para o palco. Havia outra rapariga lá, pequena, com cabelo comprido castanho-claro. Lembrou-me um pouco a Bree. Observei-a quando começou a dançar ao som da música, escorregando para cima e para baixo no poste com uma perna ao redor dele. Inclinou-se para trás, o cabelo caído enquanto arqueava o corpo. Levei a garrafa de cerveja aos lábios e dei um grande gole.

Era tudo excessivo – a música aos berros a sair das colunas, todos os gritos, assobios e a conversa alta à minha volta, as imagens e os sons oprimiam-me e o meu corpo reagia a coisas que eu não sabia se eram aceitáveis. Mas a cerveja parecia estar a ajudar, tornando as coisas suficientemente indistintas para que conseguisse suportar tudo o que acontecia ao mesmo tempo, e parte da minha confusão parecesse não ter importância.

Quando a dança da rapariga acabou, todos os homens que estavam junto ao palco se inclinaram para a frente e começaram a enfiar notas nas cuecas dela. Um deles acenou com o que parecia uma nota de vinte dólares e, quando ela foi a gatinhar até ele, o homem enfiou a nota entre as pernas dela, por baixo das cuecas. Eu desviei os olhos.

Já estava farto. Eu não tinha por onde comparar tudo o que estava acontecendo ali, e isso fazia sentir-me inferior, como se todos ali fossem melhores do que eu. Não gostava disso. Era essa a razão pela qual eu ficava no meu pedaço de terra e não tentava interagir com ninguém. A última coisa de que precisava era de outra razão para sentir que todos exceto eu sabiam o que raio estava acontecendo.

Virei-me para o Travis e comecei a levantar-me, apontando para a porta. O Travis puxou-me o ombro com força, e eu voltei a sentar-me pesadamente, cerrando o maxilar.

Ele inclinou-se para mim, franzindo os lábios e segurando-me o ombro entre os dedos e o polegar enquanto eu estreitava os olhos para ele. Se ele pensava que me ia obrigar a ficar ali contra a minha vontade, estava muito enganado. Apanharia boleia se tivesse de ser.

– Ouve, meu – disse ele, baixinho, para que os outros homens na mesa não pudessem ouvir, pensei, embora eles estivessem ocupados a gritar e a assobiar para a rapariga no palco. – Achas que a Bree não gosta de uma pequena diversão paralela de vez em quando? Na verdade, eu sei bem. – Ele olhou-me maliciosamente e inclinou-se mais para a frente. – Adoro o sabor a pêssego dos lábios dela.

Os meus olhos arderam e o meu estômago contraiu-se. Ele tinha beijado a Bree?

O Travis suspirou.

– Estou só a tentar ajudar-te, Archer. A Bree acha que tu não a podes satisfazer, por isso ela vem ter com quem sabe que vai obter o que precisa. – Ele ergueu as sobrancelhas, falando obviamente de si mesmo. – E, deste modo, provavelmente não lhe podes dar isso. É por isso que te trouxe aqui, meu.

Recostei-me na cadeira, olhando para o palco com a testa franzida, onde uma morena estava inclinada sobre uma cadeira. A Bree andava a beijar outros homens? A Bree andava a beijar o Travis? A raiva acelerou nas minhas veias. Mas provavelmente não podia culpá-la. Talvez eu estivesse a entender tudo mal. Pensei que ela gostava do que fazíamos juntos, mas como podia saber a verdade? Como poderia *não* parecer um autêntico inexperiente? Ela possivelmente *estava* entediada.

Outra rodada de cerveja surgiu na nossa mesa e bebi um gole grande do copo à minha frente.

Estava infeliz e furioso diante da ideia da Bree com o Travis, mas o álcool e as raparigas no palco estavam a fazer aquecer o sangue que me fluía nas veias – e eu estava excitado. Só queria ir para casa ter com a Bree. Queria beijá-la e saborear todo o seu corpo. Queria ter um orgasmo na sua boca outra vez... mas queria saber se estava a fazer tudo bem. Não queria sentir-me como o virgem que era.

A rapariga no palco passou as mãos pelos seios, depois agarrou o poste e simulou um ato sexual com ele. Eu estava totalmente duro sob a mesa.

Levantar-me e ir embora não era uma opção naquele momento.

Os outros tipos ainda estavam a dividir a atenção entre a rapariga no palco e entre eles, conversando e rindo alto. Eu já não os ouvia. Continuei a beber; tinha-me habituado ao sabor.

Uma loura que estivera no palco um pouco antes aproximou-se da nossa mesa e debruçou-se para segredar alguma coisa ao ouvido do Jason. Ele riu-se e levantou-se, seguindo-a por uma porta junto ao palco. Olhei de relance para o Travis, que ergueu as sobranceiras para mim, com um sorriso largo no rosto. Ele inclinou-se na minha direção.

– Tenho uma surpresa para ti – disse ele, alto, sobrepondo-se à música. – Acho que vais gostar.

Olhou para trás de mim e fez sinal a alguém, e um minuto depois, uma rapariga veio até à nossa mesa. Ela sorriu-me e eu fitei-a; parecia tão familiar.

O Travis inclinou-se para a frente.

– Archer, lembras-te da Amber Dalton? Ela trabalha aqui agora.

Amber Dalton: a rapariga por quem eu tivera uma paixoneta aos catorze anos. Aquela à frente da qual o Travis me tinha humilhado. O álcool no meu organismo deve ter sido a razão pela qual não senti vergonha diante dela. Apenas continuei a encará-la, vendo o cabelo escuro pela altura dos ombros, os mesmos olhos grandes, castanhos, que eu venerara há tantos anos. Ela ainda era tão bonita quanto me lembrava.

– Archer Hale? – sussurrou a Amber, arregalando os olhos. – Meu Deus, não fazia ideia. – Os olhos dela examinaram-me. – Cresceste bem, não foi? – Ela sorriu e não pude evitar a onda de prazer que me percorreu o corpo. Parecia que o que acontecera há tantos anos tinha sido corrigido, tendo em conta a apreciação da minha aparência física a brilhar nos seus olhos.

– Amber – interrompeu o Travis –, acho que o Archer está pronto para aquele momento privado que combinei contigo. – Ele piscou-lhe o olho.

A minha cabeça pareceu clarear um pouco e fiz sinal que não com a cabeça, e estendi a mão para apertar a dela – o meu gesto de *prazer em ver-te de novo*.

Contudo, ela ignorou a minha mão estendida e sentou-se ao meu colo, o cheiro intenso e doce a baunilha a exalar dela. Enrijeci um pouco, sem saber o que fazer com as mãos, além de mantê-las penduradas ao lado do corpo.

– Parece excelente! – sussurrou ela, aproximando-se e remexendo-se sobre a minha ereção semidura. Inspirei fundo. Era uma sensação esquisita, mas boa. Eu não sabia o que fazer.

Enquanto a música bombava ao fundo, a Amber inclinou-se para mim e sussurrou-me ao ouvido:

– Bem, tu és lindo, Archer. E o teu corpo... – Passou o dedo pelo meu peito. – Sabes que eu gostava de ti naquela altura, não sabes? Eu vi como me espiavas à beira do lago. Queria que te aproximasses... mas tu nunca o fizeste...

Vi quando o dedo dela se moveu pelo meu peito até ao cós das calças, e

mergulhou um pouco para dentro, e depois voltou para o meu peito. Agora eu estava totalmente rijo outra vez.

– Vão lá, vocês os dois. – Riu-se o Travis. – Divirtam-se.

A Amber saltou do meu colo, levantou-se e puxou-me para que eu também me levantasse. Procurei caminhar atrás dela, para esconder a minha condição, cambaleando um pouco. Raios, estava mais bêbedo do que pensava.

A Amber conduziu-me para a mesma porta por onde o Jason tinha desaparecido, e seguimos por um longo corredor mal iluminado, e depois puxou-me para uma porta à esquerda, e fechou-a atrás dela.

Havia uma cadeira no meio da divisão, e ela guiou-me até lá e empurrou-me delicadamente para que me sentasse.

Avançou até uma mesa e mexeu em alguma coisa e, um minuto mais tarde, a música começou a sair das colunas na parede. A música era agradável desta vez, e não estava demasiado alta ou exagerada. Sentia-me melhor ali.

A Amber aproximou-se de mim, e eu forcei-me a não baixar os olhos. Era como se o sangue estivesse a zumbir-me nas veias, mas também me sentia um pouco zozinho.

Ela sentou-se ao meu colo e o seu perfume voltou a envolver-me, fazendo-me cócegas no nariz. Balançou o corpo ao ritmo da música durante algum tempo, fechando os olhos e inclinando o corpo para trás para que eu pudesse vê-la melhor. Era bonita, mas não como a Bree. Agora que a podia ver de mais de perto, sob uma luz mais forte do que a do palco, não gostei da maquilhagem excessiva no rosto e pensei que havia algo um pouco duro na aparência dela – algo diferente de quando era adolescente.

Ela inclinou-se para trás até endireitar o corpo e baixou a frente do *top*. Os seios saltaram para fora e ela agarrou-me as mãos e pousou-as neles. O meu pénis latejava dentro das calças. Acariciei-lhe os mamilos da forma que a Bree gostava, e a Amber inclinou a cabeça para trás, gemendo. Apertei-os delicadamente. Os seus seios eram maiores do que os da Bree, mas pareciam diferentes – não eram macios, eram quase demasiado firmes, e a pele, esticada e brilhante.

A Amber abriu os olhos, levantou a cabeça e depois ficou a olhar-me, semicerrando os olhos enquanto passava a língua pelos lábios.

– Sabes – exclamou ela, desabotoando-me os dois primeiros botões da camisa –, aqui só podemos fazer danças para os clientes, mas o Travis deu-me uma gorjeta a mais para eu fazer tudo o que quiseses. – Ela estendeu a mão para baixo e esfregou-me por cima das calças. Fechei os olhos e arquejei alto.

– Céus, és grande, querido – ofegou ela, passando os lábios pelo meu pescoço. Ela chupou a pele ali, fazendo-me sobressaltar um pouco quando senti os seus dentes a mordiscarem. – Hummm – gemeu, esfregando o corpo no meu. – Mal posso esperar para te montar esse teu pau grande e grosso, giraço. Gostas de mais rápido e selvagem ou mais lento e profundo? Hein? – sussurrou. – Vamos descobrir, não vamos, querido?

O meu corpo reagiu às palavras dela, mas no meu íntimo sentia que algo

estava muito errado. Nem sequer conhecia aquela rapariga. Será que devia usá-la para fazer sexo e depois voltar para casa, para a Bree, a rapariga de quem realmente gostava? Era mesmo isto que o Jason fazia com a sua mulher? Queria que a Bree me visse como os outros homens – não queria que ela quisesse beijar o Travis –, mas isto, isto parecia... Meu Deus, eu não conseguia pensar como deve ser por causa do álcool e do modo como a Amber me esfregava por cima das calças. Todos os meus pensamentos estavam misturados, as emoções fora do sítio. Eu precisava de sair daquele lugar. Acabaria com aquilo e iria para casa. E depois, logo pela manhã, ia ter com a Bree.

* * *

Saí a cambalear do quarto dez minutos mais tarde e fui procurar o Travis. Ele ainda estava na mesma mesa, com uma ruiva ao colo. Toquei-lhe no ombro. Ele olhou para trás para mim, e fez um enorme sorriso. Afastou a ruiva do colo e disse:

– Pronto para ir para casa, amigalhaço?

Assenti, franzindo a testa. Era tudo o que eu queria: sair dali e ir ter com a Bree. Queria abraçá-la. Senti-me deprimido quando pensei no que acabara de fazer com a Amber. Tentei afastar a ideia – afinal, ao que parecia, eu não fizera nada que os outros homens no clube não tivessem feito. E vira várias alianças de casamento ali. Claramente as mulheres aceitavam aquele tipo de coisa. Porém, acho que devia ser mesmo esquisito, porque não queria fazer aquilo outra vez. Sentia-me vazio, infeliz... e envergonhado.

Atravessámos a ponte para Pelion. O Travis permaneceu em silêncio durante toda a viagem, um leve sorriso a desenhar-se-lhe nos lábios. Eu não me importava com o motivo do sorriso – o álcool estava a deixar-me sonolento, por isso apoiei a cabeça na janela e fechei os olhos, pensando na Bree.

O Travis abanou-me passado o que me pareceu apenas alguns segundos depois, e eu abri a porta do carro com os olhos turvos e saí. Mesmo antes de fechar a porta, o Travis piscou-me o olho e disse:

– Vamos fazer isto outra vez, meu. – Eu não respondi, limitei-me a virar as costas à carrinha. Foi então que percebi que estávamos à frente do chalé da Bree. Virei-me para voltar para dentro da carrinha, mas o Travis ligou o motor, e eu tropecei para trás quando ele arrancou ruidosamente.

CAPÍTULO VINTE

BREE

Virei-me na cama, sorrindo na direção da janela, para o lago escuro mais além. Tinha ligado à Melanie e à Liza quando soubera que o Archer ia sair com o Travis, e também saímos para uma noite de raparigas.

Fomos ao salão de bilhar da cidade, beber umas cervejas e rimos e conversámos, principalmente sobre os mexericos de uma cidade pequena. Aparentemente, havia uma rapariga na cidade que estava a ter um caso com pelo menos três homens casados. As esposas de Pelion andavam em alvoroço. É claro que eu achava que a rapariga era menos culpada do que os homens, pois eles é que fizeram os votos de casamento e os quebraram. Mas imaginava que devia ser menos doloroso acreditar que os maridos tinham sido persuadidos por alguma sedutora com poderes mágicos do que aceitar que eram mentirosos e infieis.

Também conversámos muito sobre o Archer, e eu falei-lhes dele. Elas ouviram-me chocadas, mas com olhares de entusiasmo no rosto.

– Meu Deus, não fazíamos ideia, Bree – afirmou a Melanie. Depois ficou pensativa por um momento, enquanto eu bebia um gole da minha cerveja.

– Sabes, no entanto – continuou ela –, eras a única pessoa que podia descobrir isso. Conheces a língua gestual... e acabaste aqui... e ele a viver sozinho, sem ninguém com quem conversar... é o mais belo desígnio do destino. – Eu sorri, sonhadora, deixando-me levar pelas suas palavras. Era exatamente essa a sensação que tinha. *Um belo desígnio do destino.*

Voltámos para casa cedo, por volta das onze horas, pois eu tinha de trabalhar na manhã seguinte. Tomei banho e depois estive a ler um pouco. Desliguei a luz e fiquei a pensar no Archer e a imaginar como estaria a ser a noite dele. Estava tão orgulhosa por ele ter concordado em sair com o Travis. Ele parecia desconfiado e inseguro, e eu sabia que o principal motivo para ter saído foi porque eu o tinha encorajado. Ainda assim, era um grande passo. Ele mal saía da sua propriedade, a não ser para uma ida ocasional à cidade, para

fazer compras ou adquirir materiais para os projetos que fazia na propriedade, desde os sete anos. Ir a um bar ou a um restaurante era mesmo um grande passo. Esperava que pelo menos se tivesse divertido um pouco.

Tornei a virar-me quando ouvi o barulho alto da porta de um carro a fechar e o que pareceu o ronco de uma carrinha grande a afastar-se. *Mas que raio?* A *Phoebe* levantou a cabeça dos pés da cama onde se encontrava deitada, e ladrou baixinho.

O meu coração disparou e senti uma onda de medo a varrer-me. Mas acalmei a respiração. Se fosse alguém a tentar fazer-me mal, se fosse *ele*, com certeza não se anunciaria com tanto barulho.

– Deixa de ser paranoica, Bree – murmurei. Mas mesmo assim fui na ponta dos pés até à sala, com a *Phoebe* nos meus calcanhares.

Afastei a cortina e espreitei pela janela. Vi uma figura grande a cambalear enquanto se afastava do meu chalé. Aquele era... o Archer? Sim, era ele.

Apressei-me a abrir a porta e chamei baixinho:

– Archer?

Ele virou-se na estrada e ficou ali parado.

Inclinei a cabeça para o lado e fiz um sorriso confuso.

– O que estás a fazer aqui? – perguntei. – Vem cá, estou de pijama.

Ele continuou imóvel onde estava por alguns instantes, cambaleando ligeiramente, parecendo... Estreitei os olhos na luz fosca... bêbedo e aborrecido. O Travis *embebedara-o*? Fantástico.

De repente, ele começou a vir na minha direção, de cabeça baixa. Subiu os degraus do alpendre e veio até mim, tomando-me nos braços. Abraçou-me com força, enfiou o nariz no meu pescoço e inspirou profundamente.

Paralisei nos braços dele. Oh, Deus, ele cheirava ao perfume de outra mulher. Tresandava, na verdade. Um perfume reles de baunilha. O meu coração pareceu parar no peito e depois recomeçar a bater de forma irregular. Que raio acontecera naquela noite só de homens?

– Archer – exclamei outra vez, afastando-o delicadamente. Ele deu um passo atrás e ensaiou um movimento que me fez pensar que estava a tentar afastar o cabelo do rosto. Mas já não tinha o cabelo comprido. Passou a mão pela cabeça, sentindo o corte novo e olhando para mim com uma expressão miserável.

Levantou as mãos e gesticulou em sinais algo confusos: *Não gostei da noite só de homens. Não gosto de clubes de striptease.*

– Clubes de *striptease*? – arquejei. Foi então que vi a marca de lábios e dentes no pescoço dele e a mancha de batom rosa forte no colarinho. Oh, Deus. Senti o meu sangue gelar. – Estiveste com outra mulher, Archer? – perguntei, sentindo o coração afundar mais no peito. As minhas mãos pareciam incapazes de fazer qualquer outra coisa além de ficarem penduradas ao lado do corpo.

Por alguns momentos, ele ficou apenas a olhar para mim, os olhos

atormentados dizendo-me tudo o que se passava na sua cabeça. Ele pensou em mentir-me, eu *vi-o* naqueles olhos castanho-dourados expressivos, mas depois o seu rosto assumiu um ar de derrota e assentiu com a cabeça.

Fiquei a olhar para ele durante alguns segundos, antes de dizer:

– Eles puseram-te em cima do palco ou algo do género? – perguntei, na esperança de ter sido algum tipo de brincadeira de despedida de solteiro.

O Archer franziu a testa, mas depois duas manchas vermelhas surgiram nas suas bochechas. Ele ergueu as mãos e disse: *Não, num dos quartos dos fundos.*

– Quartos dos fundos? – sussurrei.

O Archer confirmou e continuámos apenas a olhar-nos por algum tempo.

– Então estiveste *mesmo* com ela? – interroguei. Senti a cor a desaparecer-me do rosto.

O tormento tomou conta das suas feições quando ele aquiesceu. Baixou a cabeça para os pés.

Fechei os olhos por alguns segundos, tentando digerir aquilo, e depois voltei a abri-los.

– Porquê? – perguntei, as lágrimas a inundarem-me os olhos.

O Archer enfiou as mãos nos bolsos e ficou apenas a fitar-me, a sua expressão repleta de infelicidade. Mas o que é que era suposto fazer naquela situação? Ele tinha de saber que eu iria ficar aborrecida por ele ter estado com outra mulher. Será que sabia tão pouco sobre o mundo? Sobre relações? Sobre amor? Não, eu não podia acreditar nisso.

Ele tirou as mãos dos bolsos e disse: *Tu beijaste o Travis.* O maxilar dele tremia.

Fiz uma pausa, franzindo a testa.

– Beije o Travis *uma vez*, quando eu e tu ainda éramos apenas amigos – disse baixinho. – Mas, quando nos tornámos mais do que isso, eu escolhi-te, Archer... – As minhas palavras saíram sufocadas. – Eu escolhi-te. – A mágoa, a raiva e uma sensação de perda abateram-se sobre mim outra vez enquanto ele cambaleava à minha frente, como um cachorrinho que tinha acabado de ser pontapeado. Mas não fora eu que tinha acabado de ser pontapeada?

Clareei a garganta para não começar a chorar.

– Estás bêbedo – declarei. – Vou levar-te de carro até casa. Precisas de dormir para que essa bebedeira passe. – Sentia-me entorpecida agora.

O Archer agarrou-me o braço, e eu baixei os olhos para os dedos dele na minha pele e, em seguida, olhei novamente para a sua expressão derrotada. Ele soltou-me e disse: *Desculpa.*

Assenti com a cabeça uma vez, um movimento trémulo do queixo até ao peito, e então retirei o meu casaco leve que estava pendurado no gancho perto da porta e saí. Ouvi o Archer fechar a porta e seguir-me.

Entrei no carro, e ele ocupou o lugar do passageiro e fechou a porta devagar.

Seguimos em silêncio a curta distância até à Briar Road e, quando parei

em frente ao portão, ele virou-se para mim, com um olhar suplicante.

– Vai, Archer – disse. Precisava de voltar para casa e enrolar-me na cama. Não sabia como lidar com todos os meus sentimentos naquele momento.

O Archer encarou-me por alguns segundos, virou-se, saiu do carro e fechou a porta.

Fiz marcha-atrás e voltei para o chalé. Quando olhei pelo retrovisor, o Archer ainda estava parado na estrada, as mãos enfiadas nos bolsos, o olhar a acompanhar o carro a afastar-se.

Quando cheguei a casa uns minutos depois, tirei o casaco sem me dar conta do que estava a fazer, voltei para o quarto e enfiar-me na cama, puxando as cobertas e tapando a cabeça. Só então deixei as lágrimas caírem, sentindo o coração devastado. Ele tinha estado com outra mulher – o homem por quem eu estava a apaixonar-me escolhera ter a sua primeira vez com uma *stripper* barata no quarto dos fundos de um bar. E eu sabia que tinha contribuído para que isso acontecesse.

* * *

Na manhã seguinte, arrastei-me para fora da cama, depois de apenas duas horas de sono. Sentia-me cheia de tristeza enquanto fazia a minha rotina matinal.

Quando cheguei ao *snack-bar*, atirei-me ao trabalho, tentando, sem sucesso, manter a mente afastada do Archer. Mas era uma causa perdida, e enquanto reabastecia o açúcar em cada mesa, pensei em como insistira para que o Archer saísse da sua zona de conforto e fosse mais sociável. Senti vontade de rir com a ironia da situação, e logo depois quis enfiar-me debaixo de uma das mesas e chorar. Em vez disso, respirei fundo e contei os pacotes de açúcar.

Parte do que acontecera fora culpa minha. Não devia ter insistido tanto para que ele fizesse algo para o qual não estava preparado. Só pensei que talvez o Archer nunca estivesse completamente preparado, e que um pequeno empurrão de alguém que gostava dele seria uma coisa positiva. Ele não podia viver naquele pedaço de terra a vida toda, sem nunca se aventurar além do supermercado e da loja de ferragens. Eu também achava que ele queria isso. Mas talvez devesse ter sido eu a ajudá-lo, em vez de aceitar a oferta do Travis. O Travis. Qual teria sido o papel dele naquilo tudo? Tinha a sensação de que era tudo menos inocente. Talvez tivesse atirado o Archer aos lobos, em vez de o ajudar a sair do casulo de segurança. No mínimo, o Travis não impedira o que acontecera no clube. O Archer era tão retraído e tão tímido. Certamente que não teria procurado sexo com outra mulher por iniciativa própria. Uma pontada de dor perfurou-me o coração, e senti vontade de chorar outra vez ao imaginá-lo a ter sexo com alguma mulher seminua. Fechei os olhos e afastei as lágrimas. Eu já tinha sido traída antes. Podia superar aquilo.

Só que... algo acerca disto não parecia exatamente como se ele me tivesse traído. Parecia... mais alguma coisa. Interrompi os meus pensamentos. Não, eu não iria arranjar desculpas para o que fora uma escolha dele. Oh, meu Deus, estava tão confusa. E magoada.

Naquela tarde, após fazer duas travessas das minhas saladas, despedi-me do Norm e da Maggie e fui para casa.

Lembrei-me de que precisava de comprar algumas coisas e dei um salto ao supermercado. Quando estava a voltar para o carro que deixara no parque de estacionamento, a minha cabeça ainda andava às voltas com a situação do Archer, deixando-me com vontade de gritar, quando ouvi alguém chamar o meu nome em voz baixa.

Virei-me e uma mulher de cabelo castanho e curto, de óculos, vinha na minha direção, empurrando um carrinho de supermercado.

Parei o meu próprio carrinho e esperei por ela, com um sorriso.

– Olá – disse, inclinando a cabeça.

– Olá. – A mulher fez um sorriso caloroso. – Sei que não me conhece. O meu nome é Amanda Wright. Não ache estranho eu saber o seu nome. Faço parte do grupo da Anne que se reúne para jogar cartas. – Ela sorriu novamente, rindo-se baixinho.

– Oh! OK – afirmei. – Eu moro ao lado da Anne.

Ela assentiu.

– Eu sei. Ela falou-nos de si durante o jogo da semana passada. E quando a vi hoje, imaginei que só poderia ser a Bree que a Anne descrevera.

Concordei com a cabeça.

– Bem, é um prazer conhecer uma das amigas da Anne. Ela tem sido tão simpática comigo.

– Sim, ela é adorável. – Fez uma pausa por uns instantes. – Espero que não pense que estou a ser intrometida, mas... a Anne mencionou que fez amizade com o Archer. – Olhou para mim com curiosidade.

As coisas tinham mudado um pouco desde a última vez que conversara com a Anne, mas não havia a menor possibilidade de dar explicações nesse momento, por isso respondi apenas:

– Sim.

Ela sorriu e suspirou.

– Eu era a melhor amiga da Alyssa, a mãe dele – comentou.

Inspirei, surpreendida.

– Conheceu a mãe dele?

A Amanda assentiu.

– Sim, e sempre me senti... tão mal por não ter feito mais pelo Archer quando a Alyssa morreu. – Ela abanou a cabeça com tristeza. – Tentei ir até lá algumas vezes, mas havia sempre aquelas placas malucas na cerca, alertando sobre bombas e armadilhas e... simplesmente tive medo – disse ela, pensativa. – Depois ouvi dizer na cidade que o Archer tinha ficado com algum tipo de sequele por causa do acidente e achei que a família teria mais capacidade de

tomar conta dele e de lidar com a situação. – Ela cerrou os lábios. – Explicar isso em voz alta faz-me perceber o quanto pareço fraca.

– Mrs. Wright... – comecei a dizer.

– Por favor, trate-me por Amanda.

Assenti.

– OK, Amanda. Se permite a minha intromissão, sabe qual foi a causa do acidente? O Archer não fala muito a respeito disso e, bem... – Eu não sabia como terminar a frase e simplesmente fiquei em silêncio.

A Amanda pousou a mão no meu braço.

– A Bree gosta dele – disse ela, a sorrir. Parecia haver lágrimas nos seus olhos.

– Gosto – afirmei. E, naquele momento, percebi que não importava o que tinha acontecido entre mim e o Archer. Eu gostava muito dele e ainda queria ajudá-lo a viver uma vida que incluísse mais do que apenas ele, alguns cães e muitos projetos para a casa, ano após ano.

A Amanda olhou por cima do meu ombro alguns segundos, pensativa, depois disse:

– Tudo o que sei sobre o acidente em si são os poucos detalhes que vieram no jornal. O artigo foi escrito por um repórter de fora da cidade. Não temos jornal em Pelion. As pessoas simplesmente não falam sobre o assunto. Mas, se quer mesmo saber, acho que é por causa da Victoria Hale... *toda a gente* se sente intimidada por ela, que detém o poder de acabar com empregos, de fechar negócios... e é o que faz quando alguém a enfrenta, por isso todos nos preocupamos com razão. E vou dizer-lhe uma coisa: na minha opinião, o que quer que *tenha* acontecido no dia do acidente, começou com a Victoria Hale. Ela nunca teve escrúpulos para acabar com a vida das pessoas, se isso fosse necessário para dar seguimento aos seus planos.

Inspirei fundo.

– A Victoria Hale? – perguntei. – Ela esteve no *snack-bar* onde trabalho, na semana passada, para me avisar que me mantivesse afastada do Archer.

A Amanda assentiu, como se estivesse a decidir alguma coisa.

– Nunca falei com ninguém sobre isto, mas a Tori Hale sempre teve ciúmes doentios da Alyssa. Ela estava sempre a tentar manipular as pessoas para obter o que queria. E, no caso da Alyssa, costumava ter sucesso. – Voltou a abanar a cabeça com tristeza. – A Alyssa sempre teve um enorme complexo de culpa em relação a alguma coisa. Ela nunca se achava digna de nada nem de ninguém. Cresceu num orfanato e não tinha ninguém até vir para Pelion... – A Amanda parecia perdida no passado. – Era a rapariga mais doce que pode imaginar. Não tinha um pinga de maldade, e os rapazes Hale ficaram loucos por ela. – Fez um sorriso triste.

– A Anne disse-me que ela escolheu o Marcus Hale. – Eu sorri.

Mas a Amanda franziu a testa e abanou a cabeça.

– Não, não escolheu... armaram-lhe uma cilada. Fomos a uma festa na noite em que a Alyssa ficou grávida. A Victoria estava lá... Nunca poderei

provar, mas sei que ela deitou alguma coisa na bebida da Alyssa e que o Marcus se aproveitou da rapariga. Foi o modo que ele encontrou para reivindicar e superar o irmão, o Connor, pois tornara-se óbvio que a Alyssa amava o Connor. É claro que o Marcus não previu que ela ficaria grávida, mas foi o que aconteceu. Casaram-se três meses depois. A Alyssa estava de coração despedaçado e o Connor também. E, claro, a Alyssa culpava-se e achava que o seu castigo era estar casada com um homem que não amava. Ela fez muitas escolhas erradas, mas a maioria delas deveu-se ao facto de não se ter em grande consideração.

A Amanda adquiriu uma expressão pensativa outra vez.

– Eu sempre disse que o grande dom da Tori Hale é o de manipular os outros para que façam o que ela quer. As suas mãos estão sempre limpas, e, no entanto, ela é sempre o cérebro que conspira tudo, por assim dizer.

Abanou a cabeça, ainda triste, parecendo prestes a chorar, mas depois voltou ao presente, levando a mão ao peito e sorrindo.

– Oh, Deus! Olhe para mim, a mexericar sobre o passado aqui no parque de estacionamento do supermercado, enquanto as suas compras provavelmente estão a derreter! Por favor, perdoe-me. Só queria mesmo apresentar-me e perguntar se se incomodaria de enviar os meus cumprimentos ao Archer e dizer-lhe que a mãe dele era muito especial para mim.

Assenti com a cabeça para a Amanda, a tristeza a tomar conta de mim com a informação que me deu sobre a mãe e o pai do Archer.

A Amanda prosseguiu:

– Tenho uma loja de roupa na cidade, a Mandy's – disse com um sorriso.
– Criativo, não? Apareça para me visitar um dia destes e eu faço-lhe um desconto de amiga.

Sorri.

– É muito gentil da sua parte, obrigada. Irei, sim.

– Ótimo. Foi um prazer conhecê-la, Bree.

– Igualmente – respondi, enquanto ela se afastava.

Carreguei os sacos das compras, entrei no carro e fiquei ali no parque de estacionamento, a pensar na rapariga doce que veio para uma cidade nova e nos irmãos que a amaram. Pensei em como aquele que ela não amava manipulou a situação para que o escolhesse, e como tudo terminara numa tragédia. Também pensei no menino que a mulher deixara para trás, e como o coração me doía pelo que talvez nunca mais voltássemos a ter.

* * *

Passei os dois dias seguintes a trabalhar e depois seguia logo para o chalé. Li, principalmente, na tentativa de que o tempo passasse mais depressa. *Estava a sofrer*. Sentia saudades do Archer. E, estranhamente, queria confortá-lo. Não sabia muito bem o que acontecera no clube, a não ser que o Archer tinha ido para um quarto nos fundos com uma das *strippers* e fizera

sexo com ela, o que eu nem imaginava que seria uma possibilidade constante do menu do clube de *striptease*, mas o que sabia eu? O que eu *sabia* é que o Archer não tinha ficado feliz com isso. Então, por que motivo o fizera? Tentei pôr-me no lugar dele, tentei entender como deve ter sido para ele estar num clube de *striptease*. Mas pensar muito sobre isso ainda me causava mais sofrimento.

Na sexta-feira, estava a sair do trabalho quando vi o Travis a atravessar a rua em roupas civis. Enquanto semicerrava os olhos contra o sol, a vê-lo conversar distraidamente com um homem mais velho, a raiva dominou-me. Ele tinha estado lá... tinha sido ele quem levava o Archer a um clube de *striptease*. Ele *planeava* aquilo.

Sem pensar, atravessei a rua e a buzina de um carro fez-se ouvir. O Travis olhou e esboçou um sorriso, mas viu a expressão no meu rosto e ficou sério, virando-se para o homem mais velho com quem conversava, dizendo alguma coisa antes de começar a caminhar ao meu encontro enquanto eu ia na sua direção pelo passeio.

Assim que o alcancei, dei-lhe um estalo forte no rosto, e o som reverberou no ar ameno de outono. Ele cerrou os olhos, levou a mão à cara e girou o maxilar lentamente.

– Para que diabos foi isso? – sibilou.

Eu disparei logo:

– És um idiota cruel e egoísta, Travis Hale. Que raio estavas a pensar quando levaste o Archer a um clube de *striptease*? Achei que podia confiar em ti para tomares conta dele!

– Tomar conta dele? – perguntou, rindo baixinho. – Por acaso ele é uma criança, Bree?

– O quê? – proferi, furiosa. – É claro que ele *não* é uma *criança*. Mas *sabes* que ele precisava que olhasses um pouco por ele. Ele nunca tinha saído! Precisava que tu...

– É isso que queres? Um homem que tem de ter alguém a olhar por ele o tempo todo? É esse o tipo de homem que queres?

Eu estava a ver tudo vermelho, prestes a levantar a mão para lhe dar outro estalo.

– Estás a distorcer tudo! Estás a fazer com que pareça que ele é mentalmente incapaz de lidar com coisas que nunca fez antes. Ele só precisava que tu...

– O quê? Lhe segurasse na mão a noite toda para que não dormisse com outra mulher?

Fiquei boquiaberta e olhei-o, enfurecida.

Ele suspirou, passando a mão pelo cabelo.

– Credo, Bree, eu não estava a tentar criar uma situação para te magoar. Estava só a tentar oferecer-lhe uma noite divertida. Fazer com que se sentisse *homem*, dar-lhe alguma confiança, para que se sentisse à tua altura. OK, é óbvio que não foi o melhor dos planos... percebi isso, depois de ele ter ido

para as traseiras com uma rapariga de quem gostava quando era adolescente e fez sexo com ela, está bem?

– Deus, para de dizer isso! – afirmei, sentindo as lágrimas a assomarem aos olhos. Afastei-as, irritada comigo mesma por estar a chorar no meio da rua, em frente ao Travis Hale.

– Ele não é para ti, Bree. Ele é... demasiado diferente... demasiado fechado, vai acabar por tomar decisões que irão magoar-te. Lamento muito que tenhas percebido isso da maneira mais difícil.

Balancei a cabeça para a frente e para trás.

– Estás a distorcer isto – repeti.

– Não estou – disse ele num tom carinhoso, puxando-me para mais perto e passando os braços à minha volta. – Lamento muito, Bree. Muito mesmo.

Afastei-o e virei-me para regressar ao meu carro. Sentia a cabeça a girar de mágoa e raiva... do Travis, do Archer, de mim mesma. Só precisava de ir para casa.

– Bree – chamou o Travis. Eu parei, mas não me virei. – Estou aqui, se precisares de mim.

Continuei a andar, reparando que as pessoas à nossa volta estavam paradas a olhar para nós. *Uau, que subtilidade.* Mas nós tínhamos acabado de dar espetáculo, ou melhor, eu tinha acabado de dar espetáculo.

Avancei rapidamente até ao carro, entrei e conduzi até casa, entorpecida. Arrastei-me para dentro do chalé e afundei-me no sofá.

A *Phoebe* aproximou-se e saltou animada para o meu colo, abanando a causa e lambendo-me o rosto. Ri-me, apesar do meu péssimo humor, e abracei-a.

– Olá, miúda – balbuciei.

A *Phoebe* saltou do meu colo e correu para a porta, ganindo baixinho, pedindo para sair. Estava tão habituada a ser posta na cesta da bicicleta e ir para casa do Archer todos os dias que devia estar a sentir falta dos amigos e também daquele espaço enorme onde podia correr e explorar à vontade.

– Também tenho saudades dele, miúda – disse, sem saber o que fazer em relação a isso.

Passados alguns minutos, fui tomar um duche. Enquanto me despia no quarto, as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

CAPÍTULO VINTE E UM

BREE

Por volta das oito da noite, a chuva caía com força, e os trovões tinham começado a ribombar, e os raios, a ziguezaguear no céu.

Fiquei encolhida no meu quarto. A *Phoebe* no colo. A sensação *daquela* noite voltou com força enquanto eu estava ali. Estava a conseguir lidar melhor com isso agora, mas sabia que as tempestades como aquela me recordariam sempre da sensação de solidão e desamparo.

Tinha várias velas acesas pelo quarto, para o caso de faltar a luz. Normalmente, as velas forneciam uma atmosfera calma e romântica, mas esta noite as sombras que projetavam nas paredes à minha volta tornavam a tempestade ainda mais assustadora, mais angustiante.

Ouvi uma batida suave na porta e sobressaltei-me. A *Phoebe* levantou as orelhas e latiu baixinho. Quem diabos seria?

Já o tinha *a ele* na mente por causa da tempestade, por isso o meu coração disparou quando me levantei lentamente da cama e atravessei o corredor na ponta dos pés, com a *Phoebe* colada aos calcanhares.

Fui até à janela da frente e afastei o cortinado, por onde mal conseguia ver parte do alpendre em frente da porta. O Archer inclinou o corpo para trás, olhando para mim. O meu coração começou a acelerar quando o vi encharcado: as calças, a *T-shirt* branca e o casaco com o fecho aberto colado ao corpo. *Deus, ele deve ter vindo a pé de casa até aqui debaixo da tempestade.*

Só hesitei um segundo antes de me apressar a abrir a porta, o som da chuva mais forte a bater no pátio diante do alpendre. Um trovão alto sacudiu o chalé e eu sobressaltei-me, fazendo com que o Archer desse um passo na minha direção.

O que estás a fazer aqui?, perguntei.

Tu não gostas de tempestades, respondeu ele.

Inclinei a cabeça para o lado, confusa. *Andaste quase dois quilómetros à*

chuva porque eu não gosto de tempestades?

Ele hesitou por um segundo, desviando os olhos e franzindo a testa. Depois olhou outra vez para mim e disse apenas: *Sim*. Fez uma pausa, com uma expressão infeliz no rosto. *Sei que provavelmente sou a última pessoa que queres ver neste momento, mas achei que, se eu ficasse sentado no teu alpendre, não ias ter medo. Não estarias sozinha.*

Oh, Deus.

Não pude evitar, o meu rosto contorceu-se e as lágrimas começaram a jorrar.

O Archer deu um passo hesitante na minha direção e, em silêncio, pediu-me permissão enquanto me olhava nos olhos. Assenti com a cabeça, reconhecendo a sua pergunta não verbalizada, e ele tomou-me nos braços e apertou-me contra o seu corpo.

Passei os braços ao redor dele e enfiei o rosto no seu pescoço, inspirando o cheiro limpo, de chuva. Chorei silenciosamente nos seus braços durante alguns minutos, enquanto ele me abraçava, acariciando-me as costas em movimentos circulares, o hálito quente próximo ao meu ouvido, as roupas encharcadas a molhar as minhas também. Durante esse tempo, esqueci os trovões e a chuva que caía ao nosso redor... éramos apenas eu e ele, nada mais.

Eu não sabia bem o que pensar. Só sabia que aquilo parecia certo. Ele ainda era o meu melhor amigo, o meu rapaz doce e silencioso, e tinha tido imensas saudades dele. Ele tinha-me magoado e, ainda assim, eu agarrava-me a ele como se a minha vida dependesse disso.

Alguns minutos depois, inclinei-me para trás e olhei para o rosto dele. Ele olhou-me com tanta doçura e ternura que o coração se me apertou no peito.

Magoaste-me, disse afastando-me.

A tristeza tomou conta do seu rosto e ele assentiu, reconhecendo que sabia disso.

Deixa-me resolver isto, disse ele, *por favor. Eu quero resolver. O que posso fazer?*

Suspirei, baixando os ombros. *Fizeste sexo com outra mulher, Archer.*

Ele abanou a cabeça. *Eu não fiz sexo com ela; eu só... estive com ela.*

As minhas sobrancelhas ergueram-se e atirei a cabeça para trás. *O quê? Achei que tu... espera, o que quer dizer «estiveste com ela» exatamente? Eu não sabia o que ele me ia contar, mas um alívio profundo invadiu-me quando percebi que ele não tinha ido até ao fim com ela.*

O Archer suspirou, passou a mão pelo cabelo molhado e depois sacudiu-a ao lado do corpo. *Eu... é...* Ele suspirou outra vez. *Ela levou-me para um quarto nos fundos, beijou-me o pescoço e pousou as minhas mãos nos seios dela. O meu corpo... reagiu.* Fechou os olhos por um momento e depois voltou a abri-los. *Ela disse-me que o Travis lhe tinha pago para fazer sexo comigo, mas isso não me pareceu bem e fui-me embora. Foi isso que*

aconteceu. Lamento muito. Sabia que não era correto. Eu não queria aquilo. Quero dizer... eu... Deus. A vergonha encheu-lhe o rosto enquanto baixava os olhos outra vez.

Soltei a respiração que estava a prender e ri-me baixinho, abanando a cabeça. O Archer segurou-me o queixo entre os dedos gelados e levantou-me a cabeça. Olhou para mim com uma expressão indagadora.

Fizeram-te uma dança erótica, Archer, e foi longe demais. Mas disseste-lhe que não e foste embora. Observei-o por um segundo. *Porque lhe disseste que não? Diz-me.*

Ele não disse nada por um momento e depois: *Porque não quero estar com mais ninguém além de ti. Não a queria. Só te quero a ti. Só te quero a ti, Bree.*

Enquanto estávamos ali parados, a olhar-nos nos olhos, reparei que ele tremia, e os seus lábios estavam a ficar roxos, uma poça de água a formar-se no chão seco do meu pendre por baixo dele.

Puxei-o para dentro.

– Oh, meu Deus, estás gelado – afirmei, pois tinha as mãos ocupadas, a puxá-lo. – Temos de aquecer-te.

Levei-o até à casa de banho e liguei o chuveiro, o vapor quente a espalhar-se depressa pelo espaço pequeno. Comecei a tirar-lhe as roupas, o casaco e a *T-shirt*, e ele permitiu, de olhos fixos no meu rosto, só a ajudar quando eu precisava. Tirou os sapatos e eu ajoelhei-me diante dele para lhe tirar as meias molhadas dos pés e depois levantei-me outra vez, devagar, os meus olhos a percorrer o seu abdómen e o peito. A casa de banho de repente pareceu ainda mais quente. Mordi o lábio e olhei para o seu rosto bonito.

Entra no chuveiro, disse, quando ele estava ali só de calças vestidas. *Preciso de mudar de roupa também*, disse, baixando os olhos para a minha camisola molhada.

Ele assentiu, eu virei-me rapidamente e saí da casa de banho. Fechei a porta atrás de mim e encostei-me a ela por um instante, mordendo o lábio mais uma vez. Gemi baixinho.

– Só tu, Bree – murmurei para mim mesma. – Só tu para te apaixonares pelo mudo solitário da cidade. – Mas depois sorri. – Sim, o mudo solitário da cidade, mas o *meu* mudo solitário da cidade.

Despi as roupas molhadas e vesti uma camisola nova, mais bonita. Depois fui para a cozinha e pus a cafeteira ao lume. Fiquei ali a observar a chuva pela janela, esperando o silvo.

Alguns minutos depois, ouvi o chuveiro a ser desligado e, passado um pouco a porta abriu-se, e eu disse em tom meigo:

– Estou na cozinha.

O Archer entrou só com uma toalha enrolada nas ancas estreitas, passando a mão pelo cabelo e parecendo um pouco envergonhado. Olhei para o seu belo peito nu e para o modo como a toalha deixava pouco à imaginação no que se referia aos seus dotes, e engoli em seco.

– Estou a acabar de preparar o chá – disse, abrindo dois saquinhos. – Se quiseres ir buscar as tuas roupas e pô-las a secar, a máquina fica ali no corredor.

O Archer assentiu e saiu da cozinha enquanto eu terminava de preparar o chá, e depois juntou-se a mim quando eu já levava as canecas para a sala. Pegou numa das canecas e sentámo-nos juntos no sofá, a bebericar o chá quente num silêncio confortável durante vários minutos.

Por fim, ele pousou a caneca na mesa junto ao sofá e virou-se para mim. *Posso dizer uma coisa?*

Olhei para ele, inclinei a cabeça e disse:

– Claro que sim. – E depois bebi mais um gole de chá.

Ele inspirou fundo e pareceu estar a organizar os pensamentos. *Tenho andado a pensar muito nestes últimos dias e... eu estava a tentar ser o que tu queres que eu seja, mas... é demais para mim, Bree.* Abanou a cabeça levemente. *Detestei aquela noite – o barulho, todas aquelas pessoas, o facto de não poder falar.* Ficou em silêncio um instante antes de encontrar os meus olhos. *Quero fazer-te feliz, mais do que qualquer coisa, mas...* Passou a mão pelo cabelo outra vez.

Pousei a caneca na mesa de centro à nossa frente e aproximei-me dele. *Archer, fiz-te sentir como se fosses um projeto para mim. Fiz com que achasses que sendo como és... não era o suficiente.* Baixei os olhos e depois ergui-os outra vez. *Desculpa.*

Ele agarrou-me as mãos, apertou-as e depois soltou-as. *Não, a culpa não é tua. Sei que estavas a tentar... expandir o meu mundo. Só que eu preciso de fazer isso quando estiver preparado, OK? E eu não sei quando estarei preparado. Pode demorar muito tempo, Bree.*

Assenti, de lágrimas nos olhos. *OK.* Ri-me baixinho e sentei-me no colo dele, abrindo as pernas, e inclinando-me para a frente, apertando-o com força contra o meu corpo.

– Só uma coisa, contudo – murmurei-lhe ao ouvido, não querendo afastar-me ainda.

O Archer esperou. Inclinei o corpo para trás e disse:

– A única mulher que faz danças eróticas para ti sou eu.

Ele sorriu, os olhos a dançar. Senti que aquele sorriso poderia facilmente matar-me com um ataque cardíaco fulminante por uma *overdose* de beleza. Devolvi o sorriso e inclinei-me para a frente beijando-o intensamente.

Um trovão ressoou e um raio fez a luz da sala pulsar por vários segundos. Suspirei, satisfeita, e deslizei a língua pela boca quente do Archer. O sabor dele era uma mistura de canela da pasta de dentes e mel do chá. A sua língua encontrou a minha, deslizando deliciosamente ao longo dela, provocando um gemido do fundo do peito. Ele segurou-me o rosto entre as mãos e inclinou-me a cabeça para poder ir mais fundo, assumindo o comando do beijo e explorando a minha boca lenta e minuciosamente até me deixar ofegante e a esfregar-me no seu membro grosso e duro.

O Archer era tímido e inseguro na maior parte do tempo, mas quando se tratava de alguma coisa a que se dedicara a aperfeiçoar, era seguro e confiante. Perguntei-me se ele já teria percebido isso sobre si mesmo.

Interrompi o beijo em busca de ar e inclinei a cabeça para trás, para lhe dar acesso ao meu pescoço. O Archer beijou-o e mordiscou-o ao de leve enquanto eu passava os dedos pelo seu cabelo.

As suas mãos subiram para os meus seios e ele acariciou os mamilos ociosamente através do algodão fino da minha camisola. Suspirei de prazer, agarrando-lhe o cabelo.

Senti o seu membro ficar ainda mais duro debaixo de mim... nada a separar-nos, a não ser o tecido, agora húmido, das minhas cuecas, e o tecido felpudo da toalha.

Enfie a mão entre os nossos corpos e passei os dedos levemente sobre o seu abdómen. Ele arfou, com os músculos tensos sob o meu toque. Movi a mão ainda mais para baixo e acariciei-o por cima da toalha, enquanto ele me olhava com os olhos semicerrados, os lábios ligeiramente entreabertos. Oh, Deus, para mim ele era incrível. A humidade acumulava-se entre as minhas coxas, um latejar intenso de necessidade, querendo ser preenchido.

– Archer... quero-te – sussurrei.

Sem hesitar um segundo, ele passou os braços por baixo do meu corpo e levantou-se, dirigindo-se para o quarto. Eu pus os braços à volta do seu pescoço.

– Acho que isso é um sim – disse eu a sorrir.

Ele sorriu, parecendo um pouco tenso e nervoso.

Quando chegámos ao quarto, deitou-me com delicadeza na cama e ficou a olhar para mim, com um misto de carinho e desejo na sua expressão. O coração ribombava nos meus ouvidos.

O Archer virou-se para a parede e apagou a luz. As velas ainda estavam acesas e lançavam um brilho romântico ao quarto. *Que diferença faz meia hora*, pensei, recordando que estivera sentada naquele mesmo quarto, há pouco tempo, sentindo-me só e assustada.

O Archer virou-se, deixando cair a toalha enrolada à sua cintura, e pude ver de relance o seu corpo completamente nu antes de ele apoiar o joelho na cama e baixar o corpo sobre o meu. Santo Deus! Construir pátios de pedra, cortar lenha e andar a pé para todo o lado era um vídeo de treino que ele precisava de disponibilizar no mercado o mais rápido possível.

Ele uniu a boca à minha num beijo longo e profundo, e desceu os lábios até ao meu pescoço quando nos separámos para respirar. beijou delicadamente a minha pele e deixei cair ainda mais a cabeça para trás, dando-lhe mais espaço e pressionando as ancas contra o seu pénis ereto. Ele arquejou, ergueu a cabeça e olhou-me nos olhos.

Estava apoiado nos cotovelos, mantendo o corpo erguido sobre o meu, e, portanto, não podia usar as mãos para falar, e eu também preferi não falar. A expressão no rosto dele dizia-me tudo o que eu precisava de saber. Não havia

outro lugar no mundo onde ele preferisse estar a não ser ali, comigo, fazendo o que estávamos prestes a fazer. E, enquanto eu olhava para ele, para os seus olhos escuros cheios de desejo e a sua expressão terna e emocionada, soube que para mim também não havia outro lugar no mundo em que eu preferisse estar.

Estendi os braços para cima, indicando-lhe que deveria tirar-me a camisola. Ele inclinou-se, segurou-a pela bainha e levantou-a lentamente, deslizando-a pelos meus braços, sobre a cabeça e atirando-a ao chão, ao lado da cama.

Depois ergueu-se outra vez e olhou-me nos olhos enquanto segurava as minhas cuecas de ambos os lados fazendo-as deslizar pelas coxas. Desviei os olhos para o seu membro ereto, e o latejar entre as minhas pernas ganhou intensidade.

O Archer ficou a olhar para mim, e eu comecei a contorcer-me ligeiramente enquanto os olhos dele percorriam o meu corpo de cima a baixo. Nunca tinha ficado assim quieta, enquanto alguém me observava o corpo nu, mas quando ele encontrou os meus olhos e disse: *És tão linda*, eu descontraí-me. Reparei que as mãos dele tremiam um pouco.

– Tu também – sussurrei quando ele voltou a baixar-se sobre mim, com os músculos dos braços fletidos para sustentar o seu peso, e inclinou a cabeça para me beijar mais uma vez.

Passei as mãos devagar pelos músculos rígidos dos braços dele e depois pelos ombros largos. Em seguida, percorri a pele lisa das suas costas musculadas, terminando no traseiro, onde passei as mãos com suavidade, apertando-o ligeiramente e puxando-o para mim. Senti-o sorrir encostado à minha boca.

Afastei-me dos lábios dele, sorrindo também, enquanto me beijava novamente o pescoço.

– Gostas que te aperte o rabo? – perguntei, sorrindo. Ele sorriu junto ao pescoço.

Então, levei as mãos de volta às suas nádegas e apertei-lhas suavemente, pressionando as ancas contra o seu pénis duro sobre a minha barriga, o calor a queimar-me a pele deliciosamente e a fazer-me tremer de desejo.

Ele moveu a cabeça até aos meus seios e levou um mamilo à sua boca quente, fazendo movimentos circulares com a língua.

– Ah, Archer – arquejei –, por favor, não pares.

O Archer levantou a outra mão e brincou com o outro mamilo, enquanto chupava e provocava o que tinha na sua boca. Depois passou para o outro mamilo.

Gemi e ergui as ancas, pressionando, procurando alívio para a ânsia entre as minhas pernas, o meu clítoris tão inchado que pensei que atingiria o clímax assim que ele lhe tocasse.

O Archer pôs uma mão entre as minhas pernas e enfiou o dedo na minha fenda húmida, trazendo um pouco dessa humidade até ao meu pequeno feixe

de nervos enquanto, com o dedo, fazia pequenos círculos sobre ele, exatamente como lhe tinha ensinado. Arquejei e gemi, erguendo ainda mais as ancas, pressionadas contra a mão dele, implorando pelo alívio que estava tão próximo; podia sentir o seu início, como pequenas descargas elétricas.

– Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus – gemi, mexendo a cabeça de um lado para o outro. Senti o membro do Archer a saltar contra a minha barriga, e foi o que bastou para me fazer atingir um prazer intenso, o êxtase a espalhar-se lentamente pelo meu corpo enquanto eu continuava a arquejar e gemer.

Quando abri os olhos, o Archer estava a olhar para mim, aquela expressão de deslumbramento e ternura que eu adorava.

– Quero-te tanto dentro de mim – sussurrei.

Ele continuou a olhar-me nos olhos enquanto movia a anca entre as minhas pernas e segurava o pénis guiando-o até à minha entrada. Engoliu em seco quando ergui os joelhos e abri as pernas para lhe facilitar o acesso.

Os nossos olhos encontraram-se, e algo passou entre nós – aquela mesma sensação indescritível que eu percebera no dia em que nos conhecemos – só que muito mais intensa.

Apoiei-me nos cotovelos e ambos observámos enquanto ele entrava lentamente em mim, penetrando centímetro a centímetro, distendendo e preenchendo-me. Quando fez uma pausa, olhei para o seu rosto, e o olhar de puro prazer era tão primitivo e intenso que não pude desviar os olhos, fascinada. *Eu era a responsável por aquela expressão no seu rosto.* Ele latejava dentro de mim e, com uma estocada, preencheu-me por completo. Deixei o corpo cair para trás, gemendo baixinho, quando ele começou a mover-se para dentro e para fora, lentamente. Olhei para ele, hipnotizada por todas as emoções que lhe perpassavam o rosto à medida que acelerava o ritmo – deslumbramento, desejo intenso, a tentativa de manter o controlo e, por fim, a rendição ao prazer enquanto arremetia com mais força, mais profundamente, a respiração a sair em arquejos.

Levantei a anca e enrolei as pernas em volta das do Archer. Os olhos dele brilharam por um breve segundo, antes de enterrar o rosto no meu pescoço. As suas investidas tornaram-se espasmódicas quando deu uma última e profunda estocada e depois pressionou o corpo contra o meu, girando as ancas devagar, deixando sair o seu prazer.

Ficámos ali deitados juntos durante longos minutos, o Archer a respirar pesadamente junto ao meu pescoço, enquanto eu sorria para o teto.

Por fim, levei as mãos para baixo e esfreguei as unhas levemente nas nádegas dele, apertando-lhas suavemente. Senti-o sorrir junto à minha pele, mas não levantou a cabeça nem tentou mexer-se, o corpo apoiado parte no meu, parte na cama, para não me esmagar.

– Ei – sussurrei –, estás vivo?

Senti outro sorriso lento no meu pescoço, depois ele abanou a cabeça, dizendo que não.

Ri-me baixinho e o Archer ergueu a cabeça, de sorriso doce no rosto.

Segurou-me a cara entre as mãos e beijou-me os lábios ternamente durante vários minutos antes de se sentar.

Sentei-me também. Precisava de me ir limpar.

Segurei a cara dele entre as mãos e beijei-o mais uma vez, em seguida levantei-me e fui nua até à casa de banho. No caminho, olhei para o Archer, e ele estava a observar-me, os olhos a passear pelas minhas costas nuas. Corri para a casa de banho, limpei-me e depois voltei para o quarto, onde o Archer ainda estava sentado na beira da cama, parecendo um pouco inseguro.

– Este é o momento em que ficamos abraçados. – Sorri. Ele retribuiu o sorriso, suspirou e puxou as cobertas para trás. Entrámos na cama, e puxou-me para junto dele enquanto nos tapava com as cobertas. Virámo-nos na direção da janela e vimos que a chuva ainda caía, embora um pouco mais devagar agora.

Eu tinha deixado as persianas abertas – havia apenas o lago mais além; ninguém podia ver-nos. Um relâmpago cortou o céu à distância e logo ouvimos o ribombar do trovão, mas a tempestade começava a diminuir. Suspirei, feliz, quando o Archer me puxou ainda para mais perto dele.

Ficámos assim durante algum tempo até que, por fim, me virei na sua direção e sussurrei:

– Tive tantas saudades tuas nestes últimos dias.

Ele concordou, deitou-se de costas e gesticulou: *Eu também. Estava a ficar louco.*

Inclinei-me e beijei-lhe o peito e pousei a cabeça ali, ouvindo o seu coração bater por algum tempo, enquanto ele brincava com o meu cabelo.

Queres saber a primeira coisa que pensei de ti quando nos conhecemos, para além de que eras linda?

Olhei para as mãos dele a mover-se perto de mim e depois ergui a cabeça e fitei-o com um olhar indagador. Ele encarou-me também, com uma expressão calorosa nos lindos olhos cor de âmbar.

Ficaste envergonhada diante de mim, acanhada – até coraste por causa de todas aquelas barras de chocolate. Ele sorriu, baixou a cabeça e beijou-me a testa. O meu coração acelerou.

Ele prosseguiu. *Foi a primeira vez na minha vida que alguém ficou envergonhado diante de mim. As pessoas já se tinham mostrado envergonhadas por minha causa, mas nunca por algo que tivessem feito à minha frente. Fez-me sentir uma pessoa real, Bree. Fez-me sentir que alguma coisa em mim tinha importância.*

Engoli com dificuldade.

– Tu és uma pessoa real, Archer. És a melhor pessoa que eu conheço – sussurrei, deitando a cabeça no seu peito outra vez.

Ele abraçou-me novamente e ficámos assim pelo que pareceu uma eternidade, apenas a desfrutar do facto de estarmos abraçados, pele com pele, coração com coração.

Passado algum tempo, encostei o nariz à pele dele e inspirei, sentindo o

cheiro masculino, limpo. Sorri e tornei a beijar-lhe a pele. Ele levou a mão para baixo e agarrou-me uma nádega, eu sobressaltei-me e dei uma gargalhada. Quando levantei os olhos, ele estava a sorrir.

– Ei, tu é que gostas disso! – disse a rir.

E de que é que tu gostas?, perguntou ele, depois rebolou para cima de mim e sorriu, apoiando-se nos cotovelos de cada lado de mim para poder usar as mãos para falar. As minhas próprias mãos estavam presas, por isso respondi:

– Não sei muito bem... mas aposto que vais descobrir. – Sorri e ele ergueu uma sobrancelha, aparentemente aceitando o meu desafio.

Enfie a mão por baixo das cobertas e acariciei-o suavemente, sentindo-o endurecer sob o meu toque.

– Então, foi tudo aquilo que imaginavas que fosse? – interroguei, a sorrir.

Ele retribuiu o sorriso e depois arquejou quando passei um dedo em torno da glândula. Assentiu vigorosamente e depois disse: *Mais*.

Enquanto o observava, franziu a testa ligeiramente, e quando lhe perguntei:

– O que se passa? – ele respondeu: *Acho que devia ir à farmácia comprar preservativos*. Olhou para mim, nervoso.

Fitei-o, perguntando-me se o tio lhe tinha falado sobre controlo de natalidade... pensando que provavelmente era algo que eu deveria ter abordado.

São 98 por cento eficazes na prevenção da gravidez, disse o Archer, ainda a olhar-me nos olhos. *É o que diz na caixa que vi na farmácia*.

Não pude evitar um sorriso.

Ele arqueou uma sobrancelha e sorriu. *Estás a rir-te de mim?*, perguntou, mas não parecia aborrecido.

Pousei a mão no rosto dele, ficando séria.

– Não, nunca. – Abanei a cabeça. – Estou a tomar a pílula.

Pílula?

Assenti.

– Impede-me de engravidar.

Como ele continuou a olhar para mim, prossegui:

– Acabei de aviar uma nova receita, porque a pílula faz com que o período menstrual seja menos abundante e...

O Archer assentiu, baixou o rosto e esfregou o nariz no meu, beijando-me a boca, as pálpebras e a ponta do nariz. Ele sorriu e o meu coração apertou-se no peito.

Ergueu as mãos e afastou alguns fios de cabelo do meu rosto, enquanto eu continuava a fitá-lo. Observou-me o rosto por um longo tempo, como se estivesse a memorizar cada pedaço.

– Quais são os teus sonhos, Archer? – sussurrei, querendo saber o que se passava no coração dele.

Ele olhou para mim por mais uns segundos, depois pôs-se de joelhos e puxou-me para cima, de modo que eu ficasse montada no seu colo. Sorri e envolvi os braços à volta do seu pescoço, mas afastando-me um pouco para deixá-lo falar.

Ele trouxe as mãos para cima e disse: *Não sabia o suficiente para sonhar contigo, Bree, mas de algum modo tornaste-te realidade. Como é que isto aconteceu?* Esfregou o nariz no meu, ficou em silêncio um momento e depois afastou-se outra vez. *Quem é que leu o meu íntimo e soube exatamente o que eu queria, quando eu próprio não sabia?*

Suspirei e sorri, sentindo um nó na garganta.

– Eu sinto-me assim também. Tu também és o meu sonho, Archer. Tal como és.

Ele olhou-me nos olhos outra vez, depois puxou-me para si e beijou-me com paixão, a língua a circular dentro da minha boca, provando-me em todos os lugares.

Senti-o inchar e endurecer por baixo de mim, e ergui-me um pouco guiando-o até à entrada e depois baixei-me sobre ele até o sentir totalmente dentro de mim. Ele respirou fundo e passou a mão frouxamente pela cintura, enquanto eu começava a mexer o corpo devagar, subindo e descendo sobre ele.

Sempre que baixava o corpo, o meu clítoris tocava na virilha dele, enviando-me deliciosas faíscas de prazer por todo o corpo. Comecei a ofegar, atirando a cabeça para trás e montando-o com rapidez e intensidade crescentes.

O Archer inclinou-se para a frente e levou à boca o meu seio, que agora estava mesmo diante do seu rosto, circulando-o com a língua e aumentando o prazer que eu sentia. Podia perceber a iminência do clímax e acelerei o ritmo para o alcançar.

A sua respiração saía em arquejos contra o meu peito, enquanto se revezava entre um seio e o outro, sugando os mamilos rígidos, deixando-me louca de desejo.

O meu corpo ficou tenso e pulsou ao redor dele, no momento em que um orgasmo intenso me invadiu, e gritei o nome do Archer, estremecendo em pleno êxtase.

Abri os olhos e vi que os dele estavam semicerrados e escuros de desejo. Ele assumiu o controlo e empurrou-se para dentro de mim enquanto eu me agarrava a ele e gemia com as pequenas ondas de prazer que me provocava.

Depois de algumas investidas, senti-o preencher-me ainda mais, e os seus lábios entreabriram-se e os olhos semicerraram-se quando atingiu o clímax, o peito subindo e descendo com os arquejos.

Ele era tão bonito. Senti um aperto no peito e soube que era só ele a tirar-me o fôlego.

Passei os braços à sua volta e cingi-o a mim, ficando sentada sobre ele durante uns minutos enquanto a nossa respiração abrandava.

Depois inclinei-me e afastei-o, fazendo um pequeno ruído de perda que o fez sorrir. Sorri também e desabei na cama, suspirando satisfeita.

O Archer deitou-se ao meu lado e disse: *Há alguma razão pela qual precisemos de sair desta cama pelos próximos... três meses, mais ou menos?*

Eu ri-me, olhei para ele e respondi: *Na verdade, não. Quero dizer, a não ser o facto de ser despedida do meu trabalho e não ser capaz de pagar a renda, e todas as minhas coisas irem parar à rua em algum momento.*

O Archer riu-se, o peito subindo e descendo numa gargalhada silenciosa. Por um segundo desejei desesperadamente poder ouvir a sua gargalhada – aposto que seria profunda e gutural, um som lindo. Mas quase tão rapidamente quando o pensamento veio, eu descartei-o. Queria-o exatamente como era. Nunca ouviria a gargalhada dele, mas tudo bem. Eu tinha o seu coração, os seus pensamentos, e *ele*. E isso era mais do que suficiente. Na verdade, era tudo.

Envolvi-o com os braços, apertando-o com força, depois afastei-me e disse: *Vem tomar banho comigo.*

Ele sorriu e seguiu-me até à casa de banho, onde rapidamente preendi o cabelo, depois liguei a água quente e entrei.

O Archer seguiu atrás de mim e revezámo-nos a lavar o corpo um ao outro. Ele tocou-me com carinho, quase com reverência, enquanto me espalhava o gel na pele. Lavou cada parte de mim, até mesmo entre os dedos dos pés enquanto eu ria e os afastava, gesticulando: *Muitas cócegas!*

Ele sorriu, levantou-se e beijou-me com força na boca, e eu agarrei o gel e lavei-o dos ombros aos pés também, perdendo um pouco mais de tempo nas suas nádegas musculadas, mas isso foi puro egoísmo. Ele tinha um rabo excecional.

Quando a água começou a arrefecer, enxaguámo-nos uma última vez e saímos, secando-nos um ao outro.

Apaguei as velas e voltei a enfiar-me debaixo das cobertas, nua. O Archer puxou-me para junto dele e eu apoiei a cabeça no seu peito, acariciando-lhe a pele com a ponta do indicador, em círculos preguiçosos.

Lá fora, a chuva caía suavemente, e o luar brilhava sobre o lago, projetando apenas a luz suficiente para que eu conseguisse ver as mãos do Archer quando ele as ergueu e disse: *És tudo para mim, Bree.*

Levantei o corpo e fitei-lhe o rosto na semiescuridão. Como é que ele podia parecer feliz e triste ao mesmo tempo?

– Tu também, Archer – declarei. – És tudo para mim. – E agora – exclamei, quase a dormir –, quando houver uma tempestade, vou pensar só em ti, em mais nada além de ti.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

BREE

Ao longo da semana seguinte, estabelecemos uma rotina tranquila, tão absortos um no outro que eu mal conseguia esperar pela hora de saída do trabalho para chegar a casa, tomar um banho rápido, pegar na *Phoebe* e ir logo para casa do Archer. O sorriso com que ele me recebia todos os dias, quando eu corria para os seus braços, fazia-me sentir especial, sabendo na mente e no coração que finalmente estava em casa.

Não o lugar, mas os seus braços. Os braços do Archer eram o meu lar – o único lugar em que queria estar, onde me sentia segura. O lugar onde me sentia amada.

Fazíamos amor em todo o lado, passando longas noites a explorar o corpo um do outro e aprendendo tudo sobre o que nos dava prazer. E, como era típico do Archer, depressa se tornou um mestre na arte de fazer amor, deixando-me lânguida e ébria de prazer ao fim de cada interlúdio. Não só sabia como me deixar louca de desejo com as mãos, a língua e as suas impressionantes partes masculinas, como sabia que, quando esfregava a parte de trás dos meus joelhos com as unhas curtas, eu ronronava como uma gata, e que me descontraía completamente quando ele passava os dedos pelo meu cabelo. Era como se o meu corpo fosse o seu instrumento e ele tivesse aprendido a tocá-lo tão bem que a melodia vibrava dentro da minha alma. Não só pelo prazer que me proporcionava, mas porque se importava muito em saber tudo em relação a mim.

Um dia, pousou na bancada uma taça com batatas fritas enquanto eu estava a preparar o nosso almoço e, quando fui buscá-las, percebi que eram todas dobradas, da forma que eu gostava, mas que normalmente precisava de procurar nos pacotes.

Baixei os olhos para as batatas, depois olhei para o Archer, confusa.

– Estas batatas... estão todas dobradas – disse, pensando que devia parecer louca.

Não é dessas que gostas?

Assenti com a cabeça devagar, e percebi que ele tinha aberto vários pacotes de batatas para separar aquelas de que eu mais gostava. Quando me dei conta de que ele memorizara esse pequeno pormenor a meu respeito, não sabia se havia de rir ou de chorar. Mas o Archer era assim. Queria agradar-me, e faria qualquer coisa nesse sentido.

Às vezes, estávamos a fazer alguma coisa na sua propriedade quando eu olhava e reparava que ele me observava com aquela expressão lânguida no rosto que significava que estava a pensar no que queria fazer comigo naquele momento, e eu ficava excitada quase de imediato, repleta de desejo, os meus mamilos rígidos sob o seu olhar silencioso.

E então, ele pegava-me ao colo e levava-me para a cama, ou, se estivéssemos demasiado excitados, possuía-me em qualquer lugar – sobre uma manta aberta no relvado, a luz do sol forte a brilhar por cima de nós, ou na rede de casal ou na areia na margem do lago.

Depois de uma dessas «sessões», enquanto o meu corpo ainda tremia com o prazer que me proporcionara, sussurrei, sem fôlego:

– Sonhei com isto, Archer. Sonhei connosco... exatamente assim.

Os seus olhos incendiaram-se nos meus, e ele inclinou-se e observou-me durante vários minutos, antes de me beijar com tanta ternura que pensei que o meu coração se fosse partir.

Rebolei com ele sobre a areia molhada, sorrindo contra a sua boca e ele também sorriu. E depois parámos de rir quando deitei a cabeça no seu peito e desfrutei daquele momento, grata pelo ar nos meus pulmões e a luz do sol nas minhas costas, e o belo homem nos meus braços. E as mãos dele desenharam-me letras na pele e, depois de algum tempo, percebi que ele estava a escrever *Minha Bree... Minha Bree...* uma e outra vez.

O tempo estava agora a arrefecer, e após algum tempo, corremos para dentro de casa, rindo e tremendo, e entrámos no chuveiro para tirar a areia dos corpos.

Aninhámo-nos no sofá, ele acendeu a lareira e ficámos ali aconchegados, antes de me recostar e de olhar para ele.

O Archer tinha um modo muito particular de fazer as coisas, tão *sexy* e extremamente masculino, que o meu coração saltava um batimento ao ver como as fazia naturalmente e sem ter noção. Apoiava a anca na bancada de uma certa maneira, ou ficava imóvel numa porta a observar-me – coisas que não tinha ideia de como me afetavam. Era apenas o Archer a ser o *Archer*, e, por algum motivo, isso tornava-o ainda mais atraente. Mas nunca lhe diria isso. Adorava ter aquele segredo, adorava que essas coisas fossem só minhas; afinal, não queria afetar as suas ações tornando-o consciente delas. Quanto a mim, bem, eu era uma causa totalmente perdida no que se referia ao Archer Hale.

Isso fez-me pensar no homem que teria sido se não tivesse sofrido aquele terrível acidente, se não tivesse perdido a voz... teria sido *quarterback* numa

equipa de futebol americano? Teria ido para a faculdade? Abriria o seu próprio negócio? Uma vez disse-lhe a brincar que ele era bom em tudo o que fazia e, na verdade, era mesmo. Ele simplesmente não tinha noção disso. Não acreditava que tinha muito para oferecer.

O Archer ainda não se abria comigo sobre o dia em que perdera os pais, e eu não voltara a perguntar. Queria muito saber o que lhe acontecera, mas preferia esperar até que se sentisse suficientemente seguro para me contar.

No que estás a pensar?, perguntou ele, erguendo uma sobrancelha.

Eu sorri. *Em ti*, respondi. *Estava a pensar em como agradeço todos os dias à minha estrela da sorte por ter vindo parar aqui, contigo.*

Ele fez aquele sorriso doce que fazia o meu estômago contrair-se e disse: *Eu também.* Depois franziu a testa e desviou os olhos.

O que foi?, perguntei, segurando-lhe o queixo e virando o seu rosto para mim.

Vais ficar aqui, Bree?, perguntou. *Vais ficar aqui comigo?* Ele parecia um menino pequeno naquele momento, e percebi o quanto precisava que eu dissesse que não me iria embora como tinham feito todas as outras pessoas na sua vida.

Assenti. *Sim*, respondi. *Sim.* E sentia-o com todo o coração. A minha vida era ali, agora... a minha vida era este homem. O que quer que isso significasse, eu não iria a lugar algum.

O Archer olhou-me nos olhos, como se estivesse a tentar decidir se eu estava a ser completamente sincera, e parecia satisfeito com o que viu. Assentiu com a cabeça e puxou-me para junto de si, abraçando-me com força.

Ele ainda não me dissera que me amava, nem eu a ele. Mas, naquele momento, percebi que estava apaixonada por ele. Tão profundamente apaixonada que quase o deixei escapar dos lábios. Tive de fechá-los para não o gritar. Mas, de alguma forma, pensei que precisava de esperar que fosse ele a dizê-lo primeiro. Se ele também estava a apaixonar-se por mim, eu queria que ele chegasse a essa conclusão por si próprio. O Archer vivera uma vida tão desprovida de bondade humana, de toque e de atenção. Devia ter sido avassalador para ele. Não tínhamos conversado sobre isso, mas vira nos seus olhos enquanto fazíamos coisas simples na semana anterior, como deitarmos no sofá a ler, ou preparar uma refeição juntos, ou caminhar na margem do lago, que era como se ele estivesse a tentar organizar todos os pensamentos e sentimentos na sua mente, como se estivesse a fazer uma recuperação emocional dos últimos dezasseis anos. Talvez devêssemos ter conversado sobre isso, talvez eu pudesse tê-lo ajudado, mas por algum motivo nunca o fizemos. No meu íntimo, a minha maior esperança era que o meu amor fosse suficiente para curar o seu coração ferido.

Passado um minuto, ele soltou-me, e eu sentei-me e olhei para ele. Tinha um pequeno sorriso no rosto. *Quero pedir-te um favor*, disse-me.

Franzi a testa. *OK*, disse, fazendo um olhar desconfiado.

Podes ensinar-me a conduzir?

Como... sim! Claro! Queres conduzir?

Ele assentiu com a cabeça. *O meu tio tinha uma carrinha. Está guardada numa garagem na cidade. Eles ligam-na de vez em quando e andam com ela. Sempre tive intenção de a vender, mas nunca consegui fazê-lo. Na verdade, nunca soube muito bem como fazer isso. Mas agora vejo que talvez tenha sido uma coisa boa.*

Fiquei entusiasmada e praticamente me pus aos saltos para cima e para baixo no sofá. Esta foi realmente a primeira vez que o Archer indicava por iniciativa própria que queria fazer alguma coisa que o tirava da sua propriedade – além de ir ao supermercado.

OK! Quando?, perguntei. *Não vou trabalhar amanhã.*

OK, então, amanhã, respondeu, sorrindo e abraçando-me.

E foi assim que o Archer se viu atrás do volante de uma carrinha grande, com o aspeto de estar pronta para ir para o ferro-velho, enquanto eu me sentava no lugar do passageiro e tentava ensinar-lhe as regras de trânsito e como trocar de mudanças. Tínhamos escolhido um espaço amplo, alguns quilómetros abaixo na estrada, a seguir ao lago.

– Estás a sentir este cheiro? – perguntei. – É o cheiro da embraiagem a ser forçada. Solta-a devagar.

Depois de uma hora de prática, o Archer basicamente já dominava a técnica, com exceção de algumas poucas guinadas bruscas que me faziam carregar num travão imaginário e rir alto.

Ele sorriu, os olhos a vaguear pelas minhas pernas nuas. Segui o olhar dele e cruzei as pernas, levantando um pouco a saia e, em seguida, olhei para ele. Os seus olhos já estavam dilatados, fazendo-os escurecer e semicerrar-se levemente. Oh, Deus, adorava aquele olhar. Aquele olhar significava coisas muito boas para mim.

– Conduzir é uma coisa séria, Archer – disse provocando-o. – Deixar a atenção vaguear da tarefa que tens em mãos pode ser perigoso para todos os envolvidos. – Fiz-lhe um sorriso sedutor e preendi uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ele ergueu as sobrancelhas numa expressão divertida e voltou a olhar em frente. A carrinha avançou no espaço vazio, o Archer acelerou e engatou a segunda velocidade com facilidade. O trecho de terra batida em que estávamos não era tão grande a ponto de o Archer conseguir praticar a quarta velocidade, mas engatou a terceira e ficámos a girar em círculos largos.

Cruzei as pernas para o outro lado e corri o dedo pela coxa, parando na bainha da saia. Olhei de relance para o Archer e os olhos dele estavam fixos no meu dedo. O Archer olhou pelo vidro dianteiro por um momento e continuou a conduzir em círculos amplos.

Eu estava a distraí-lo, mas não havia nenhum perigo ali. Deixei o dedo continuar a subir pela coxa e puxei a saia para cima, de modo que as cuecas cor-de-rosa às bolinhas ficassem à vista.

Olhei de soslaio para o Archer. Os seus lábios estavam entreabertos e os

olhos esfomeados enquanto me observavam para ver o que faria em seguida. Para dizer a verdade, eu nunca tinha feito nada parecido. Mas o Archer levava-me a fazer coisas que nunca fizera. Com ele sentia-me *sexy*, ousada e *segura*. Sentia-me mais viva do que jamais me sentira em toda a minha vida.

Enquanto o observava, ele engoliu em seco e olhou para a estrada antes de olhar para mim outra vez.

Introduzi os dedos dentro das cuecas e inclinei a cabeça para trás no banco, fechando os olhos e gemendo baixinho. Ouvi a respiração do Archer a acelerar.

Arqueei as ancas enquanto deslizava os dedos mais para dentro, finalmente alcançando a humidade entre as minhas coxas. Passei um pouco dessa humidade no clítoris, ondas de prazer a irradiar do meu próprio toque. Gemi de novo e a carrinha deu uma guinada.

Usei o dedo para me acariciar, e o prazer intenso que senti fez-me ofegar e pressionar mais o corpo contra a minha própria mão.

De súbito, fui atirada para a frente quando a carrinha travou repentinamente. O Archer nem sequer reduzira a marcha, limitara-se a tirar o pé do acelerador e o carro deu um solavanco e parou. Os meus olhos abriram-se a tempo de vê-lo puxar o travão de mão e de me empurrar suavemente para trás no banco, enquanto se debruçava sobre mim.

Levantei os olhos para o Archer enquanto ele ajustava o meu corpo de tal forma que a minha cabeça estava encostada à porta do passageiro e ele recuava um pouco. A expressão no seu rosto era tensa, primitiva, e as minhas entranhas reviraram-se de prazer. Depois inclinou-se e beijou-me a barriga. Passei os dedos pelo seu cabelo macio e gemi.

Ele levantou-se um pouco para me tirar as cuecas e eu ergui as ancas para que deslizassem mais facilmente pelas pernas. Todo o meu corpo vibrava de desejo, uma pulsação intensa entre as minhas pernas.

O Archer inclinou-se para trás, abriu-me as coxas e ficou a olhar para mim durante vários segundos antes de se debruçar sobre o meu sexo e soprar ao de leve. Arqueei com a sensação do nariz dele a roçar-me o clítoris e a respiração quente a espalhar-se pelas minhas partes mais sensíveis.

– Por favor – gemi, enfiando os dedos no cabelo dele mais uma vez.

O Archer tinha-me dado prazer de muitas maneiras ao longo da última semana, mas isto ele ainda não fizera. Esperei e sustive a respiração quando senti a sua língua tocar-me, empurrei o corpo para cima, gemendo baixinho. O meu clítoris latejava agora com mais intensidade, a excitação a aumentar como um foguete quando ele começou a circular com a língua o pequeno ponto sensível, como eu o ensinara a fazer com os dedos. Acelerou o ritmo, cada vez mais rápido, a língua quente e húmida a deslizar por mim, o hálito quente a sair em arquejos, enquanto me segurava as coxas com as mãos, mantendo-me aberta para ele. Aquilo era maravilhoso. O início de um orgasmo tremeluzia à minha volta segundos antes de eu explodir por completo, elevando as ancas e pressionando o corpo de encontro à boca do

Archer enquanto gritava o seu nome.

– Archer, Archer, oh, Céus, sim!

Voltei a mim quando senti a respiração quente dele contra a minha barriga e o sorriso junto à minha pele.

Também sorri e acariciei-lhe o cabelo, ainda incapaz de articular qualquer palavra.

De repente, ouvimos uma batida forte na janela, e ambos nos assustámos. Senti o pânico a invadir-me. Que diabos era aquilo? Baixei as pernas e o Archer sentou-se, limpando a boca à camisa enquanto eu me atrapalhava a vestir as cuecas e ajeitava a saia.

Os vidros estavam embaciados com o vapor da nossa respiração – graças a Deus. Ou talvez não. Oh, não... Estava totalmente constrangida quando olhei para o Archer, que assentiu com a cabeça e apontou para a manivela que abria a janela. Eu abri-a e vi o Travis, em pé, de farda, uma expressão severa no rosto ao baixar-se até à janela aberta e olhar para nós os dois.

O cheiro a sexo pairava no ar dentro do espaço apertado da carrinha. Fechei os olhos por um momento, sentindo o rubor subir ao rosto.

– Olá, Travis – disse, tentando sorrir, mas em vez disso saiu uma carranca.

O Travis olhou primeiro para mim e depois para o Archer até os seus olhos se fixarem em mim outra vez, descendo até ao meu colo e voltando a encarar-me.

– Olá, Bree – retrucou ele.

Nenhum de nós falou durante um segundo, à medida que o seu rosto ficou mais tenso. Olhei para a frente, sentindo-me uma miúda prestes a ser expulsa pelo diretor.

– Recebi uma chamada a avisar que estava uma carrinha avariada aqui – disse o Travis. – Como estava na área, vim ver se podia ajudar.

Clareei a garganta.

– Ah, hum, bem... – Olhei de relance para o Archer e fiquei em silêncio um momento, observando-o. Ele estava sentado, descontraído, uma das mãos pousadas no volante, parecendo o gato que acabara de comer o canário. E, neste caso, o canário era eu, com toda a certeza.

Uma gargalhada histérica ameaçou subir-me à garganta, mas controlei-me e limitei-me a estreitar os olhos para ele. A sua expressão ficou ainda mais pretensiosa.

– Eu estava a dar uma aula de condução ao Archer – expliquei ao Travis.

O Travis manteve-se em silêncio.

– Hum. Ele tem licença de aprendizagem? – interrogou, erguendo as sobrancelhas, sabendo bem que ele não tinha documento nenhum.

Suspirei.

– Travis, estamos aqui num espaço aberto, de terra batida. Não o levei para a estrada nem nada parecido.

– Não importa. Ele precisa à mesma da licença.

– Vá lá, Travis – disse eu em voz baixa –, ele só quer aprender a conduzir.

Os olhos do Travis estreitaram-se e ele falou devagar.

– Ele pode fazer isso, mas precisa de seguir as regras da sociedade. – O Travis olhou para o Archer. – Achas que consegues fazer isso, meu? – perguntou erguendo uma sobrancelha.

Desviei os olhos para o Archer e a expressão presunçosa fora substituída pela fúria, o maxilar cerrado. Ele ergueu as mãos e disse por gestos: *És um palerma, Travis.*

Deixei escapar um sorriso nervoso e virei-me para o Travis outra vez.

– Ele disse que sim, claro, sem problemas – exclamei. Ouvi o Archer a remexer-se no banco.

– De qualquer modo – continuei, erguendo a voz –, já estávamos mesmo a ir embora. Obrigada pela compreensão, Travis. Vamos ver o que podemos fazer sobre essa licença de aprendizagem antes de ele ter mais aulas. Eu vou a conduzir agora, está bem? – Sorri com o que esperava ser uma expressão doce. Esta era uma situação absolutamente embaraçosa, apesar de eu ainda estar muito furiosa com o Travis pelo que ele fizera ao Archer no clube de *striptease*.

O Travis afastou-se da carrinha e eu passei por cima do Archer para ocupar o lugar do condutor. Senti a mão dele na parte de trás da minha coxa nua e, quando o encarei, vi que ele estava a olhar para o Travis. Bufei, desabei no lugar e liguei a ignição.

Olhei pela janela para o Travis enquanto engatava a mudança, e ele estava com aquele olhar tenso e ligeiramente zangado no rosto. O Archer ainda estava com a cabeça virada, a fitá-lo também. Sorri e avancei com a carrinha.

Quando voltámos à estrada, olhei para o Archer. Ele também me olhou e desviámos o olhar. Depois de um instante, olhei outra vez para ele e vi que o seu corpo se sacudia numa gargalhada silenciosa. Ele sorriu e gesticulou: *Gosto de conduzir.*

Ri-me também e abanei a cabeça.

– Sim, aposto que gostas. – Depois dei-lhe uma palmada no braço e disse: – Gosto quando conduzes. Mas talvez devêssemos conduzir num lugar mais privado da próxima vez. – Ergui as sobrancelhas.

Ele riu-se baixinho, os dentes a brilharem e aquelas linhas *sexy* nas bochechas.

Observei o belo perfil do Archer enquanto ele olhava alegremente pelo vidro da frente. Ele estava feliz com o que tinha acontecido entre nós, mas também satisfeito por o Travis nos ter apanhado. Mordi o lábio, pensando naqueles dois e em como o Archer provavelmente não tivera muitos motivos para se vangloriar com nada na sua vida. Passado um minuto, disse:

– Archer, espero que saibas que não tens de competir com o Travis. Espero que tenha deixado claro que te escolhi a ti. *Só a ti.*

Ele olhou para mim, de rosto sério agora. Estendeu a mão, agarrou a minha e apertou-me, voltando a olhar em frente.

Apertei a mão dele também e fiquei a agarrá-la, conduzindo apenas com uma das mãos até chegarmos a sua casa.

O dia seguinte, no trabalho, foi um dos mais atarefados dos últimos tempos. Por volta da uma e meia da tarde, quando o movimento finalmente começava a diminuir, a Melanie e a Liza entraram e sentaram-se ao balcão, no mesmo lugar onde estavam quando as conhecera. Sorri ao vê-las.

– Olá!

Elas cumprimentaram-me também, abrindo um largo sorriso.

– Como estão as coisas, amiga? – perguntou a Melanie.

Encostei-me ao balcão.

– Credo, que dia... – baixei a voz até um sussurro – ... infernal. Andei o dia todo a correr de um lado para o outro, tipo barata tonta.

– Sim, nesta época do ano há mais gente aqui porque todas as pessoas que trabalharam do outro lado do lago no verão agora passam mais tempo deste lado. O Norm falou em contratar mais gente para o turno da tarde, para ficar aberto depois das três, mas acho que decidiu não o fazer. É claro que, com todos os planos de expansão, ninguém sabe o que vai acontecer, por isso não podemos culpá-lo. – Ela encolheu os ombros.

– Hum, não sabia disso – afirmei, franzindo levemente a testa.

A Liza concordou e de repente voltei à realidade.

– Bem, em que posso servi-las, meninas? – As duas pediram hambúrgueres e chá gelado, e virei-me para a máquina de chá para começar a preparar a bebida delas. Alguns segundos depois, ouvi a sineta sobre a porta tilintar e, em seguida, a Melanie guinchou:

– Meu Deus do Céu... – E a Liza, mesmo atrás de mim, sussurrou: – Uau!

Deixei cair uma fatia de limão em cada copo. Uma agitação parecia dominar o espaço. *Que diabos estava a acontecer?*

Baixei as sobrancelhas e virei-me com um sorriso confuso, perguntando-me o que estaria a acontecer. Foi quando o vi – o *Archer*. Sustive a respiração e um sorriso espalhou-se-me pelo rosto no mesmo instante. Os olhos dele estavam fixos apenas em mim enquanto continuava parado à entrada. Oh, meu Deus, ele estava lindo! Obviamente comprara roupas novas – umas calças de ganga que lhe assentavam na perfeição, que exibiam as pernas longas e musculadas, e um simples pulôver preto de manga comprida, com uma camisa cinzenta a surgir por baixo da gola.

Estava barbeado e o corte de cabelo ficava-lhe mesmo bem, apesar de ter sido feito na cadeira da cozinha, por uma rapariga tão excitada que mal conseguia ver como deve ser. O meu sorriso abriu-se ainda mais. Ele estava *ali*.

– Quem é *este*? – Ouvi Mrs. Kenfield perguntar em voz alta, de uma mesa perto da porta. Ela devia ter uns mil anos, mas ainda assim fora rude. A

neta dela, a Chrissy, já adulta, pediu-lhe que falasse baixo e respondeu, pelo canto da boca:

– É o Archer Hale, vovó. – E depois, mais baixo: – Meu Deus...

– O rapaz mudo? – questionou a senhora. A Chrissy gemeu e olhou de soslaio para o Archer com uma expressão de quem pedia desculpa, antes de se voltar outra vez para a avó. Mas o Archer não estava a olhar para ela.

Pousei os chás gelados no balcão, sem tirar os olhos do Archer, e limpei as mãos às ancas, de sorriso ainda maior. Dei a volta ao balcão e avancei apressada na sua direção, rindo alto antes de me atirar para os seus braços. Ele levantou-me no ar, um sorriso de alívio espalhado pelo rosto bonito antes de enfiar o nariz no meu pescoço e de me dar um abraço apertado.

Se alguma vez houve um momento para deixar alguém saber o quanto era desejada, era este.

Enquanto ali estava a abraçá-lo, ocorreu-me que nem todos os grandes atos de coragem são óbvios para quem está a ver de fora. Mas eu vi este momento pelo que ele era – um rapaz que nunca se sentira acolhido em lugar nenhum, a aparecer e a pedir aos outros para o aceitarem. O meu coração encheu-se de orgulho pelo belo ato de coragem que foi o Archer Hale a entrar naquele *snack-bar* de uma cidade pequena.

Era possível ouvir um alfinete a cair no chão à nossa volta. Mas não me importava. Ri-me novamente e afastei a cabeça para o encarar.

– Estás aqui – sussurrei.

Ele assentiu, os seus olhos a observar-me o rosto, com um sorriso carinhoso nos lábios. Depois pousou-me no chão e disse: *Estou aqui por tua causa.*

Sorri. Eram as mesmas palavras que me tinha dito no dia em que eu o encontrara do lado de fora do *snack-bar*, várias semanas antes.

– Também estou aqui por tua causa – sussurrei, sorrindo de novo. Era o que eu sentia de tantas maneiras que nem conseguia listá-las a todas.

Ficámos a olhar-nos por um longo tempo, enquanto o *snack-bar* permanecia em silêncio. Pigarreei e olhei à volta. As pessoas que estavam a fitar-nos, algumas com um sorriso no rosto, outras parecendo perplexas, voltaram ao que estavam a fazer. A conversa no *snack-bar* recomeçou lentamente, e eu sabia muito bem qual era o assunto.

Peguei na mão do Archer, levei-o até ao balcão e dei a volta para o outro lado. A Melanie e a Liza viraram-se para ele, as suas expressões ainda levemente surpreendidas a serem substituídas por grandes sorrisos. A Melanie estendeu-lhe a mão.

– Sou a Melanie. Nunca fomos devidamente apresentados. – Ele apertou-lhe a mão, e fez um sorriso um pouco cauteloso.

– Archer – disse eu –, esta é a Liza, irmã da Melanie.

A Liza inclinou-se para a frente e também lhe apertou a mão.

Ele assentiu e voltou a olhar para mim.

– Podes dar-me um minuto? Preciso de atender alguns clientes e depois

já volto.

Entreguei-lhe um menu, e ele assentiu com a cabeça enquanto fui entregar o pedido que acabara de ser posto na janela que dava para a cozinha e reabastecer algumas bebidas. Quando voltei, o pedido da Liza e da Melanie também estava pronto, então peguei nos hambúrgueres, pousei-os à frente delas e virei-me para o Archer. *Estás com fome?*, perguntei.

Não. Estou a guardar o apetite para jantar com uma rapariga especial, disse ele, a sorrir. Olhou para trás de mim, para a máquina de refrigerantes.

Leite com chocolate com uma palhinha dobrável?, perguntei, erguendo uma sobrancelha.

Ele riu baixinho. *Café*, disse, piscando o olho.

– Deus, isso é *sexy*! – disse a Melanie. – É como se vocês os dois estivessem a ter uma conversa picante diante de todos.

Ambos sorrimos. Abanei a cabeça.

– Talvez vocês as duas devessem aprender a língua gestual para falarem connosco.

A Liza e a Melanie riram-se. Virei-me e peguei na cafeteira e servi uma chávena de café ao Archer, e depois observei enquanto ele lhe juntava leite.

A Maggie apareceu ao meu lado e estendeu a mão ao Archer.

– Olá! – disse, sorrindo e lançando-me um olhar rápido. – Sou a Maggie. Obrigada por vires.

O Archer sorriu timidamente e apertou a mão estendida, enquanto me dizia: *Por favor, diz-lhe que é um prazer conhecê-la*.

Fiz isso e ela sorriu.

– Conheci-te há muitos anos, meu querido. A tua mãe costumava trazer-te cá quando eras pequeno. – Olhou para longe, como se estivesse a recordar. – A tua mãe era a pessoa mais doce e mais linda... E, ah, como ela te amava! – Ela suspirou, voltou ao presente e sorriu. – Bem, de qualquer modo, estou muito feliz por estares aqui.

O Archer ouviu-a, com um ligeiro sorriso no rosto, parecendo sorver aquelas palavras. Assentiu com a cabeça e a Maggie continuou a olhar para mim:

– Archer, esta rapariga aqui tem trabalhado muito ultimamente. Acho que merece sair mais cedo hoje. Achas que consegues arranjar alguma coisa para fazer com ela?

– Credo, Maggie, isso pareceu obsceno... – grunhiu a Liza.

O Archer tentou não sorrir e desviou os olhos, pegando na sua chávena de café enquanto a Maggie apoiava as mãos nas ancas e olhava para a Liza, e nós ríamos.

– É essa tua mente suja que o faz parecer assim – replicou a Maggie, mas com um brilho nos olhos.

O Archer olhou para mim. *Achas que conseguimos pensar em alguma coisa ousada para fazermos esta tarde?*, perguntou ele, a sorrir. Eu ri-me, e depois mordi o lábio para me conter.

– Vês? – disse a Melanie. – Eu sabia que vocês os dois estavam a falar sobre isso. Estou interessadíssima em aprender a língua gestual.

Eu ri-me.

– Ele só me perguntou se eu queria fazer um piquenique – respondi, impassível.

– Pois! – disse a Liza, a rir. – Um piquenique sem roupa!

Eu ri-me e a Maggie bufou, fazendo o Archer sorrir ainda mais.

– Vocês são terríveis. Agora, saiam daqui os dois – disse a Maggie, empurrando-me.

– OK, OK, mas e os meus acompanhamentos e saladas...? – perguntei.

– Eu trato disso – exclamou ela. – Podes fazer as saladas no teu próximo turno.

Olhei para o Archer.

– Muito bem, então! Vamos!

Ele começou a tirar dinheiro do bolso para pagar o café, mas a Maggie interrompeu-o pousando a mão no seu braço.

– É por conta da casa – disse.

O Archer parou, olhou para mim e depois anuiu.

– Muito bem – disse ela, a sorrir.

Dei a volta ao balcão, despedimo-nos da Melanie, da Liza e da Maggie, e depois saímos juntos pela porta da frente.

Quando já estávamos fora do restaurante, olhei para o outro lado da rua e vi alguém conhecido. A Victoria Hale estava a sair de uma loja com uma mulher mais velha, de cabelo escuro. Percebi quando ela nos viu... a temperatura na rua pareceu diminuir uns vinte graus e senti um calafrio percorrer-me o corpo. Passei os braços pela cintura do Archer, que sorriu para mim, puxou-me para junto dele e beijou-me na cabeça, e rapidamente a Victoria Hale deixou de existir.

* * *

Mais tarde naquela noite, o Archer acendeu uma fogueira à beira do lago, sentámo-nos em duas cadeiras de madeira antigas que, segundo me contou, o tio fizera há anos. Levámos uma garrafa de vinho tinto e mantas, já que estava a ficar mais frio, especialmente ao final do dia. O Archer bebeu um pequeno copo de vinho e eu bebi um pouco mais; ele bebia o dele como se fosse uma bebida muito forte. Tantas coisas que eu considerava comuns, mas para ele eram totalmente novas.

Ficámos em silêncio durante algum tempo, a beber o vinho e apenas a observar o fogo a arder e a crepitar. Senti-me feliz, o vinho a correr pelas veias. Apoiei a cabeça no espaldar da cadeira de madeira e olhei para o seu bonito perfil, iluminado pela luz do fogo. Por um segundo, parecia um deus, talvez o Sol, todo dourado e lindo, o seu esplendor a superar o das labaredas que dançavam. Ri baixinho para mim mesma, sentindo-me embriagada com

apenas meio copo de vinho. Embriagada dele, desta noite, do destino, da coragem, da vida. Levantei-me, a manta que estava sobre o meu colo caiu na cadeira, e pousei o copo de vinho na areia. Caminhei até ele e sentei-me ao seu colo, e quando ele sorriu, peguei-lhe no rosto entre as mãos e fiquei apenas a olhá-lo por um momento antes de baixar os lábios para encontrar os dele, sentindo o sabor do vinho e o do Archer, uma ambrosia deliciosa que me fez gemer e inclinar a cabeça para que ele pudesse assumir o controlo do beijo e dar-me mais de si. E assim foi: ele inclinou-se sobre mim, provocando a minha língua com a dele, enquanto eu me ajeitava ao seu colo e suspirava na sua boca. Ele respondeu ao meu suspiro, penetrando a minha boca lentamente com a língua, imitando o ato sexual, e fazendo com que aquele ponto central do meu corpo se acendesse, ficando húmido quase no mesmo momento, pronto para que ele me preenchesse e saciasse o desejo intenso que me levava a contorcer-me no seu colo.

O Archer sorriu na minha boca – sabia exatamente o que me fazia e gostava disso. Era tão fácil perder-me nele agora, o modo como prestava atenção, como me olhava com adoração, o modo como a sua sexualidade intensa era tão natural e inconsciente... mal tinha noção dela. Mas ele estava a aprender e, de certa forma, sentia a perda do homem inseguro que me pedia que lhe mostrasse como me dar prazer, que esperava que eu lhe dissesse o que queria. Mas a outra parte de mim orgulhava-se da sua confiança recém-adquirida, a maneira como se apoderava do meu corpo e me deixava desfalecida de desejo.

Após alguns minutos, inclinei o corpo para trás, ambos a respirar pesadamente, a recuperar o fôlego. Dei-lhe um beijo leve nos lábios mais uma vez.

– Deixas-me excitada muito depressa – disse.

Ele ergueu as mãos. *Isso é mau?*, perguntou. Olhou para mim... era uma questão real, não retórica.

Passei o polegar pelo seu lábio inferior.

– Não – murmurei, abanando a cabeça.

Vislumbrei a sua cicatriz nas chamadas dançantes, a pele vermelha à luz do fogo, reluzente, dourada e esticada. Inclinei-me e beijei-a. O Archer estremeceu ligeiramente e ficou imóvel. Passei a língua sobre ela e senti o corpo dele ficar ainda mais tenso.

Sussurrei de encontro ao seu pescoço:

– És mesmo lindo, Archer.

Ele deixou escapar o ar e inclinou ligeiramente a cabeça para trás, dando-me mais acesso e revelando-me a cicatriz num belo gesto de confiança.

– Conta-me o que aconteceu – sussurrei, esfregando os lábios para cima e para baixo na pele marcada, sentindo o seu cheiro. – Conta-me tudo. Quero conhecer-te – disse, recostando-me para trás e olhando para ele.

A sua expressão era tensa e pensativa em simultâneo quando olhou para o meu rosto. Depois, soltou um suspiro e levantou as mãos. *Senti-me... quase*

normal hoje. No snack-bar. Ele fez uma pausa. Não quero recordar os meus problemas esta noite, Bree. Por favor. Só quero abraçar-te, aqui, e depois quero levar-te lá para dentro e fazer amor contigo. Sei que é difícil compreender, mas por favor... Deixa-me só desfrutar de ti por enquanto.

Fiquei a observá-lo. Eu compreendia. Já passara pela mesma coisa. Tentei tanto voltar a um lugar que me trouxesse normalidade depois de o meu pai morrer... Tinha-me esforçado tanto para não perder saídas da estrada que tinha percorrido mil vezes, tentei deixar de ficar desorientada no supermercado, parada à frente das laranjas, de olhar perdido, tentei muito sentir alguma coisa – qualquer coisa que não fosse pura dor. E não importa quem me tenha perguntado, e o quanto as pessoas me amassem, eu não conseguia conversar sobre isso até estar cem por cento pronta. O Archer viveu com a sua própria dor durante muito, muito tempo, e pedir-lhe para revisitar esse sofrimento quando eu queria não era justo. Eu esperaria. Esperaria o tempo que fosse preciso.

Sorri, afastei-lhe o cabelo da testa e beijei-o com meiguice mais uma vez. Quando me inclinei para trás disse:

– Lembras-te de me teres dito que eu lutei na noite em que o meu pai foi morto e eu fui atacada?

Ele assentiu, os olhos muito escuros à luz ténue, fora do alcance da luminosidade da fogueira.

– Bem, tu também – disse devagar. – Não sei o que aconteceu, Archer, e espero que algum dia me possas dizer. Mas o que essas cicatrizes me dizem é que tu também lutaste para sobreviver. – Passei a ponta do dedo levemente pela pele marcada do seu pescoço e senti-o engolir a emoção. – Meu curandeiro ferido, meu lindo Archer.

Os olhos dele brilharam e, passado um momento de silêncio, ele ergueu-me e pousou-me no chão por alguns segundos enquanto deitava areia para apagar o fogo. Depois voltou a pegar-me ao colo enquanto eu me ria agarrada a ele, que me carregou pela colina acima até à casa e à sua cama.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

BREE

No dia seguinte, deixei o Archer enrolado nos lençóis da cama. Um cobertor mal lhe cobria as nádegas musculadas, e os braços estavam à volta da almofada sob a cabeça, de modo que as suas belas costas, com os seus planos e elevações, estavam totalmente à mostra. Considerei a possibilidade de o acordar para aproveitar de novo todos aqueles planos e elevações, mas sabia que a *Phoebe* provavelmente precisava de sair para fazer as suas necessidades, e eu andava a negligenciar o chalé e a minha vida... estava uma confusão e já nem tinha roupa interior lavada. Por isso, obriguei-me a ir tratar de algumas tarefas necessárias, depois de dar um beijo leve no ombro do Archer. Ele estava cansado, tinha gastado muita energia na noite passada. Apertei as coxas ao recordar e forcei os pés a moverem-se para fora do pequeno quarto.

Quando cheguei a casa, deixei a *Phoebe* sair rapidamente e tomei um duche longo e quente.

Depois de me vestir, pus o telefone a carregar e vi que tinha duas mensagens da Natalie, ambas a dizer que o detetive que trabalhara no caso do homicídio do meu pai lhe tinha telefonado algumas vezes, à minha procura, e que eu devia ligar-lhe. Respirei fundo e sentei-me. Eu ligara tantas vezes ao detetive nos meses que se seguiram ao assassinio do meu pai e nunca tinha havido nenhuma prova. Depois de me ter ido embora, não me informei de mais nada. Não achei que fosse necessário. Mas agora, de repente, havia algo novo? Porquê?

Marquei o número que ainda sabia de cor, e quando o detetive McIntyre atendeu e eu disse quem era, ele cumprimentou-me calorosamente.

– Bree, como está?

– Na verdade, estou bem, detetive. Sei que não o contacto há algum tempo e o meu número de telefone mudou...

– Tudo bem. Ainda bem que me deu o número da amiga com quem ficou depois do crime. – Reparei que ele não disse *homicídio*.

– Então, há novidades? – perguntei, indo direta ao assunto.
– Na verdade, sim. Temos um suspeito neste caso. Queremos que venha fazer um reconhecimento por fotografias – disse ele gentilmente.

O meu coração acelerou e eu disse, quase como um suspiro:

– Oh... – E depois fiquei em silêncio.

O investigador pigarreou.

– Eu sei, é surpreendente, ao fim de tantos meses, mas na verdade obtivemos esta informação de um traficante de droga pouco importante que está a tentar reduzir a sua pena de prisão.

– OK – respondi. – Quando preciso de voltar?

– O mais depressa possível. Quando pode estar aqui?

Mordi o lábio.

– Hum... – Pensei por um momento. – Daqui a três dias?

– Se isso é o mais rápido que consegue, então lá terá de ser.

Senti-me ligeiramente atordoada.

– OK, detetive, contacto-o assim que chegar à cidade.

Despedimo-nos e desliguei, e eu fiquei sentada na cama durante um longo tempo, a olhar pela janela, sentindo como se uma bolha tivesse acabado de estourar. Não sabia exatamente como classificar esta sensação, porque estava feliz com a possibilidade de haver um desenvolvimento no caso do meu pai. Se o culpado fosse preso... não teria de especular mais... poderia finalmente sentir-me em segurança. E o meu pai receberia a justiça que merecia.

Peguei no telemóvel e liguei à Natalie para lhe contar a novidade. Quando terminei, ela deixou escapar um grande suspiro e disse:

– Meu Deus, Bree. Estou com medo de ter esperanças demais, mas... estou muito confiante – concluiu lentamente.

– Eu sei – respondi. – Eu também.

A Natalie ficou em silêncio por um instante, antes de dizer:

– Ouve, tenho uma ideia. E se eu apanhar um avião até aí e voltarmos para cá juntas, no teu carro, para te fazer companhia?

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– Farias isso? – perguntei.

– É claro que sim. Além disso, sabes que a minha mãe tem imensas milhas por causa de todas as viagens que faz. Não me vai custar nada.

Eu sorri.

– Isso seria... Eu ia adorar. E teremos uma longa viagem de carro para pôr a conversa em dia.

Ouvi o sorriso na voz dela quando disse:

– Ótimo. Vou tratar de tudo. Vais conseguir tirar uns dias de férias do trabalho?

– Sim, estou certa de que não haverá problema. As pessoas para quem trabalho são incríveis, e quando lhes contar o motivo...

– Bree, eles sabem que estás aí temporariamente, não é?

Fiz uma pausa e deitei-me na cama.

– Não, não lhes mencionei isso. – Levei a mão à testa. – E a questão é que... não é temporário, Nat. Eu... Bem... eu decidi ficar. – Fechei os olhos, aguardando a sua reação.

– O quê? Ficar? Estás a falar a sério? Por causa desse tipo de que falaste?
– Ela pareceu surpreendida e confusa.

– Basicamente, sim. Eu... é complicado. Conto-te tudo durante a viagem de carro, está bem?

– Está bem... sim, claro. Mal posso esperar para te ver, querida. Envio-te uma mensagem quando tiver todos os detalhes do voo.

– OK. Muito obrigada. Adoro-te.

– Também te adoro, querida. Darei notícias.

Desligámos e fiquei deitada alguns minutos, grata por a minha melhor amiga vir ter comigo para fazermos a viagem de volta juntas. Isto facilitaria muito as coisas. Depois, eu voltaria. Tinha contado à Natalie que iria ficar aqui permanentemente. E, ao dizer isso em voz alta a outra pessoa que não o Archer, percebi que era a coisa certa a fazer. Não iria voltar para o Ohio. Agora a minha vida era ali. A minha vida era com o Archer... independentemente do que isso significasse, eu sabia que era verdade.

* * *

Na manhã seguinte, no trabalho, contei à Maggie a situação no Ohio e disse-lhe, hesitante, que precisava de voltar. Não tinha partilhado com ela os pormenores da morte do meu pai, mas a Maggie foi tão solidária e compreensiva como imaginei que seria. O abraço carinhoso que me deu e as palavras reconfortantes que disse acalmaram-me. Há muito tempo que não era tratada de uma forma maternal por ninguém.

Embora me sentisse grata por ter surgido uma novidade no caso, pois sabia que isso era raro acontecer passado um certo período de tempo, receava que o facto de regressar ao Ohio fosse desenterrar os meus sentimentos de desamparo e tristeza. Sentia-me segura em Pelion, sentia-me segura com o Archer. Ainda precisava de lhe contar este desenvolvimento. Tinha arrumado algumas coisas no chalé na véspera, e estava tão cansada que adormecera por volta das sete horas da noite. Odiava não ter como falar com ele quando não estávamos juntos. Mas sabia que era bom passarmos um dia separados de vez em quando. Ultimamente éramos quase inseparáveis e uma pequena distância era uma coisa saudável.

Quando já se aproximava o fim do meu turno, a sineta da porta tilintou e vi o Travis a entrar, de farda e óculos de aviator. Quase revirei os olhos diante da sua aparência ridículamente bonita, não porque tal fosse digno de vergonha, mas porque era óbvio que ele sabia bem disso.

– Travis – disse, continuando a limpar os menus à minha frente.

– Olá, Bree – proferiu ele, os lábios curvados no que parecia ser um

sorriso sincero.

– O que vais querer? – perguntei.

– Café.

Assenti com a cabeça e virei-me para lhe ir buscar uma chávena. Servi o café e pousei-o à sua frente, virando-me outra vez.

– Ainda estás zangada comigo? – indagou.

– Zangada, não, Travis. Só não estou impressionada com a maneira como tratas o teu primo.

Ele apertou os lábios.

– Ouve, Bree, ele é da minha família, e não falamos há muitos anos. Entendo que a culpa é maioritariamente minha, mas eu e o Archer sempre fomos... competitivos desde crianças. Talvez a coisa tenha ido um pouco mais longe do que eu deveria ter permitido no que se refere a ti, admito. Mas ele também gosta do jogo, acredita em mim.

– Competitivo? – zombei. – Céus, Travis. – Ergui um pouco a voz e algumas pessoas olharam e depois desviaram o olhar quando lhes fiz um sorriso tenso, antes de me voltar para o Travis. – Não achas que ele merece ter alguém do seu lado pelo menos uma vez na vida? Não achas que merece que alguém o apoie, em vez de competir com ele? Não podias ter tentado ser essa pessoa?

– Então é por isso que estás com ele... por pena?

Fechei os olhos e respirei fundo para não lhe atirar a cafeteira à cara.

– Não, ele não precisa que ninguém tenha pena dele. Ele... ele é incrível, Travis. – Visualizei-o na minha cabeça, os seus olhos carinhosos e o modo como o sorriso lhe iluminava o rosto quando estava realmente feliz. – Ele é incrível. – Baixei os olhos, sentindo-me subitamente envergonhada.

O Travis ficou em silêncio por um segundo. Abriu a boca para dizer alguma coisa quando a sineta voltou a tocar e eu olhei para cima. Os meus olhos arregalaram-se.

A Natalie estava ali e o nosso amigo Jordan estava um pouco atrás dela, de mãos nos bolsos, parecendo constrangido.

Deixei cair a ementa que tinha nas mãos e dei a volta apressada no balcão.

– Oh, meu Deus! O que estão vocês a fazer aqui? – guinchei. Ainda estava à espera de uma mensagem a dizer quando era o voo dela. A Natalie avançou rapidamente até mim e abraçámo-nos, a rir.

– Surpresa! – disse ela, abraçando-me com mais força. – Estava com saudades tuas.

– Eu também tive saudades tuas – disse, o meu sorriso a desvanecer-se quando olhei para o Jordan, que ainda não se afastara da porta.

A Natalie olhou para ele e de novo para mim.

– Ele praticamente implorou para vir comigo, para poder pedir-te desculpa pessoalmente.

Deixei escapar um suspiro e fiz sinal ao Jordan para se juntar a nós. O

alívio tomou-lhe conta do rosto, e ele veio na minha direção e abraçou-me.

– Desculpa, Bree – afirmou, a voz muito séria. Eu abracei-o. Também sentira saudade dele. O Jordan era um dos meus melhores amigos. Eu, ele, a Natalie e a nossa amiga Avery tínhamos sido inseparáveis desde o início da escola primária. Tínhamos crescido juntos. Mas o Jordan também tinha sido a gota de água que me fizera arrumar as coisas dentro de uma mochila e sair da cidade.

No auge da minha dor e turbulência emocional, fui ter com ele como amigo e ele encurralara-me e beijara-me, insistindo mesmo quando viu que eu resistia, dizendo que estava apaixonado por mim e implorando-me para que o deixasse tomar conta de mim. Tinha sido demais, e a última coisa de que eu precisava naquele momento.

A Natalie abraçou-nos e rimos os três baixinho, até finalmente nos separarmos. Olhei em redor... havia apenas algumas pessoas no *snack-bar* e a Maggie estava nas traseiras com o Norm, a fechar a cozinha.

– Venham sentar-se ao balcão enquanto eu termino – disse, a sorrir.

A Natalie sentou-se perto do Travis, que a examinou de cima a baixo, enquanto bebia um gole do café.

– Ora viva – disse a Natalie, atirando o cabelo longo e louro para o lado e cruzando as pernas, enquanto girava o banco para ficar parcialmente voltada para ele e dirigir-lhe o seu melhor sorriso sedutor. Grunhi. Ela ignorou-me e o Travis também.

– Travis Hale – proferiu ele, sorrindo e estendendo a mão.

Abanei levemente a cabeça e apresentei o Travis ao Jordan.

Todos disseram olá, e depois o Travis levantou-se e deixou uma nota de cinco dólares em cima do balcão.

– Bree – disse ele, olhando para mim. – Natalie, Jordan, aproveitem a vossa estadia em Pelion. Prazer em conhecer-vos. Bree, transmite à Maggie os meus cumprimentos. – Em seguida, virou-se e saiu do *snack-bar*.

Virei-me para a Natalie, que ainda estava a avaliar o rabo do Travis enquanto ele se encaminhava para o carro de polícia do lado de fora. Ela voltou-se para mim.

– Bem, não admira que queiras ficar.

Eu ri-me.

– Ele não é a razão para eu querer ficar aqui.

A Natalie olhou de relance para o Jordan, que estava a ver o menu. Fiquei séria e mudei de assunto. Durante anos, pensara que o Jordan tinha uma atração por mim, mas não sabia que ele pensava que estava apaixonado por mim. Eu também gostava dele, mas não dessa forma, e sabia que nunca o amaria. Eu só esperava que pudéssemos, de alguma forma, voltar à amizade que tínhamos antes. Tinha realmente saudades dele.

– Já comeram? – questionei. A cozinha estava fechada, mas eu podia fazer uma sanduíche ou algo parecido.

– Sim, comemos num *fast-food* há uma hora. – A Natalie olhou para o

Jordan por cima da ementa.

– Não estás com fome outra vez, pois não?

Ele ergueu os olhos.

– Não, só estou a olhar. – Pousou a ementa, claramente ainda desconfortável.

Clareei a garganta.

– Muito bem, vou só avisar a Maggie de que vou sair, e buscar as minhas coisas.

Quinze minutos depois estávamos no carro, a caminho do meu chalé.

Acomodei o Jordan na sala e a Natalie levou as coisas dela para o meu quarto. Revezámo-nos a tomar banho e depois sentámo-nos na sala a conversar e a rir das histórias da Natalie sobre os seus encontros com o novo chefe. O Jordan já parecia mais confortável e eu estava muito feliz por tê-los ali.

– Querem ir jantar à cidade? – perguntei. – Vou num instante perguntar ao Archer se quer vir connosco enquanto vocês se preparam.

– Porque é que não lhe ligas? – sugeriu a Natalie.

– Bem, ele não fala exatamente... – disse baixinho.

– Hein? – perguntaram ela e o Jordan ao mesmo tempo.

Falei-lhes do Archer e de como ele fora criado, um pouco sobre o tio dele e o que sabia sobre o acidente, embora ele não tivesse contado nada pessoalmente em relação a isso.

Ficaram os dois a fitar-me de olhos arregalados.

– Que cena, querida – disse a Natalie.

– Eu sei – repliquei. – É uma história louca e ainda nem a sei toda. Mas esperem até o conhecerem. Ele é tão querido e simplesmente... incrível. Vou ter de traduzir para vocês, mas ele fala fluentemente a língua gestual.

– Uau – disse o Jordan. – Mas se ele nunca saiu da propriedade estes anos todos, e se não fala, o que planeia fazer da vida exatamente?

Baixei os olhos.

– Ainda está a tentar perceber isso – disse, sentindo-me subitamente na necessidade de o defender. – Mas vai conseguir. Está só a resolver algumas questões básicas.

Eles olharam para mim, e de repente senti-me constrangida.

– De qualquer modo – prossegui –, vou contar-lhe os nossos planos e tenho esperança de que ele concordará em ir connosco. – Levantei-me, calcei os sapatos e vesti o casaco.

– Tudo bem – exclamou a Natalie. – Basta vestir umas calças de ganga e uma *T-shirt* ou é melhor ir mais arranjada?

Eu ri-me.

– Calças de ganga e *T-shirt*, sem dúvida.

– Achas que o Travis estará lá? – interrogou ela.

Grunhi.

– Oh, amigos, tenho tanto para vos contar, mas volto em breve, está

bem?

– Está bem! – cantarolou a Natalie, levantando-se. O Jordan estava à procura de alguma coisa na sua pequena mala.

– Está bem – disse ele também, olhando para trás.

Saí do chalé, entrei no carro e parti em direção à casa do Archer.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ARCHER

Estava parado diante do lava-loiça da cozinha, a beber um copo de água em grandes goles. Acabara de voltar de uma corrida na praia com os cães. Não podia continuar a fazer isso por muito mais tempo, pois o clima estava a mudar.

Fiquei ali a pensar no que iria fazer naquele dia, sentindo um peso no estômago com o qual não sabia muito bem como lidar. Estava a sentir-me da mesma forma antes de correr e tinha pensado que o exercício físico me desanuviaria a cabeça. Mas não resultara.

Estava inquieto, pura e simplesmente. E, ao que parecia, não era uma inquietude física. Era mental. Ao acordar, naquela manhã, com o cheiro da Bree ainda nos lençóis, senti-me feliz e satisfeito por um momento. Mas depois percebi que ela já se tinha ido embora, levantei-me e tentei pensar no que fazer do meu dia. Repetição do dia anterior. Havia vários projetos em que podia trabalhar, mas nenhum deles me interessava. Tinha a vaga sensação de que aquele era um assunto sobre o qual eu teria de pensar seriamente. *O que vais fazer da tua vida, Archer?* A Bree tinha virado a minha vida de cabeça para baixo, e, naquele momento, tudo o que eu sentia era desconforto. Nunca esperei que alguém entrasse na minha vida e me abrisse o mundo, mas fora o que ela fizera. E agora tinha possibilidades que não imaginava ter antes. Mas todas giravam à volta dela. E isso assustava-me. Assustava-me mesmo muito.

Ouvi uma batida no portão e pousei o copo. Teria a Bree saído mais cedo?

Saí de casa, fui até ao portão e vi o Travis a descer a entrada da garagem na minha direção.

Fiquei parado, à espera de que se aproximasse, imaginando que diabos poderia ele querer.

Ele ergueu as mãos numa posição de «não dispare», e inclinei a cabeça para o lado, à espera.

O Travis tirou um papel dobrado do bolso de trás das calças e, quando chegou junto a mim, entregou-mo. Peguei no papel, mas não o abri.

– É o pedido de licença de aprendizagem – disse ele. – Só precisas de o entregar juntamente com a certidão de nascimento e um comprovativo de morada. A fatura da água ou algo do género.

Ergui as sobrancelhas e olhei de relance para o papel. O que estaria ele a planear agora?

– Devo-te um pedido de desculpa pelo que fiz no clube de *striptease*. Foi imaturo... e não teve graça nenhuma. E estou realmente contente por ver que tu e a Bree resolveram isso. Acho que ela gosta mesmo de ti, meu.

Quis perguntar-lhe como é que sabia disso. Eu sabia que ela gostava de mim, talvez mais do que isso, mas ansiava por saber o que dissera ao Travis sobre mim, se é que dissera alguma coisa. É claro que, mesmo que pudesse, não seria boa ideia perguntar-lhe. O mais provável é que ele aproveitasse para gozar comigo. Mas eu não sabia como falar sobre todos os meus sentimentos com a Bree. Sabia que sexo não era o mesmo que amor, portanto como podia saber se ela me amava, se ela não dizia nada? E, se ela não dizia, isso significava que não me amava? Estava muito confuso e não tinha ninguém com quem conversar sobre isso.

E o pior era que eu sabia que a amava... intensamente, e com cada fragmento do meu coração, mesmo os já partidos, mesmo os que pareciam não merecer e não valer nada. Talvez, principalmente com esses fragmentos.

– Então – continuou o Travis –, podemos declarar uma trégua? Vale tudo no amor e na guerra, não é? Ganhaste, ficaste com a rapariga. Mas não podemos culpar um homem por tentar, certo? Sem ressentimentos? – Ele estendeu-me a mão.

Olhei para a mão. Não confiava no Travis, mas de que adiantava transformar aquilo numa guerra incessante entre nós? Ele tinha razão, eu tinha vencido. A Bree era minha. Com esse pensamento em mente, uma possessividade feroz rugiu através de mim. Estendi a mão e apertei a dele, ainda a encará-lo com desconfiança.

O Travis descansou os dedos no cinto da arma.

– Então, imagino que já saibas que os amigos da Bree estão na cidade... os amigos antigos.

Franzi a testa e inclinei a cabeça ligeiramente para trás, denunciando-me. O Travis adotou uma expressão de «ah, merda».

– Raios! Ela não te contou? – perguntou. Ele desviou o olhar e depois voltou a encarar-me. – Ora, tenho a certeza de que deve ser difícil para ela... quero dizer, aqui está ela, gosta de ti e, em certo momento, terá de voltar para casa, para a vida real. É uma posição difícil.

Para casa? Para a *vida real*? De que diabos estava ele a falar?

O Travis estudou-me, suspirou e passou a mão pelo cabelo.

– Que merda, meu, não me digas que tens a ilusão de que ela vai ficar aqui a trabalhar num *snack-bar* de cidade pequena a vida toda, não? Talvez

venha morar nesta pequena cabana de madeira a que chamas casa e ter muitos bebês que não terás como sustentar. – Ele riu-se, mas quando viu que eu não me ria, ficou sério e o riso deu lugar a uma expressão de pena. – Oh, bolas, é exatamente o que esperas, não é?

O sangue rugia nos meus ouvidos. Não tinha propriamente imaginado nada daquilo, mas a mera ideia de a Bree se ir embora de vez fazia com que um medo gelado me percorresse as veias.

– Merda. Escuta, Archer, quando eu disse que a ganhaste, estava a referir-me ao momento presente, algumas noites escaldantes, alguns enrolanços na tua carrinha. Quero dizer, que bom para ti... tu mereces, meu. Mas, merda, não comeces a fantasiar mais do que isso. Ela talvez te diga que vai ficar... e é provável que até pretenda ficar durante um tempo. Mas uma rapariga como a Bree... que estive na faculdade, vai querer uma *vida* em algum momento. Está aqui temporariamente, para se curar de um trauma, depois vai partir. E porque não faria isso? O que tens para lhe oferecer? A Bree é linda, haverá sempre um homem que a vai querer e que pode oferecer-lhe mais. – Ele abanou a cabeça. – O que é que podes oferecer-lhe, Archer? A sério?

Fiquei imóvel, paralisado em frente daquele idiota. Eu não era tão estúpido que não visse o que ele estava a fazer. Estava a usar a carta que tinha na manga. Mas, infelizmente para mim, a carta era baseada na verdade. Ele tinha uma mão vencedora e sabia-o. Fora isso que viera fazer: destruir-me com a verdade. Lembrar-me de que eu não era nada. E talvez isso fosse um bom lembrete.

Eu já nem sabia se ele ainda a queria. Talvez não. Mas agora tratava-se de eu também não ficar com ela. Ele ia vencer, de uma maneira ou de outra. Eu via isso; sabia. Já vira o mesmo olhar no rosto de outro homem. E sabia o que isso significava.

Ele respirou fundo outra vez, parecendo ligeiramente constrangido – ou talvez fingisse estar. Clareou a garganta.

– De qualquer forma – apontou para o pedaço de papel na minha mão –, boa sorte com a licença. Não precisas de ir a pé para todo o lado. – Acenou com a cabeça para mim. – Fica bem, Archer.

Depois virou-se, subiu a entrada da garagem e saiu pelo portão. Fiquei ali parado muito tempo, sentindo-me pequeno, imaginando que ela tinha ido embora e tentando lembrar-me de como continuar a respirar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

BREE

Conduzi até à casa do Archer e chamei-o ao passar pelo portão. Não obtive resposta; por isso, fui até à porta da frente e bati, voltando a chamar por ele. Novamente sem resposta. A porta estava destrancada, então entrei e olhei à volta. Como sempre, estava tudo limpo e arrumado, mas não havia sinal dele. O Archer devia estar em algum lugar da propriedade, demasiado longe para me ouvir a chamar, ou será que fora até à cidade a pé?

Peguei numa folha de papel e numa caneta e escrevi um bilhete rápido a dizer que os meus amigos estavam na cidade e que lhe explicaria tudo quando o visse. Disse aonde íamos jantar e convidei-o a juntar-se a nós. Esperava que fosse. Esperava que o facto de ele ter ido ao *snack-bar* o tivesse deixado confortável o suficiente para sair outra vez. Queria apresentá-lo aos meus amigos. Queria que fizesse parte de todos os aspetos da minha vida.

Voltei para casa, acabei de me arranjar e fui com a Natalie e o Jordan ao bar/pizzaria da cidade, para um jantar descontraído.

Pedimos uma *pizza* grande e levámo-la para uma mesa próxima a um dos alvos de dardos para começarmos um jogo.

Estávamos a meio do balde de cerveja quando levantei os olhos e vi o Archer parado à porta. O sorriso que se abriu no meu rosto foi instantâneo, e deixei cair o dardo que segurava e corri para ele, passando os braços ao redor do seu pescoço e beijando-o na boca.

Deixou sair um suspiro que parecia ter estado preso o dia todo. Inclinei-me para trás, olhando-lhe para o rosto e vi uma tensão que não costumava estar ali.

– Estás bem?

Ele assentiu com a cabeça e o seu rosto descontraíu-se. Recuei um passo para que pudéssemos falar. *Não me disseste que os teus amigos vinham cá.*

Só soube ontem, depois de ter saído de tua casa. Eles apanharam um avião mais cedo do que eu esperava. Archer, há um suspeito no caso do meu

pai. Conversei com o detetive responsável pelo caso ontem e ele quer que eu vá ao Ohio fazer um reconhecimento de fotos. Pode haver uma detenção, concluí, olhando-o nos olhos, a emoção a tomar conta de mim subitamente à medida que falava da possibilidade «em voz alta».

Bree, isso é fantástico, disse ele. É mesmo fantástico.

Eu concordei.

Tenho de regressar a casa por uns dias. A Natalie e o Jordan vão voltar de carro comigo, mas estarei de volta em breve. Franzi a testa, pensando em como me sentiria ao regressar para o Ohio. Quando voltei a olhar para o Archer, ele observava-me atentamente com aquela expressão tensa no rosto.

Podias vir connosco, disse, sorrindo para ele.

Os olhos dele suavizaram por um momento, mas depois suspirou. *Acho que não, Bree. Tens de pôr a conversa em dia com os teus amigos.*

– Ei, Bree, chega de nos deixares aqui pendurados! É a tua vez! – gritou a Natalie.

Puxei a mão do Archer.

– Anda conhecer os meus amigos – disse, e depois num tom mais suave: – Eles vão adorar-te.

O Archer pareceu um pouco na dúvida, mas deixou-me conduzi-lo até à mesa onde estava a nossa *pizza*.

Apresentei-o à Natalie e ao Jordan, e os homens trocaram um aperto de mão enquanto a Natalie inclinou a cabeça e comentou:

– Que *diabos* colocam eles na água deste lugar? Algum mineral que torna os homens ridículamente *sexy*? Vou mudar-me para cá.

Ri-me e apoiei o corpo no do meu rapaz giro, inspirando o cheiro dele e sorrindo com os lábios colados ao seu pescoço. Os olhos do Jordan desviaram-se rapidamente e o rosto empalideceu. Deus, odiava que ele se sentisse desconfortável ao ver-me com um homem. Talvez precisássemos de conversar mais um pouco. Olhei para o Archer, e os seus olhos estreitaram-se na direção do Jordan – também percebera a reação dele. O Archer Hale nunca perdia nada. Desde que o conhecera, ocorreu-me que provavelmente seria impressionante o que todos poderíamos ver e ouvir se fechássemos mais a boca e parássemos de tentar ouvir constantemente a nossa própria voz.

Jogámos dardos, conversámos e comemos *pizza* durante mais algum tempo. O Archer sorriu quando era suposto ao ouvir as histórias ininterruptas da Natalie, mas o seu silêncio era mais pronunciado do que o normal. Tentei provocá-lo, mas ele parecia enfrentar algum dilema interno que não estava a partilhar comigo.

A Natalie fez-lhe perguntas e eu traduzi-lhe as respostas. Ele foi simpático e respondeu a tudo o que ela perguntou, mas percebi que estava um pouco desligado, e eu não percebia porquê. Teria, porém, de lhe perguntar mais tarde. Num bar, à frente dos meus amigos, não era a hora nem o lugar certo.

Pedimos outra rodada de cerveja, e o Archer bebeu um copo e pediu

licença para ir à casa de banho. Assim que ele se afastou, o Jordan levantou-se e veio ter comigo.

– Posso conversar um pouco contigo? – perguntou ele. Assenti, achando que provavelmente precisávamos mesmo de falar. Ele passou a noite a olhar para o Archer e eu estava farta disso.

Ele puxou-me para o lado onde a Natalie não poderia ouvir, e respirou fundo.

– Olha, Bree, lamento o que fiz no Ohio. Fui um parvo. Sabia que estavas... fragilizada e a lidar com coisas horríveis, e aproveitei-me disso. Não vou mentir e dizer que não sabia. De qualquer modo, saberias. – Ele passou a mão pelo cabelo louro-escuro, desalinhando-o, mas de um modo charmoso. – Sei que só sentes amizade por mim, e isso é o suficiente. A sério. Foi por isso que vim até cá, para tentar ficar bem contigo, e estou a agir outra vez como um parvo. Não é fácil ver-te com outro tipo, nunca foi. Mas vou tentar melhorar isso. A tua amizade e felicidade são mais importantes do que qualquer outra coisa. É tudo o que queria dizer-te. Quero que sejas feliz e qualquer coisa que puder fazer, como amigo, é o que quero fazer. Perdoas-me? Podes ser a minha madrinha de casamento quando eu finalmente encontrar alguém ainda melhor do que tu?

Ri-me baixinho, quase um choro, e assenti com a cabeça.

– Sim, Jordan, eu perdoo-te. E vais encontrar alguém melhor do que eu. Não sou uma pessoa muito fácil e posso ser muito chata quando as coisas não são como eu quero.

Ele sorriu.

– Estás a mentir. Mas obrigado. Amigos? – Ele estendeu a mão.

Assenti, peguei-lhe na mão e puxei-o para um abraço.

– Sim – sussurrei-lhe ao ouvido –, e para de deitar olhos maléficos ao meu namorado. Se estivesses a prestar atenção ao resto, terias visto a loura *sexy* que está na mesa à nossa frente a olhar constantemente para ti. – Eu inclinei-me para trás e pisquei-lhe o olho.

O Jordan riu-se, e olhou de relance para a mesa onde estava a loura e voltou a olhar para mim. Clareou a garganta e ficou sério.

– O que foi? Não achas que é *sexy*? – perguntei, forçando-me a não olhar na direção da rapariga, para que ela não percebesse que estávamos a falar dela.

– Ah, sim, é – disse ele –, e o teu namorado está furioso. Neste momento, está a fitar-me como se quisesse matar-me aqui e agora.

Olhei para a nossa mesa, para onde o Archer regressara, e vi que ele estava a beber mais uma cerveja.

– Vou conversar com ele. Obrigada, Jor. – Sorri e voltei para a mesa.

Quando lá cheguei, sorri para o Archer, inclinei-me na sua direção, dizendo «Olá» e beijei-lhe o pescoço. Passei as mãos à volta da sua cintura e abracei-o. Não havia nada a mais ali, eram apenas músculos e pele rígida. Inspirei o seu cheiro. Deus, ele cheirava tão bem, a sabonete e a homem

requintado. *O meu* homem. Ele fez um sorriso torto e inseguro, os olhos a encontrar os meus e depois a afastarem-se.

– Ei – sussurrei –, já te disse o quanto estou feliz por estares aqui? – Sorri-lhe, tentando melhorar o seu humor. Imaginei que estivesse um pouco tenso em relação ao óbvio desconforto do Jordan para com ele, mas aquela não era a hora certa para lhe explicar toda a situação. Queria apenas tranquilizar o Archer com a minha atenção. Ele não tinha nada com que se preocupar. O Jordan não era uma ameaça para ele.

De repente, o Archer levantou-se, deu-me a mão e guiou-me na direção das casas de banho, nas traseiras. Eu segui-o, as longas pernas dele obrigando-me a apressar o passo para o acompanhar.

Entrámos no corredor onde ficavam as casas de banho e ele olhou à volta, sem que eu tivesse ideia do que estava à procura.

– Para onde estás a levar-me, Archer? – perguntei, rindo baixinho. Aparentemente estava numa missão.

Ele não respondeu, limitou-se a puxar-me para o fundo do corredor mal iluminado, onde havia uma porta afastada da parede. Fez-me entrar naquele espaço, debruçou-se sobre mim e tomou a minha boca num beijo profundo e possessivo. Gemi pressionando-me contra o seu corpo rígido. Este era um novo lado do Archer, e eu não sabia muito bem o que estava a acontecer ali. A intensidade dele confundia-me. No entanto, fiquei excitada à mesma. Acho que ficaria excitada com qualquer coisa que aquele homem fizesse.

Ele levou a mão a um dos meus seios e esfregou o mamilo com o dedo através do tecido da *T-shirt*. Ofeguei, levei as mãos ao cabelo dele e puxei-o delicadamente. Ele afastou a boca da minha e ficou só a respirar contra os meus lábios por alguns segundos, antes de eu atirar a cabeça para trás e me apoiar à porta atrás de mim. Ele desceu os lábios até ao meu pescoço, beijou-o e lambeu-o com carinho.

– Archer, Archer – gemi.

De repente, tive um leve sobressalto quando me fez um chupão no pescoço, raspando os dentes na zona agora sensível. Inclinei a cabeça para a frente, a névoa do desejo a dissipar-se quando levantei os olhos para ele e lhe vi a expressão desafiadora no rosto.

Levei a mão ao pescoço.

– Acabaste de... me *marcar* de propósito?

O Archer baixou os olhos para o meu pescoço, depois voltou a fitar-me os olhos, os dele a brilhar. Recuou um pouco e perguntou: *Quantos homens na tua vida querem estar contigo? Presumo que eu, o Travis e aquele Jordan que está aqui não sejamos os únicos. Quantos mais?* O seu maxilar estava tenso.

Fitei-o por um instante, sem palavras.

– Eu não... Estás a brincar? – perguntei. – Nenhum. Mas... o que importa quantos homens querem ficar comigo? Eu já deixei bem assente que te escolhi a ti. O que é que isso importa? – concluí, a mágoa evidente na minha voz.

Uma expressão confusa passou pelo rosto dele antes de endurecer novamente e responder: *Sim, importa. Importa muito, porra*, o maxilar cerrado outra vez. Arregalei os olhos. Ele nunca tinha praguejado e fiquei surpreendida. Ele respirou fundo, a vulnerabilidade a tomar-lhe conta dos olhos quer quisesse quer não. *Não posso sequer dizer-lhes para se afastarem de ti, Bree. Tenho de ficar sentado, a olhar, e não posso fazer nada!* Virou-me as costas e, apesar de estar zangado e eu não gostar disso, senti a perda do calor do corpo dele contra o meu como se alguém me tivesse atirado um balde de água fria. O Archer passou a mão pelo cabelo e olhou para mim, o coração exposto na sua expressão. *Não sou sequer um homem. Não posso lutar por ti.*

– Para! – exclamei em voz alta. – Tu não precisas de lutar por mim. Não há razão para lutar com ninguém por minha causa. Eu sou tua. Eu já sou tua. – Dei alguns passos até ele e enlacei os braços ao redor da sua cintura. Ele não resistiu, mas também não correspondeu ao abraço. Depois de um instante, dei um passo atrás.

Vai sempre haver outro homem, disse ele.

Olhei para ele, depois afastei-me e respirei fundo. Naquele momento, o Jordan surgiu no corredor, parou e, semicerrou os olhos por causa da má iluminação, perguntando:

– Estás bem, Bree?

Vi o corpo do Archer a ficar tenso, e fechei os olhos por um momento, enquanto ele se virava e se afastava pelo corredor passando pelo Jordan.

– Archer! – chamei, mas ele não se virou. – Deus! – gemi e levei a mão à testa e fui ter com o Jordan.

– Desculpa, Bree, não sabia que estava a interromper alguma coisa. Só vim à casa de banho e vi-vos aos dois no que parecia algum tipo de impasse.

Abanei a cabeça.

– Não era nenhum impasse. O Archer só estava... não sei. Mas preciso de ir atrás dele. Vocês já estão prontos para ir embora?

– A Natalie está. Mas eu acho que vou apanhar uma boleia para casa. – Fez um sorriso tímido.

Apesar de eu estar aborrecida por causa do Archer, sorri para o Jordan e dei-lhe uma palmadinha a brincar no braço.

– Este é o Jordan que conheço e adoro – disse. – Tens a certeza de que ficas bem?

Ele riu-se.

– Sim, acho que consigo defender-me se ela tentar atacar-me.

Ri-me e abanei a cabeça.

– Está bem.

Abracei-o e ele disse:

– Desculpa-me outra vez. A propósito, belo chupão no pescoço. Não te vejo com um desses desde que tínhamos quinze anos.

Bufei.

– Acho que foi a maneira de um certo homem te dizer a ti e a todos os

outros que estão aqui que já estou comprometida – suspirei.

O Jordan sorriu.

– Bem, vai tranquilizá-lo de que isso não é necessário. Nós, homens, somos capazes de agir como verdadeiros palermas quando estamos inseguros e carentes.

Ergui uma sobancelha.

– Não me digas!

O Jordan riu-se baixinho e apertou-me o braço.

– Vocês vão resolver isso. Estarei em casa pela manhã.

Assenti com a cabeça, apertei-lhe mais uma vez o braço, depois voltei para o bar, onde a Natalie estava à minha espera.

– Ei – disse ela –, o teu brinquedinho acabou de sair pela porta da frente.

Respirei fundo.

– Ele não é um brinquedinho, Nat. Não sei o que se passa com ele.

Ela arqueou as sobancelhas.

– Bem, se queres a minha opinião de especialista, eu diria que ele está apaixonado e não sabe o que fazer em relação a isso.

– Achas? – perguntei baixinho.

Ela assentiu.

– Sim. Todos os sinais estão à vista. O maxilar cerrado, o olhar furioso para os outros homens que chegam perto de ti, o comportamento imprevisível e rabugento, a marcação de território... – Ela apontou para o chupão no meu pescoço. – Vais acabar com a infelicidade dele?

Esbocei um sorriso que acabou num gemido. Fiquei ali parada alguns segundos, a pensar na situação que tinha em mãos, e depois disse:

– Espero que sim. Pronta?

Fomos até ao meu carro e estendi as chaves à Natalie, que concordara em não beber para poder conduzir. Quando já estava a ligar o carro, a Natalie disse:

– A propósito, sei que ele não é um brinquedo para ti. Vejo o modo como também olhas para ele. E posso ver porque gostas dele... e aquela cicatriz – a última palavra saiu como um gemido – dá-me vontade de o envolver num abraço e lambê-lo.

Eu ri-me:

– Ei! Atenção ou o meu maxilar vai começar a cerrar e vou ficar rabugenta durante o resto do caminho.

A Natalie deu uma gargalhada, mas passado um segundo, olhei para ela e vi uma expressão pensativa.

– O que estou a pensar é se imaginas uma relação a longo prazo com ele... Quero dizer, como é que iria funcionar exatamente? – A voz dela era gentil.

Suspirei antes de responder:

– Não sei. É tudo tão recente... E, sim, a situação dele é muito diferente... há desafios. Mas quero tentar. Sei que quero. O que quer que isso signifique...

É como se a minha vida tivesse começado no momento em que o vi. No instante em que comecei a amá-lo, tudo fez sentido para mim. Por mais confusa que seja a nossa situação, por dentro eu sinto que tudo faz o mais perfeito sentido.

A Natalie ficou em silêncio por um momento.

– Ora, isso é poético, querida, e acredito em cada palavra que disseste, mas a vida nem sempre é poética. E sei que tu sabes isso melhor do que ninguém. Só quero que sejas realista em relação a esta situação, está bem?

Ela lançou-me um olhar rápido e prosseguiu:

– Ele é problemático, querida, e não estou a referir-me só às cordas vocais... quero dizer, meu Deus, pelo que me contaste, ele cresceu num lar violento, o tio *alvejou-o*, os pais morreram *à sua frente* e depois ficou sozinho e isolado até aos dezanove anos por um tio louco, para não mencionar o facto de que tem um problema físico que, para todos os efeitos, o mantém preso na sua própria mente. Isso deixa marcas, querida. É de *espantar* que ele seja problemático?

Deixei escapar o ar num grande suspiro e recostei a cabeça no banco.

– Eu sei – sussurrei. – E quando pões as coisas dessa forma, parece de loucos até mesmo acreditar na possibilidade de que possa resultar, de que ele possa dar certo com *qualquer pessoa*, mas, de algum modo... eu acredito. Não tenho como explicar isso a não ser pelo facto de que, apesar do que disseste, ele ainda é bom e meigo, corajoso e inteligente, e até mesmo engraçado às vezes. – Sorri. – Quero dizer, pensa na força de espírito que tens de ter para passares pelo que ele passou e não seres louco, e ainda manter o coração gentil.

– É verdade – concordou ela. – Ainda assim, as pessoas problemáticas agem de certa maneira porque não confiam nem acreditam em nada de bom. Ele nunca teve nada de bom. Receio que, quanto mais séria ficar a relação contigo, mais ele se vá passar. Onde vai trabalhar, o que vai fazer da vida, parece fácil se compararmos com a sua bagagem emocional.

Olhei para ela, mordendo o lábio.

– Mas eu também carrego uma bagagem, Nat. Também sou problemática. Não somos todos?

– Não a este ponto, querida. Não a este ponto.

Assenti e voltei a apoiar a cabeça no banco.

– A propósito, quando é que te tornaste tão perspicaz em relação ao espírito humano? – perguntei, sorrindo para ela.

– Sou uma alma antiga, querida... já sabias isso. – Ela piscou os olhos e sorriu.

Estacionámos em frente ao chalé e dei-lhe um abraço de boa-noite antes de ela descer do carro com a chave de casa, acenando por cima do ombro. Dei a volta ao carro e sentei-me atrás do volante. Estava bem para conduzir até à casa do Archer, já me sentia completamente sóbria.

Quando lá cheguei, entrei pelo portão e dirigi-me à casa. Bati levemente

à porta e, alguns segundos depois, ele abriu, vestido apenas com umas calças de ganga e esfregando o cabelo com uma toalha.

Observei-o ali parado, parecendo tão absurdamente lindo e tão inseguro.

Ri-me baixinho.

– Olá. – Suspirei e entrei em sua casa, virando-me para ele, quando ouvi a porta fechar atrás de si.

Porque é que estás a rir?, perguntou.

Abanei a cabeça e levantei as mãos. *Porque gostava que pudesses ver-te através dos meus olhos. Gostava que pudesses ler a minha mente, pois assim saberias o quanto te quero e a mais ninguém. Poderia haver trezentos homens atrás de mim neste momento e isso não me importaria. Porque nenhum deles és tu, Archer Hale.* Baixei as mãos por um segundo, depois voltei a erguê-las rapidamente: *Nenhum deles é o homem que eu amo.* Abanei levemente a cabeça, depois prossegui: *La esperar até que tu também estivesses pronto para dizer isso, mas... não consigo. Porque este sentimento está literalmente a transbordar de mim o tempo todo. Por isso, não quero saber se não me amares ou se não tiveres a certeza de que me amas. Mas eu tenho a certeza. E não consigo suportar que passe outro minuto sem te dizer que te amo, porque é a verdade. Eu. Amo. Te. Amo-te muito.*

Ele ficou imóvel, paralisado no lugar, enquanto eu palrava sem parar, mas quando comecei a dizer as cinco últimas palavras, ele moveu-se pelo espaço que nos separava tão rapidamente que a minha respiração ficou presa na garganta e deixei cair as mãos. O Archer agarrou-me e puxou-me contra o seu corpo com tanta força que eu gritei, um som agudo entre uma gargalhada e um soluço.

Pegou-me ao colo e enterrou o rosto no meu pescoço, e, quando passei os braços à sua volta, apertou-me ainda com mais força. Descansei a cabeça no ombro dele e inspirei aquele perfume tão singular. Ficámos assim durante vários minutos.

Finalmente, afastei-me, dei-lhe a mão e levei-o até ao sofá, onde nos sentámos.

Lamento o que aconteceu no bar. Posso explicar? Ele assentiu, e eu continuei: *O Jordan é apenas um amigo meu, sempre foi, nunca senti nada além de amizade por ele. Nós crescemos juntos. Conheci-o quando tínhamos doze anos. Sabia que ele tinha uma atração por mim há algum tempo, mas deixei claro que não era recíproca.* Fiz uma pausa antes de prosseguir. *Ele insistiu no assunto depois de o meu pai morrer e isso foi a gota de água que me fez partir.* Sorri um pouco. *Portanto, acho que se pode dizer que, na verdade, deves agradecer ao Jordan por me ter colocado no teu caminho.*

O Archer também sorriu e olhou para as próprias mãos pousadas no colo. Quando comecei a falar, ele levantou os olhos para as minhas. *De qualquer modo, foi isso que viste esta noite: ele a aceitar o facto de que nunca seremos mais do que amigos e depois nós os dois a falarmos sobre isso. Só isso.*

O Archer assentiu, passou a mão pelo cabelo e disse: *Desculpa... às*

vezes *tenho a impressão de que é tudo demais para mim. E isso faz-me sentir... fraco e com raiva, e indigno de ti. Sem nenhum valor.*

Agarrei-lhe rapidamente as mãos dele e depois soltei-as. *Não. Não te sintas assim... por favor. Deus, não sejas tão exigente contigo próprio. Vê tudo o que já conquistaste. Vê quem és, apesar de tudo o que há contra ti.* Levei a mão ao seu rosto, e ele fechou os olhos e apoiou-se nela.

– E já te disse que te amo? – sussurrei. – E que não tenho o hábito de amar pessoas que não valem a pena? – Fiz um pequeno sorriso.

Os seus olhos abriram-se e percorreram o meu rosto por um momento, a expressão quase reverente, antes de dizer: *Também estou apaixonado por ti.* Deixou escapar o ar que estava a suster. *Estou desesperadamente apaixonado por ti.* Arregalou os olhos como se as palavras que acabara de «dizer» fossem quase uma surpresa. Os seus lábios entreabriram-se e as mãos perguntaram-me: *É o suficiente, Bree?*

Deixei escapar um suspiro e sorri, permitindo-me um minuto para me alegrar com a noção de que aquele homem bonito, sensível e corajoso à minha frente me amava. Passado um segundo, disse: *É um ótimo começo. O resto vamos resolver, está bem?* Peguei nas mãos dele entre as minhas.

A vulnerabilidade tomou conta do seu rosto quando concordou comigo, o rosto transmitia dúvidas. Senti o coração apertado. *Qual é o problema, Archer?*

Uns instantes depois, ele inclinou-se para a frente, segurou-me a cara entre as mãos e beijou-me ternamente a boca, os lábios demorando-se nos meus, enquanto apoiava a testa na minha e fechava os olhos. Inclinou-se para trás e disse: *Amo-te tanto que dói.* E realmente ele parecia estar em sofrimento.

Levei uma mão ao seu rosto, e ele fechou os olhos mais uma vez antes de eu afastar a mão. *Não precisa de doar.*

O Archer suspirou. *Mas dói, porque tenho medo de te amar. Tenho medo de que te vás embora e eu volte a ficar sozinho. Só que será cem vezes pior porque vou saber o que estou a perder. Não posso...* A respiração dele saiu trémula. *Quero poder amar-te mais do que temo perder-te, e não sei como fazer isso. Ensina-me, Bree. Por favor, ensina-me. Não me deixes destruir isto.* Ele olhou para mim suplicante, a dor gravada em cada traço do seu rosto.

Oh, Deus, Archer, pensei, o meu coração dolorosamente apertado no peito. Como é que se ensina um homem que perdeu tudo a não temer que isso volte a acontecer? Como é que se ensina uma pessoa a confiar em algo que ninguém pode garantir? Este homem lindo que eu amava parecia tão destruído, sentado à minha frente a expressar o seu amor por mim. A expressar a sua devoção por mim. Desejei de todo o coração que isso pudesse trazer-lhe felicidade, mas entendia as razões do seu sofrimento.

Amar outra pessoa significa sempre abrimo-nos à dor. Também não quero perder mais do que já perdi, mas será que não vale a pena? Não vale a pena dar uma oportunidade ao amor?, perguntei.

Ele procurou os meus olhos e assentiu com a cabeça, mas os seus olhos diziam-me que ele não estava convencido disso. Respirei fundo. Faria tudo ao meu alcance para que ele acreditasse. Acreditaria com todas as forças por nós os dois, se fosse necessário. Abracei-o e, em seguida, deslizei o corpo para subir para o colo dele e acariciá-lo.

– Amo-te, amo-te, amo-te – sussurrei, sorrindo, tentando transformar aquele num momento feliz.

Ele retribuiu o sorriso e juntou os seus lábios aos meus, e com os lábios disse *Também te amo*, contra a minha boca, como se estivesse a soprar amor para o meu corpo.

Continuei a respirar junto à boca dele e, passado algum tempo, ele começou a mexer o corpo, ajustando-me no seu colo. O meu coração acelerou à medida que o meu corpo reagia à sua proximidade, ao cheiro, a sensação do corpo grande e rígido contra o meu, mais especificamente uma parte dura e quente que pressionava a minha anca.

Baixei a mão e esfreguei a protuberância nas suas calças de ganga e sorri contra o seu pescoço.

– Estás sempre com uma ereção? – perguntei, com os lábios na pele dele.

Senti-o rir baixinho contra o meu peito e sorri ao perceber que a tristeza e a tensão de há alguns minutos pareciam dissolver-se à medida que os nossos corpos aqueciam. Reclinei-me e olhei para ele: vi ternura e desejo a brilhar-lhe nos olhos. O Archer ergueu as mãos. *Sim, quando estás por perto... é por isso que estou sempre a fazer esgares*. Imitou uma expressão de dor.

Inclinei a cabeça.

– Achei que era apenas a tua personalidade natural.

Isso também.

Ri-me, e quando coloquei mais pressão sobre o volume que provocava o esgar em questão, ele fechou os olhos e entreabriu os lábios.

Quando voltou a abri-los, perguntou: *Sentes falta de ouvir os sons que eu faria durante o sexo se tivesse voz?* Observou o meu rosto enquanto eu pensava sobre isso.

Afastei uma mecha de cabelo da testa dele, e depois abanei a cabeça lentamente. *Não, não penso nisso. Não me baseio nos sons que talvez fizesses para te perceber. Observo a tua expressão e os teus olhos*. Inclinei-me, rocei os lábios na sua boca e voltei a reclinar-me. *Oiço a tua respiração e a maneira como cravas os dedos nas minhas ancas pouco antes de teres um orgasmo. Existem tantas maneiras de te interpretar, Archer Hale. E eu amo cada uma delas*.

Os olhos dele reluziram antes de fazer um movimento para a frente, de repente, agarrando-me o rosto entre as mãos e deitando-me no sofá antes de me cobrir com o seu corpo. Tive a sensação de que o tempo da conversa tinha acabado. Senti um calor na pele e a minha barriga apertou-se. Gemi, um som profundo e ofegante que me subiu pela garganta, e deixei-o assumir o controlo, arqueando o corpo contra o dele, o meu sexo a começar a pulsar

insistentemente. Como é que este homem começou a fazer sexo, só comigo, há algumas semanas, e ainda assim confiava mais nele em relação ao meu corpo do que a qualquer outro homem mais experiente com quem já estivera antes? O Archer, aquele que superava sempre todas as expectativas. Sorri ainda com a boca colada à dele e ele sorriu de volta, embora não se tenha afastado para me perguntar porque estava eu a sorrir. Enfiei a língua dentro da sua boca, o sabor dele fazendo-me sentir como se fosse entrar em combustão. Como é que a boca de alguém podia ter um sabor tão delicioso a ponto de deixar outra pessoa tonta de desejo instantaneamente? Já tinham passado algumas horas desde que bebera cerveja, mas sentia-me bêbeda com ele: bêbeda de amor, de luxúria, de algo indescritível que eu não conseguia nomear, e que, ainda assim, tomava conta de mim, tomava conta do meu corpo e da minha alma – um tipo de conexão primitiva que devia estar ali antes mesmo de eu existir, antes de ele existir, antes de ele ou eu respirarmos o mesmo ar, algo que estava escrito nas estrelas.

Ele pressionou o membro ereto contra o centro do meu corpo, fazendo-me ofegar e afastar a boca da dele, gemendo quando atirei a cabeça para trás, sentindo um prazer intenso a vibrar-me nas veias.

– Archer, Archer – disse ofegante –, nunca haverá mais ninguém para mim. – As minhas palavras pareceram incendiá-lo, a respiração a sair em arquejos quando me puxou a *T-shirt* para cima e desapertou o sutiã com um movimento único, deixando-me os seios expostos ao ar frio.

Sugou-me um dos mamilos com a boca quente enquanto eu gemia e entrelaçava os dedos no seu cabelo, sentindo faíscas de eletricidade a disparar do mamilo até ao meu clítoris intumescido. Ergui as ancas, pressionando-o contra o seu membro duro, e ele sibilou e recuou, olhando para mim com os olhos semicerrados. A excitação inundava-me só de olhar para o seu rosto, boquiaberta. A intensidade e o desejo eram gritantes na sua expressão, mas também o seu amor por mim. Eu nunca vira nada parecido. O poder daquela expressão era tão impressionante que fiquei apenas a observá-lo durante longos segundos, enquanto o sangue afluía ao meu sexo, deixando-me quase desesperada de desejo. Era como se o meu corpo fosse um fio de alta tensão, assim como o meu coração. Era quase demais.

Subitamente, o Archer ergueu-se e gesticulou para que eu levantasse os braços acima da cabeça. Fiz o que me pediu, e ele tirou-me primeiro a *T-shirt* e depois passou para as calças, desabotoando-as e puxando-as pelas minhas pernas. Tirou-me os sapatos, e em seguida despiu-me as calças e cuecas atirando-as ao chão também. Ficou em cima de mim, por algum tempo, respirando com dificuldade, o volume da ereção a apertar-lhe as calças, o seu belo peito nu à mostra, os olhos a percorrer-me o corpo. Os meus próprios olhos arregalaram-se e o sangue pulsou-me no clítoris só de olhar para ele. Não pude evitar. Levei a mão ao meio das minhas pernas, mergulhei um dedo na minha abertura molhada, cheia de desejo. Gemi com a sensação. Os olhos do Archer brilharam enquanto observava a minha mão, e depois ele baixou o

corpo sobre o meu outra vez, girando-me de tal forma que agora estava de bruços no sofá. Olhei por cima do ombro enquanto ele tirava as calças e voltava a descer o corpo sobre o meu, pairando sobre mim, para que eu pudesse sentir o seu calor, mas não a sua pele.

Olhei mais uma vez por cima do ombro e ele ainda tinha aquela expressão intensa no rosto. A minha mente estava toldada pelo desejo, mas dei-me conta de que, embora amasse o Archer doce e gentil, também adorava a versão do Archer que assumia o controlo. O que quer que tivesse despertado aquele seu lado, eu aceitava-o e queria mais.

– Por favor – disse num sussurro, e os olhos dele voaram para os meus, desanuviando ligeiramente, quase como se estivesse a sair de um transe.

Ele pegou no seu membro duro com as mãos e roçou-o entre as minhas nádegas, para cima e para baixo, para cima e para baixo, até eu começar a arquejar, pressionando o corpo contra as almofadas do sofá.

Levou o membro à minha abertura e empurrou-o para dentro suavemente, bem devagar, centímetro a centímetro, e eu gemi de alívio. Não conseguia abrir as pernas por causa do modo como ele me pressionava; a sensação dele a entrar em mim era quase difícil de suportar, muito apertada, e o seu tamanho era grande demais para que conseguisse acomodá-lo naquele ângulo. Mas ele parou por um minuto, deixando o meu corpo ajustar-se à pressão e, quando deixei o ar escapar, ele começou a deslizar o pénis para dentro e para fora de mim, em arremetidas lentas.

Prendi os braços sob a almofada em que apoiava a cabeça e virei a cara para o lado. Ele inclinou-se para a frente ainda mais e tomou os meus lábios num beijo ardente, lambendo e sugando-me a língua ao mesmo ritmo em que o seu membro entrava e saía de dentro de mim. Quando afastou os lábios e se inclinou para trás, vi o nosso reflexo na janela grande em frente ao sofá – qualquer pessoa poderia ter-nos visto, mas, é claro, não havia ninguém naquela propriedade vedada e remota, por isso não me preocupei. Fiquei apenas a observar o nosso reflexo, hipnotizada com a visão e com as sensações.

O Archer tinha um joelho apoiado no sofá, do outro lado das minhas pernas, e um dos pés ainda no chão, o joelho dobrado enquanto arremetia em mim por trás. Aquela visão era tão primitiva, e a sensação deliciosa enquanto o seu membro vigoroso arremetia contra o meu corpo, o meu clítoris roçava no sofá cada vez que ele se movia para baixo. Era como se ele quisesse dominar-me, possuir-me, fundir os nossos corpos num só ser. Eu não conseguia mexer-me, apenas recebia o que ele estava a dar-me, confiando nele com o corpo e o coração. E foi isso que fiz. Confiei nele com tudo o que havia em mim.

Virei a cabeça na almofada e mordi-a, não querendo chegar ao clímax já, desejando que isto continuasse para sempre. *Ele ama-me*, cantarolava o meu coração. *E eu amo-o e sou dele, de corpo e alma. Não quero saber de mais nada. Tudo se vai compor com o tempo.* E, naquele momento, acreditei nisso

com todas as fibras do meu ser.

O Archer começou a mover-se mais depressa, penetrando-me com mais força, quase a punir-me, e eu adorei, adorei tanto aquilo que não consegui controlar o orgasmo que me dominou subitamente, movendo-se pelos meus músculos internos com uma lentidão doce, quase desesperante, espalhando-se do meu ponto mais íntimo, subindo para a barriga e descendo novamente até aos pés. Gritei contra a almofada e enterrei o rosto nela, enquanto o meu corpo era tomado por espasmos e convulsões de êxtase.

As investidas do Archer aceleraram e tornaram-se espasmódicas, a respiração mais ruidosa, e eu senti um pequeno tremor no meu sexo ao perceber que ele estava à beira do auge.

Ele deu três longas arremetidas, deixando escapar um gemido alto em cada uma enquanto se pressionava contra mim, e as suas mãos desceram para o sofá, ao lado do meu corpo para sustentar o próprio peso. Senti-o crescer ainda mais dentro de mim, distendendo-me, um pouco antes de sentir o calor da sua libertação e ele desabar parte sobre mim, parte sobre o sofá, de modo que a maior parte de seu peso estava na ponta do sofá.

Respirámos durante longos minutos, recuperando o fôlego, controlando os nossos batimentos cardíacos. O Archer aninhou o rosto na minha nuca, beijando-me as costas, até onde conseguia chegar com a boca sem mexer o corpo. Acalmeei-me com a sensação da sua boca quente, fechei os olhos e suspirei, feliz. Ele roçou o nariz na minha pele e senti novamente os seus lábios enquanto a boca formava as palavras *Amo-te, amo-te, amo-te*.

* * *

Um pouco mais tarde, depois de termos ido para a cama dormir, acordei sozinha. Sentei-me na cama, tonta, olhei à volta, mas o Archer não estava à vista. Levantei-me, enrolei um lençol à volta do meu corpo nu e fui procurá-lo. Encontrei-o sentado numa cadeira da sala, vestido apenas com as calças de ganga, a pele dourada a cintilar à luz do luar que entrava pela janela, parecendo lindo e arrasado, os cotovelos apoiados nos joelhos e uma das mãos a massajar a nuca, enquanto olhava para baixo.

Fui ter com ele e ajoelhei-me à sua frente.

– O que se passa? – perguntei.

Olhou para mim e fez um sorriso doce, que me lembrou o homem que tinha aparecido à minha frente com o rosto recém-barbeado, observando-me com insegurança. Afastou-me uma madeixa de cabelo do rosto e perguntou: *Queres ter filhos, Bree?*

Franzi a testa, e inclinei um pouco a cabeça para trás soltando uma pequena risada.

– Um dia, sim. Porque é que perguntas isso?

Só para saber. Imaginei que quisesses.

Eu estava confusa.

– Não queres ter filhos, Archer? Eu não...

Ele abanou a cabeça. *Não é essa a questão. É só que... como é que eu ia sustentar uma família? Não podia. Mal consigo sustentar-me aqui. Tenho algum dinheiro do que restou do seguro dos meus pais, mas a maioria serviu para pagar as minhas contas do hospital. O meu tio sustentava-nos com a pensão de invalidez que recebia do exército e, agora, tenho uma pequena quantia do seguro que ele me deixou – serve para me manter, desde que não viva até aos cento e dez anos, mas é só isso.* Desviou os olhos de mim e voltou a fitar a janela.

Suspirei e deixei cair os ombros.

– Archer, vais arranjar um trabalho, fazer alguma coisa de que gostas. Sabes que as pessoas com deficiência de vários tipos têm carreiras? Elas...

Queres saber o que aconteceu quando saí sozinho desta propriedade a primeira vez?, questionou ele, interrompendo-me.

Observei-lhe o rosto e concordei, a tristeza subitamente a dominar-me, sem saber bem porquê.

O meu tio faleceu há quatro anos. Ele tratou de todos os pormenores e foi cremado. A equipa médica veio buscar o corpo dele e, uma semana mais tarde, trouxe de volta as suas cinzas. Não vi outra pessoa nos seis meses seguintes.

O meu tio tinha uma reserva de alimentos no celeiro – fazia parte da sua paranoia – e essa comida manteve-me durante esse tempo. Comecei a deixar crescer o cabelo e a barba... não sabia bem porquê naquela altura, mas agora acho que foi outro modo de me esconder das pessoas que eu sabia que, em algum momento, teria de enfrentar. É de loucos, não é? Os seus olhos encontraram os meus.

Abanei a cabeça vigorosamente.

– Não, não é de loucos de forma nenhuma – disse baixinho.

Ele fez uma pausa, olhou para mim e continuou. Sustive a respiração. Aquela era a primeira vez que ele se abria comigo por iniciativa própria, sem que eu perguntasse.

A primeira vez que saí para ir ao supermercado, demorei duas horas a chegar até ao portão, Bree, disse ele, a voz abalada. *Duas horas.*

– Oh, Archer – sussurrei, as lágrimas a brotarem-me dos olhos, as mãos a apertar-lhe as coxas, ancorando-me nele. – Mas conseguiste. Foi difícil, mas conseguiste.

Ele assentiu com a cabeça. *Sim, consegui. As pessoas olhavam-me e sussurravam. Comprei um pouco de pão e manteiga de amendoim e sobrevivi com isso durante uma semana, até ter coragem de voltar a sair outra vez.* Soltou um pequeno suspiro, com uma expressão de sofrimento no rosto. *Não saía da propriedade desde que tinha sete anos, Bree.*

Olhou para longe por um minuto, obviamente a recordar-se. *Passado algum tempo, porém, melhorou. Eu ignorava as pessoas e elas ignoravam-me. Acho que comecei a passar despercebido. Se alguém falava comigo, eu*

olhava para o outro lado. Depois disso, ficou tudo bem. Dedicava-me a projetos aqui na propriedade e mantinha-me ocupado. Estava sozinho, muito sozinho. Passou os dedos pelo cabelo, uma expressão torturada. Mas na maior parte dos dias trabalhava até ficar esgotado.

Senti lágrimas a brilhar nos olhos, compreendendo ainda mais profundamente a coragem necessária para o Archer dar um só passo fora daquelas terras.

– Depois saíste com o Travis... e para ires ter comigo ao *snack-bar* – afirmei. – Tu fizeste isso, Archer. E foi incrivelmente corajoso.

Ele suspirou. *Sim, fiz isso. Mas demorei quatro anos a chegar a esse ponto. Demorei quatro anos a dar outro passo... e nem sequer gostei.*

– Não gostaste de sair com o Travis porque não era a pessoa certa, mas comigo já gostaste, certo? Correu bem, não foi?

O Archer olhou para mim, os olhos cheios de ternura quando me pousou a mão no rosto durante um segundo. *Sim, está sempre tudo bem quando estou contigo.*

Inclinei-me na direção dele.

– Não vou deixar-te, Archer – sussurrei, afastando as lágrimas dos olhos.

Os olhos dele suavizaram ainda mais enquanto me fitava. *É um fardo enorme para qualquer pessoa, Bree. Saber que, se deixar uma pessoa, a vida dela vai transformar-se em pó. Era nisso que estava a pensar. No fardo que posso acabar por ser para ti, a pressão que vais sentir só por me amar.*

Abanei a cabeça.

– Não – afirmei, mas o meu coração martelava no peito surdamente, porque eu também compreendia o que ele estava a dizer. Não concordava e, no que me dizia respeito naquele momento, não haveria razão no mundo para o deixar, mas a insegurança dele atingiu-me no estômago, porque fazia sentido.

O Archer estendeu a mão e inclinou-me ligeiramente a cabeça, os olhos passando para o meu pescoço, onde estava o chupão que me fizera – ainda vermelho-escuro, tinha a certeza. Ele encolheu-se e soltou-me, levantando as mãos. *Não sei como fazer nada disto. Mereces mais do que o nada que tenho para te oferecer. Mas dói ainda mais pensar em deixar-te ir.* Suspirou, percorrendo-me o rosto com os olhos. *Há tantas coisas que sinto que ainda preciso de resolver, e tantas coisas a trabalhar contra nós.* Levantou uma mão e passou-a pelo cabelo, o rosto angustiado. *O meu cérebro dói quando penso nisto tudo.*

– Então não vamos pensar nisso agora – disse suavemente. – Vamos viver um dia de cada vez e resolver as coisas à medida que surgirem, está bem? Agora parece avassalador porque estás a pensar em tudo ao mesmo tempo. Vamos com calma.

Ele ficou a olhar para mim durante um momento e depois assentiu com a cabeça. Levantei-me, sentei-me ao colo dele e abracei-o, enterrando a cabeça no seu pescoço. Ficámos assim durante vários minutos, e em seguida ele

pegou em mim ao colo e levou-me de volta para a cama. Enquanto adormecia nos seus braços, ocorreu-me romanticamente que tinha pensado que dizer que nos amávamos nos tornaria mais fortes... mas em vez disso, para o Archer, só dificultara ainda mais as coisas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

BREE

Na manhã seguinte, acordei cedo para ir trabalhar e o Archer levantou-se comigo e beijou-me à porta. Parecia sonolento e *sexy*, e demorei mais tempo do que devia, beijando-o, roçando simplesmente os lábios nos dele. Ainda precisava de ir a casa, tomar banho e buscar a minha farda. Felizmente, a Natalie tinha levado a *Phoebe* à rua e dado comida. Quando me afastei do Archer, disse-lhe: *A Natalie e o Jordan vão buscar-me depois do trabalho, por isso vejo-te assim que regressar, está bem?*

Ele assentiu, o rosto a ficar sério.

Ei, brinquei, aproveita este tempo para pôr o sono em dia. Pensa nisto como uma pausa de uma semana, em que não terás de atender constantemente às minhas necessidades sexuais insaciáveis.

Ele sorriu ainda sonolento e respondeu: *Adoro as tuas necessidades sexuais insaciáveis. Volta depressa para mim.*

Ri-me. *Vou voltar. Amo-te, Archer.*

Amo-te, Bree. Ele fez um sorriso doce e eu demorei-me, não querendo despedir-me. Por fim, ele deu-me uma palmada no rabo na brincadeira e disse: *Vai.* Ri-me baixinho e acenei-lhe enquanto subia a entrada da garagem, atirando-lhe beijos antes de fechar o portão atrás de mim. O Archer ficou ali parado de calças de ganga, sem camisa, de mãos nos bolsos, um sorrisinho no rosto. Céus, ia ter saudades dele.

* * *

Foi um dia agitado no *snack-bar*, o que foi bom, já que o dia passou depressa, e não tive muito tempo para pensar sobre o quanto iria sentir falta do Archer. Meu Deus, o quanto sentiria falta de toda a cidade. Estava ali há tão pouco tempo, na verdade, mas já me sentia como se estivesse em casa. Sentia saudades dos meus amigos do Ohio, mas sabia que a minha vida agora era ali.

A Natalie e o Jordan apanharam-me às três horas, eu despi a farda e vesti umas calças de ganga e uma *T-shirt* na casa de banho, e despedi-me da Maggie e do Norm. Entrámos no meu carro, o Jordan ia a conduzir e a *Phoebe* bufou baixinho para mim na caixa de transporte e partimos.

– O que fizeram vocês o dia todo? – perguntei, tentando distrair-me de toda a emoção que me invadia quando entrámos na autoestrada e nos afastávamos de Pelion.

– Andámos um pouco a pé junto ao lago – disse a Natalie. – Mas estava tanto frio que não nos demorámos muito tempo. Atravessámos o lago de carro até à cidade do outro lado para almoçar e fomos a algumas lojas. Foi muito agradável, Bree. Consigo perceber porque gostas disto.

Concordei.

– O verão foi fantástico, mas o outono é... – O meu telemóvel tocou, interrompendo-me. Franzi a testa. Quem poderia ser? Talvez a Avery? As únicas outras pessoas que me enviavam mensagens estavam sentadas no carro comigo.

Peguei no telemóvel e vi que a mensagem era de um número desconhecido. Cliquei para ler. Dizia:

É demasiado cedo para começar a ter saudades tuas? Archer.

Arregalei os olhos e afastei o telemóvel, a surpresa a tomar conta de mim. Sustive a respiração. *Archer? Como era possível?*

Levantei os olhos para o banco do passageiro, à frente, onde a Natalie estava sentada.

– O Archer enviou-me uma mensagem! – exclamei. – Como é que ele está a escrever-me?

A Natalie fez um sorriso de cumplicidade. Arqueei.

– Oh, meu Deus! Arranjaste-lhe um telemóvel?

A Natalie abanou a cabeça, sorrindo e apontando para o Jordan no lugar do condutor. Ele olhou para mim pelo retrovisor com uma expressão constrangida.

– Compraste um telemóvel ao Archer? – sussurrei, com lágrimas a brotar dos olhos.

– Ei, calma. Não fiques tão impressionada. Foi só um telemóvel. De que outra forma vocês iriam comunicar enquanto estivesses fora? Fico surpreendido por tu própria não teres pensado nisso.

As lágrimas corriam-me pelo rosto agora, e sufoquei uma pequena risada enquanto abanava a cabeça.

– Tu és... Não consigo... – balbuciei, olhando para a Natalie, que agora também ria e chorava, e secava as lágrimas do rosto.

– Não é? – perguntou ela.

Assenti, uma nova enxurrada de lágrimas vertia-me dos olhos, enquanto eu ria e tentava secá-las. Estávamos um caos – as duas a rir e a chorar.

Olhei para o Jordan pelo retrovisor e ele esfregou o punho num olho, encolheu-se um pouco e disse:

– Entrou-me uma coisa para o olho. OK, parem com essa choradeira. Vocês as duas são constrangedoras. E responde-lhe à mensagem. Ele está à espera, tenho a certeza.

– O que é que ele disse quando lhe deste o telemóvel? – perguntei, de olhos arregalados.

O Jordan encolheu os ombros e voltou a olhar para mim de relance pelo retrovisor.

– Olhou para mim como se estivesse a pensar quais eram os meus motivos ocultos. Mas eu limitei-me a mostrar-lhe como devia usá-lo e fui-me embora. – Encolheu os ombros outra vez, como se não fosse nada de especial.

– Adoro-te, Jordan Scott – proferi, inclinando-me para a frente e dando-lhe um beijo na cara.

– Eu sei que sim – disse ele, sorrindo pelo retrovisor outra vez. – E dormir com louras atraentes deixa-me sempre com um espírito generoso, por isso...

Ri-me, funguei e peguei no telemóvel outra vez.

Eu: Espero que não, porque eu comecei a sentir saudades tuas ainda antes de me ir embora.

Saímos da cidade há uns vinte minutos. O que estás a fazer?

Esperei cerca de um minuto antes de receber outra mensagem dele.

Archer: A ler. Começou a chover há pouco. Com sorte vocês estão a afastar-se da chuva.

Eu: Acho que sim. O céu está claro mais à frente. Queria estar aí aninhada ao teu lado. O que estás a ler?

Archer: Também queria que estivesse aqui. Mas o que estás a fazer é importante. Estou a ler *Ethan Frome*, de Edith Wharton. Já leste?

Eu: Não. É bom?

Archer: Sim. Bem, não. Está bem escrito, mas é provavelmente um dos livros mais deprimentes de sempre.

Eu: Lol. Então já o tinhas lido? Porque estás a reler, se é deprimente? É sobre quê?

Archer: O que é lol?

Fiz uma pausa e sorri, apercebendo-me de que aquela era a primeira vez que o Archer trocava mensagens de telemóvel. É claro que não sabia o que significava *lol*.

Eu: É uma expressão que significa rir em voz alta. Linguagem que se usa em SMS.

Archer: Oh, OK. Não sei bem porque escolhi este livro hoje. O meu tio parecia gostar dele. É sobre um homem infeliz, num casamento sem amor, que se apaixona pela esposa do primo e eles tentam suicidar-se juntos, mas acabam magoados, paralisados e ainda infelizes.

Eu: Oh, Deus! Isso é... horrível! Pousa esse livro deprimente, Archer Hale!

Archer: Lol.

Ri em voz alta de verdade quando vi a resposta dele.

– Menos barulho aí atrás – resmungou a Natalie, mantendo os olhos fechados, mas esboçando um sorrisinho enquanto virava a cabeça no banco. O meu telemóvel tocou baixinho outra vez, indicando que tinha chegado outra mensagem do Archer.

Archer: Não, na verdade é sobre isolamento e uma rapariga que representa a felicidade para um homem que nunca foi feliz. Acho que consigo identificar-me com alguns destes temas.

Engoli com dificuldade, sentindo o coração apertado pelo homem que amava.

Eu: Amo-te, Archer.

Archer: Também te amo, Bree.

Eu: Vamos parar numa bomba de gasolina. Já te envio outra mensagem daqui a pouco.

Archer: OK.

* * *

Eu: O que tens na tua lista de coisas felizes?

Archer: O que é uma lista de coisas felizes?

Eu: Uma pequena lista de algumas coisas simples que te fazem feliz.

O meu telemóvel ficou em silêncio durante alguns minutos antes de finalmente dar sinal.

Archer: O cheiro da terra depois de chover, a sensação de adormecer, o pequeno sinal na parte interior da tua coxa direita. O que tens na tua lista de coisas felizes?

Sorri e recostei a cabeça no assento.

Eu: Noites de verão, quando as nuvens se afastam no céu e um raio de luz irrompe de repente, saber que és meu.

Archer: Sempre.

Recostei de novo a cabeça no banco, com um leve sorriso sonhador no rosto. Passado um minuto ou dois, o telefone tocou outra vez.

Archer: Quando achas que chegam ao Ohio?

Eu: Provavelmente por volta das oito da manhã. Vou ser a próxima a conduzir, por isso é melhor descansar um pouco. Vou continuar a mandar-te mensagens para saberes o que está a acontecer, OK?

Archer: OK. Podes dizer ao Jordan que lhe agradeço pelo telemóvel? Gostaria de pagar-lho. Não pensei nisso quando ele apareceu.

Eu: Duvido que ele aceite. Mas vou dizer-lhe. Amo-te, Archer.

Archer: Também te amo.

* * *

Eu: Dormi umas duas horas. Sonhei contigo. Vamos parar para jantar, e depois vou conduzir durante as próximas cinco horas, mais ou menos.

Archer: Sonho? Que tipo de sonho?

Eu: Um sonho mesmo muito bom. ;) Lembras-te daquela vez à beira do lago?

Archer: Jamais esquecerei. Andei a tirar areia de lugares onde ela nunca deveria ter estado durante uma semana.

Eu: Lol. Mas valeu a pena, não foi? Tenho saudades tuas.

Archer: Valeu muito a pena. Também tenho saudades tuas. Sabes uma coisa? Vim à cidade fazer compras e agora estou a andar pela rua enquanto te envio mensagens. Acho que a Mrs. Grady quase teve um ataque cardíaco. Uma vez ouvia-a referir-se a mim como o Unabomber Jr. quando passou por mim no supermercado. Tive de ir à biblioteca pesquisar quem era essa figura. Percebi que não tinha sido um elogio.

Gemi, sem saber se rir ou se chorar. Algumas pessoas podiam ser tão ignorantes. Imaginei aquele adolescente isolado, a debater-se corajosamente para chegar ao portão e caminhar em direção ao mundo pela primeira vez desde que era criança para ter uma receção como essa... Encolhi-me por dentro. Cada célula do meu corpo gritava para o proteger, mas não podia. Era algo que já tinha acontecido. Eu nem o conhecia na altura, mas o facto de não ter lá estado fez-me sentir culpada de qualquer maneira. Não era um pensamento racional, era amor.

Eu: Eu leria o teu manifesto, Archer Hale. Cada palavra. Aposto que seria lindo.

Archer: Lol. O que, a propósito, no meu caso, deveria ser outra sigla, porque rio em silêncio e não em voz alta.

Eu: :D Estás a ser engraçado? :D

Archer: Sim. O que está na tua lista de coisas engraçadas?

Sorri e parei para pensar por um segundo antes de digitar.

Eu: Ver os cãesinhos a bambolear-se porque as suas barrigas são muito gordas, ouvir outras pessoas a rir (é contagioso), ver apanhados. E o que está na tua lista de coisas engraçadas?

Archer: O Mr. Bivens com o seu capachinho torto, a expressão do focinho de um cão quando anda de carro com a cabeça fora da janela, pessoas que roncam quando riem.

Eu: Estou a rir agora (talvez a roncá-lo) enquanto entro no restaurante. :D Envio-te mensagens de manhã. Amo-te.

Archer: OK. Boa noite. Também te amo.

– Credo, Bree, a ideia não é escrever um romance em SMS. Os teus dedos vão estar demasiado cansados para qualquer coisa quando regressares – brincou a Natalie.

Eu ri-me e suspirei, mas talvez tenha sido um suspiro demasiado romântico porque a Natalie revirou os olhos.

– Adoro isto. Sinto que estou a conhecê-lo melhor desta maneira.

A Natalie passou o braço pelo meu ombro, puxou-me para ela e entrámos no restaurante a rir.

* * *

Eu: Bom dia. Já te levantaste? Só temos mais uma hora de estrada. A Nat está a conduzir agora.

Archer: Sim, já estou a pé. Ando na margem do lago com os cães. O *Hawk* acabou de comer um peixe morto. Não vai entrar em casa hoje.

Ri-me, ainda sonolenta. Sentei-me e mexi o pescoço de um lado para o outro. Dormir no banco da frente de um carro não era nada confortável. A Natalie estava ao volante a beber um café e o Jordan ressonava baixinho no banco de trás.

Eu: Que nojo! *Hawk*! O que tens na tua lista de coisas nojentas?

Archer: Unhas muito compridas e curvas, lapas e cogumelos. O que tens na tua lista de coisas nojentas?

Eu: Espera... não gostas de cogumelos? Vou cozinhar-te algo que vai mudar a tua perspetiva quando voltar.

Archer: Não, obrigado.

Eu ri-me.

Eu: Hálito de tabaco, larvas, casas de banho em estações de serviço.

Archer: Volto já. Preciso de tomar um duche.

Eu: Lol.

Depois fiz uma pausa antes de escrever.

Eu: Obrigada, precisava disto. Estou um pouco nervosa por causa do dia de hoje.

Archer: Vais ficar bem. Prometo, vai correr tudo bem. Tu consegues fazer isso.

Sorri.

Eu: Achas que me podias fazer um favor? Se eu te ligar mesmo antes de entrar na esquadra de polícia e puser o telemóvel no bolso, podes só... estar comigo?

Archer: Sim, sim. É claro que fico. E prometo não dizer nada.

Ri-me.

Eu: Engraçadinho. Amo-te, Archer.

Archer: Amo-te, Bree.

* * *

Sentei-me na esquadra e analisei as fotos à minha frente enquanto o detetive estava sentado do outro lado da mesa, de mãos entrelaçadas, a observar-me com atenção.

Os meus olhos focaram-se no rosto que jamais esqueceria. *Deita-te*, ouvi ele ordenar na minha mente. Fechei os olhos, respirei fundo, sentindo o Archer no telemóvel junto ao meu corpo, como se ele estivesse ali, a abraçar-me, a sussurrar-me ao ouvido: *Tu consegues fazer isto, és corajosa, tu consegues fazer isto*. E enquanto estive ali sentada, a voz do Archer parecia mais forte, mais alta. A sua voz era tudo o que eu ouvia.

– Este aqui – disse, apontando para o homem na foto à minha frente. Nem sequer estremei.

– Tem a certeza? – perguntou o detetive.

– Cento e dez por cento de certeza – respondi com a voz segura. – Este é o homem que matou o meu pai.

O detetive assentiu e afastou as fotos.

– Obrigada, Miss Prescott.

– Vão detê-lo agora?

– Sim. Vamos avisá-la assim que o prendermos.

Assenti.

– Muito obrigada, detetive. Obrigada.

Vinte minutos mais tarde, depois de preencher a papelada, estava a descer os degraus que conduziam à saída da esquadra. Tirei o telemóvel do bolso e falei com o Archer, que ainda estava em linha.

– Ouviste tudo? Eu identifiquei-o, Archer! Nem sequer hesitei. Vi a foto à minha frente e, no mesmo instante, soube que era ele. Oh, meu Deus, estou a tremer como uma vara verde agora. – Ri-me baixinho. – Obrigada por estares comigo. Fizeste toda a diferença. Vou desligar agora para me poderes mandar mensagens. Amo-te. Obrigada.

Um segundo depois, o meu telefone tocou.

Archer: Estiveste bem, Bree. Muito, muito bem. Isso era muito difícil... Queria poder abraçar-te agora.

Eu: Eu sei, eu sei, Archer. Também queria. Ufa! Respiro fundo. Oh, meu Deus, tenho vontade de chorar. Mas estou feliz. Nem acredito nisto. O meu pai vai obter justiça.

Archer: Fico tão feliz por isso.

Eu: Oh, Deus, eu também. O que estás a fazer agora? Preciso de falar sobre outra coisa enquanto me acalmo.

Archer: Comecei agora a correr.

Ri e funguei.

Eu: Estás a correr e a enviar mensagens ao mesmo tempo???

Archer: Estou a ficar bom a escrever mensagens.

Eu: A sério, sobredotado. Porque é que não estou surpreendida?

Archer: Não devias estar realmente. A tecnologia adora-me.

Ri-me, e depois chorei um pouco mais, assoberbada pelas emoções.

Eu: Obrigada por estares comigo. Fez toda a diferença. Deste-me coragem.

Archer: Não, já eras corajosa muito antes de me conheceres. O

que tens na tua lista de coisas que acalmam?

Respirei fundo e pensei nas coisas que me acalmavam, me tranquilizavam, me confortavam o coração.

Eu: O som da água do lago a bater na margem, uma chávena de chá, tu. O que está na tua lista?

Archer: Lençóis de flanela, olhar para as estrelas, tu.

Eu: Olha, a Natalie está a chegar ao passeio. Vamos até casa do meu pai buscar mais algumas coisas. Escrevo-te mais tarde. Obrigada, obrigada. Amo-te.

Archer: Também te amo.

* * *

Eu: Adivinha? Já estou de volta à estrada.

Archer: O quê? Como?

Eu: Estou com saudades tuas. Preciso de voltar para casa.

Archer: Esta é a tua casa, Bree?

Eu: Sim, Archer, a minha casa é onde estiveres.

Archer: Dormiste esta manhã? Não devias conduzir quando estás cansada.

Eu: Vou ficar bem. Vou fazer várias paragens para beber café.

Archer: Conduz em segurança. Vem com cuidado. Volta para mim, Bree. Tenho tantas saudades tuas que é como se me faltasse uma parte de mim.

Eu: Eu também, Archer. Meu Archer. Estou a voltar para ti. Estarei aí em breve. Amo-te.

Archer: Também te amo. Sempre.

* * *

Archer: Não me envie mensagens enquanto estiveres a conduzir, mas da próxima vez que parares diz-me onde estás.

* * *

Archer: Bree? Já passaram algumas horas e não recebi nenhuma mensagem tua...

* * *

Archer: Bree? Estás a assustar-me. Por favor, que estejas bem.

* * *

Archer: Bree... por favor... estou a enlouquecer. Por favor, envia-me uma mensagem. Por favor, que estejas bem. Por favor, que estejas bem. Por favor, que estejas bem.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Archer – 7 anos de idade; maio

— Archer! – chamou a mamã, a sua voz parecendo um pouco assustada. – Querido, onde estás?

Eu estava debaixo da mesa da sala de jantar, a pesada toalha a esconder-me enquanto estava ajoelhado no chão com os meus bonecos.

Hesitei, mas quando a mamã voltou a chamar-me, parecendo mais preocupada desta vez, rastejei de baixo da mesa e fui ter com ela. Não gostava de a ver assustada, mas sabia que alguma coisa estava a acontecer, e também estava com medo.

A mamã tinha passado a manhã toda a sussurrar ao telefone e, na última meia hora, esteve lá em cima a enfiar roupas e outras coisas dentro de malas.

Foi quando me escondi debaixo da mesa e esperei para ver o que iria acontecer a seguir.

Eu sabia que aquilo que estava a acontecer era porque o meu pai tinha voltado para casa ontem à noite, novamente a cheirar ao perfume de outra mulher, e tinha dado uma estalada na cara da minha mãe quando ela disse que o jantar dele estava frio.

Tive a sensação de que aquela tinha sido a gota de água para a mamã. E, se eu tivesse de adivinhar com quem é que ela estava ao telefone, diria que era com o tio Connor.

A mamã entrou na sala de jantar no momento em que eu rastejava para fora da mesa e soltou um suspiro alto.

– Archer, meu querido – disse ela, encostando as mãos às minhas bochechas e curvando-se de modo que os seus olhos ficassem ao nível dos meus.

– Deixaste-me preocupada.

– Desculpa, mamã.

O seu rosto suavizou-se, e ela sorriu-me e afastou-me o cabelo da testa.

– Tudo bem, mas preciso que me faças uma coisa, e é muito importante. Achas que consegues ouvir-me e fazer o que eu pedir sem fazeres perguntas?

Assenti com a cabeça.

– OK, isso é bom. – Ela sorriu, mas o sorriso desapareceu-lhe do rosto e deu lugar a uma expressão apreensiva. – Nós vamos embora, Archer... Eu, tu e o teu... o tio Connor. Sei que provavelmente estás confuso, e tenho a certeza de que tens perguntas sobre o teu pai, mas...

– Eu quero ir – disse, endireitando-me. – Não quero viver mais com ele.

A mamã ficou só a olhar para o meu rosto durante alguns segundos, de lábios cerrados. Depois suspirou e passou a mão pelo meu cabelo outra vez. Vieram-lhe lágrimas aos olhos.

– Não tenho sido uma boa mamã – declarou ela e balançou a cabeça para a frente e para trás.

– Tu és uma boa mamã! – respondi. – És a melhor mamã do mundo. Mas quero viver com o tio Connor. Não quero que o pai te bata ou que te faça chorar.

Ela fungou, limpou uma lágrima do rosto e depois assentiu com a cabeça para mim.

– Vamos ser felizes, Archer, estás a ouvir-me? Tu e eu vamos ser felizes.

– OK – respondi, de olhos fixos no seu rosto bonito.

– OK – repetiu ela, sorrindo por fim.

Foi quando a porta da frente se abriu e o tio Connor entrou apressado. O rosto dele parecia tenso.

– Estás pronta? – perguntou, olhando para a minha mamã.

Ela acenou em confirmação.

– As malas já estão ali. – Ela inclinou a cabeça na direção das quatro malas que estavam ao fundo das escadas.

– Estás bem? – perguntou o tio Connor, os seus olhos a perscrutar a mamã como se quisesse certificar-se de que ela estava inteira.

– Vou ficar. Leva-nos daqui embora – sussurrou ela.

O rosto do tio Connor parecia o de alguém em sofrimento, mas depois sorriu e olhou para mim.

– Pronto, amigo?

Assenti e segui os dois até sairmos pela porta da frente. Ambos olharam ao redor enquanto o tio Connor punha as nossas malas no porta-bagagens do carro. No entanto, não havia ninguém lá fora e quando entrámos no carro eles pareceram aliviados.

Enquanto seguíamos em direção à saída de Pelion, vi o tio Connor agarrar a mão da minha mãe no banco da frente e ela virou-se para ele, deixando escapar um suspiro e esboçando um leve sorriso.

– Tu, eu e o nosso menino – disse o tio Connor baixinho. – Só nós.

– Só nós – sussurrou a minha mãe, com aquele mesmo olhar suave no rosto.

A mamã olhou para mim no banco de trás e fez uma breve pausa antes de dizer:

– Trouxe os teus *Legos* e alguns dos teus livros, querido. – Sorriu e

inclinou a cabeça de lado no encosto do banco, ainda a fitar-me. Os seus ombros pareciam menos tensos a cada quilómetro que passava.

Só acenei com a cabeça. Não perguntei para onde estávamos a ir. Não era importante. Desde que fosse longe dali, qualquer lugar era bom.

O tio Connor olhou para a mamã.

– Põe o cinto de segurança, Lys.

A mamã sorriu.

– Esta é a primeira vez em anos que sinto que não estou amarrada contra a minha vontade – disse ela, rindo baixinho. – Mas tudo bem, segurança em primeiro lugar. – Ela inclinou a cabeça e piscou os olhos na minha direção e eu sorri. Aquela era a mamã que eu adorava ver... quando os seus olhos brilhavam e ela punha aquele tom doce e brincalhão na voz e dizia coisas que faziam os outros rirem de si mesmos, mas de uma maneira boa, afetuosa e agradável.

A mamã estendeu a mão para o cinto de segurança e, de repente, o carro deu um solavanco e começou a rodopiar loucamente. A mamã gritou e o meu tio berrou «Oh, merda!», enquanto tentava manter-nos na estrada.

O carro derrapou e tudo o que ouvi foi o ruído de metal contra metal, vidro a estilhaçar e os meus próprios gritos, enquanto o carro capotava durante o que pareceram horas, até finalmente parar com um último e ruidoso solavanco.

O pavor tomou conta de mim e comecei a chorar, gritando:

– Socorro! Ajudem-me!

Ouvi um gemido alto à frente, e então o tio Connor chamou o meu nome, e disse-me que ia ficar tudo bem, enquanto o ouvi soltar o cinto de segurança e dar um pontapé na porta para a abrir. Eu não conseguia abrir os olhos, pareciam estar colados.

Ouvi a porta de trás a ser aberta e depois senti a mão quente do tio Connor no meu braço.

– Vai ficar tudo bem, Archer. Vou soltar o teu cinto de segurança. Rasteja na minha direção. Tu consegues.

Finalmente abri os olhos e fitei o rosto do meu tio, a sua mão estendida para mim. Agarrei-lhe o braço, e ele puxou-me para fora, para o sol quente da primavera.

O tio Connor estava a falar outra vez, e a sua voz parecia engraçada.

– Archer, preciso que venhas comigo, mas preciso que vires as costas quando eu disser, OK?

– OK. – O terror e a confusão fizeram-me chorar mais.

O tio Connor agarrou-me a mão e avançou a pé pela estrada deserta comigo um pouco atrás dele. Continuou a olhar para trás, para o carro que tinha batido no nosso, mas quando também olhei de relance para trás, não vi ninguém a sair de lá. Estariam mortos? O que acontecera?

– Vira-te de costas, Archer, e fica aqui, filho – disse o tio Connor, a sua voz soava como se estivesse em choque.

Fiz o que me pediu, deixando a cabeça cair para trás para olhar para o céu claro e azul. Como é que algo de mau poderia acontecer sob um céu tão claro, tão límpido e azul?

Ouvi um estranho grito de lamento atrás de mim e virei-me, mesmo sabendo que não estava a obedecer ao meu tio. Mas não consegui evitar.

O meu tio Connor estava de joelhos na beira da estrada, a cabeça para trás, a soluçar em direção ao céu. O corpo inerte da minha mãe jazia nos seus braços.

Curvei-me e vomitei na relva. Endireitei-me alguns minutos depois, respirando com dificuldade e tropeçando nos meus próprios pés ao recuar alguns passos.

Foi então que *o vi*, a vir na nossa direção. O meu papá. Com uma arma na mão. Uma expressão de puro ódio no rosto, e a ziguezaguear. Ele estava bêbedo. Tentei sentir medo, mas não vi mais nada que ele pudesse fazer agora. Sentia-me dormente à medida que andava na direção do tio Connor.

O tio Connor pousou o corpo da minha mãe à beira da estrada com muito cuidado e levantou-se, também ciente da presença do meu pai. O tio Connor foi até mim e posicionou-me atrás do seu corpo.

– Não te aproximes, Marcus! – gritou.

O meu papá parou a alguns metros de distância e olhou para nós, cambaleante, com uma expressão de ódio, os olhos muito vermelhos. Parecia um monstro. Ele *era* um monstro. Agitou a arma no ar, como um louco, e o tio Connor agarrou-me com força, certificando-se de que eu me mantinha atrás dele.

– Baixa essa arma, Marcus – cuspiu o tio Connor. – Já não fizeste o suficiente por hoje? A Alyssa... – Deixou escapar um som que parecia o de um animal ferido, e senti os seus joelhos a cederem um pouco antes de se recompor.

– Achavas que ias simplesmente embora da cidade com a minha família? – gritou o monstro.

– Eles nunca foram a tua família, seu cabrão doentio. A Alyssa... – Ele voltou a fazer o mesmo som sufocado e não concluiu o pensamento. – E o Archer é o *meu* filho. É o *meu* rapaz. Sabes isso tão bem quanto eu.

Tive a sensação de que alguém me deu um murro na barriga e deixei escapar um pequeno som enquanto as mãos do tio Connor me agarraram com força outra vez. Eu era filho dele? Tentei entender, tentei dar sentido a isso. Eu não era filho do monstro? Não tinha nada a ver com ele? Eu era filho do Connor. E o meu pai era um dos bons.

Espiei o monstro enquanto ele olhava para nós.

– A Alyssa sempre foi uma puta. Não duvido disso. E o rapaz é realmente parecido contigo, não posso negar. – As palavras saíram atropeladas, como sempre lhe acontecia quando bebia.

O tio Connor cerrou os punhos ao lado do corpo e, quando olhei para ele, vi que o seu maxilar não se movia enquanto falava.

– Se a nossa mãe pudesse ver-te agora, choraria muito pelo monte de merda doentio em que te transformaste.

– Vai-te lixar – retorquiu o monstro, os olhos a encherem-se de mais raiva, cambaleando um pouco mais. – Sabes quem teve de me contar que tu estavas a tentar fugir da cidade com a *minha* mulher? A *tua* mulher. Sim, ela veio ter comigo e contou-me que vocês iam fugir e disse que era melhor eu correr atrás do que era meu. Por isso, aqui estou, a recolher o que é meu. Embora veja que, para um dos meus pertences, já seja um pouco tarde... – Apontou para a minha mãe, deitada na berma da estrada.

A fúria apoderou-se de mim. O Connor era o meu papá. Ele ia levar-me a mim e à minha mamã para longe do monstro... e o monstro tinha estragado tudo. Como estragava sempre tudo. Mexi-me depressa ao redor das pernas do Connor e corri em direção ao monstro o mais rápido que consegui. Ouvi um rugido alto vindo do Connor, que gritou «Archer!», como se a sua vida dependesse disso. Ouvi os seus pés a correrem atrás de mim, enquanto o monstro levantava a arma e disparava, e gritei. Mas o meu grito soou como um gorgolejo quando algo afiado e quente me cortou a lateral do pescoço como uma faca, e eu caí no chão da estrada. Levei as mãos ao pescoço e, quando as baixei para olhar, estavam cheias de sangue.

Ouvi outro rugido profundo e comecei a desfalecer, sentindo-me a cair, mas quando voltei a mim o tio Connor, *não, espera*, o meu pai, o *meu verdadeiro pai*, estava a embalar-me nos braços, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto.

Os meus olhos encontraram o monstro, agora ajoelhado onde estivera de pé minutos antes. Ou teriam passado horas? Tudo parecia nublado, lento.

– Meu menino, meu doce menino – dizia o Connor sem parar. Ele estava a falar de mim. *Eu era o menino dele*. A felicidade encheu-me o peito. Eu tinha um pai que estava feliz por eu ser seu filho.

– É tudo culpa *dele* – gritou o monstro. – Se não fosse por ele, a Alyssa já não estaria pendurada em ti. Se não fosse por *ele*, a Alyssa não estaria neste exato momento caída na beira da estrada com o pescoço partido! – Ele parecia um louco, mas a tristeza invadiu-me, e eu queria que alguém me dissesse que isso não era verdade. *Era tudo culpa minha?* O Connor, *o meu papá*, tive de lembrar a mim mesmo, não estava a dizer-lhe que não era culpa minha, mas apenas a pressionar alguma coisa contra o meu pescoço, com uma expressão selvagem nos olhos.

Continuei a fitar o meu pai verdadeiro com um olhar sonhador e, de repente, vi o seu rosto ficar sem expressão, e senti que ele procurava algo ao seu lado. Não era ali que estava a sua arma? Pensei que talvez fosse. Costumava tê-la ali, mesmo quando não estava a trabalhar. Pedi-lhe para ver a arma várias vezes, mas ele dizia sempre que não, que me ensinaria a atirar um dia, quando eu fosse mais velho, e me ensinaria a usar armas em segurança.

Ele tirou a mão que estava debaixo de mim e apontou a arma ao monstro. Os meus olhos mexeram-se em câmara lenta e vi o momento em que o

monstro se deu conta do que o meu pai verdadeiro estava prestes a fazer. O monstro também levantou a arma.

As duas armas explodiram, e eu senti o meu pai verdadeiro a debater-se junto a mim. Tentei gritar, mas estava tão cansado, com tanto frio, tão entorpecido. Os meus olhos voltaram-se para o monstro, que estava caído no chão, uma poça de sangue a espalhar-se lentamente à sua volta.

Os meus olhos queriam fechar-se, e o corpo do meu pai verdadeiro parecia tão pesado sobre o meu. Mas como poderia ser isso quando ele estava de pé junto a mim, com a mamã ao seu lado? Eles pareciam tão em paz. *Levem-me com vocês!*, gritei na minha mente. Mas eles olharam um para o outro e a minha mãe dirigiu-me um sorriso carinhoso, mas ao mesmo tempo triste, e disse: *Ainda não. Ainda não, meu querido menino.*

E então eles desapareceram.

Em algum lugar distante, ouvi outro carro a travar e alguém a correr na minha direção. Nos dez minutos que a minha vida, tal como a conhecia, demorou a terminar, não tinha passado nenhum carro.

Um grito alto encheu o ar e senti o meu corpo a debater-se.

– Tu! – gritou uma voz de mulher. Era a tia Tori, reconheci a sua voz. – Oh, Deus! Oh, Deus! Isto é tudo culpa *tua*! – Abri os olhos. Ela estava a apontar o dedo para mim, os olhos cheios de ódio.

– *Culpa tua*! – E então gritou uma e outra vez, enquanto o mundo parecia desaparecer à minha volta, e o céu acima de mim escureceu.

CAPÍTULO VINTE E OITO

BREE

Era cedo, bem cedo – o Sol ainda nem tinha nascido – quando abri o portão do Archer devagar, deixei a *Phoebe* sair da caixa de transporte e desci a entrada da garagem até à sua casa.

Tentei abrir a porta que estava destrancada, e entrei em bicos de pés, porque não o queria acordar. Respirei fundo e paralisei. A sala de estar estava destruída, os livros todos no chão, a mobília e os candeeiros revirados, quadros partidos no chão. Senti o sangue gelar nas veias. *Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus*. O que acontecera ali?

A luz da casa de banho estava acesa e a porta aberta iluminava o pequeno corredor o suficiente para eu conseguir ver enquanto andava em direção ao quarto do Archer com as pernas bambas e o vômito a subir pela garganta.

Entreí no quarto e vi de imediato a sua forma encolhida na cama, totalmente vestido. Os olhos abertos, a fitar a parede.

Corri para ele. Tinha a pele fria e húmida, e tremia ligeiramente.

– Archer? Archer? Querido, o que aconteceu?

Os seus olhos moveram-se para mim, sem ver, olhando através de mim. Comecei a chorar.

– Archer, estás a assustar-me. O que se passa? Oh, meu Deus, precisas de um médico? O que é que aconteceu aqui? Fala comigo.

Os olhos dele pareceram desanuviar um pouco, movendo-se pelo meu rosto. De repente, num movimento rápido, sentou-se e agarrou-me, as mãos no meu cabelo, no meu rosto, nos meus ombros. A sua expressão iluminou-se completamente por um momento, antes de o rosto ser tomado pela dor e me agarrar com mais força, fazendo-me gritar. Segurou-me o corpo com força, enquanto tremia tanto que parecia estar a ter uma convulsão nos meus braços.

Oh, meu Deus, ele pensou que me tinha acontecido alguma coisa.

– Oh, Archer, desculpa, lamento muito. O meu telemóvel avariou-se.

Desculpa. Deixei-o cair numa poça à frente do McDonald's. Ainda fui buscar o telemóvel antigo, mas não tinha bateria. Desculpa – disse junto ao seu peito, agarrada à camisa. – Lamento muito, Archer, querido. Eu não tinha o teu número, que estupidez! Devia ter anotado. Archer, eu estou bem. Desculpa.

Ficámos ali abraçados pelo que pareceram horas, a respiração dele a voltar à normalidade aos poucos. O seu corpo parou de tremer e afrouxou o aperto com que me agarrava até finalmente recuar e me olhar nos olhos, os dele ainda atormentados, com uma expressão muito semelhante ao luto.

– Estou aqui – sussurrei, afastando-lhe o cabelo da testa. – Estou aqui, Archer.

Ele levantou as mãos. *Eu quase me tinha esquecido de como era*, disse, parecendo subitamente perdido, como um rapazinho. O coração palpitava-me no peito, destroçado porque o homem que eu amava ficara tão petrificado com a perda que a sua mente ficou ausente e incapaz de lidar com o medo agonizante. Oh, Archer. Sufoquei um soluço. A última coisa de que ele precisava agora era que eu perdesse o controlo.

– Como era o *quê*? – sussurrei.

Estar completamente só.

– Não estás só, querido. Eu estou aqui. Não vou a lado nenhum. Estou aqui.

Ele olhou para mim e, finalmente, fez um sorriso triste. *Era deste fardo que te falava, Bree. É assim que pesa o fardo de me amares.*

– Amar-te não é um fardo. Amar-te é uma honra e uma alegria, Archer. – Estava a usar a minha voz para falar com ele, para poder segurar-lhe as coxas com as mãos. O contacto parecia importante: não só para ele, mas para mim. – Não me conseguirias convencer a deixar de te amar nem que tentasses. Não é uma escolha. É a verdade.

Ele abanou a cabeça, parecendo perdido outra vez. *Se não tivesses voltado, eu teria ficado deitado aqui até morrer. Teria desejado apenas morrer.*

Abanei a cabeça.

– Não, não terias. Agora parece-te que sim, mas não terias. Arranjarias forças para continuar, de alguma forma. Acredito nisso. Mas não é preciso, porque estou aqui.

Não. Eu teria apenas desvanecido, aqui mesmo. Como é que isso te faz ver-me? Pareço-te uma pessoa forte? Sou o tipo de homem que queres? Olhou-me nos olhos, implorando para que lhe dissesse o que ele queria ouvir, mas eu não sabia o que era. Queria que lhe dissesse que era um homem impossível de amar? Que eu não era forte o suficiente para amá-lo? Que a segurança que precisava de mim era demais?

Ele puxou-me para ele e, após alguns minutos, deitámo-nos na cama. Tirei os sapatos e puxei a coberta sobre nós.

Ouvi a respiração do Archer acalmar-se junto do meu ouvido, e alguns minutos depois, também fechei os olhos. Adormecemos de frente um para o

outro, braços e pernas entrelaçados, os nossos corações a bater num ritmo lento e constante.

Passado um tempo, quando o sol do meio-dia iluminava as extremidades da persiana da janela do quarto do Archer, acordei com ele a puxar-me as calças de ganga pelas pernas e a *T-shirt* pela cabeça. Deslizou as mãos pela minha pele, fechou os olhos e beijou-me, quase como se precisasse do contacto constante para se certificar de que eu estava realmente ali. Quando envolvi as pernas à volta das suas ancas e o apertei com força, a expressão de alívio que lhe perpassou rosto foi de partir o coração. Moveu-se dentro de mim com penetrações profundas e intensas, e eu deixei a cabeça cair para trás na almofada, suspirando de prazer.

O prazer foi aumentando até eu atingir o clímax, clamando o nome dele enquanto o meu corpo estremecia. Alguns segundos depois, ele seguiu-me com duas últimas investidas, penetrando profundamente dentro de mim enquanto afundava o rosto no meu pescoço, e ficou ali, a respirar apenas, durante vários minutos.

Passei as mãos ao longo das suas costas, sussurrando-lhe palavras de amor ao ouvido, sem parar.

Alguns minutos depois, ele rolou para o lado, abraçando-me outra vez e adormeceu quase no mesmo instante.

Fiquei ali deitada na penumbra do quarto, a ouvir a sua respiração. Precisava de urinar, e as minhas coxas estavam pegajosas como seu sémen, mas recusei mover-me. Sabia instintivamente que ele precisava de mim exatamente onde eu estava. Passado algum tempo, também adormeci, o rosto colado ao seu peito macio, a minha respiração junto à sua pele, as pernas entrelaçadas nas dele.

* * *

Acordei mais tarde e estava sozinha na cama, e o Sol já descera no céu. A luz à volta da persiana era agora suave e dourada. Teríamos dormido o dia inteiro?

Sentei-me e espreguicei-me, os músculos doridos a protestar pelo movimento. Penso que não me mexera de todo, presa no abraço apertado do Archer.

Levantei os olhos quando ele entrou no quarto, com uma toalha à volta da cintura e a esfregar outra no cabelo, que já tinha crescido um pouco e começava a encaracolar ligeiramente na nuca e por cima da testa. Eu gostava dele assim.

– Olá – proferi, a sorrir e puxando o lençol sobre os seios. Ele retribuiu um sorriso tímido e sentou-se na beira da cama. Continuou a esfregar o cabelo com a toalha distraidamente por mais um minuto, enquanto olhava para baixo, e depois pousou a toalha na cama e levantou os olhos para me encarar.

Desculpa pela noite passada. Perdi o controlo, Bree. Estava muito

assustado e não sabia o que fazer. Senti-me sozinho e desamparado outra vez. Fez uma pausa, apertando os lábios e obviamente a pensar no que dizer. Eu... passei-me, acho. Nem me lembro de ter feito o que fiz na sala.

Agarrei-lhe as mãos e abanei a cabeça. Archer, lembras-te da minha reação quando fiquei presa naquela rede lá fora? Indiquei a janela com a cabeça. Eu compreendo. Por vezes, o medo toma conta de nós. Eu compreendo. Sou a última pessoa a quem tens de pedir desculpa. Tu ajudaste-me quando perdi o controlo uma vez, e agora eu posso fazer o mesmo por ti. É assim que funciona, OK?

Ele assentiu, olhando para mim com uma expressão solene. O problema, Bree, é que sinto que tu estás a melhorar, mas eu estou a piorar.

Estou pronta para o desafio, respondi, arqueando as sobancelhas e sorrindo, tentando persuadi-lo a sorrir também.

Funcionou, e ele suspirou e acenou com a cabeça. Estás com fome?

Faminta.

Ele sorriu, mas ainda parecia um pouco triste. Olhei para ele por um momento e depois inclinei o corpo para a frente e envolvi-o nos meus braços.

– Amo-te – sussurrei-lhe ao ouvido. O seu corpo ficou ligeiramente tenso, mas também me abraçou e apertou-me com força.

Ficámos assim algum tempo, até que eu disse junto ao pescoço dele:

– Preciso de tomar banho urgentemente, tipo já.

Finalmente, ele riu-se um pouco enquanto me içava e me pousava no chão, e depois levantou-se, ajeitando a toalha. Gosto de ti toda suja com os meus fluidos no teu corpo inteiro, disse ele.

Oh, eu sei. Pestanejei, tentando sacar-lhe outro sorriso enquanto caminhava até à porta, usando a voz quando me voltei para ele.

– Podes sujar-me toda outra vez mais tarde. Neste momento, vou lavar-me e tu vais alimentar-me.

Sim, senhora, disse ele, fazendo um pequeno sorriso.

Retribuí o sorriso, e depois saí do quarto e percorri o corredor em direção à casa de banho. Fechei a porta e fiquei ali parada algum tempo do outro lado, tentando perceber por que razão ainda estava tão preocupada.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

BREE

Voltei ao trabalho no dia seguinte para junto da Maggie, que me deu um abraço gigante, apertando-me com força de encontro aos seus grandes seios enquanto eu me ria e me debatia para respirar, e do Norm, que disse apenas «Olá, Bree», fez-me um raro sorriso e acenou com a cabeça, antes de voltar novamente a dar atenção à grelha onde estava a virar panquecas. Por alguma razão, tanto o abraço gigante como o aceno de cabeça me encheram igualmente de carinho. Eu estava em casa.

Enquanto trabalhava, ia conversando com as pessoas que já conhecia, andando facilmente pelo *snack-bar*, entregando a comida e atendendo os clientes.

Também pensei no Archer durante o trabalho, considerando como devia ser difícil para ele apegar-se a outra pessoa. Tinha percebido isso antes de partir para o Ohio, mas não me dera conta da extensão do problema até agora. Eu amava-o e faria o que fosse necessário para o tranquilizar de que não iria a lugar nenhum. Mas também compreendia o seu dilema. E percebia que ele se sentia frágil por eu saber o quanto dependia de mim.

O Archer tinha agido comigo quase com timidez no dia anterior; desviava os olhos dos meus ao ver-me a observá-lo quando arrumámos a sala juntos. Apanhei o livro *Ethan Frome* do chão quando reconheci o título, e abri-o para ler uma passagem, levando a mão ao peito e fingindo um sussurro sofrido e ofegante: «Quero estender a mão e tocar-te. Quero ajudar-te e cuidar de ti. Quero estar presente quando estiveres doente e sozinho.» Fiz uma pausa, e deixei a mão cair do peito. Baixei o livro e levantei as mãos para dizer: *Isto foi bonito.*

Ele sorria e disse apenas: *Acho que, se não fosse bonito, a tragédia não seria triste.*

Mas depois voltara ao silêncio, parecendo quase envergonhado perto de mim. Tentei que se descontraísse um pouco, brincando e agindo de forma

completamente normal, mas ele ainda estava um pouco retraído, mesmo quando lhe dei um beijo de despedida naquela noite, peguei na *Phoebe* e fui para casa desfazer as malas e preparar-me para o dia seguinte. Supus que levasse um ou dois dias a sentir-se melhor.

Nos dias seguintes, ele voltou ao seu estado normal; a única diferença que eu ainda podia ver era uma intensidade maior quando fazia amor comigo que não existia antes. Era como se estivesse a tentar fundir-nos numa única pessoa. Ele era quase rude na sua paixão. Na verdade, não me importava; afinal, gostava de todas as facetas da sua personalidade íntima. Mas não conseguia explicar bem a mudança, e ansiava para que ele desabafasse comigo e me contasse o que estava a sentir. Quando lhe perguntei, contudo, ele encolheu os ombros e sorriu, dizendo que tivera muitas saudades minhas enquanto eu estivera fora, e que estava a tentar compensar o tempo perdido. Eu não acreditei, mas, como sempre, o Archer Hale apareceria quando estivesse pronto e nem um momento antes. Eu tinha aprendido rapidamente – de nada adiantava pressioná-lo; era preciso esperar que ele confiasse em mim o suficiente para se abrir, mais cedo ou mais tarde, à sua maneira calma. Pensei que seria por ele gostar de compreender as próprias emoções antes de partilhá-las comigo, e ele não sabia muito bem em que pé estavam as suas emoções naquele momento.

* * *

Quatro dias depois de eu voltar do Ohio, bati à porta da Anne e ela abriu ainda de roupão.

– Oh, Bree, querida! – exclamou, franqueando a porta. – Tens de me desculpar. Hoje estou num dia de preguiça... tenho andado tão cansada nesta última semana. – Abanou a cabeça. – Envelhecer é muito chato, digo-te.

Sorri e entrei na sua casa aconchegante e agradável. Como sempre, o cheiro reconfortante a eucalipto pairava no ar.

– A Anne? Velha? – Abanei a cabeça. – Nem de perto.

Ela deu uma gargalhada e piscou os olhos.

– Sabe mentir bem, mas hoje estou a sentir-me velha como as montanhas. Talvez esteja a chocar alguma. – Voltou a menear a cabeça e fez sinal para me sentar no sofá. Estendi-lhe uma pequena caixa de tarte que tinha trazido.

– Fiz-lhe uma tarte de maçã – exclamei. – Ando a fazer alguns doces e estou a adorar.

– Oh! Que querida! A fazer bolos outra vez... que maravilha. – Aceitou a tarte, sorrindo. – Vou comer mais tarde, com o chá. Por falar nisso, quer uma chávena?

Neguei com a cabeça, dei alguns passos até ao sofá e sentei-me.

– Não. Na verdade, só posso ficar um pouco. Vou ter com o Archer e vamos visitar umas grutas de que ele me falou.

A Anne anuiu e pousou a caixa da tarte na mesa de centro, sentando-se no sofá mais pequeno, à esquerda de onde eu estava.

– As grutas Pelion. Vai gostar. Tem cascatas... uma maravilha. Fui até lá algumas vezes com o Bill.

– Parece ser lindo.

– E são, e a viagem de carro também é linda, agora que as folhas estão a mudar.

Sorri.

– Será um dia bem passado. Bem precisamos – acrescentei, com um suspiro.

A Anne ficou em silêncio por um instante.

– O Archer mencionou que lhe fiz uma visita enquanto estava no Ohio?

– Não – respondi, surpreendida. – Foi até lá?

Ela aquiesceu.

– Esse menino não me sai do pensamento desde que me perguntou sobre o pai e os tios dele. Deveria ter ido visitá-lo há anos. – A Anne suspirou e abanou a cabeça. – Levei-lhe uns *muffins*... usei os últimos mirtilos que tinha congelado. – Acenou com a mão, descartando o último comentário. – De qualquer forma, ele pareceu... desconfiado no início, e não posso dizer que o culpe por isso, mas falei com ele e pouco depois já ficou mais à vontade... até me convidou para entrar em casa. Não fazia ideia de que a propriedade dele era tão linda. Disse-lhe isso e ele pareceu ficar orgulhoso.

Assenti, sentindo uma inexplicável vontade de chorar.

– Ele trabalha arduamente – afirmei.

– Sim, é verdade. – A Anne observou-me por um momento. – Conte-lhe algumas coisas de que me lembrava sobre a Alyssa, a mãe dele, e ele também gostou.

Inclinei a cabeça, querendo que ela prosseguisse.

– Falei sobre si e esse foi o assunto de que ele mais gostou, dava para perceber pela sua expressão. – A Anne fez um sorriso suave. – A expressão do Archer quando mencionei o seu nome... oh, Bree, querida... nunca tinha visto o coração de alguém tão exposto. – Os olhos dela iluminaram-se. – Fez-me lembrar o modo como o Bill costumava olhar para mim. – Ela sorriu outra vez e eu também, sentindo o coração acelerar um pouco.

– Ele ama-a, querida.

Anuí, baixando os olhos para as mãos.

– Sim, eu também o amo. – Mordi o lábio. – Infelizmente, para o Archer, acho que o amor é um pouco complicado.

A Anne esboçou um sorriso triste.

– Agora que sei mais sobre a vida que o Archer teve, penso que amá-la parece algo muito arriscado.

Assenti, com os olhos cheios de lágrimas. Conte-lhe o que tinha acontecido quando voltei do Ohio, e ela ouviu-me com uma expressão triste no rosto.

– O que devo fazer, Anne? – perguntei, quando concluí.

– Acho que o melhor que pode fazer pelo Archer... – Ela parou a meio da frase, os olhos com uma expressão assustada, e levou a mão ao peito.

– Anne! – exclamei, saltando do sofá e correndo até ela. A Anne arfava agora e caíra para trás no sofá. – Oh, meu Deus! Anne! – Tirei o telemóvel do bolso da camisola e liguei para o 112 com as mãos a tremer.

Dei a morada à telefonista e disse-lhe que achava que a minha vizinha estava a ter um ataque cardíaco, e a mulher do outro lado da linha garantiu-me que a ambulância já vinha a caminho.

Voltei para junto da Anne, assegurando-lhe que a ambulância já estava a caminho. Ela continuou agarrada ao peito, mas com os olhos focados em mim, e pensei que compreendia o que eu dizia.

Oh, Deus!, pensei. E se eu não estivesse ali?

A ambulância chiou na nossa pequena rua, dez longos minutos depois, e as lágrimas corriam-me pelo rosto enquanto observava os paramédicos a tratarem da Anne, deitada no sofá. Respirei fundo, a tremer, tentando controlar o coração acelerado.

– Ela vai ficar bem? – perguntei a um dos paramédicos, quando entraram com uma maca para a transportar. Ela estava com uma máscara de oxigénio e já parecia ligeiramente melhor; um pouco de cor já voltara às suas bochechas.

– Parece bem – respondeu ele. – Está consciente e chegámos a tempo.

– OK – assenti, colocando os braços à volta do meu corpo. – Ela não tem família. Posso ir ter com vocês ao hospital?

– Pode vir na ambulância com ela.

– Oh! OK. Sim, por favor, se puder – retorqui, seguindo-os até ao exterior e fechando a porta da casa da Anne atrás de nós.

Enquanto me dirigia para a ambulância, olhei para a direita e vi o Archer a correr na minha direção, com uma expressão que só poderia ser descrita como desvairada. O meu coração afundou-se no peito. Oh, meu Deus, tinha vindo a correr até aqui – deve ter ouvido as sirenes da ambulância desde a sua casa. Fui rapidamente ao seu encontro. Ele estacou no momento em que me viu, sem se aproximar mais, os olhos arregalados e fixos, os punhos cerrados. Corri os últimos metros que nos separavam e disse:

– Archer! A Anne teve um ataque cardíaco! Ela está bem, acho eu, mas vou acompanhá-la ao hospital. Está tudo bem. Eu estou bem.

Ele levou as mãos à cabeça e cerrou os dentes, parecendo que estava a lutar para controlar alguma coisa. Depois caminhou num círculo lento e então virou-se para mim, assentindo com a cabeça uma vez, a mesma expressão tresloucada nos olhos, mas não no rosto, que agora estava estranhamente vazio.

– Irei ter contigo assim que tiver a certeza de que ela está bem – exclamei. Olhei de relance para trás e vi que as rodas traseiras da maca estavam a desaparecer dentro da ambulância. Comecei a girar o corpo. – Apanho um táxi de lá para tua casa.

O Archer aquiesceu, de rosto inexpressivo, e depois virou-se sem dizer uma palavra, e afastou-se.

Hesitei apenas um segundo antes de correr até à ambulância. Consegui entrar pouco antes de eles fecharem as portas.

* * *

Permaneci no hospital até ter certeza de que a Anne ficaria bem. Quando o médico apareceu, por fim, disse-me que ela estava estável, a dormir, e que a tinha avisado de que eu estava ali. Também tinham ligado à sua irmã, cujo número a própria Anne lhes dera ao chegar, e ela chegaria a Pelion pela manhã. Isso fez-me sentir muito melhor e, quando finalmente chamei um táxi, foi como se me tivesse saído um peso dos ombros.

Contudo, estava preocupada com o Archer. Tinha-lhe enviado uma mensagem assim que chegara no hospital, e outra depois de o médico conversar comigo, mas ele não tinha respondido. Estava ansiosa para o ver.

Mordi o lábio durante os trinta minutos que demorou a viagem de táxi até ao meu chalé. Tinha dito ao Archer que iria diretamente para casa dele, mas queria ir buscar a *Phoebe* antes. Certamente ele já se teria acalmado. O Archer sabia que eu estava bem, mesmo que o susto inicial o tivesse afetado. Mas não sabia por que motivo ele não tinha respondido às minhas mensagens, e isso deixava-me com um nó no estômago.

Paguei ao motorista e saí do táxi, apressando-me em direção ao chalé e chamando a *Phoebe*, que veio a correr, as suas unhas a fazer barulho no chão de madeira.

Parei junto ao portão do Archer alguns minutos depois e eu e a *Phoebe* entrámos. Avançámos até à porta e bati suavemente antes de abrir e pousar a *Phoebe* no chão. Tinha começado a choviscar e as nuvens cinzentas escureciam o céu.

A casa estava escura, à exceção de um candeeiro de pé aceso num dos cantos da divisão. O Archer estava sentado numa poltrona no canto oposto da sala. A princípio não o vi, e quando reparei nele, assustei-me e levei a mão ao peito, respirando fundo. A expressão dele era sombria, retraída. Fui ter com ele de imediato e ajoelhei-me aos seus pés, pousando a cabeça no seu colo e suspirei.

Alguns segundos depois, quando percebi que ele iria manter-se imóvel, levantei os olhos para ele com uma expressão indagadora.

Como está a Anne?, perguntou-me.

Levantei as mãos. *Vai ficar bem. A irmã dela chega amanhã de manhã. Suspirei. Lamento muito que este episódio te tenha assustado. Não queria deixar-te ali, mas também não queria deixar a Anne sozinha.*

O Archer ergueu as mãos. *Compreendo*, disse, de olhos ainda fechados.

Assenti, mordendo o lábio. *Estás bem? Estás aqui sentado a pensar em quê?*

O Archer ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que não iria responder-me, quando finalmente levantou as mãos e gesticulou: *Aquele dia.*

Inclinei a cabeça. *Aquele dia?*, perguntei, confusa.

No dia em que levei um tiro, o meu tio veio buscar-me e à minha mãe para nos levar para longe do meu pai.

Arregalei os olhos, mas não disse uma palavra, fiquei só a observá-lo à espera de que continuasse.

O meu pai estava num bar... supostamente ocupado durante algum tempo. Fez uma pausa, e olhou para trás de mim por um segundo, antes de os seus olhos voltarem a focar-me. Ele nem sempre foi como estava no final. Era divertido e charmoso, quando queria. Mas depois começou a beber e as coisas foram piorando. Batia à minha mãe, acusava-a de coisas que era ele quem fazia.

De qualquer forma, a minha mãe só amava um homem, o meu tio Connor. Eu sabia disso, o meu pai sabia, toda a cidade sabia. E a verdade era que eu também o amava mais.

O Archer voltou a ficar em silêncio por um minuto, de olhos fixos num ponto para lá de mim. Por fim, prosseguiu:

E então, quando ele veio buscar-nos naquele dia e eu soube que era filho dele, e não do Marcus Hale, fiquei feliz. Eu estava feliz.

Baixou os olhos para mim, observando-me com pouca emoção, como se estivesse perdido dentro de si mesmo, escondido. *O meu tio alvejou-me, Bree. O Marcus Hale alvejou-me. Não sei se foi de propósito, ou se a arma simplesmente disparou quando comecei a correr na sua direção cheio de raiva. Mas de qualquer forma, ele disparou e foi isto que aconteceu. Levou a mão ao pescoço e passou-a pela cicatriz.*

Depois gesticulou com a mão para se indicar a si próprio. *Foi isto que aconteceu.*

O meu coração afundou-se.

– Oh, Archer – disse num sussurro. Ele continuou a olhar para mim. Parecia quase entorpecido.

– O que lhes aconteceu a eles? À tua mãe? – perguntei, encarando-o e tentando engolir o nó que ameaçava sufocar-me.

Ele fez uma pausa por um segundo. *O Marcus tinha batido no nosso carro por trás, numa tentativa de nos tirar da estrada. O carro capotou. A minha mãe morreu no acidente. Fechou os olhos por um momento, fazendo uma pausa, antes de prosseguir. Depois de o Marcus me ter alvejado, houve um confronto entre ele e o Connor na estrada. O Archer ficou em silêncio novamente por um minuto, os olhos cor de âmbar inundados de uma tristeza profunda. Dispararam um contra o outro, Bree. Mesmo ali na estrada, sob o céu azul de primavera.*

Senti-me fraca com o horror.

O Archer continuou. *A Tori apareceu e lembro-me vagamente de outro carro chegar pouco depois. A próxima coisa de que me lembro é de acordar*

no hospital.

Um soluço subiu-me pela garganta, mas engoli-o. *Todos estes anos... Abanei a cabeça, incapaz de abarcar o tormento pelo qual ele passara, viveste com isso todos estes anos... sozinho. Oh, Archer.* Respirei fundo, tentando controlar as minhas próprias emoções.

Ele olhou para mim, com a emoção finalmente a surgir nos olhos antes de os desviar outra vez.

Aproximei-me dele e agarrei-lhe a *T-shirt* enquanto deitava a cabeça na sua barriga, as lágrimas a correrem-me silenciosamente pelo rosto, enquanto murmurava sem parar:

– Lamento muito... – Não sabia o que dizer mais em resposta ao peso do terror que um menino tivera de suportar.

Mas finalmente entendi a profundidade da sua dor, do seu trauma, do fardo que carregava consigo. E compreendi o motivo pelo qual a Victoria Hale o odiava. Ela não lhe tirou só a voz, mas também a autoconfiança, o amor-próprio, a sua identidade. Porque o Archer era a personificação do facto de que o seu marido amava profundamente outra mulher, como nunca a amara, e dera àquela mulher não só o seu coração, mas também o seu filho primogénito. E aquele filho tinha o poder de lhe tirar tudo.

Continuei a abraçar o Archer.

Depois do que me pareceu um longo tempo, inclinei-me para trás. *Tu és o proprietário das terras em que se encontra esta cidade. És o filho mais velho do Connor.*

Ele assentiu, sem olhar para mim, não parecendo importar-se nem um pouco com isso.

Não as queres, Archer?, perguntei, limpando as lágrimas do meu rosto molhado.

Ele olhou para mim. *O que diabos faria eu com isso? Não consigo comunicar com ninguém, exceto contigo. Muito menos gerir uma maldita cidade. As pessoas iriam olhar para mim como se eu fosse a piada mais engraçada que já ouviram.*

Abanei a cabeça. *Isso não é verdade. Tu és bom em tudo o que fazes. Na verdade, serias fantástico.*

Não quero, disse ele, o rosto tomado pela angústia. *Deixa o Travis ficar com tudo. Não quero ter nada com isso. Não só sou incapaz, como não mereço. Foi culpa minha. Foi por minha causa que eles morreram naquele dia.*

Recuei, espantada. *Culpa tua? Tu eras apenas um rapazinho. Como é que poderia ter sido culpa tua?*

O Archer olhou para mim, com uma expressão indecifrável no rosto. *A minha mera existência causou a morte deles.*

Retorqui: *As escolhas deles causaram-lhes a morte. Não uma criança de sete anos. Desculpa, mas nunca vais convencer-me de que tens qualquer responsabilidade pelo que aconteceu entre quatro adultos naquele dia.*

Abanei a cabeça com veemência, tentando colocar ênfase nas palavras através dos gestos do que acabara de «dizer».

Ele olhou por cima do meu ombro, de olhos fixos em algo que só ele conseguia ver. Esperei que acabasse.

Costumava pensar que estava amaldiçoado, disse ele, um pequeno sorriso sem humor a curvar-lhe os cantos da boca, antes de a expressão se transformar num esgar. Levou a mão ao rosto antes de erguer as duas mãos. *Não parecia possível que alguém tivesse de suportar tanta tragédia em apenas uma vida. Mas depois percebi que provavelmente não estava amaldiçoado, mas estava, sim, a ser punido.*

Tornei a negar com a cabeça. *Isso não funciona assim.*

Os olhos dele encontraram os meus e deixei escapar um suspiro. *Também já pensei assim, Archer. Mas... percebi que, se realmente acreditasse nisso, teria de acreditar também que o meu pai merecia ser morto a tiro na sua própria pastelaria, e sei que isso não é verdade.* Fiz uma pausa, tentando recordar-me como tinha sido pensar que também fora amaldiçoada. *As coisas más não acontecem às pessoas porque elas merecem. Não é assim que funciona. É só... a vida. E não importa quem somos, temos de lidar com a sorte que nos cabe, por pior que seja, e dar o nosso melhor para seguir em frente de qualquer maneira, amar de qualquer maneira, ter esperança de qualquer maneira... acreditar que há um propósito para a nossa jornada.* Agarrei-lhe as mãos por um momento e depois soltei-as para prosseguir. *E tentar acreditar que talvez brilhe mais luz de quem possui as maiores feridas.*

O Archer continuou a estudar-me durante vários segundos antes de erguer as mãos e dizer: *Não sei se consigo. Estou a esforçar-me, mas não sei se consigo.*

Tu consegues, afirmei, os meus gestos mais largos para dar mais ênfase. *Tu consegues.*

Ele fez uma pausa antes de dizer: *Tudo parece muito confuso.* Passou a mão pelo cabelo curto. *Não consigo dar sentido a tudo isto – o meu passado, a minha vida, o meu amor por ti.*

Olhei para ele por um minuto, observando as emoções a atravessarem-lhe o rosto. Passado um segundo, ergui as mãos. *Não me lembro muito bem da minha mãe.* Abanei ligeiramente a cabeça. *Ela morreu de cancro e eu era muito nova na altura.* Humedeci os lábios, fazendo uma pausa. *Mas lembro-me dela a fazer ponto de cruz – pequenos desenhos bordados.*

O Archer observava as minhas mãos, e olhava-me de relance para o rosto entre as palavras.

De qualquer modo, uma vez peguei num dos seus bordados que parecia feio – desalinhado, com nós e pontos irregulares pendurados por toda a parte. Eu mal conseguia identificar o que a imagem representava. Mantive os olhos fixos no Archer e apertei-lhe a mão rapidamente antes de voltar a falar:

Então, a minha mãe apareceu, tirou-me o pedaço de tecido das mãos e virou-o. E ali estava uma obra de arte. Suspirei e sorri. *Ela gostava de*

pássaros. Lembro-me da imagem... era um ninho cheio de crias, a mãe tinha acabado de regressar. Fiz uma pausa para refletir. Às vezes, penso naqueles pedacinhos de tecido, quando a vida me parece confusa e difícil de entender, tento fechar os olhos e acreditar que, embora não consiga ver o outro lado naquele momento, e o lado que estou a ver seja feio e confuso, há uma obra-prima por trás de tantos nós e fios soltos. Tento acreditar que algo bonito pode resultar de algo feio, e que chegará o momento em que conseguirei ver o que é. Tu ajudaste-me a ver a minha própria imagem, Archer. Deixa-me ajudar-te a ver a tua.

O Archer fitou-me, mas não disse nada. Limitou-se a puxar-me com delicadeza, aninhou-me no colo, contra o seu corpo, apertando-me com força, a sua respiração quente na dobra do meu pescoço.

Ficámos assim durante alguns minutos, até eu lhe sussurrar ao ouvido:

– Estou tão cansada. Sei é que cedo, mas leva-me para a cama, Archer. Abraça-me. Deixa-me abraçar-te.

Levantámo-nos e fomos para o quarto, onde nos despimos devagar e deitámo-nos por baixo dos lençóis. Ele puxou-me para junto dele e segurou-me com força, mas não tentou fazer amor comigo. Parecia melhor, mas ainda distante, como se estivesse perdido em algum lugar dentro de si mesmo.

– Obrigada por me teres contado a tua história – sussurrei na escuridão.

O Archer apenas assentiu com a cabeça e puxou-me para mais perto.

CAPÍTULO TRINTA

BREE

No dia seguinte realizava-se o Desfile Comemorativo da Polícia de Pelion. Fiquei na janela do *snack-bar*, a assistir distraída aos carros e carrinhas a passarem, as pessoas aglomeradas nos passeios a acenarem com bandeiras. Sentia-me dormente, abatida e pesarosa.

Não tinha dormido muito bem. Sentira o Archer às voltas na cama a maior parte da noite. Quando lhe perguntei de manhã se não tinha conseguido dormir, ele apenas assentiu, sem dar mais explicações.

Não falou muito enquanto tomávamos o pequeno-almoço juntos, e eu me preparava para ir a casa buscar a farda e deixar a *Phoebe*. Ele parecia imerso em pensamentos, ainda perdido dentro da própria cabeça, mas quando saí, puxou-me para si com força.

– Archer, querido, fala comigo – pedi, sem me importar de chegar tarde ao trabalho por causa disso.

Ele apenas abanou a cabeça, oferecendo-me um sorriso que não chegou aos olhos, e disse-me que me veria depois do trabalho e que então conversaríamos.

Agora ali estava eu, à janela, preocupada. O *snack-bar* encontrava-se quase vazio, já que toda a cidade tinha ido assistir ao desfile, e assim tive alguns minutos para me perder nos meus pensamentos, sem interrupções.

Vi as antigas viaturas da polícia passarem, a multidão a gritar entusiasmada, e senti a amargura a invadir-me. O Archer devia estar ali. O Archer devia estar no jantar em memória do seu pai. E nem sequer tinha sido convidado.

Qual era o problema desta cidade? A Victoria Hale, a cabra malvada, era ela o problema da cidade. Como é que alguém como ela conseguia viver consigo mesma? Ela arruinara tantas vidas... e tudo isso para quê? Dinheiro? Prestígio? Poder? Orgulho? Só pelo prazer de vencer?

E agora a cidade inteira curvava-se perante ela com medo das

repercussões.

Enquanto estava ali parada, a pensar em tudo o que o Archer me tinha contado na noite passada, sentia o estômago a revirar-se e tinha a sensação de que ia vomitar. A realidade de como deve ter sido para um menino de sete anos assistir a tudo naquele dia era revoltante, horrível. Queria voltar atrás no tempo e segurá-lo nos meus braços, confortá-lo, fazer com que tudo desaparecesse. Mas não podia, e isso magoava-me.

Fui arrancada aos meus pensamentos pelo telemóvel a vibrar no bolso da farda. Tirei-o rapidamente e vi que era uma chamada do Ohio. Voltei para o balcão, onde alguns clientes estavam sentados, mas passei por eles e fiquei junto à mesa de descanso, enquanto atendia a chamada.

– Olá – disse em voz baixa.

– Bree, olá, daqui fala o detetive McIntyre. Estou a ligar porque tenho novidades.

Olhei de relance para o balcão e vi que todos os clientes pareciam estar servidos, e virei-me de costas. Ouvi ao longe a sineta da porta a tocar, mas não me virei. A Maggie podia atender os novos clientes até eu terminar a chamada.

– Tem novidades, detetive?

– Sim, fizemos uma detenção.

Sustive a respiração.

– Fizeram uma detenção? – sussurrei.

– Sim. O nome dele é Jeffrey Perkins. É o homem que identificou. Detivemo-lo para interrogatório e as impressões digitais correspondem às que encontrámos no local do crime. Ele pediu advogado, por isso não vai falar. O pai é dono de uma grande empresa aqui na cidade, das maiores do país.

Fiz uma pausa, mordendo o lábio.

– Jeffrey Perkins? – perguntei. – O pai dele é o Louis Perkins, não é? – inquiri, fechando os olhos, reconhecendo o apelido do homem que era dono de uma das maiores companhias de seguros em Cincinnati.

O detetive fez uma pausa.

– Sim.

– Porque é que alguém como o Jeffrey Perkins roubaria uma pequena loja? – perguntei, estupefacta.

– Gostaria de poder responder-lhe a isso – disse ele. – O meu melhor palpite é que está relacionado com drogas.

– Humm – disse, recordando os olhos brilhantes, as pupilas dilatadas e os tremores do Jeffrey. Ele estava drogado, com toda a certeza. Rapaz rico viciado em drogas? Estremeci e abanei a cabeça, forçando-me a voltar ao presente.

– O que acontece agora, detetive?

– Ele saiu sob fiança. O processo-crime será daqui a alguns meses, portanto teremos de esperar.

Voltei a ficar em silêncio.

– Libertado sob fiança. Por isso, teremos de continuar a aguardar... – suspirei.

– Eu sei. É difícil. Mas, Bree, temos provas muito fortes contra ele. E com a sua identificação, estou otimista.

Respirei fundo.

– Muito obrigada, detetive. Por favor, mantenha-me a par de qualquer outra informação que possa obter.

– Claro que sim. Tenha um bom dia.

– O senhor também, detetive. Adeus.

Desliguei e permaneci de costas para o *snack-bar* mais um minuto. Eram boas notícias, então porque é que não sentia a felicidade e o alívio que deveria sentir? Fiquei a morder a unha do polegar, tentando entender as minhas emoções. Por fim, respirei fundo e virei-me. A Victoria Hale e o Travis Hale estavam sentados na ponta do balcão, mesmo à direita de onde eu me encontrava.

Arregalei os olhos e percebi o olhar gelado da Victoria e depois a testa franzida do Travis.

Girei nos calcanhares e disse:

– Maggie, estou a fazer uma pausa. Não me sinto muito bem.

A Maggie virou-se para mim com uma expressão preocupada.

– OK, querida – respondeu ela enquanto eu me apressei a ir para as traseiras e fiquei lá até o Travis e a Tori saírem do *snack-bar*.

Eles ficaram apenas uns dez minutos... presumivelmente para tomar uma bebida quente, e logo depois de terem saído, estava eu a limpar uma mesa junto à janela quando avistei o Archer do outro lado da rua. O meu coração acelerou.

– Maggie! – gritei. – Volto já!

– Tudo bem – ouvi a Maggie dizer, confusa, da mesa de descanso onde estava sentada a ler uma revista. Ela devia estar a perguntar-se o que se passaria comigo hoje.

Fui até à porta da frente e chamei o Archer. Ele estava parado no passeio do outro lado da rua, a ver os carros-patrolha passarem, com uma expressão tensa no rosto. Estaria a pensar no mesmo que eu?

Estava prestes a sair do passeio quando uma mão me agarrou no braço. Parei e virei-me; era o Travis. Olhei para a esquerda dele e vi a Victoria Hale ali parada, tentando fingir que eu não existia, de olhos focados apenas no desfile à sua frente, de sorriso falso no rosto e nariz empinado.

Olhei sobre o ombro para o Archer, que agora atravessava a rua na nossa direção.

– Tenho de ir, Travis – disse, tentando soltar-me.

– Ei, espera – afirmou ele, sem me largar. – Ouvi a tua chamada. Estou preocupado. Só queria...

– Travis, solta-me – disse, de coração acelerado. Esta era a última coisa de que o Archer precisava neste momento.

– Bree, sei que não sou a tua pessoa preferida, mas se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar...

– Larga-me, Travis! – gritei, puxando o braço com força. A multidão ao nosso redor pareceu de súbito ficar em silêncio, os olhos a afastarem-se do desfile e a voltarem-se lentamente na nossa direção.

Antes que conseguisse virar-me, um punho voou em direção ao rosto do Travis e ele caiu com força no chão, um jato de sangue parecendo espirrar em câmara lenta à minha frente. Engoli em seco, assim como a Tori Hale e várias pessoas que estavam ali perto.

Olhei por cima do ombro e vi o Archer parado, a respiração alterada, os olhos arregalados, abrindo e fechando os punhos ao seu lado.

Fitei-o boquiaberta, e voltei o olhar para o Travis, que acabava de se levantar, com os olhos cheios de ódio quando se fixaram no Archer.

– Seu desgraçado – sibilou o Travis, cerrando os dentes.

– Travis! – exclamou a Tori Hale, sem conseguir esconder a expressão de alarme no rosto.

Estendi os braços entre os dois, mas era tarde demais. O Travis desviou-se de mim e atacou o Archer, e os dois caíram ao chão, enquanto as pessoas ofegavam e cambaleavam para trás, algumas tropeçando no passeio, enquanto outras as ajudavam a equilibrar-se.

O Archer deu mais um soco antes de o Travis o virar com força, e as costas do Archer bateram no passeio com um baque estrondoso. Vi que ficou sem ar e cerrou os dentes.

O Travis bateu-lhe, acertando-lhe no maxilar.

Solucei, o medo a varrer-me corpo como um incêndio na floresta.

– Parem! – gritei. – Parem! – O Travis ergueu o punho e estava prestes a acertar outra vez no rosto do Archer. Oh, Deus, ele ia pulverizá-lo no chão, mesmo à frente de toda a gente, à minha frente. Tudo dentro do meu corpo pareceu acelerar, o coração a bater alto nos ouvidos, a pulsação disparada como um foguete.

– Parem! – gritei, a voz a sair embargada por um soluço. – Vocês são irmãos! Parem com isso!

O tempo pareceu congelar, quando o punho do Travis se suspendeu no ar e os olhos do Archer voaram para mim. Ouvi a Tori inspirar bruscamente.

– Vocês são irmãos – repeti, com lágrimas a cair-me pelo rosto. – Por favor, não façam isso. O dia de hoje é em honra do vosso pai. Ele não iria querer isso. Por favor, parem.

O Travis empurrou o peito do Archer, mas saiu de cima dele e levantou-se. O Archer também se levantou rapidamente, esfregando o maxilar e olhando em volta, para as pessoas que observavam, boquiabertas. A expressão no seu rosto era uma mistura de confusão, raiva e medo, a revezarem-se nos olhos castanho-dourados.

Outro par de olhos castanho-dourados encontrou os meus quando o Travis afastou o Archer do caminho, mas sem muita força.

– Não somos irmãos. Somos primos – exclamou o Travis, olhando para mim como se eu fosse maluca.

Abanei a cabeça, de olhos fixos no Archer, que não estava a olhar para mim.

– Desculpa, Archer – proferi. – Não devia ter dito isto. Desculpa – sussurrei. – Gostaria de poder voltar atrás.

– Mas que merda é esta? – perguntou o Travis.

– Vamos embora! – guinchou a Tori Hale para o Travis. – Ele é um animal! – cuspiu, apontando para o Archer. – Eles são loucos, os dois. Não vou ouvir este absurdo nem mais um segundo. – Ela tentou puxar o braço do Travis, mas ele sacudiu-a com facilidade.

Ele olhou para a mãe com atenção; os seus olhos pareceram registar alguma coisa, pareceu ocorrer uma compreensão.

– Bem, este tipo de coisa é facilmente comprovado com uma simples análise ao sangue – disse o Travis, calmamente, de olhos fixos nos da mãe. A Tori empalideceu e virou a cabeça. O Travis observou-a.

– Oh, meu Deus – disse ele. – É verdade. Tu sabias.

– Não sei nada sobre isso! – disse ela, mas a sua voz soava histérica.

– Já imaginava. – Outra voz emergiu da multidão, e eu virei a cabeça e vi a Amanda Wright a vir na nossa direção. – No momento em que vi os seus olhos fixos em mim, nos braços da sua mãe, pensei nisso. São os olhos do Connor Hale, os olhos do seu pai – sussurrou a Mandy, de olhos postos no Archer. Fechei os olhos e mais lágrimas me correram pelo rosto.

Oh, Deus.

– Chega! – gritou a Tori. – Se não vens embora, vou eu. É do meu marido que estão a falar! E de todos os dias que poderiam escolher para manchar a sua memória... Vocês todos deveriam ter vergonha. – Apontou o dedo ossudo, com a unha pintada de vermelho, a cada um de nós, com aquele mesmo olhar gelado no rosto. Dito isso, virou-se e abriu caminho entre a multidão.

Olhei para o Travis por um breve momento, mas os meus olhos voltaram-se logo para o Archer. Ele olhou para mim uma vez, depois para o Travis e para a Mandy e finalmente para a multidão, que tinha os olhos fixos em nós. O pânico varreu-lhe a expressão, e percebi que as pessoas o encaravam boquiabertas, sussurrando. O meu coração disparou e dei um passo na sua direção, mas ele recuou, os olhos percorrendo outra vez a multidão.

– Archer – disse, estendendo-lhe a mão. Ele virou-se e começou a empurrar para passar pela multidão quase paralisada. Eu estaquei, deixei cair a mão ao lado do corpo e baixei a cabeça.

– Bree? – chamou o Travis, e eu encarei-o furiosa.

– Não – disse entre dentes. Depois, afastei-me dele e corri de volta para o *snack-bar*. A Maggie estava parada à porta.

– Vá atrás dele, querida – disse ela gentilmente, pousando-me a mão no ombro. Ela, obviamente, assistira a tudo. Toda a cidade assistira.

Abanei a cabeça.

– Ele precisa de um tempo – exclamei. Não tinha a certeza de como sabia disso, mas sabia.

– OK – exclamou a Maggie –, mas pelo menos vá para casa. O dia hoje está acabado, de qualquer modo.

Assenti com a cabeça.

– Obrigada, Maggie.

– É claro, querida.

– Vou sair por trás. O meu carro está no beco, por isso consigo sair sem passar pelas ruas bloqueadas.

A Maggie anuiu, a simpatia a brilhar nos seus olhos compassivos.

– Se precisar de alguma coisa, ligue-me – afirmou.

Esbocei um pequeno sorriso.

– Está bem.

Conduzi até casa como se estivesse em piloto automático, sem sequer saber como cheguei lá. Arrastei-me até ao chalé e desabei no sofá, e quando a *Phoebe* me saltou para o colo e desatou a lambê-lo, as lágrimas começaram a cair. Como é que ficara tudo tão caótico em apenas alguns dias?

Tinha a sensação de que o Archer era uma bomba-relógio, pronta a explodir a qualquer momento. Queria ajudá-lo, mas não sabia como. Sentia-me impotente, despreparada. Limpei as lágrimas e fiquei ali algum tempo, tentando encontrar uma solução.

Talvez precisássemos de sair daquela cidade, atirar simplesmente algumas coisas para dentro do carro e ir para um sítio novo. Céus, isso soou-me tão familiar. Não foi exatamente essa a ideia que o Connor Hale também tinha tido? E veja-se como terminara. Nada bem.

E, de qualquer modo, como é que isso faria o Archer sentir-se? Ele já estava a debater-se com o facto de não se considerar um homem de verdade. Como é que se sentiria quando eu conseguisse arranjar um emprego em algum lugar novo e ele tivesse de ficar sentado o dia inteiro dentro de apartamento? Pelo menos aqui tinha a sua propriedade, os seus projetos, a casa, o lago...

Embora, neste momento eu provavelmente tivesse dado cabo de tudo. Desatei a chorar à medida que a culpa tomou conta de mim. Demorara tanto até o Archer se sentir suficientemente confortável para sair de casa, e agora ia querer esconder-se outra vez na sua propriedade – receando que as pessoas ficassem a sussurrar e a observá-lo, julgando a sua deficiência, fazendo-o sentir-se inferior.

Ao fim de algum tempo, levantei-me, cansada, levei a *Phoebe* à rua e depois voltei para dentro e tomei um banho, ainda a recordar mentalmente o que acontecera no desfile. Precisava de ir ter com ele e pedir-lhe desculpa. Não tinha tido intenção de revelar o segredo que ele não queria contar. Mas acabei por fazer isso mesmo. E agora era ele quem teria de viver com as consequências, se as houvesse.

Vesti mais roupa quente, incapaz de afastar o frio que parecia alojar-se

nos meus ossos, e sequei o cabelo devagar.

Deitei-me na cama e deixei a tristeza invadir-me mais uma vez. Sentia-me fraca e não conseguia ver nada de positivo na situação, além do facto de amar o Archer desesperadamente. Pensei que provavelmente se devesse a estar tão cansada. Talvez só precisasse de descansar alguns minutos...

Abri os olhos depois do que pensei terem sido uns minutos e olhei para o relógio. Oh, Deus, tinha dormido duas horas. Levantei-me e alisei o cabelo para trás.

Precisava de ir ter com o Archer. Ele devia estar a perguntar-se porque eu não fora ter com ele de seguida. Ele tinha-se afastado de mim... mas eu dera-lhe algumas horas. Felizmente, agora estaria melhor. *Céus, por favor, não fiques com raiva de mim*, pensei, ao entrar no carro e ligar o motor.

Breves minutos depois, atravessei o portão e desci até casa dele. Bati à porta, girei a maçaneta e fui recebida por um silêncio absoluto. O sol estava a pôr-se do lado de fora da janela, lançando uma luz ténue pela sala à minha frente.

– Archer? – chamei, com uma sensação sinistra a percorrer-me o corpo. Ignorei-a e chamei de novo. – Archer? – Nada.

Foi então que vi a carta com o meu nome escrito pousada na mesa atrás do sofá.

Com as mãos trémulas, peguei nela e desdobrei-a, o medo a envolver-me o corpo.

Bree,

Não te culpes. Não tiveste culpa daquilo que aconteceu hoje no desfile. A culpa foi minha, toda minha.

Vou-me embora, Bree. Vou levar a carrinha do meu tio. Ainda não sei para onde vou, mas preciso de ir para qualquer lado. Preciso de resolver algumas coisas e talvez até aprender um pouco mais sobre quem posso ser no mundo, se é que posso ser alguém. Só de pensar nisso fico com medo, mas ficar aqui, sentindo o que estou a sentir, parece a alternativa mais assustadora. Sei que é difícil entender. Nem eu mesmo compreendo muito bem.

Por duas vezes pensei que te tinha perdido, e a mera possibilidade destruiu-me. Sabes o que eu fiz quando estavas apenas alguns minutos atrasada e ouvi a ambulância a ir na direção da tua casa? Vomitei no relvado e depois fui a correr ter contigo. Quase morri de medo. E a questão é que vai haver sempre alguma coisa, não só uma ambulância, mas um dia em que voltas tarde do trabalho ou um tipo que namorisque contigo, ou... um milhão de cenários diferentes que nem consigo imaginar neste momento. Vai haver sempre alguma coisa que ameaça tirar-te de mim, mesmo que seja algo pequeno, mesmo que só aconteça na minha cabeça. E, eventualmente, isso vai

acabar por nos destruir. Vou começar a magoar-te porque não vais conseguir curar-me... nunca vais conseguir tranquilizar-me o suficiente. Vais acabar por ficar ressentida porque terás de carregar o fardo por nós os dois. Não posso permitir que isso aconteça. Pedi-te que não me deixasses destruir o que temos juntos, mas acho que não sou capaz de fazer outra coisa.

Na noite passada, depois de adormeceres, não consegui parar de pensar na história que me contaste sobre os bordados que a tua mãe costumava fazer. E fiquei a pensar nisso hoje também. Quero muito acreditar que o que disseste é verdade, que alguma coisa bonita pode sair de tanta fealdade e confusão, de tanta dor, de tudo o que me fez ser quem sou. Quero ver o que há do outro lado. Mas acho que, para fazer isso, preciso de ser eu a virá-lo. Preciso de ser eu a dar esses passos. Preciso de ser eu a entender como tudo se conjuga, como tudo faz sentido, como é a minha própria imagem.

Não estou a pedir-te que esperes por mim... nunca seria tão egoísta. Mas, por favor, não me odeies. Nunca, nunca, vou querer magoar-te, mas não sou bom para ti. Não sou bom para ninguém agora e preciso de descobrir se serei capaz de vir a ser.

Por favor, compreende. Por favor, acredita que te amo. Por favor, perdoa-me.

Archer

As minhas mãos tremiam como varas verdes, e as lágrimas corriam-me pelo rosto. Soltei um soluço e deixei cair a carta, levando a mão à boca.

Por baixo da carta estava um molho de chaves, o seu telemóvel e um recibo de um abrigo para cães contratado por tempo indeterminado. Deixei escapar outro soluço e desabei no sofá, o mesmo sofá onde o Archer me embalara ao colo depois de me salvar da armadilha do tio, o mesmo sofá onde me beijara pela primeira vez. Chorei contra a almofada, querendo-o de volta, querendo ouvir os seus passos a entrar pela porta atrás de mim tão desesperadamente que sentia a sua falta em todas as células do meu corpo. Mas a casa permaneceu em silêncio, interrompido apenas pelos sons dos meus soluços abafados.

CAPÍTULO TRINTA E UM

BREE

Os dias arrastavam-se. O meu coração parecia ter-se partido e pesava-me no peito, e as lágrimas eram uma ameaça constante. Tinha tantas saudades dele que na maioria dos dias sentia-me como se estivesse debaixo de água, a olhar para o mundo à minha volta e perguntando-me por que motivo não conseguia conectar-me, porque tudo e todos me pareciam baços, distantes e inacessíveis.

Também estava preocupada... o que estaria ele a fazer? Onde andaria a dormir? Como comunicaria com as pessoas com quem precisava de comunicar? Estaria com medo? Tentei descartar estes pensamentos, já que fora essa uma das razões para ele se ter ido embora. Sentia-se inferior porque dependia tanto de mim no mundo exterior. Ele não disse exatamente isso, mas eu sabia que era verdade. O Archer não queria ter a sensação de que eu era mãe dele, mas sim de que era meu igual, o meu protetor, alguém em quem eu me apoiava às vezes.

Eu compreendia. Ainda ficava destroçada ao saber que a solução que tinha encontrado para o problema era deixar-me. Será que ele iria voltar? *Quando?* E, quando e se voltasse, ainda me amaria?

Eu não sabia. Mas iria esperar. Para sempre, se fosse preciso. Dissera-lhe que nunca o deixaria e era verdade. Estaria ali quando ele voltasse.

Trabalhava, visitava a Anne, que estava em rápida recuperação, dava caminhadas pelas margens do lago, mantinha a casa do Archer limpa e arrumada e sentia saudades dele. Os meus dias passavam devagar, uns atrás dos outros, todos iguais.

A cidade fervilhou de mexericos durante algum tempo e, pelo que soube, depois de o segredo ter sido revelado, ninguém ficou muito surpreendido por o Archer também ser filho do Connor. As pessoas especulavam se o Archer voltaria para exigir o que era dele por direito ou se nunca mais iria regressar. Mas eu não me importava com nada disso. Só o queria a ele.

Surpreendentemente, depois do dia do desfile, tinha havido silêncio absoluto por parte da Victoria Hale. Pensei que talvez isso fosse preocupante – ela não parecia ser o tipo de mulher que aceitava a derrota tranquilamente, mas eu estava a sofrer muito para fazer qualquer coisa a esse respeito. Talvez ela só acreditasse que o Archer não era uma ameaça. E talvez não fosse. O meu coração estava a sofrer.

O Travis tentou conversar comigo várias vezes depois do dia do desfile, mas eu evitava-o e, felizmente, ele não insistia. Não o odiava, mas a verdade era que ele tinha perdido muitas oportunidades de ser uma boa pessoa no que dizia respeito ao Archer. Em vez disso, preferira menosprezar alguém que já enfrentava tantos obstáculos. Eu nunca teria respeito por ele. Ele era irmão do Archer apenas no nome.

O outono transformou-se em inverno. As folhas de cores vibrantes secaram e caíram das árvores, a temperatura desceu acentuadamente e o lago congelou.

Um dia, no final de novembro, várias semanas após a partida do Archer, a Maggie veio ter comigo atrás do balcão onde eu estava a reabastecer produtos e pousou-me a mão no ombro.

– Estás a planear ir a casa passar o Dia de Ação de Graças, querida?

Eu levantei-me e abanei a cabeça.

– Não. Vou ficar cá.

A Maggie olhou-me com uma expressão triste.

– Querida, se ele voltar quando estiveres fora, eu ligo-lhe.

Abanei a cabeça com mais veemência.

– Não, preciso de estar aqui caso ele volte.

– OK, querida – proferiu ela. – Bem, então vais lá a casa passar o Dia de Ação de Graças connosco. A nossa filha e a família dela estarão na cidade. E a Anne e a irmã também virão. Vamos divertir-nos muito.

Sorri para a Maggie.

– Está bem, Maggie. Obrigada.

– Ótimo. – Ela sorriu, mas por algum motivo ainda parecia triste.

O Norm sentou-se comigo à mesa de descanso no fim daquele dia, quando já estávamos a fechar e todos os clientes tinham ido embora. Tinha uma fatia de tarte de abóbora feita por mim à sua frente e deu-lhe uma grande dentada.

– Fazes a melhor tarte de abóbora que já comi – disse ele, e eu comecei a chorar de repente, ali mesmo na mesa, porque sabia que era a maneira de o Norm dizer que me amava.

– Também o amo! – disse eu, entre soluços.

O Norm levantou-se, carrancudo.

– Ai, Jesus. Maggie! – chamou. – A Bree precisa de ti!

Talvez eu estivesse demasiado emotiva...

Novembro deu lugar a dezembro e Pelion teve o seu primeiro nevão. Cobriu tudo, conferindo uma sensação de magia à cidade, fazendo-a parecer ainda mais antiga, como uma daquelas pinturas de Thomas Kinkade.

No dia 2 de dezembro era o aniversário do Archer. Tirei o dia de folga e passei-o em frente à lareira da sua casa, a ler *Ethan Frome*. Não foi a melhor escolha... ele tinha razão, aquele era o livro mais deprimente alguma vez escrito. Mas era o seu dia, e queria sentir-me próxima dele.

– Parabéns, Archer – sussurrei naquela noite, pedindo o meu próprio desejo: *Volta para mim*.

Num sábado com muito frio, cerca de uma semana depois, estava sentada no sofá com a *Phoebe*, uma manta e um livro, quando ouvi baterem à porta. O meu coração saltou no peito, levantei-me rapidamente e espreitei pela janela, com a imagem de um rapaz encharcado a passar-me na mente.

A Melanie estava parada no alpendre, vestia um casaco comprido, um cachecol rosa-choque e um chapéu. O meu coração afundou-se. Adorava a Melanie, mas por um breve segundo permiti-me ter esperança de que fosse o Archer a voltar para mim. Fui abrir-lhe a porta.

– Olá! – A Melanie sorriu.

– Vem para dentro – afirmei, a tremer com a rajada de ar gelado que entrou pela porta aberta.

Ela entrou e fechou a porta atrás de si.

– Vim buscar-te para vermos as iluminações de Natal de Pelion. Vamos, veste-te – ordenou.

Deixei escapar um suspiro.

– Melanie...

Ela abanou a cabeça.

– Não vou aceitar um não como resposta. Recuso-me a deixar que te tornes a louca dos gatos de Pelion.

Ri-me, apesar de tudo.

– A louca dos gatos de Pelion?

– Hum, hum.

Um olhar de tristeza varreu as suas belas feições.

– Ele foi-se embora há mais de dois meses, Bree. E sei que sentes falta dele, sei disso. Mas não vou deixar que fiques sentada nesta casa, a suspirar por ele o dia inteiro. Isso não é saudável. – A sua voz suavizou-se ainda mais. – Ele escolheu ir-se embora, querida. E sei que teve os seus motivos. Mas tu ainda tens uma vida. Ainda tens amigos. Sentes saudades dele, mas por favor, não deixes de viver.

Uma lágrima deslizou-me silenciosamente pelo rosto, e eu limpei-a e funguei. Assenti ao mesmo tempo que outra lágrima descia pela outra bochecha. A Melanie abraçou-me. Passado um minuto, afastou-se.

– Está frio. Vais precisar de te agasalhar. Veste alguma coisa que não tenha pelos de gato.

Deixei escapar uma risada e enxuguei a última lágrima do rosto.

– OK – sussurrei, e fui vestir-me.

Enquanto seguíamos em direção ao centro da cidade, as luzes de Natal brilhavam por toda a parte. Pela primeira vez desde que o Archer partira, senti algo próximo de serenidade ao olhar em volta da pequena cidade que aprendi a amar tanto, repleta de tantas pessoas que agora faziam parte da minha vida.

Encontrámos a Liza no meio da multidão no centro da cidade e sorri mais do que tinha sorrido em dois meses. As duas raparigas deliciaram-me com as histórias dos seus encontros amorosos mais recentes e deram-me o braço quando as luzes da árvore se acenderam por entre aplausos e assobios.

Inspirei o ar gelado de dezembro, olhei para o céu, cheio de estrelas, e sussurrei mentalmente: *Volta para mim*. Uma sensação de paz invadiu-me, e olhei à volta, abraçando as minhas amigas e sorrindo sem nenhum motivo em particular.

* * *

O Natal veio e depois passou. Apesar de a Natalie me ter implorado que voltasse para casa e passasse o fim de ano com ela, recusei o convite e passei-o com a Maggie e o Norm. Sentia-me melhor, tentando viver a minha vida, mas precisava de ficar em Pelion. Precisava de estar em casa, onde o Archer sabia que poderia encontrar-me.

Será que ele estava bem? Fiquei à janela, a olhar para o lago gelado, a neve a cair suavemente, e perguntei-me se ele não teria frio, se teria dinheiro suficiente. Será que aquela velha carrinha ainda funcionaria bem? Será que ele teria tantas saudades minhas como eu tinha dele?

– Volta para mim – sussurrei pela milésima vez desde a sua partida.

Na véspera de Ano Novo, o *snack-bar* ficou aberto só até ao meio-dia. A Melanie e a Liza tinham-me convidado para ir com elas a uma grande festa do outro lado do lago, na casa de um tipo que conheciam e que morava ali o ano inteiro. Eu aceitara, mas agora, enquanto vestia o vestido preto comprado para a ocasião na loja da Mandy, pensei em ligar-lhes a dizer que já não ia. Não estava com espírito para festas. Mas sabia que elas iriam insistir e não aceitariam um não como resposta, então suspirei e continuei a pentear o cabelo e a maquilhar-me.

Demorei algum tempo a prender o cabelo num coque e espalhei a maquilhagem com cuidado. Senti-me bonita pela primeira vez desde que o Archer fora embora e levava com ele o seu olhar de luxúria e adoração, aquele que me fazia sentir a mulher mais desejável do mundo. Fechei os olhos e respirei fundo, tentando engolir o soluço que ameaçava subir pela garganta.

A Liza e a Melanie foram buscar-me às oito e, meia hora depois, chegámos a uma mansão enorme, do outro lado da cidade. Engasguei-me enquanto subíamos pelo longo acesso que levava até à casa.

– Vocês não me disseram que íamos a uma festa na casa de uma estrela de cinema!

– Muito agradável, não é? É do Gage Buchanan. O pai dele é dono de um *resort* aqui. Ele é um bocado idiota, mas dá festas épicas e normalmente somos convidadas porque somos amigas da Lexi, a irmã dele.

Assenti, observando a linda casa iluminada e todos os carros estacionados diante dela. Um arrumador de casaco vermelho abriu-nos as portas quando parámos, e a Melanie entregou-lhe as chaves.

Passámos por uma grande fonte diante da casa e subimos até à porta, onde fomos recebidas por um mordomo que não sorriu, mas fez um gesto com a mão para entrarmos. A Liza riu-se enquanto nos encaminhávamos para o bengaleiro.

O interior da casa era ainda mais impressionante, com uma vasta escadaria a seguir ao *hall* de entrada, muito mármore e candelabros resplandecentes por toda a parte, mobília clássica e sofisticada, grande o suficiente para encher as enormes divisões. Tudo parecia grandioso e exagerado. Senti-me como a Alice no País das Maravilhas enquanto atravessava o imenso *hall*, com grandes retratos na parede e janelas que iam do chão ao teto, cada uma conduzindo a uma varanda individual.

Andámos pela casa e fui absorvendo tudo, enquanto ouvia a conversa da Liza e da Melanie, sem grande entusiasmo.

A casa estava lindamente decorada para a ocasião, com fitas pretas e douradas e balões por toda a parte e mesas cheias de cornetas e confetes para quando o relógio batesse a meia-noite. As pessoas riam e conversavam, mas eu simplesmente não conseguia melhorar a minha disposição. Sentia-me ansiosa e agitada, como se houvesse outro lugar em que precisasse de estar naquele momento, mas não soubesse onde nem porquê. Virei-me num círculo lento, olhando para as pessoas ao meu redor, procurando algo... mas não sabia o quê.

Quando entrámos no salão de baile, uma mulher com uma bandeja aproximou-se e ofereceu-nos uma taça de champanhe. Cada uma de nós pegou numa e eu continuei a olhar em volta, distraída.

– Bree? Terra chama Bree! – disse a Liza. – Onde estás tu?

Sorri, e voltei ao presente.

– Desculpem, este lugar é um pouco sufocante.

– Bem, toca a beber! Ainda temos de ir dançar.

– Está bem – afirmou, tentando afastar a sensação estranha.

Terminámos o champanhe, fomos para a pista de dança, e, enquanto ríamos e dançávamos, o champanhe fez efeito e consegui focar-me no momento presente.

Sámos da pista de dança quando a música mais mexida que estávamos a dançar acabou e começou a tocar uma mais lenta.

– Oh, estão ali o Stephen e o Chris – comentou a Melanie, olhando na direção de dois rapazes parados ao lado da pista, a conversar. Eles avistaram a Liza e a Melanie e fizeram um gesto para que se aproximassem.

Pousei a mão no braço da Melanie.

– Vão falar com eles. Preciso de apanhar um pouco de ar.

A Melanie franziu a testa.

– Tens a certeza? Podemos ir contigo.

Abanei a cabeça.

– Não, não, eu estou bem. Prometo.

Elas hesitaram, mas depois a Melanie disse:

– OK, mas iremos à tua procura se demorares muito tempo. – Sorriu e pestanejou antes de acrescentar: – E se te encontrarmos numa sala vazia a fazer festas a um gato da família, *teremos de intervir*.

Sorri.

– Prometo que não vou demorar.

Saí do salão de baile em direção à varanda maior que tinha visto à chegada e, quando me vi ali fora, respirei profundamente. Estava frio, mas não um frio glacial, e depois de tanta dança, o ar fresco era bem-vindo na minha pele.

Caminhei ao longo da varanda, correndo a mão pelo parapeito de pedra. Ali fora tudo parecia mágico. Grandes árvores em vasos adornados com luzes cintilantes dispostas no exterior da casa e, entre elas, pequenos bancos para duas pessoas. Debrucei-me sobre o parapeito, observando os convidados a conversar e a rir na varanda abaixo, depois endireitei o corpo e fiquei ali durante alguns minutos, a respirar fundo e a olhar para as estrelas.

Tive a estranha impressão de que alguém estava a observar-me. Virei-me num círculo lento, tomada pela mesma sensação que me dominara dentro da casa. Balancei a cabeça ligeiramente e voltei ao momento presente.

Um casal entrou na varanda, os dois a rir enquanto o homem tentava agarrar a mulher e ela o afastava, provocante, antes de o puxar para um beijo.

Desviei o olhar, de coração apertado diante da intimidade entre eles. *Por favor, volta para mim*, disse eu, em silêncio.

Avancei em direção à porta, passando pelo casal, deixando-os na sua privacidade, e tornei a entrar na casa. De volta ao *hall* de entrada, fiquei imóvel por um momento e respirei fundo mais uma vez antes de andar em direção ao salão de baile. Sobressaltei-me quando senti uma mão no meu braço. Sustive a respiração e virei-me devagar. Um homem alto, bonito, de cabelo muito escuro e olhos azuis profundos encontrava-se atrás de mim. Tinha os olhos fixos em mim.

– Vamos dançar? – perguntou simplesmente, e então estendeu a mão, como se o meu sim fosse uma conclusão óbvia.

– Hum... OK – respondi baixinho, soltando a respiração e pegando-lhe na mão.

O homem guiou-me até à pista de dança e parou no meio, puxando-me para ele.

– Como se chama? – sussurrou com a voz grave e sedosa.

Inclinei a cabeça para trás, fitando os seus olhos azuis.

– Bree Prescott.

– Prazer em conhecê-la, Bree Prescott. Sou o Gage Buchanan.

– Ah, esta casa é sua! Obrigada por me receber. Sou amiga da Liza e da Melanie Scholl. A sua casa é linda.

O Gage sorriu, e depois girou-me sem esforço, movendo o corpo com fluidez ao som da música. Era fácil acompanhá-lo, embora devesse admitir que eu não era boa dançarina.

– E porque é que ainda não nos tínhamos conhecido antes? É difícil acreditar que uma rapariga linda como a Bree não tenha sido o assunto da cidade. Eu teria feito questão.

Ri-me e inclinei-me para trás um pouco.

– Moro em Pelion – disse. – Talvez... – Parei de falar abruptamente quando a conversa alta em redor pareceu cessar e tornar-se apenas um murmúrio baixo que percorria a multidão. A música, *In My Veins*, pareceu subir de volume e as vozes à nossa volta esmoreceram. O Gage parou de dançar e eu também, enquanto olhávamos ao redor, confusos.

E foi quando o vi. Parado na ponta da pista de dança, os maravilhosos olhos cor de *whisky* fixos em mim, a expressão indecifrável.

O meu coração subiu até à garganta, e soltei um arquejo alto e levei as mãos à boca, sentindo a mais pura felicidade invadir cada célula do meu corpo. Ele parecia um deus ali parado, de alguma forma parecendo ainda mais alto, maior, como se agora tivesse uma autoridade que não antes não possuía, mas mantendo nos olhos a mesma beleza e bondade. Pestanejei, hipnotizada.

O cabelo escuro estava mais comprido, encaracolado sobre o colarinho, e vestia um fato preto e gravata e uma camisa de cor clara. Os ombros pareciam ainda mais largos, o corpo maior, a beleza mais intensa. Absorvi-por inteiro, com o coração a bater três vezes mais rápido.

Reparei vagamente que as pessoas nos observavam quando dei um passo na sua direção e ele avançou na minha como ímanes atraídos pela força de algo que nenhum de nós controlava. Ouvei uma senhora na multidão murmurar:

– É a cara chapada de Connor Hale, não é? – A sua voz baixa, sonhadora.

As pessoas na pista de dança afastaram-se para lhe abrir espaço e então eu fiquei parada, à espera. As luzes piscavam à minha volta e a música subiu de volume quando o Archer chegou até mim e olhou para um ponto à minha direita.

Senti uma mão no braço e, quando desviei os olhos do Archer e olhei para cima, o Gage, que eu tinha esquecido que estava ali, sorriu e inclinou-se, sussurrando:

– De repente, tornou-se óbvio que já está comprometida. Prazer em conhecê-la, Bree Prescott.

Suspirei e sorri para ele também.

– Prazer em conhecê-lo também, Gage. – Parecia que o Gage Buchanan era mais simpático do que a Liza e a Melanie consideravam. Ele acenou com

a cabeça ao Archer e afastou-se, desaparecendo na multidão.

Voltei a fitar o Archer e, por um longo momento, não fizemos nada além de olharmos um para o outro antes de eu levantar as mãos e gesticular: *Estás aqui*, as lágrimas a brotar-me dos olhos, a alegria a envolver-me.

Ele suspirou, uma expressão carinhosa enquanto também levantava as mãos: *Estou aqui por tua causa*, disse. E foi então que o seu rosto se abriu no sorriso mais lindo que eu já vira na vida e me atirei para os braços dele, chorando e ofegando contra o seu pescoço, abraçando-o com força, agarrada ao homem que amava.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

ARCHER

Abracei-a com força, inspirando o seu perfume delicioso e calmante, o meu coração em êxtase com o doce alívio de ter o peso dela nos meus braços. A minha Bree. Senti tanto a sua falta que pensei que morreria naquelas primeiras semanas. Mas não morreria. Tinha tanta coisa para lhe contar, tanto para partilhar com ela.

Inclinei-me para trás, fitando os seus olhos cor de esmeralda, as sardas douradas que eu tanto amava, ainda mais brilhantes sob as lágrimas. Ela estava belíssima. E pedia a Deus para que ainda fosse minha.

Eu realmente não sei dançar, afirmei, incapaz de afastar os olhos dela.

Ela suspirou e sorriu brevemente. *Também não sou muito boa nisso*. Tomei-a nos braços assim mesmo e segurei-a de encontro ao meu corpo enquanto começámos a balançar ao som da música. Resolveríamos isso.

Passei a mão pela pele nua das suas costas e ela estremeceu nos meus braços. Ambos observámos enquanto usava os dedos da outra mão para os entrelaçar nos dela, e os meus olhos moveram-se rapidamente para o seu rosto. Ela engoliu em seco, os lábios entreabertos quando encontrou o meu olhar.

Aproximei-a de mim e pressionei o corpo dela contra o meu, sentindo a serenidade invadir-me.

Quando a música terminou, a Bree perguntou: *Isto está mesmo a acontecer?*

Sorri-lhe. *Não sei. Acho que sim. Mas parece um sonho*.

Ela deu uma pequena gargalhada. *Como é que soubeste que eu estava aqui?*

Fui até à tua casa, respondi. *A Anne viu-me e disse-me onde estavas*.

A Bree ergueu a mão e pousou-a no meu rosto, como se quisesse certificar-se de que eu estava realmente ali, e eu fechei os olhos e apoiei o rosto na mão dela. Passado um segundo, ela baixou a mão e disse: *Onde é que*

estiveste, Archer? O que andaste...?

Envolvi-lhe as mãos com as minhas, interrompendo-a, e ela pestanejou, surpreendida. Soltei-a e ergui as mãos. *Tenho tanto para te contar, tanta coisa sobre o qual temos de conversar.*

Ainda me amas?, perguntou ela, e os seus olhos vulneráveis pestanejaram mais uma vez, cheios de lágrimas. O coração dela estava ali totalmente exposto na sua expressão, e eu amava-a intensamente, sentia esse amor nos meus ossos.

Nunca vou deixar de te amar, Bree, disse, esperando que ela pudesse ver nos meus olhos que era a verdade da minha alma.

Ela estudou-me o rosto por alguns segundos, depois concentrou-se no meu peito enquanto dizia: *Tu deixaste-me.*

Tive de o fazer, respondi.

Os seus olhos percorreram o meu rosto, examinando-me atentamente. *Leva-me para casa, Archer*, pediu-me, e não precisou de o dizer duas vezes. Dei-lhe a mão e comecei a movimentar-me por entre a multidão de cuja existência me tinha esquecido.

Quando saímos para o ar frio da noite, a Bree disse:

– Espera, a Melanie e a Liza...

Elas viram-me, gesticulei. *Vão saber que saíste comigo.*

Ela assentiu.

O arrumador trouxe-me a carrinha, que parecia completamente deslocada entre carros como *BMW* e *Audi*. Mas tudo bem. Eu tinha a Bree Prescott nos meus braços, e pretendia mantê-la ali.

Sorri-lhe quando liguei a carrinha. Quando estava a afastar-me, o tubo de escape deu um estouro, fazendo com que as pessoas ali à volta se assustassem e gritassem, e uma mulher que usava uma estola de pele se atirasse ao chão. Devem ter pensado que alguém começara aos tiros. Fiz um esgar e acenei-lhes com a mão, pedindo desculpa.

Enquanto nos afastávamos, olhei para a Bree, que mordida o lábio, tentando obviamente conter o riso. Fitámo-nos, e então voltámos a olhar em frente. Alguns segundos depois, ela olhou de novo para mim, deitou a cabeça para trás e começou a dar gargalhadas. Arregalei os olhos, mas não consegui conter-me e também me ri, enquanto tentava prestar atenção à estrada.

Ela riu tanto que as lágrimas lhe rolavam pelo rosto, e eu segurava o peito, tentando controlar a alegria que parecia ter-nos dominado.

Passados alguns segundos, olhei-lhe de relance para o rosto e vi que as gargalhadas tinham dado lugar a um acesso de lágrimas. Parei de rir e fiquei a olhar para ela, nervoso, perguntando-me que diabo tinha acontecido.

Pousei-lhe a mão na perna e ela afastou-ma, chorando ainda mais intensamente, parecendo estar com dificuldade em recuperar o fôlego. Senti uma onda de pânico. O que estava a acontecer? Eu não sabia o que fazer.

– Estiveste fora durante três meses, Archer. Três meses! – exclamou, engasgada, a voz a falhar na última palavra. – Não me escreveste. Não levaste

o telemóvel. Eu nem sabia se estavas vivo. Não sabia se passavas frio. Não sabia se comunicavas com quem precisavas de comunicar. – Deixou escapar outro soluço.

Saí da estrada e entrei num caminho de terra batida perto da margem de um rio. Virei-me para a Bree assim que ela abriu a porta da carrinha e saltou para fora, andando rapidamente pela beira da estrada no seu vestido preto. Que diabo estava ela a fazer? Saí também da carrinha e corri para a alcançar, enquanto a Bree cambaleava à minha frente com os seus saltos altos.

A Lua, grande e cheia acima de nós, iluminava a noite, permitindo que a visse claramente à minha frente.

Quando por fim a alcancei, agarrei-a pelo braço, ela parou e virou-se para mim, as lágrimas ainda a escorrer pelo rosto. *Não fujas de mim, pedi. Eu não podia ligar-te. Por favor, não fujas de mim.*

– Tu fugiste de *mim*! – acusou ela. – Fugiste de mim e eu morri um pouco a cada dia! Nem sequer me avisaste que estavas em segurança! Porquê?

A voz dela quebrou na última palavra, e senti o coração apertado no peito. *Eu não podia, Bree. Se tivesse escrito ou entrado em contacto contigo, não teria conseguido afastar-me. E eu precisava de me afastar, Bree. Tu és a minha segurança, e eu precisava de fazer isto sem me sentir seguro.*

Ela ficou ali, em silêncio, bastante tempo, de olhos postos nas minhas mãos imóveis, sem me olhar para a cara. Estávamos ambos a tremer, a nossa respiração saía em nuvens brancas.

Subitamente compreendi. A Bree tinha estado a reter as emoções provocadas pela minha ausência durante três longos meses, e o meu regresso fizera com que tudo viesse à tona. Eu sabia como era quando a emoção, a borbulhar à superfície, nos deixava doentes e fora de controlo. Sabia isso melhor do que ninguém. Por isso me tinha ido embora. Mas agora estava de volta. E agora era a minha vez de ser forte por ela. Agora, finalmente era capaz.

Volta para a carrinha. Por favor. Deixa-me aquecer-te, e depois conversamos.

– Houve outras mulheres?

Inclinei-me para a frente e falei com as mãos contra o seu corpo, encarando-a, enquanto ela alternava o olhar entre o meu rosto e as minhas mãos. *Nunca houve ninguém para além de ti. Só. Tu. Para. Sempre.*

Ela fechou os olhos e caíram-lhe novas lágrimas pelo rosto. Depois abri-os e ficámos os dois ali parados, em silêncio, a nossa respiração dissipando-se à medida que subia para o céu.

– Pensei... – ela abanou a cabeça lentamente – pensei que talvez tivesses percebido que eras um solitário. – Deixou escapar um longo suspiro. – E que ter-te-ias apaixonado por qualquer rapariga que tivesse aparecido à entrada da tua casa naquele dia... e que talvez precisasses de descobrir isso. – Baixou a cabeça.

Segurei-lhe o queixo entre os dedos e ergui o seu rosto na minha direção.

Assim que me fitou, baixei a mão e disse: *Não há nada para descobrir. O que eu sei é que tu entraste pelo meu portão naquele dia e eu perdi o meu coração. Mas não porque poderia ter sido com qualquer rapariga, e sim porque eras tu. Perdi o meu coração para ti. E, Bree, caso estejas a perguntar-te, não o quero de volta nunca mais.*

Ela tornou a fechar os olhos por um momento, e vi o seu corpo relaxar.

– O que andaste a fazer? – perguntou por fim, baixinho, abraçando o próprio corpo com os braços nus.

Por favor, deixa-me aquecer-te, repeti, estendendo-lhe a mão.

Ela não disse nada, mas aceitou a minha mão e voltámos juntos para a carrinha. Quando lá chegámos, ajudei-a a entrar, dei a volta até ao lado do condutor, entrei e virei-me para ela.

Fiquei a olhar pela janela atrás dela por um segundo, pensando em tudo o que tinha feito nos últimos três meses, respondendo à pergunta que ela me fizera do lado de fora. *Fui a restaurantes, a cafés... fui ao cinema uma vez. Sorri e os seus olhos fitaram-me.*

A Bree piscou os olhos, afastando as lágrimas.

– Foste? – sussurrou.

Eu assenti.

Ela estudou o meu rosto durante algum tempo antes de perguntar:

– O que foste ver?

Thor, soletrei.

Ela riu-se baixinho e aquele som foi música para os meus ouvidos.

– Gostaste?

Adorei. Vi-o duas vezes seguidas. Até comprei pipocas e uma bebida, embora houvesse uma fila de pessoas atrás de mim.

– Como é que pediste? – Ela fitou-me com os olhos arregalados.

Tive de apontar e gesticular um pouco, mas o rapaz percebeu. Ele era simpático. Fiz uma pausa. Tive esta percepção passado um mês de me ter ido embora. Sempre que ia a algum sítio e precisava de comunicar com alguém, e as pessoas viam a minha cicatriz e compreendiam por que razão eu estava a gesticular, cada uma tinha uma reação diferente. Algumas sentiam-se constrangidas, desconfortáveis, outras eram simpáticas, prestáveis, e havia até aquelas que eram impacientes e exasperadas. Os olhos da Bree suavizaram-se, e ela ouvia-me extasiada.

Percebi que a reação das pessoas dizia mais sobre elas, sobre quem eram, do que sobre mim. Foi como se um raio me atingisse, Bree.

As lágrimas brotaram-lhe dos olhos outra vez, e ela estendeu a mão e tocou-me na perna, deixando ali a mão.

Ela assentiu.

– Foi assim com o meu pai também. O que mais? – perguntou a Bree.

Arranjei um emprego. Sorri ao ver a expressão de surpresa dela e assenti. Sim, parei numa pequena cidade no estado de Nova Iorque e vi um anúncio a dizer que precisavam de homens para descarregar camiões de entrega no

aeroporto. Escrevi uma carta sobre a minha situação, explicando que conseguia ouvir e compreender as orientações e que trabalhava arduamente, mas que não conseguia falar. Entreguei-a em mão ao homem que estava a contratar. Ele leu e contratou-me de imediato. Sorri ao recordar o orgulho que sentira naquele momento.

Era um trabalho chato, mas conheci um tipo lá, o Luis, que falava sem parar, e contou-me a história da sua vida enquanto trabalhávamos. Como tinha vindo do México sem saber falar a nossa língua, como ainda tinha dificuldade em sustentar a sua família, mas que eram felizes porque se tinham uns aos outros. Ele falava muito. Tive a impressão de que nunca ninguém o escutara. Sorri novamente ao recordar o meu primeiro amigo de verdade, além da Bree.

Ele convidou-me para passar o Natal em casa dele, e a filha tinha aprendido algumas frases em língua gestual antes de eu ir lá, e depois ensinei-lhe mais algumas. Sorri ao pensar na pequena Claudia. Ela pediu-me para lhe ensinar a dizer amor em língua gestual, e eu soletrei o teu nome.

A Bree deixou escapar um som abafado, algo entre uma risada e um soluço.

– Então agora ela vai andar a dizer «Eu Bree-te?» – perguntou ela, a sorrir, de olhos ternos.

Assenti. *Sim. Virei-me mais para ela, focado no seu rosto. Para mim é lógico. Acho que o amor é um conceito, e cada pessoa tem uma palavra única para descrever o que significa esse sentimento para si própria. A minha palavra para amor é «Bree».*

Olhámos um para o outro por um momento, eu a sorver a sua beleza, a sua doce compaixão. Eu já sabia disso antes, mas só agora me dava conta da extensão de ambas.

Finalmente, ela perguntou-me:

– O que te fez decidir que era hora de voltar para casa?

Fiquei a pensar na pergunta.

Estava sentado num pequeno café há alguns dias, e vi um idoso sentado a uma mesa à minha frente. Ele parecia tão solitário, tão triste. Eu também estava, mas de repente ocorreu-me que algumas pessoas passam a vida toda sem nunca terem sido amadas ou sem amarem tão profundamente como eu te amo. Há sempre a possibilidade de eu te perder ao longo da vida. Não há nada que qualquer um de nós possa fazer em relação a isso. Mas naquele momento decidi que estava mais interessado em concentrar-me no grande privilégio que me foi dado por te ter.

As lágrimas voltaram a brilhar enquanto ela sussurrava:

– E se eu já não estivesse aqui quando voltasses?

Então eu teria ido atrás de ti. Teria lutado por ti. Mas precisava de lutar primeiro por mim mesmo, percebes? Precisava de sentir que era digno de ti.

A Bree encarou-me por um segundo, mais lágrimas a aflorar aos seus olhos.

– Como é que te tornaste tão brilhante? – indagou, deixando escapar uma gargalhada e uma fungadela.

Eu já era brilhante. Só precisava de ter alguma experiência de vida. Precisava do Thor.

Ela deixou escapar outra gargalhada e depois sorriu para mim.

Estás a ser engraçado?

Voltei a sorrir, reparando que estava finalmente a usar as mãos para falar. *Não, eu nunca faria uma piada sobre o Thor.*

Ela riu-se, depois voltou a fitar-me em silêncio, de novo séria.

Também fiquei sério e perguntei: *Porque é que ficaste, Bree? Diz-me.*

Ela suspirou, olhando para as mãos pousadas no colo por um segundo. Por fim, levantou-as e disse: *Porque te amo. Porque esperaria por ti para sempre.* Ela olhou-me fixamente nos olhos, e a sua beleza voltou a tirar-me o fôlego. *Leva-me para casa, Archer,* pediu.

O meu coração disparou quando liguei a carrinha e regressei à estrada. Seguimos o resto do caminho num silêncio confortável. Quando estávamos quase a chegar, a Bree estendeu a mão, pegou na minha e fomos o resto do caminho de mãos dadas.

Estacionei à frente de minha casa, atravessámos o portão e descemos até à porta da frente, sem dizer palavra.

Quando entrámos e ela se virou para mim, eu disse: *Mantiveste a casa limpa.*

Ela olhou em volta, como se estivesse apenas a recordar, e então assentiu.

Porquê?, perguntei.

A Bree pareceu considerar. *Porque, ao fazer isso, ficava com a sensação de que estavas a voltar para casa, de que ias chegar em breve.*

Senti o coração apertado. *Desculpa, Bree.*

Ela abanou a cabeça e olhou-me com os olhos arregalados e vulneráveis. *Não voltes a deixar-me, por favor.*

Abanei a cabeça e aproximei-me mais dela. *Nunca mais,* disse, e tomei-a nos braços. Ela ergueu a boca para a minha e eu pressionei os lábios nos seus, gemendo silenciosamente com o sabor dela ao deslizar a minha língua para dentro da sua boca. Não pude evitar o arrepio que me percorreu o corpo quando o sabor a pêssego da Bree explodiu na minha língua. O meu membro endureceu de imediato e pressionei-o contra o corpo dela. Ela suspirou na minha boca e, incrivelmente, fiquei ainda mais duro. Parecia que passara uma vida inteira desde a última vez que estivera dentro dela.

Ela afastou a boca da minha e disse:

– Senti tantas saudades tuas, Archer. Tantas.

Soltei-a por um instante e disse: *Também senti saudades tuas, Bree. Muitas.*

Comecei a descer a boca sobre a dela outra vez, quando ela levou as mãos ao meu cabelo e afirmou:

– Está mais comprido. Vamos ter de cortá-lo de novo. – Ela sorriu. – Talvez não me expulses de tua casa quando tentar molestar-te desta vez.

Ri em silêncio, e depois ergui as mãos. *Há boas hipóteses de eu não fazer isso. Além disso, Bree, vou parar de falar e usar as mãos para outras coisas, OK?*

Os seus olhos arregalaram-se, os lábios entreabertos quando sussurrou:

– OK.

Peguei nela ao colo e carreguei-a pelo corredor até ao meu quarto, onde a pousei de pé ao lado da cama.

Tirei os sapatos, desfiz o nó da gravata e comecei a desabotoar a camisa, enquanto ela também descalçava os sapatos de salto alto e se virava de costas para que eu lhe abrisse o fecho do vestido.

Abri o fecho devagar, expondo cada vez mais a sua pele. As marcas do fato de banho tinham desaparecido e a pele tinha um tom mais cremoso e claro do que da última vez que a vira. Ela era tão linda. E minha, toda minha. Uma profunda satisfação invadiu-me, e a ânsia desesperada que sentia de estar dentro dela elevou-se a outro nível.

A Bree virou-se para mim e deixou o vestido preto cair aos seus pés. O meu pénis pulsava quando ela levantou os olhos semicerrados para mim, entreabrindo novamente os lábios rosados.

Curvei-me, descalcei as meias, depois endireitei o corpo, tirei o cinto e desabotoei as calças. Deixei a roupa cair ao chão e empurrei-a para o lado. A Bree humedeceu os lábios e olhou para a minha ereção, olhando de seguida para o meu rosto. Os seus olhos brilhavam, as pupilas dilatadas.

Aproximei-me dela, abri o fecho do sutiã sem alças que ela usava e deixei-o cair ao chão. Senti a excitação a aumentar quando segurei os seus seios perfeitos, os mamilos rosados já endurecidos e a implorar pela minha boca.

Olhei para trás dela e fiz um sinal com a cabeça, indicando a cama. A Bree deitou-se de costas e eu baixei o corpo sobre o dela, colando pele com pele. O seu calor acariciava-me, fazendo com que ondas de puro prazer me percorressem de alto a baixo. Os seus olhos diziam-me que eu era amado. Eu era amado pela linda mulher deitada por baixo de mim, que me convidava a entrar no seu corpo.

Todas as outras vezes que fizera amor com ela, a minha cabeça gritava sempre *Minha* desesperadamente, mas agora sentia o mesmo com tranquilidade, como uma verdade reconfortante. Minha, minha, sempre minha.

Inclinei a cabeça e capturei um dos mamilos na boca, usando a língua para brincar com ele enquanto a Bree gemia e pressionava as ancas contra a minha ereção. Oh, Deus, isso sabia bem. O sabor dela, a sensação da pele quente e sedosa sob a minha, a certeza de que iria afundar-me no seu calor apertado em breve... mas ainda não. Queria que aquele momento durasse.

Deliciei-me com os mamilos da Bree durante vários minutos, enquanto

ela passava os dedos pelo meu cabelo, puxando-o ao de leve. O meu corpo pressionou-se contra a sua barriga por iniciativa própria, tentando aliviar o intenso latejar no meu membro.

A Bree arqueou as costas e deixou escapar um gemido profundo.

– Archer, oh, céus, por favor – ofegou.

Levei a mão entre as suas pernas, e senti o líquido escorregadio que indicava que ela estava pronta, mais do que pronta, para me receber. Usei parte dessa humidade para estimular o seu clítoris e massajei-o suavemente em círculos lentos, enquanto a Bree arquejava.

– Oh, Deus, Archer, por favor, não quero o orgasmo já. Quero ter-te dentro de mim primeiro. Por favor.

Inclinei-me e voltei aos lábios dela, a língua a dançar com a minha, macia, molhada e incrivelmente deliciosa. Nunca me saciaria da sua boca, nem dela.

Segurei o pénis, posicionei-o na entrada dela e penetrei-a, preenchendo-a inteiramente numa investida profunda. Fechei os olhos com a sensação deliciosa, ela a cercar-me com força, e fiquei imóvel por alguns momentos.

A Bree pressionou o corpo para cima, contra o meu, pedindo silenciosamente que eu me movesse. E foi o que fiz. Ela estava tão húmida que foi fácil deslizar para dentro e para fora. A fricção entre os nossos corpos provocava um prazer além das palavras.

A princípio, movia-me devagar, o alívio por estar dentro dela era tão grande que não queria que aquele momento terminasse nunca. Mas passado um minuto, o meu próprio corpo exigiu mais, e então aumentei a velocidade das arremetidas.

A Bree gemeu e disse, ofegante:

– Sim. – E fechou os olhos, pressionando a cabeça contra a almofada. *Minha, minha, sempre minha*, cantava a minha mente enquanto a possuía e observava o prazer tomar conta do seu lindo rosto, os cabelos espalhados ao redor da almofada branca, como uma deusa, um anjo, os seios pequenos e brancos a oscilarem ao ritmo do meu movimento.

Continuei a penetrá-la, sustentando o peso do meu corpo com os braços, enquanto ouvia os seus arquejos e gemidos de prazer. Passei um braço sob a parte de trás do joelho direito dela e levantei-lhe a perna, para poder chegar ainda mais fundo. Ela gemeu outra vez, agarrando-me as nádegas com as unhas. Como eu gostava daquilo.

Após alguns minutos, o rosto da Bree ficou corado, o sinal do clímax iminente, eu sabia-o por experiência.

As suas mãos moveram-se para os meus bíceps rígidos, e ela passou as mãos para cima e para baixo, os olhos turvos, os lábios formando um O silencioso, pouco antes de eu sentir os seus músculos internos apertarem ainda mais o meu membro, em espasmos. Ela ofegou e arqueou o corpo contra o meu, a linda expressão de satisfação a perpassar-lhe o rosto, e gemeu baixinho quando o seu corpo se descontraiu.

Olhou para mim com ar sonhador enquanto eu continuava a penetrá-la e disse baixinho:

– Amo-te.

Amo-te, disse-lhe eu com os lábios, depois fechei os olhos e senti os primeiros arrepios na espinha. Fiquei de joelhos na cama, passei as mãos por baixo do corpo da Bree, segurando-lhe as nádegas e elevando-as de modo a conseguir penetrá-la ainda mais fundo do que antes. Eu arremetia com força e rápido agora, o prazer aumentando mais e mais.

– Oh, Deus! – arquejou a Bree, pressionando o corpo contra o meu enquanto eu observava outro orgasmo a percorrê-la. As suas pálpebras abriram-se e olhou para mim de olhos arregalados. Eu teria sorrido perante o seu olhar de choque, mas o prazer que circulava pelo meu abdómen, comprimindo-me os testículos e deixando-me o pénis ainda mais volumoso com o orgasmo iminente era tão intenso que eu estava quase a perder o controlo.

Arremeti uma vez, duas e depois o meu mundo explodiu em milhões de pontos de luz, o próprio ar parecia cintilar à minha volta, enquanto um êxtase intenso e profundo me percorria o corpo inteiro, o meu pénis contraindo-se dentro dela no momento em que atingi o clímax.

Quando voltei a mim, a Bree ainda me olhava com aquela expressão maravilhada. Eu só podia imaginar que o meu rosto tivesse a mesma expressão. Saí de dentro dela, segurando o meu membro semirrígido e com ele massajei-a de novo, na fenda e no clítoris, agora húmidos com a minha semente.

Não sabia porque estava a fazer aquilo, era quase por instinto, nada que eu tivesse planeado. Mas estava fascinado pelo que acabáramos de partilhar, e a visão de nós os dois juntos, e a prova do meu prazer espalhado por ela excitou-me, deu-me uma sensação de posse tranquila que adorei.

Voltei a olhar para a Bree... o seu rosto estava mais calmo e ela parecia sonolenta e saciada, os olhos semicerrados, a expressão ainda cheia de amor.

Tirei a mão do pénis e disse: *Amo-te*.

Ela sorriu-me e estendeu os braços para cima, puxando-me para ela, acariciando-me as costas com os dedos, para cima e para baixo, até eu sentir que corria o risco de adormecer em cima dela. Beijei-lhe os lábios rapidamente, depois levantei-me e levei-a para a casa de banho, onde tomámos banho e nos lavámos um ao outro, não com segundas intenções desta vez, apenas com amor e ternura.

Quando acabámos, limpámo-nos e voltámos para a cama onde nos enfiámos nus debaixo dos lençóis. Puxei-a para junto do meu corpo e abracei-a, experimentando uma felicidade que nunca sentira na vida.

Virei-a para me encarar e levantei as mãos: *Um dia*, disse, *quando formos velhos e grisalhos, vou olhar para ti deitada ao meu lado, exatamente assim, e vou olhar-te nos olhos e saber que nunca houve mais ninguém além de ti. E essa vai ser a grande alegria da minha vida*, Bree Prescott. Ela sorriu

quando os seus olhos se encheram do que eu sabia serem lágrimas de felicidade, e puxei-a para junto do peito, abraçando-a com força, inspirando o seu perfume.

Um pouco mais tarde, despertei por um breve segundo quando ouvi fogos de artifício à distância. Sonolento, percebi que era meia-noite, um novo ano, um novo começo. Puxei a minha linda mulher para mim, ela suspirou a dormir e eu fechei os olhos. Estava em casa.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

BREE

Só saímos da casa do Archer duas vezes nos dois dias seguintes – felizmente para nós, eram os dois dias de folga seguidos que tinha naquela semana. Fomos ao supermercado uma vez, na manhã seguinte ao regresso do Archer, e trouxemos a *Phoebe* na volta. E, naquela noite, fomos jantar ao outro lado do lago. O orgulho nos olhos do Archer quando pediu uma taça de vinho para mim e uma *Coca-Cola* para ele fez-me sorrir e piscar-lhe os olhos. Observá-lo a encontrar-se a si mesmo era algo lindo e sentia-me uma privilegiada por testemunhar isso. Tinha vontade de suspirar e desmaiar diante do charme fácil e do sorriso lindo do Archer, e percebi que a empregada de mesa que nos atendeu sentiu o mesmo quando olhou de relance para a cicatriz e o lisonjeou a noite toda. Mas eu não me importei. Na verdade, adorei. Como poderia levar a mal? Como dizia a Natalie, ele inspirava as mulheres a terem vontade de abraçá-lo. Mas ele era meu. E eu era a rapariga mais sortuda do mundo.

Conversámos mais sobre o que ele tinha feito nos três meses em que estivera fora, as pessoas que conhecera, os quartos que arrendara, como a solidão que sentira não fora menor do que a anterior, mas diferente. A diferença, concluiu, era que finalmente se tinha *a si mesmo*, e que era mais capaz do que imaginava ou acreditava.

Preciso de tirar a carta de condução, disse ele durante o jantar.

Assenti.

– Sim, eu sei, condutor ilegal – comentei, erguendo uma sobrançelha.

O Archer sorriu, de olhos fixos no prato. *Se o Travis me apanhar, vai trancar-me na cadeia e deitar fora a chave*. Ergueu ambas as sobrançelhas. *Por falar em Travis, tem-lo visto? Ele tentou falar contigo?* Estava calmo enquanto aguardava a minha resposta.

Abanei a cabeça.

– Algumas vezes, mas eu evitei-o. Fui seca e ele não insistiu. E a

Victoria Hale tem estado em silêncio.

Ele observou-me por um instante, depois assentiu. *Deixei-te esta confusão toda nos ombros e lamento muito. Mas é a mim que a Tori odeia, não a ti. Acho que pensei que seria mais fácil para ti nesse sentido também, se eu não estivesse por perto.* Desviou o olhar por um instante, depois voltou-se para mim. *Vou conversar com o Travis e a Tori. Queria saber se não te importas de vir e servir de intérprete.*

Pestanejei.

– É claro que sim, Archer, mas vais dizer-lhes o quê exatamente?

Estou a pensar em tomar posse das terras, Bree... da cidade. Os olhos dele permaneceram fixos nos meus, à espera da minha reação.

Fiquei boquiaberta por um instante.

– Estás pronto para isso? – murmurei.

Não sei, respondeu, parecendo pensativo outra vez. *Talvez não... mas sinto que podia estar. Acho que talvez haja algumas pessoas na cidade que me possam ajudar a tornar isto um pouco mais fácil: a Maggie, o Norm, a Anne, a Mandy e alguns outros. E é isso que fará a diferença. É isso que me faz pensar que, pelo menos, deveria tentar.*

Deu uma dentada e depois prosseguiu. *Os meus pais cometeram muitos erros, até ao final. Mas eram boas pessoas. Eram pessoas amáveis. O meu tio Marcus não era boa pessoa e o Travis é bastante discutível também. E a Victoria é a pior de todos. Eles não merecem ganhar. Talvez eu também não mereça, mas talvez sim. E essa mera possibilidade faz-me querer tentar.*

Estendi a mão e agarrei a dele, sentindo uma onda de orgulho percorrer-me.

– Se precisares de alguma coisa, estou contigo. Seja o que for.

O Archer sorriu para mim e continuámos a comer em silêncio durante algum tempo, antes de me lembrar da chamada que tinha recebido do detetive no dia do desfile e contar ao Archer. Ele pareceu preocupado. *Saiu sob fiança? Podes correr algum perigo?*

Abanei a cabeça.

– Não, acho que não. Ele não faz ideia de onde estou e está rodeado de advogados. A polícia sabe quem ele é. É só... dececionante que o processo demore tanto tempo. Só quero que tudo acabe de uma vez, e agora é provável que haja um grande julgamento e terei de voltar ao Ohio. – Abanei a cabeça outra vez.

O Archer estendeu a mão e agarrou a minha. Apertou-a e depois disse: *Então irei contigo. Eles vão condená-lo. Vai acabar tudo. E enquanto isso, estarás em segurança aqui comigo, ao meu lado.*

Sorri, o calor a preencher-me.

– Não quero estar em mais nenhum outro lugar – sussurrei.

Nem eu.

Terminámos o jantar e voltámos para casa do Archer, onde passámos o resto daquela noite e a maior parte do dia seguinte na cama, redescobrimo os

nossos corpos mutuamente e absorvendo a presença um do outro. A felicidade envolvia-nos. O futuro parecia radiante e cheio de esperança e, naquele momento, o mundo era perfeito.

* * *

Na manhã seguinte, acordei cedo, libertei-me do abraço do Archer e dei-lhe um beijo de despedida enquanto ele dormia. O seu braço serpenteou e puxou-me de volta enquanto eu me ri alto e ele fez um sorriso torto, ainda sonolento. O meu coração deu um salto diante da beleza absurda daquele sorriso matinal e inclinei-me para trás, dizendo-lhe:

– Fica aqui, exatamente assim. Volto o mais depressa possível. – Ele riu em silêncio e abriu apenas um olho, concordando. Tornei a rir-me, levantei-me e dirigi-me para a porta num instante, antes que decidisse abandonar o trabalho de vez.

Quando já ia a sair do quarto, virei-me mais uma vez para o ver. Ele sorriu-me de novo, levantou as mãos e disse: *Fazes-me muito feliz, Bree Prescott.*

Fiquei parada à porta, inclinei a cabeça e retribuí-lhe o sorriso. Alguma coisa naquele momento pareceu muito, muito importante. Algo me disse para ficar ali e desfrutar, acarinhá-lo. Não entendi muito bem a sensação, mas apoiei a cabeça no caixilho da porta e fiquei só a contemplá-lo por um minuto.

– Vou continuar a fazer-te feliz, Archer Hale. – Depois sorri e saí do quarto.

Tínhamos combinado ele ir ter comigo ao *snack-bar* para almoçarmos cedo, antes que a maioria dos clientes começasse a chegar para o almoço, portanto, sabia que iria vê-lo em breve. Não precisava de sentir muito a falta dele.

O *snack-bar* estava muito movimentado naquela manhã, e as horas voaram. Por volta das 10h45, servi o último pequeno-almoço especial e comecei a fazer a limpeza.

– Olá, Norm – chamei –, como foi a recetividade daqueles *cupcakes red velvet* enquanto eu estive de folga? – Eu tinha feito uma fornada na véspera do Ano Novo, antes de sair do *snack-bar*. Céus, isso parecia ter acontecido há milhões de anos. Tinha saído deste lugar ainda a ansiar pelo Archer com todo o meu ser, e voltava agora depois de o deixar na cama. O meu homem silencioso, lindo e forte. Estava tão orgulhosa dele.

– As pessoas pareceram gostar deles – disse o Norm. – Talvez devas fazer uma nova fornada.

Sorri. Aquilo significava que os *cupcakes* tinham sido um sucesso e que ele ficaria grato se eu fizesse mais. Tinha aprendido ultimamente que, muitas vezes, o amor era uma questão de aprender a falar a língua da outra pessoa.

– Sentas-te aqui comigo para tomarmos uma chávena de café? – perguntou a Maggie, enquanto arrumava dois frascos de *ketchup*. – Acho que

me estás a dever pelo menos umas três horas de atualizações. Mas vou aceitar a versão de quinze minutos. – Ela riu-se.

Eu sorri.

– Na verdade, Maggie, o Archer vem cá ter daqui a quinze minutos. Que tal a versão de trinta minutos a seguir ao almoço?

Ela expirou, brincando.

– Tudo bem. Acho que vou ter de me contentar com isso. – Fingiu estar aborrecida, mas eu ri-me, porque a sua expressão naquela manhã e as lágrimas que lhe rolaram pelo rosto tinham-me dito tudo o que eu precisava de saber. A Maggie estava contente por mim e aliviada por o Archer ter regressado são e salvo.

A sineta da porta soou alguns minutos depois, e o homem em questão ficou ali parado, a sorrir para mim. Lembrei-me do dia, uns meses antes, em que ele reunira coragem para passar por aquela porta, e observei-o agora. Aquele mesmo olhar doce e afetuoso quando me viu e sorriu, mas agora comportava-se de uma maneira que mostrava confiança de que seria bem-vindo.

Eu permiti-me contemplá-lo, embevecida, por alguns segundos, antes de sair de trás do balcão e saltar-lhe para os braços. Ele fez-me rodopiar enquanto eu me ria e depois pousou-me no chão e olhou timidamente para a Maggie.

A Maggie agitou a mão.

– Não parem por minha causa. Nada me faz mais feliz do que ver os dois juntos. Bem-vindo a casa, Archer.

O Archer inclinou a cabeça e sorriu, depois ergueu os olhos quando o Norm surgiu vindo das traseiras.

– Porque é que vocês os dois não param de dar espetáculo e vão sentar-se naquela mesa ali ao fundo? Têm muita privacidade ali. – Olhou para o Archer, e o seu rosto suavizou-se um pouco. – Archer – disse o Norm –, estás com bom aspeto.

O Archer sorriu-lhe e estendeu a mão para apertar a do Norm e depois sorriu para mim e eu retribuí o sorriso, de coração feliz.

– Vamos? – perguntei.

Sentámo-nos à mesa na zona mais recatada do *snack-bar*, e a Maggie perguntou:

– O que posso servir-vos?

– Tudo bem, Maggie – respondi. – Vamos pedir o almoço daqui a um minuto.

– OK – disse ela, voltando a sentar-se à mesa de descanso.

Estendi a mão por cima da mesa e peguei na do Archer no momento em que a sineta da porta voltou a tocar. Levantei os olhos e senti o sangue gelar nas veias, a pele arrepiada e um som estrangulado subiu-me pela garganta. Era ele.

Não. *Oh, Deus. Não, não, não.* Parecia ter sinos a tocar ruidosamente

nos meus ouvidos e fiquei paralisada.

Os seus olhos alucinados encontraram os meus quase de imediato, e um olhar de puro ódio tomou-lhe conta do rosto.

Isto não pode ser verdade. Isto não pode ser verdade, repeti na minha cabeça, enquanto sentia o vômito a subir pela garganta. Consegui engoli-lo e deixei escapar outro grunhido.

A cabeça do Archer virou para trás na direção em que os meus olhos estavam presos, e ele levantou-se de imediato quando viu o homem atrás de si. Eu também me levantei, com as pernas a tremer tanto que não sabia se conseguiria manter-me de pé, uma onda de adrenalina a percorrer-me o corpo.

O homem parecia nem sequer ver o Archer à minha frente do lado direito, pois tinha os olhos focados apenas em mim.

– Arruinaste-me a vida, sua vaca – disse entre dentes. – Sabes quem eu sou? O meu pai ia passar a empresa para o meu nome antes de me teres acusado. Achas que vou deixar que te safes enquanto eu perco tudo?

A minha mente gritava, o som alto do sangue a pulsar nos ouvidos não me deixava compreender bem o que ele estava a dizer.

Os seus olhos estavam injetados de sangue e muito brilhantes, como da última vez. Ele estava drogado. Ou isso, ou era completamente louco.

Por favor, por favor, chama a polícia, Maggie. Oh, meu Deus, como é que isto é possível?

E então aconteceu tudo num instante. Alguma coisa brilhou na mão do homem e a sala pareceu rodar no seu eixo quando percebi que era uma arma. Ele ergueu-a e apontou-a diretamente para mim. Vi um breve clarão de fogo no momento em que o Archer atirou o corpo para a frente do meu, batendo em mim e deitando-nos ao chão, onde eu caí mesmo atrás do Archer.

E depois ouvi outro disparo e a voz do Travis a gritar por cima dos estalidos no rádio:

– Preciso de reforços!

Arrastei-me para trás, reparando imediatamente que o homem que tinha disparado sobre mim estava caído no chão, com uma poça de sangue à volta da cabeça, e que o Archer também estava imóvel. Deixei escapar um soluço estrangulado e estiquei-me para a frente, tentando alcançá-lo. Ele estava deitado de lado, o rosto virado para o chão. Puxei-o para perto de mim, de costas, e soltei um grito angustiado quando vi a parte da frente da sua camisa ensopada de sangue.

Oh, não! Oh, Deus, não, não, não. Por favor, não.

Os meus soluços misturaram-se com todo o barulho que começava agora a ouvir-se em redor: passos, o que pensei ser o choro baixo da Maggie, a voz rouca do Norm e cadeiras a serem arrastadas. Mas os meus olhos não se desviaram do Archer.

Puxei-o para mim, embalando-o, acariciando-lhe o rosto enquanto sussurrava vezes sem conta:

– Calma, meu amor, resiste. Amo-te, Archer, amo-te. Não te atrevas a

deixar-me agora.

– Bree – ouvi o Travis dizer baixinho, quando o som de uma ambulância ia crescendo lá fora. – Bree, deixa-me ajudar-te a levantar.

– Não! – gritei, puxando o Archer para mais perto de mim. Embalei-o um pouco mais, colocando o meu rosto junto ao dele, sentindo a sua face áspera contra a minha e sussurrando outra vez: – Não me deixes, preciso de ti, não me deixes.

Mas o Archer não me ouviu; ele já não estava ali.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

*Trouxeste o silêncio,
O som mais lindo que já ouvi,
Porque era onde tu estavas,
E agora levaste-o.
E todos os ruídos, todos os sons do mundo,
Não são suficientemente altos para penetrar o meu coração destroçado.
Olho para as estrelas, infinitas e eternas, e sussurro:
Volta para mim,
Volta para mim,
Volta para mim.*

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

BREE

A cidade inteira reuniu-se em homenagem ao Archer Hale.

As pessoas de Pelion, dos mais jovens aos mais velhos, uniram-se para mostrar o seu apoio ao homem que tinha feito parte daquela comunidade desde o dia em que nasceu. A sua ferida silenciosa, o isolamento que passara despercebido a todos, agora compreendido, e, por fim, o seu coração bondoso e o ato de coragem, levaram lojas a fecharem e pessoas que raramente saíam de casa a juntar-se aos outros habitantes na maior demonstração de apoio que a cidade já tinha visto. Uma pequena e silenciosa estrela, sempre à margem, pouco notada antes, brilhara tanto que toda a cidade parou para contemplar esse brilho, e finalmente abrir os olhos para acolher o Archer como parte da sua pequena constelação.

Ouvi repetidas vezes que a minha história com o Archer tinha criado nas pessoas a vontade de serem melhores, chegarem àqueles que mais ninguém via, serem amigos dos que não tinham amigos, olharem com atenção para as outras pessoas, reconhecerem a dor do outro quando a viam e fazerem algo em relação a ela, se pudessem.

Naquele dia frio de fevereiro, entrei na sala de braços dados com a Maggie e o Norm, e sentámo-nos enquanto as pessoas me sorriam gentilmente e acenavam com a cabeça. Eu sorria e acenava de volta. Esta era agora a minha comunidade também. Eu também fazia parte daquela constelação.

Do lado de fora, a chuva começara a cair e ouvi o som de um trovão à distância. Mas não tive medo. *Quando vier uma tempestade, dissera-lhe, vou pensar em ti, só em ti.* E fi-lo sempre. Sempre.

O Archer já tinha ido embora uma vez – três longos meses em que senti desesperadamente a sua falta todos os dias. Desta vez, ele ficou longe de mim três semanas inteiras antes de regressar. Entrou em coma profundo e os médicos não sabiam quando acordaria ou mesmo se acordaria. Mas eu esperei. Iria esperar sempre. Rezei e pedi aos céus todas as noites: *volta para mim, volta para mim, volta para mim.*

Noutro dia chuvoso no fim de janeiro, no preciso momento em que o trovão ecoou e o relâmpago brilhou no seu quarto de hospital, ele abriu os olhos e olhou para mim. O meu próprio coração também pareceu trovejar-me nos ouvidos, mais alto do que o barulho do lado de fora da janela, saltei da cadeira em que estava sentada e apressei-me para o lado dele.

– Voltaste – exclamei, engasgada. Peguei-lhe nas mãos e levei-as aos lábios, beijando-as sem parar, as lágrimas a cair sobre os seus dedos, sobre as suas lindas mãos, que guardavam toda uma língua, que me permitiam saber o que se passava na sua mente e no seu coração. Eu amava aquelas mãos. Eu amava-o. As minhas lágrimas continuaram a cair.

Ele ficou a olhar para mim por uns minutos antes de erguer as mãos e dizer devagar, os dedos a desenhar os gestos: *Voltei para ti*.

Deixei escapar um riso estrangulado, e apoiei a cabeça no seu peito abraçando-o com toda a minha força, enquanto as enfermeiras entravam apressadas no quarto.

E agora toda a cidade aguardava enquanto o Archer caminhava na direção do palco, os movimentos ainda hirtos por causa das ligaduras que lhe envolviam o tronco e das cirurgias que fez para reparar órgãos internos.

Olhei à volta mais uma vez. O Travis estava no fundo da sala, ainda de farda, vindo do seu turno. Encontrei o seu olhar e acenei-lhe com a cabeça. Ele retribuiu e fez um pequeno sorriso. Eu ainda não sabia bem como me sentia exatamente em relação ao Travis, mas ele merecia o meu respeito pelo seu próprio ato de heroísmo naquele dia terrível.

Recentemente veio a público que o homem que me encontrou naquele dia, Jeffrey Perkins, era viciado em heroína e tinha sido afastado da família. Aparecera na pastelaria da nossa família naquela noite atrás de dinheiro para uma dose.

O seu traficante tinha-o entregado como parte de um acordo judicial para salvar a própria pele. Aparentemente, o Jeffrey apareceu-lhe naquela noite, todo sujo de sangue e a balbuciar alguma coisa sobre ter disparado contra um homem numa pastelaria.

Ele tinha começado a recompor-se e o pai estava a aceitá-lo de volta no seio da família quando o identifiquei naquela lista de fotos.

Após a sua prisão, o pai deserdou-o novamente e o Jeffrey voltou às drogas.

O Travis tinha confrontado a mãe. Ele era um bom polícia, com bons instintos, e reconheceu a mãe por quem ela era – uma mulher vingativa, cheia de ódio e amargura, que faria qualquer coisa para manter o que considerava seu por direito: a cidade, o dinheiro, o respeito e a posição social.

Ele também tinha estado presente quando a Victoria Hale me ouviu falar sobre a prisão do Jeffrey Perkins. E juntara as peças.

De que outra maneira um viciado em heroína, sob o efeito da droga, teria dado comigo no *snack-bar* naquele dia terrível? Tínhamos subestimado o ódio dela por mim: a pessoa que, na prática, tinha desmontado tudo o que a

manipulação dela construíra ao longo dos anos.

Quando o Travis veio ter comigo e me contou que a tinha confrontado e ela negara, negação essa em que ele não acreditava, comentou que lhe dissera para ir embora da cidade; caso contrário, abriria uma investigação contra ela. Agora que o Jeffrey tinha morrido, ele sabia que não teria provas suficientes para a processar; não restava mais nada para ela em Pelion a não ser a vergonha.

Agora, com a partida da Victoria e a ausência de um gestor para o fundo, o Archer herdara o dinheiro e as terras da família Hale um ano antes do seu 25.º aniversário.

O Travis parecia abatido, a barba por fazer, e quase entorpecido, como se não andasse a dormir. Ele próprio também tinha um histórico de manipulação da vida de outras pessoas. Afinal, aprendera com a melhor. No fundo, porém, eu não achava que o Travis quisesse que alguém sofresse algum dano real. A mãe dele era outra história. Tive a impressão de que tê-la visto como realmente era, e saber aquilo de que ela era capaz, mudara-o de forma drástica. Havia uma profunda tristeza nos seus olhos quando me transmitira a informação sobre a mãe num tom inexpressivo, deixando-me depois entregue à minha dor, no hospital, enquanto eu esperava que o Archer voltasse para mim.

Um silêncio tomou conta do auditório quando o Archer se aproximou do pequeno lance de escadas.

O Norm, de pé ao lado, usou a língua gestual para dizer ao Archer: *Dá cabo deles*, e ergueu o queixo para ele, numa expressão muito séria. Um olhar de surpresa apoderou-se do rosto do Archer, e depois acenou ao Norm. Mordido o lábio, reprimindo um soluço.

Mrs. Aherne, a bibliotecária da cidade, que tinha emprestado centenas de livros ao Archer nos últimos quatro anos, sobre diversos assuntos desde alvenaria até língua gestual, mas que nunca lhe fizera uma única pergunta nem tentara aproximar-se dele de forma alguma, também disse por gestos: *Estamos todos consigo, Archer*. As lágrimas brilhavam-lhe nos olhos e a expressão no seu rosto disse-me que a mulher gostaria de ter agido de outra forma. O Archer sorriu-lhe, assentiu com a cabeça e gesticulou de volta: *Obrigado*.

Ao subir ao palco, posicionando-se atrás do palanque, acenou com a cabeça ao intérprete, que estava à sua direita, um homem que contratara para o ajudar quando precisava de se dirigir à cidade inteira em ocasiões como aquela.

O Archer começou a mexer as mãos e o intérprete começou a falar. Mas os meus olhos estavam fixos no Archer, observando aquelas mãos a voarem, tão graciosas e seguras dos seus movimentos. O meu coração encheu-se de orgulho.

Obrigado a todos por terem vindo, disse ele, olhando em volta. *O terreno onde está construída esta cidade está na posse da minha família há muito tempo, e pretendo administrá-lo como cada Hale fez antes de mim –*

com o conhecimento e a convicção de que cada pessoa que vive aqui é importante, que cada um de vocês tem um voto no que acontece e deixa de acontecer em Pelion. Olhou ao redor para todos os rostos da multidão, antes de prosseguir. Com efeito, Pelion não é o terreno sobre o qual foi construída, mas sim as pessoas que andam pelas suas ruas, gerem as suas lojas, vivem e amam nas suas casas. Fez uma nova pausa. Acho que vão descobrir que sou um senhorio agradável, e já me disseram que sou bom ouvinte. As pessoas riram baixinho, e o Archer pareceu acanhado por um instante, baixando os olhos antes de continuar. Vai haver uma votação hoje à noite para o projeto de desenvolvimento previsto para a cidade, e sei que alguns de vocês têm opiniões muito fortes em relação a isso. Mas gostaria que todos soubessem que, se no futuro algum de vocês tiver dúvidas ou sugestões, a minha porta estará sempre aberta.

A multidão continuou a olhar para ele, sorrindo e acenando em aprovação, procurando os olhos uns dos outros e assentindo uns para os outros.

Por fim, o Archer voltou a encarar a multidão, e os murmúrios suaves cessaram completamente quando os seus olhos encontraram os meus. Sorri, encorajando-o, mas ele continuou a olhar para mim por alguns segundos, antes de voltar a levantar as mãos.

Estou aqui por ti. Estou aqui por tua causa. Estou aqui porque tu me viste, não só com os olhos, mas com o coração. Estou aqui porque quiseste saber o que eu tinha a dizer e porque tinhas razão... toda a gente precisa de amigos.

Eu ri-me baixinho, limpando uma lágrima do rosto. O Archer continuou a fitar-me, com olhos cheios de amor.

Estou aqui por tua causa, repetiu, e estarei sempre aqui graças a ti.

Soltei um grande suspiro, as lágrimas a correr livremente pelo rosto. O Archer sorriu-me com carinho e depois olhou para a multidão.

Obrigado mais uma vez por estarem aqui, pelo vosso apoio. Estou ansioso por conhecer-vos melhor a todos, finalizou.

Um aplauso isolado começou no fundo da sala; então vários outros se juntaram até que toda a sala aplaudia e assobiava, e o Archer sorriu e olhou para baixo, timidamente, e eu derramei mais algumas lágrimas, agora misturadas com sorrisos. Algumas pessoas levantaram-se e outras seguiram-lhes o exemplo, até que toda a plateia estava de pé a bater-lhe palmas.

Enquanto sorria para a multidão, os seus olhos voltaram a pousar nos meus, e ele ergueu as mãos e disse: *Eu Bree-te*, e eu ri-me e respondi: *Eu Archer-te. Deus, eu Archer-te tanto!*

E depois ele apertou a mão ao intérprete e desceu do palco e eu levantei-me do meu lugar, e a Maggie deu-me a mão quando passei por ela. Caminhei em direção a ele, determinada e, quando chegámos ao pé um do outro, o Archer levantou-me no ar, apesar das ligaduras nos braços, e fez-me girar enquanto ria silenciosamente de encontro aos meus lábios, os olhos castanho-

dourados cheios de ternura e amor.

E pensei para comigo: *a voz do Archer Hale era uma das coisas mais bonitas do mundo inteiro!*

EPÍLOGO

Cinco anos depois

Observei a minha mulher balançar preguiçosamente na nossa rede, um pé a arrastar na relva ao de leve, enquanto se movia para a frente e para trás sob o sol de verão. Enrolou uma mecha de cabelo castanho-dourado à volta de um dedo delicado, enquanto a outra mão virava as páginas do livro apoiado na sua barriga saliente.

Um orgulho feroz masculino dominou-me ao olhar para a minha Bree, a mulher que me amava e aos nossos filhos com todo o seu coração.

Os nossos gémeos de três anos, Connor e Charlie, brincavam no relvado ali perto, a girarem à volta até ficarem tontos, as gargalhadas a sair alegremente das suas pequenas bocas quando caíam na relva. Rapazes.

Tínhamos-lhes dado os nomes dos nossos pais, homens que nos amaram tão intensamente que, quando confrontados com perigos potencialmente fatais, o único pensamento deles tinha sido salvar-nos. Eu entendia bem isso. Afinal, agora também era pai.

Caminhei lentamente até à Bree e, quando ela me viu, virou o livro para baixo sobre a barriga, deitou a cabeça para trás e ficou a olhar-me com um sorriso nos lábios e uma expressão sonhadora. *Chegaste a casa.*

Agachei-me ao lado da rede e disse: *A reunião não demorou muito.*

Tinha estado no banco a negociar a compra de um terreno que ficava nos limites da cidade. Correria tudo bem.

A cidade tinha votado contra os planos de expansão da Victoria Hale, há cinco anos, quando assumi o controlo das terras da família. Mas, como se viu, os moradores não eram contra o crescimento da cidade, nem contra trazer mais negócios; só não queriam o tipo de expansão que a Tori Hale tinha em mente. Por isso, quando propus a abertura de várias pousadas, todas com o toque pitoresco e histórico que a cidade sempre amou, a maioria dos residentes votou a favor.

A quarta pousada seria construída no terreno que tinha acabado de

comprar naquela manhã.

A cidade prosperava, os negócios cresciam e eu acabei por me tornar um bom empresário. *Quem diria?*, tinha perguntado eu à Bree, uma noite, a sorrir, quando a primeira votação terminara e consegui o apoio ao meu plano.

– Eu – respondera ela, baixinho. – Eu diria. – E era verdade. Ela tinha-me dito que a minha voz era importante, e o seu amor tinha-me feito acreditar que isso talvez fosse verdade. E, às vezes, isso bastava... uma pessoa disposta a ouvir o nosso coração, o som que nunca ninguém tentara ouvir.

Arranquei um dente-de-leão da relva ao meu lado e ofereci-o à Bree, sorrindo. Ela inclinou a cabeça, e os seus olhos encheram-se de carinho quando pegou na flor, nos meus dedos, e sussurrou:

– Todos os meus desejos já se tornaram realidade. – Olhou de relance para os nossos filhos e disse: – Este é para eles. – Soprou suavemente, e a penugem do dente-de-leão dançou no ar e foi levada pelo vento para o céu de verão.

Os meus olhos encontraram os dela e pousei a mão sobre a sua barriga, sentindo o nosso bebé a mexer-se sob os meus dedos.

É um menino, sabes?, disse ela, a sorrir.

Provavelmente. Eu sorri. *Acho que é tudo o que nós, os Hale, fazemos. Tudo bem por ti?*

Ela sorriu um pouco. Sim, perfeitamente bem, disse, acrescentando em seguida: *Desde que só haja um aqui dentro, até pode ser um bode.* Deu uma gargalhada, olhando para a pequena dupla que ainda rodopiava na relva; os dois não paravam quietos um minuto desde o dia em que vieram ao mundo. Pequenas pestes.

Ri-me em silêncio, depois bati palmas três vezes para chamar a atenção deles. As suas cabecinhas viraram-se rapidamente na minha direção e começaram a gritar ao mesmo tempo que diziam a palavra em língua gestual:

– Papá, papá!

Correram para mim, e deixei-os acreditar que conseguiam derrubar-me, caindo de costas na relva enquanto me atacavam, os risos deles a ecoar pela nossa propriedade.

Sentei-me, erguendo os rapazes comigo. *Qual de vocês os dois vai ajudar-me na obra hoje?*

Eu! Eu!, gesticularam os dois juntos.

OK, ótimo. Temos muito trabalho a fazer se quisermos terminar este anexo até chegar o vosso mano ou mana. Estendi a mão para eles e os rapazes colocaram as mãos sobre a minha, olhando sérios para mim.

Tirei a minha mão e disse: *Irmãos até ao fim*, e eles repetiram logo depois de mim, solenes e sérios.

Isso mesmo, disse. *O pacto mais importante que existe.*

Talvez um dia eu tivesse uma melhor relação com o meu irmão. Tinha melhorado desde que assumira a cidade e ele se tornara chefe de polícia, e até eu sabia que o Travis amava os sobrinhos, mas ainda tínhamos um longo

caminho a percorrer.

Os meus rapazes assentiram com as cabecinhas, os seus olhos castanho-dourados muito arregalados... os rostos idênticos parecidos com o meu. Nem eu podia negar.

Sorri quando nos levantámos todos e assobiei aos cães, que deviam andar a brincar pela propriedade.

A Bree olhou para longe, na direção de onde vinham os latidos, e sorriu.

– OK, Connor e Charlie, corram para dentro. Vou preparar-vos o almoço enquanto o vosso pai dá comida aos cães e vai buscar as ferramentas – disse a Bree, levantando-se da rede e rindo de si mesma quando voltou a cair para trás, incapaz de erguer o próprio peso.

Agarrei-lhe a mão e puxei-a para os meus braços, beijando-lhe os lábios e apaixonando-me por ela, como ainda fazia mil vezes por dia.

Naquela noite, há quatro anos, na igreja de Pelion, quando a Bree avançou pelo altar todo iluminado por velas, na minha direção, de braço dado com o Norm, deixando-me sem fôlego, jurei que a amaria para sempre, apenas a ela, e sentia-o do fundo da minha alma.

E mesmo agora com toda a loucura e agitação da vida, mesmo com o meu próprio trabalho e o próspero negócio de *catering* da Bree, todas as noites, antes de adormecer, fazia questão de me virar para a minha mulher e dizer: *Só tu, sempre só tu*. E o amor dela envolvia-me suavemente, sustentando-me, ancorando-me, recordando-me de que as palavras mais marcantes são aquelas que vivemos.

**LEIA NA PÁGINA SEGUINTE
UM NOVO EPÍLOGO ALARGADO!**

Ouvi o ruído suave e abafado da neve e sorri enquanto secava as mãos e pendurava o pano da loiça sobre a pega do fogão.

Apressei-me para a porta das traseiras... o mais rápido que uma mulher grávida de nove meses pode ir... olhei pelo vidro e vi o meu marido aproximar-se da porta, com flocos de neve a brilhar no cabelo escuro. Uma rajada de ar gelado fez-me estremecer quando ele entrou, a cheirar a neve fresca e ao Archer, o odor singular do homem que amava.

– Olá – saudei, feliz por ele ter voltado tão depressa. – Foste rápido.

O Norm veio até à carrinha buscar os miúdos e os cães para que eu não tivesse de levar neve extra para dentro de casa, disse-me antes de levar a mão ao cabelo, afastando os flocos de neve.

Tens a certeza de que não houve problema por também teres levado os cães?

O Archer encolheu os ombros. *Eles insistiram para que tivéssemos uma noite completamente tranquila. Têm uma casa grande. Acho que gostam secretamente de a encher com barulho e caos de vez em quando.* Sorriu com carinho.

Eu retribuí o sorriso, o coração cheio de gratidão ao pensar em todo o amor e apoio que nos rodeiam aqui em Pelion. Na família que construímos.

O Archer pendurou o casaco num dos cabides que tinha instalado no novo vestíbulo pertencente ao novo anexo que havia concluído no mês anterior. O anexo incluía não só o vestíbulo/lavandaria, mas um quarto adicional que agora era o quarto dos miúdos e uma nova casa de banho. Sempre adorei esta casa aconchegante... foi onde me apaixonei pelo Archer, e fiquei muito feliz por termos conseguido arranjar uma maneira de acomodar ali a nossa família em crescimento.

Tirou as botas de neve e pousou a mão na minha barriga, inclinando-se e beijando-me. *Como está ele?*, perguntou enquanto nos encaminhávamos para a sala onde eu tinha a lareira acesa, para aquecer a divisão e trazer brilho ao interior escuro.

Eu sorri. *Para de lhe chamar «ele».* Era a nossa piada familiar, embora ambos acreditássemos que fosse um menino, não só porque eu tinha um pressentimento, mas porque não havia uma rapariga Hale na família do

Archer há quatro gerações. A última menina tinha sido uma tia-avó nascida em 1912. Achei que este bebê não fosse quebrar esta tendência, mas estava igualmente feliz com uma casa cheia de meninos indisciplinados.

Acomodámo-nos no sofá, e eu aninhei-me no Archer enquanto ele enlaçava o braço à minha volta, puxando-me para perto dele. Do lado de fora da janela, a neve caía um pouco mais constante, flocos grandes e fofos a flutuar do céu.

– Humm – murmurei. – O silêncio é... estranho. – Ri-me baixinho e inclinei a cabeça para o encarar.

Ele sorriu. *E agradável*, acrescentou.

– Sim, e agradável – concordei. Era o aniversário do Archer, e o Norm e a Maggie ficaram com os rapazes e os cães para que pudéssemos passar algum tempo sozinhos, e porque a colina atrás da casa deles era perfeita para descer de trenó e fazer brincadeiras com os cães e deveria nevar durante a noite. Os miúdos adoravam passar a noite em casa do Norm e da Maggie, mas, com a promessa de andar de trenó, estavam especialmente ansiosos para chegar a casa deles. Sorri ao pensar nos meus gémeos, os meus meninos doces e barulhentos.

– Parabéns – sussurrei, passando a mão pelo peito do Archer, e deixando-a deslizar sob a bainha da sua *T-shirt* para repousar na pele quente do abdómen musculado. Tracei cada músculo lentamente com o meu dedo indicador e senti-os comprimir enquanto ele inspirava devagar, soltando depois o ar num fôlego. O meu sangue aquecia, numa resposta familiar à sua proximidade, o seu cheiro, a sensação do seu corpo masculino forte sob a minha mão e como ele reagia ao meu toque. Ainda assim, passado este tempo todo.

Ele virou o corpo e segurou-me o rosto entre as mãos, trazendo os seus lábios aos meus e murmurando *Obrigado*, junto à minha boca. O Archer pôs-me de pé e despimo-nos devagar diante da lareira. E embora eu me risse, consciente da minha barriga enorme e pesada, a luz de orgulho nos olhos dele fez-me sentir bonita e sedutora, apesar da gravidez avançada.

– Sabes o que dizem sobre induzir o parto, certo?

Ele abanou a cabeça, erguendo uma sobrancelha quando o sutiã me deslizou pelos braços e caiu ao chão. Os seus olhos brilharam ao ver os meus seios nus, maiores do que o normal, os mamilos escuros e contraídos.

– Que a mesma coisa que colocou o bebê lá dentro vai ajudar a tirá-lo de lá? – murmurei em tom provocador.

Os seus olhos encontraram os meus e ele riu silenciosamente. *Desde que ainda tenha uma noite a sós contigo.*

Sorri, recordando os três dias em que estive em trabalho de parto até nascerem os rapazes, como evoluiu lentamente, o tempo que demorou. *Acho que estamos bem.* Ainda assim, não me iria importar se as coisas pelo menos começassem. Faltavam três dias para a data prevista do parto, e eu estava preparada para *deixar* de estar grávida. Mais do que preparada.

O Archer voltou a beijar-me e, de repente, as luzes piscaram e apagaram-se. Ficámos os dois imóveis antes de o Archer sorrir colado à minha boca, olhando por cima do ombro para a neve que ainda caía constantemente. *Ainda bem que temos o fogo para nos aquecer*, disse ele enquanto tirava uma manta macia da poltrona e a estendia no chão. Observei-o por um momento enquanto ele reunia umas almofadas do sofá para nos deixar mais confortáveis, olhei para os músculos a mexerem-se sob a sua pele e a maneira como se movia com tanta graça natural. Deus, admirava tudo nele, a sua sensualidade descomplicada, o seu coração enorme, a sua coragem e a inteligência que sempre vi a brilhar por detrás do olhar atento. Amava-o tanto que doía.

Ajoelhei-me sobre a manta e deitei-me com uma deselegância que me fez rir baixinho de mim mesma. O calor da lareira aqueceu-me a pele e senti-me lânguida e feliz.

– Anda cá – murmurei, estendendo os braços enquanto o Archer baixava o seu corpo nu para o meu. – Amo-te – disse suavemente enquanto ele me abraçava, e fazia coisas que me provocavam gemidos.

Eu também te amo, desenhou ele na pele das minhas costas, causando-me arrepios.

O fogo crepitava e aquecia o espaço. O vento soprava lá fora, a neve rodopiava diante da janela, e os meus próprios suspiros e gritos de prazer enchiam a sala, a respiração do meu marido saía ofegante contra o meu pescoço. Por muito tempo, ficámos perdidos um no outro, na sensação da pele quente e nua, beijos arrepiantes e membros enredados uns nos outros. Na felicidade de ter esta noite silenciosa de neve – a última que teríamos durante um bom tempo. E a alegria de saber que também ansiávamos pelo feliz caos que se seguiria.

Durante um longo tempo, existimos apenas nós, e o mundo derreteu lentamente como pingentes de gelo sob o sol quente de inverno.

Enquanto os últimos vestígios da luz do dia se esvaíam na escuridão e a luz do fogo dançava e tremeluzia nas paredes, a nossa respiração acalmou, e o Archer envolveu a manta à nossa volta enquanto eu me aconchegava no seu peito. *É assim que deve ter sido há centenas de anos, quando os homens das cavernas mantinham as suas mulheres numa caverna escura e iluminada pelo fogo*, disse ele.

Eu ri-me baixinho, beijando-lhe o peito nu.

– Humm – murmurei. Tinha as mãos presas contra o corpo dele, por isso usei a voz para falar. – Mas se fosse esse o caso, tu mesmo terias de ajudar a dar à luz este bebé, quando chegasse a hora.

Eu sou um homem das cavernas. Eu caço animais e mato-os com as minhas próprias mãos. Não tenho medo de nada.

Ri-me mais uma vez.

– Oh, com que rapidez esqueces como uma mulher está amedrontada durante o trabalho de parto. Mais assustada do que qualquer... – Interrompi as

palavras quando senti um aperto doloroso na barriga. – Ups.

O Archer ergueu a cabeça, com um olhar preocupado no rosto. *Estás bem?*

A dor diminuiu e eu soltei o ar devagar.

– Sim, estou bem. Foi só um falso alarme. Ou talvez tenhas mesmo posto as coisas em movimento.

A sua expressão assumiu ainda mais preocupação quando olhou para a janela.

– Archer – levantei uma mão e acariciei-lhe o cabelo espesso e sedoso –, está tudo bem. Demorou dias da última vez. Mesmo que as coisas estejam... – Deixei escapar um gemido alto e momentâneo quando senti um novo aperto na barriga, desta vez ainda mais doloroso. Meu Deus. Não me lembrava de sentir dores tão fortes até aos cinco ou seis centímetros de dilatação.

O Archer sentou-se e puxou-me com ele quando o meu esgar suavizou. O corredor estava mal iluminado pela lareira, e ele guiou-me até ao quarto. A luz da lareira mal alcançava o interior, mas eu conseguia ver o suficiente para distinguir os móveis e sentei-me com cuidado na cama.

Acendeu-se uma luz atrás de mim, e olhei por cima do ombro. O Archer tinha encontrado uma lanterna na gaveta da mesa de cabeceira e entregou-ma.

Vou buscar a outra lanterna à cozinha. Acho que precisamos de começar a cronometrar as tuas contrações. Aquelas duas estavam separadas por menos de cinco minutos.

Abri a boca para concordar, mas depois veio outra contração e segurei-me à cama enquanto a dor irradiava pelo abdómen. Gemi um som deformado pela dor. Quando abri os olhos, o Archer estava agachado à minha frente, a olhar para mim espantado.

Tudo bem. É agora. Três seguidas e todas com menos de cinco minutos de intervalo. Precisamos de enviar uma mensagem ao teu médico.

Eu assenti. Tinham sido apenas três contrações, mas já tinha estado em trabalho de parto antes e reconheci-as pelo que eram. Não era um falso alarme.

Enquanto o Archer foi buscar o telemóvel, levantei-me e fui à casa de banho. Ao levantar-me, tive de me apoiar no lavatório e respirar por causa de outra dor aguda. O suor irrompeu-me pela testa, e sentia as pernas bambas. Arrastei-me de volta para o quarto e estava a vestir uma camisola quando o Archer regressou ao quarto, parecendo um pouco pálido, de lanterna debaixo do braço para poder usar as mãos. Vestiu as calças de ganga, mas ainda estava em tronco nu. *Não há rede de telemóvel.*

O quê? Por causa da neve?

Não é só neve. Há uma tempestade violenta lá fora. Os meteorologistas não devem ter previsto a gravidade do que estava por vir.

Dei alguns passos até à janela do quarto e abri a persiana, semicerrando os olhos através do redemoinho branco, após o que arfei quando vi a profundidade da neve sob o pálido luar – neve que vinha a acumular-se

continuamente desde que estávamos na nossa própria caverna em frente à lareira. Virei-me para o Archer. *Será que a carrinha consegue sair daqui?*

Ele soltou um suspiro pesado, passando a mão pelo cabelo. *Se eu puser as correntes, acho que vai correr tudo bem. Duvido que algum limpa-neves esteja de serviço, especialmente porque isto foi inesperado.*

Eu concordei, sentindo os nervos a acumularem-se. Duvidava que os limpa-neves já estivessem a funcionar, mas, de qualquer forma, só estariam nas estradas principais. Nós morávamos numa estrada de terra perto do lago, sem vizinhos próximos de nenhum dos lados. *Quanto tempo levás a pôr as correntes?*

Quinze minutos.

Quando me afastei da janela, fui atingida por outra contração e agarrei-me à parede para me manter equilibrada, gemendo alto enquanto a agonia me invadia, a pressão a aumentar tanto que os meus joelhos tremiam. Oh, Deus, isto era sério. Senti as mãos do Archer em mim e inclinei-me para ele no momento em que um jato de água me deslizou pelas pernas até ao chão. Eu suspirei.

– Oh, Deus, rebentaram as águas.

Senti todo o corpo do Archer estremecer, e então ele pegou em mim ao colo, deu a volta à cama e pousou-me de pé enquanto puxava o edredão para trás para me deitar nos lençóis, as minhas costas contra as almofadas, o que me deixava ligeiramente sentada. Estava destapada, mas a casa era pequena o suficiente para que o calor da lareira chegasse até ao nosso quarto, tornando-o confortável apesar da tempestade lá fora.

Com a lanterna ainda debaixo do braço, o Archer correu para a casa de banho e voltou poucos segundos depois com várias toalhas, que colocou debaixo de mim enquanto eu me virava para a direita e para a esquerda para o ajudar. Gritei quando outra contração tomou conta de mim; mais água a jorrar nas toalhas. Quando terminou, eu relaxei frouxamente contra as almofadas e olhei para o Archer. Os seus olhos estavam arregalados de medo. *Vou ter de te deixar aqui e ir buscar ajuda. Não podes viajar assim.*

Estendi a mão para ele.

– Não! Não me deixes aqui. Este bebé está a nascer. Não posso fazer isto sozinha. Mesmo depois de pores as correntes de neve, são quinze minutos até à esquadra da polícia com *bom* tempo. Podes ficar preso ou... ahhhh! – gritei quando senti outra contração, e o meu braço caiu na cama.

Senti o calor do Archer quando se sentou na cama ao meu lado, e juntou o rosto ao meu enquanto eu respirava com dores. Quando os meus músculos se descontraíram, tombei nas almofadas e abri os olhos toldados. Este bebé estava a chegar. Depressa. Disse isso mesmo ao Archer numa rajada de fôlego.

Não posso fazer o parto, Bree. Eu só vi crias de cães a nascer. E se algo correr mal? Eu não posso perder-te.

Ele olhou ao redor do quarto freneticamente, piscando os olhos, como se

pudesse obter alguma resposta melhor num dos cantos ou do lado de fora da janela. Agarrei-lhe a mão.

– Tu assististe ao parto dos nossos filhos. Tu consegues fazer isto, homem das cavernas. Tu não tens medo de nada. – Eu também estava com medo, mas sabia que não tínhamos outra escolha. Teríamos de passar por isto. Assim como tínhamos feito tantas outras coisas assustadoras e inesperadas, iríamos resolver *isto* juntos.

Ele soltou uma lufada de ar com um leve sorriso enquanto olhava para mim, os olhos cheios de determinação amorosa, como se estivesse a ter um pensamento semelhante. Observei-o a recompor-se mesmo diante de mim e senti o peito a expandir-se com amor e orgulho por todas as maneiras como ele demonstrou a sua intrepidez desde que o conheci. Confiei nele. Confiei-o à minha alma.

Finalmente, o Archer assentiu e segurou-me na mão e depois soltou-a, acenando com a cabeça outra vez. *Bree, ouve, eu sei que deste à luz dois bebés da última vez, mas se isto for remotamente parecido, não vais conseguir concentrar-te nas minhas mãos. Eu não vou conseguir falar contigo. Vou desenhar palavras na tua pele e tu tens de tentar ouvir, está bem? Será a única maneira de conseguirmos comunicar quando estiveres a trazer este bebé ao mundo.*

Consegui curvar um pouco os lábios. Eu estava a entrar na minha própria zona... tinha de ser, mas sabia o que o Archer queria dizer. Ele não iria poder ajudar-me dando um grito alto de instruções ou encorajamento. Eu teria de confiar em ouvi-lo da mesma forma que ele falava comigo em momentos íntimos. Céus, esperava conseguir.

Vou buscar algumas coisas. Ficas bem por um minuto?

Assenti quando outra pontada de dor me atravessou. O Archer ficou comigo durante a contração, e depois o seu calor deixou-me quando saiu para recolher aquilo de que precisava.

Fechei os olhos e flutuei naquele estranho plano entre os mundos interior e exterior que todas as mulheres em trabalho de parto conhecem. Era como flutuar num mar plácido e suavemente ondulado, e de repente vinha uma grande onda e afundava-me, de modo que eu era golpeada contra o fundo do oceano, debatendo-me, mas voltava sempre à superfície outra vez e flutuava de novo. Andava à deriva... as ondas vinham cada vez mais apressadas, e os golpes duravam cada vez mais tempo.

Abri os olhos depois de resistir a uma grande onda e vi que havia velas acesas à volta do quarto para fornecer mais luz. Os meus olhos moveram-se lentamente para o Archer, e embora ele parecesse um pouco assustado, sorriu para mim, de um modo tão suave e doce que o meu coração se encheu de amor. Senti-me como se estivesse a andar por entre a névoa, como se galopasse para a batalha... meio sonhadora, meio guerreira. O amor que fluiu através de mim parecia dolorosamente gentil e poderosamente feroz. Ele parecia tão bonito à luz de velas... um deus irresoluto.

– Lembras-te da primeira noite em que fizemos amor? – sussurrei. – Havia velas. Amei-te tanto. Não sabia que era possível, mas amo-te ainda mais agora.

Ele soltou um suspiro e murmurou, *eu também te amo*, mesmo no momento em que outra vaga de dor me engoliu e voltei para dentro de mim para enfrentar o ataque. Senti o seu dedo na minha coxa e concentrei-me nas palavras que ele me escrevia na pele: *Estou tão orgulhoso de ti. Ele está a chegar. Ele está quase aqui. Tu consegues fazer isto.*

As ondas desabavam e as velas tremeluziam e o meu marido guiou-me com palavras amorosas que pareciam gravadas não só no meu corpo, mas também no meu coração. Estas palavras eram minhas para sempre.

O meu corpo sabia quando era hora de fazer força, e gritei quando senti a cabeça do bebé a surgir, aquele anel de fogo ardente de que me lembrava. *Devagar, devagar*, escreveu o Archer. Eu aguentei, com o suor a escorrer-me pelo rosto, cada músculo do meu corpo em esforço até que outra contração veio e eu encolhi-me sobre mim mesma, fazendo força para um empurrão final.

Caí para trás, o alívio a fazer-me chorar quando os meus olhos pestanejaram e viram o Archer a segurar o nosso bebé, com lágrimas a correr pelo seu rosto enquanto o lindo choro do nosso recém-nascido enchia o quarto. Ele engoliu em seco, olhando para o bebé com um olhar de alarme, e eu sentei-me ligeiramente, de repente assustada.

– O que se passa?

O Archer abanou a cabeça, o rosto a abrir-se num belo sorriso. Voltou a abanar a cabeça enquanto segurava o bebé voltado para ele e escreveu na minha perna: *Menina, menina.*

Eu ri-me, incrédula.

– Uma menina? É uma menina?

Surpreendido pelo choque de ter uma filha, o Archer entregou-ma, e eu deitei-a no meu peito e tapei-a com uma manta. Olhei para o relógio. Onze e cinquenta e três, 2 de dezembro. Ela nasceu no dia de anos do seu pai.

O Archer estendeu um lençol de plástico de uma das camas dos meninos entre as minhas pernas, e tinha várias toalhas e um *kit* de primeiros socorros. Aconcheguei a minha filha enquanto ele cortava o cordão umbilical e tratava do período posterior ao parto. *Ser um homem das cavernas não é para quem tem coração fraco*, declarou ele enquanto me tapava com um cobertor e depois usava um pano quente e húmido para limpar a bebé.

Eu ri-me baixinho.

– Obrigada – sussurrei enquanto ele me ajudava a vesti-la e a enfiar-lhe um pequeno gorro na cabeça. Ela já estava a dormir profundamente. As lágrimas caíram enquanto encostava a minha mão ao rosto do Archer.

– Fizeste tudo tão bem. És o meu herói.

O trabalho foi todo teu. Foste incrível. Inclinou-se e beijou-me suavemente, um mundo de amor nos seus olhos. Espreitou a bebé, olhando

para o seu rosto por vários momentos antes de dizer: *É parecida com a minha mãe.*

Eu assenti com a cabeça.

– Eu sei. Ela vai ser linda, tal como a tua mãe era. – Ele sorriu outra vez, com o coração nos olhos... um coração cheio de amor e coragem e tanta bondade que brilhava como uma luz.

Como vamos chamar-lhe?, perguntou antes de mover um dedo suavemente pela bochecha aveludada da bebé. Ela agarrou-lhe o dedo enquanto dormia, mas depois voltou a acalmar-se. Eu sorri para o seu rostinho perfeito. Teria fome em breve, mas fiquei feliz por poder descansar um pouco.

– Não sei – sussurrei. Não tínhamos conversado sobre nomes de meninas, pois estávamos convictos de que seria outro rapaz.

Nesse instante, o telefone do Archer, que estava pousado sobre a cómoda, tocou com o som de várias mensagens recebidas – o serviço tinha acabado de ser restabelecido. Eu ri-me.

– *Timing* perfeito.

O Archer riu-se e beijou-me mais uma vez, pegando no telemóvel e enviando mensagens rapidamente. Ouviu-se um *ding* de seguida, e o Archer voltou a pousar o telemóvel onde estava. *O Travis vai chamar uma ambulância.*

Eu assenti com a cabeça. O *Travis*. Interessante que a primeira pessoa a quem o Archer ligara fora ao seu irmão. Era óbvio que estava a aprender a confiar mais nele. Connosco. Beije a minha filha na cabeça enquanto a segurava, sentindo-me apaixonada e cheia de uma alegria sem fim.

No dia seguinte, enquanto embalava a bebé Ava na cadeira de baloiço na sala de estar, depois de termos sido as duas examinadas e consideradas de perfeita saúde, o Charlie e o Connor olharam para ela com interesse e uma leve desconfiança.

– Temos uma mana – proferiu o Charlie para o Connor, inclinando a cabeça para o seu irmão. Apertei os lábios, reprimindo um sorriso.

O Connor assentiu, os seus olhos cor de âmbar sérios enquanto olhava para o irmão.

– Vamos ter de lhe ensinar umas coisas.

Não pude deixar de me rir, embora tenha contido o gemido que queria seguir-se. Eu bem podia imaginar o que aqueles dois considerariam importantes lições de vida quando a Ava tivesse idade suficiente para seguir as instruções.

– Talvez *ela* vos ensine uma coisa ou duas – repliquei com um sorriso. – Agora, vão para o vosso quarto e abram aqueles novos *Legos* que o papá vos comprou.

Ambos sorriram, correndo para o quarto para ver o novo brinquedo. Suspirei, contente, enquanto olhava pela janela para a paisagem branca de inverno, e ouvia os gémeos a brincar e a conversar alegremente. Podia ouvir o Archer a movimentar-se na cozinha enquanto aquecia o jantar – um dos

guisados que o Norm e a Maggie tinham trazido.

A Ava choramingou baixinho nos meus braços, fazendo sons minúsculos de bebê enquanto sonhava.

A neve brilhava e fulgia lá fora, a paisagem calma e serena, e dentro de nossa casinha no lago, o momento encheu-se de sons de amor.

**Quer saber o que Archer estava a pensar
quando começou a apaixonar-se por Bree?**

**Vire a página para ler a cena do ponto
de vista de Archer!**

PONTO DE VISTA ALTERNATIVO

CAPÍTULO QUINZE

ARCHER

*P*osso voltar mais tarde?, perguntou ela. E depois envolveu os braços à minha volta. Eu não sabia exatamente como reagir. Há tanto tempo que ninguém me tocava, e a sua proximidade trouxe uma sensação distante de pânico, mas principalmente um desejo ardente. Queria tanto retribuir o gesto, colocar os meus braços à volta dela e conhecer a sensação de abraçar a Bree enquanto ela também me abraçava. Quase que o fiz, mas depois ela afastou-se e o momento passou.

Mas ela vai voltar. Apanhei-me a sorrir através do reflexo da janela quando regresssei a casa. Acordei muito cedo naquela manhã e não consegui tornar a adormecer, por isso levei os cães até ao lago e fiquei a atirar-lhes paus algum tempo. A atividade que não exigia reflexão conseguiu, por fim, apagar todos os pensamentos – todas as perguntas irritantes – que me rodopiavam na cabeça num *loop* infinito, e por isso estava grato. Desde que salvei a Bree da armadilha que o meu tio tinha preparado e a levei ao colo de volta para minha casa, onde ela me confidenciou sobre a dor que sentira por causa da forma como perdera o pai, a minha mente fervilhava com perguntas, com dúvidas. Quando lhe limpei as lágrimas, os olhos dela pareciam tão tristes que o meu coração se encolheu, e eu soube então que os meus sentimentos por ela eram mais fortes do que queria admitir. Cada momento que passava com a Bree parecia excitante e vagamente perigoso. Perguntei-me o que teria ela visto em mim, se é que viu alguma coisa, porque é que voltava sempre, e como e se eu me encaixava na sua vida. Um milhão de perguntas que não tinham resposta a

menos que eu lhe perguntasse, e eu estava com muito medo de o fazer.

Estava a regressar a casa, pensando que a Bree ainda dormia na minha cama, quando ela saiu a correr. Trazia um sorriso exuberante no seu lindo rosto no momento em que me disse que não tivera um *flashback* naquela manhã. Ao perceber o que ela estava a dizer, o meu coração apertou-se. Eu sabia o que era vivenciar o mesmo tormento horrível repetidas vezes. Sabia o que era nunca querer dormir, com medo dos sonhos que viriam, das memórias que nunca iriam desaparecer, por mais que tentasse esquecer. Olhei para o céu azul, lembrando-me de um céu azul *diferente* e do horror que acontecera sob ele.

Passara muito tempo... anos... antes de voltar a confiar no céu azul.

Pouco depois de ela sair, entrei no meu quarto e vi que a Bree tinha feito a cama. Fiquei a olhar para ela durante um momento, e vi na minha mente a mesma coisa que imaginei na noite passada: ela, enrolada nos meus lençóis, aquele longo cabelo castanho-dourado espalhado na minha almofada, os lábios entreabertos, pestanas escuras como meias-luas no seu rosto, os seios a subir e a descer de forma rítmica durante o sono. E senti o mesmo latejar entre as pernas que sentira na noite anterior, quando estava deitado no sofá da sala, excitado e desperto por saber que a única coisa que havia entre nós era uma parede. E, no entanto, não era *apenas* uma parede. Era gesso e tinta e uma centena de medos.

Peguei na almofada onde a Bree repousara a cabeça, levei-a ao nariz e inspirei. Podia sentir o cheiro delicado do seu champô e fechei os olhos, permitindo-me aproveitar o que parecia ser uma pequena intimidade antes de a pousar de novo na cama.

Momentos depois, ouvi uma batida suave na porta depois de ter saído do duche e me vestir. Ainda só tinha passado cerca de uma hora desde que ela saíra, e por isso um ligeiro arrepio percorreu-me a espinha por ela ter voltado tão depressa.

Quando abri a porta, a Bree sorriu de forma doce, um pouco timidamente e, como sempre, o seu sorriso fez-me disparar o coração. Tão fácil. Demasiado fácil.

Obrigada por me receberes outra vez, Archer. Espero que não te importes... depois da noite passada... não havia outro lugar no mundo em que eu mais quisesse estar do que aqui contigo hoje. Ela inclinou a cabeça e o seu rabo de cavalo caiu no seu ombro. *Obrigada.*

Depois da noite passada, não havia outro lugar no mundo em que eu mais quisesse estar do que aqui contigo hoje.

Oh, Deus, se ela soubesse o quanto eu a queria aqui, como com ela era o *único* lugar em que eu queria estar, ficaria assustada? O meu coração disparou, o que me atemorizou. Às vezes, sentia que as palavras que não lhe dizia soavam tão altas na minha cabeça que ela conseguia ouvi-las nitidamente do outro lado da sala, embora eu não tivesse – não pudesse – emitido nenhum som e não tivesse mexido as mãos.

Os seus olhos desceram até aos meus pés, e arregalaram-se quando os observou, mas eu depressa a tranquilizei. Podia identificar toda uma lista de dores que a Bree provocava no meu corpo apenas com o seu odor, a sua proximidade. Os meus pés eram a menor das minhas frustrações físicas.

E então, quando sugeriu, vacilante, um corte de cabelo, fiquei um pouco envergonhado por ela obviamente ter pensado que eu tinha coisas a melhorar, e preocupado por ela ficar junto de mim, a tocar-me de uma maneira que nunca mulher nenhuma me tinha tocado. Mas antes que pudesse pensar como deve ser, as minhas mãos levantaram-se, aparentemente por vontade própria. *Sim, ia gostar.* O sorriso dela ajudou a dissipar um pouco a minha inquietação.

Como queres?, perguntou. *Farei o que quiseses.*

A maneira como ela olhara para mim na noite passada, quando saí do quarto com o rosto barbeado, regressou à minha mente, trazendo consigo uma sensação de entusiasmo. Ela olhou para mim surpreendida – pelo menos foi o que me pareceu. Talvez fosse mais do que isso, embora eu ousasse esperar mais. O pensamento deixou-me com a sensação de estar a sustentar a respiração, embora estivesse a respirar bem. *Quero que gostes. Corta como quiseses.*

Tens a certeza? As suas mãos moveram-se de forma hesitante, a sua expressão tão cheia de cuidado e compaixão que eu senti as palavras como se me tivessem roçado a pele.

Sim. Era verdade e mentira, mas antes que pudesse convencer-me do contrário, entrei na cozinha, puxei uma cadeira e coloquei-a no meio da sala. Passado um minuto, senti uma toalha sobre os ombros e o barulho dos utensílios de corte a serem dispostos sobre o balcão. *Respira fundo*, recordei a mim mesmo. Pousei as mãos espalmadas sobre as coxas – a minha versão de silêncio absoluto – e fechei os olhos enquanto aguardava que ela comesse.

As mãos dela alcançaram timidamente o meu cabelo, e o seu primeiro toque foi como um zumbido baixo de eletricidade contra o meu couro cabeludo. Ela demorou um momento a passar os dedos pelas mechas, parecendo estar a aprender a sentir o meu cabelo, ou talvez apenas a verificar o trabalho que estava prestes a fazer. Puxou-o levemente quando começou a cortar, e se eu pudesse ter gemido, tê-lo-ia feito. Fechei os olhos enquanto os dedos se moviam suavemente sobre o couro cabeludo, fazendo-me tremer de prazer. Oh, Deus, ser tocado assim... era demais e, de alguma forma, não era o suficiente.

Enquanto se movimentava à minha volta, cortando o cabelo primeiro de um lado e depois do outro, pude observar o seu corpo mover-se, uma vez que os olhos dela estavam focados na tarefa. Aproveitei para observar a protuberância dos seus seios, a curva esguia, mas feminina, das ancas e as pernas longas e bronzeadas. Assim de perto, porém, também pude ver pequenos detalhes que ainda não tinha visto. Reparei nos minúsculos pelos loiros na parte superior das coxas, a pele macia e sedosa da parte inferior dos braços, as delicadas veias azuis que lhe corriam sob a pele.

O meu corpo estava hipersensível devido à sua proximidade, o seu toque, o seu cheiro doce ao meu redor – o odor feminino do qual só tinha captado antes leves sugestões, algo floral e indescritível. Algo que era apenas a Bree.

Tudo aquilo parecia íntimo e pessoal, e eu endureci, todo o meu corpo preparado para sentir mais dela, para explorar os contornos do seu corpo, para conhecer a sensação da sua pele. *Jesus. Para de te torturar, Archer.* Ela era tão bonita que me magoava um pouco estar tão perto dela, sabendo que poderia ser o máximo que alguma vez teria. Um desejo tão forte que me apertava a alma fez-me sentir fraco de repente, e perguntei-me se deveria interromper aquilo, dizer-lhe apenas para se ir embora, para acabar com esta espécie de miséria feliz. Sustive a respiração, e a Bree acalmou-se um pouco.

Ela afastou-me o cabelo da testa e os nossos olhos encontraram-se, chocando-me com o desejo que pensei ter visto nos dela. Os meus próprios olhos arregalaram-se, varrendo-lhe o rosto, tentando discernir o que vira na sua expressão. Mas não tinha a certeza. Não sabia. E se... e se estivesse errado e... Fechei os olhos, interrompendo a nossa ligação, duvidando da minha própria capacidade de entender esta mulher – de entender *qualquer* mulher.

O meu coração batia tão depressa que estava a ter dificuldade em recuperar o fôlego. Ela inclinou-se para a frente e notei que os seus mamilos estavam duros sob o tecido fino da camisa. Um pequeno suspiro escapou-me da garganta. A minha pele formigava, o corpo inteiro inflamado de desejo por ela. Era puro, ardente e diferente de tudo o que eu já tinha sentido.

A Bree também parecia estar a respirar com mais dificuldade do que antes, e perguntei-me se estaria a sentir algo vagamente parecido com o que eu estava a sentir. Seria possível? Como iria saber? O que deveria fazer um homem numa situação destas? Deveria perguntar-lhe ou seguir apenas os meus instintos? Mas os meus instintos assustavam-me e confundiam-me. Se eu seguisse os meus *instintos*, levantar-me-ia e empurrá-la-ia até ficar encostada a uma parede. Pressionar-me-ia contra ela na tentativa de obter algum alívio da dor ardente nas virilhas. Provaria primeiro a sua boca e depois tudo o resto. Passaria as mãos pelo seu corpo, debaixo da roupa, conheceria a sensação da sua carne nua sob as minhas palmas. Queria descrever todas as maneiras pelas quais a desejava usando os dedos para escrever os pensamentos na sua pele. Apertei as mãos nas coxas, ansioso por dizer as palavras. Eu queria ouvir os sons que ela poderia fazer quando estivesse a sentir prazer, e desejava ser o único a provocar-lhe esses sons.

Oh, Jesus, *Jesus*. Eu estava a tremer, e tudo parecia ser demasiado. As imagens assolavam-me mentalmente mais depressa do que eu conseguia suportar. Muitas perguntas, muitas dúvidas, muitas emoções ao mesmo tempo. E eu estava tão excitado que era aflitivo.

– Pronto – sussurrou ela. – Terminei. Está muito bom, Archer. – Ajoelhou-se à minha frente e eu observei-a, os mamilos ainda endurecidos sob a camisa, os olhos mais escuros, a sua expressão insegura. E as perguntas nos olhos dela fizeram-me sentir ainda mais receio. Eu não tinha nenhuma

resposta. Tudo o que tinha era um milhão de perguntas.

A Bree pousou a tesoura no balcão e aproximou-se. Os seus olhos dirigiram-se rapidamente para a minha boca, e depois desviaram-se, e o meu coração deu um salto. Concentrei-me nos seus lábios por um momento, carnudos e rosados, e quis beijá-la. Queria, mas tinha medo. Seria desajeitado. Vacilante. Iria parecer que estava com medo dela, o que era verdade. E se ela me afastasse, se ela não se sentisse como eu...

Engoli em seco, o pânico a percorrer-me o corpo. Isto era demais. Precisava de pensar, precisava... Levantei-me rapidamente, tinha necessidade de distância, de espaço. Precisava de ficar sozinho. A Bree ergueu-se, parecendo igualmente atordoada. Por um momento, ficámos só a olhar um para o outro naquele pequeno espaço que nos separava.

Tens de te ir embora agora. Queria fazer um esgar perante as palavras duras que escolhi, mas não o fiz. Era o que eu queria dizer, embora não quisesse ofendê-la. Queria que ela entendesse, mas eu precisava de entender primeiro. Precisava de ter o meu corpo sob controlo. O meu coração.

Ir-me embora? perguntou. A incerteza pairou no seu rosto. *Porquê, Archer, desculpa, fiz...?*

Não, não é nada, eu só... tenho coisas para fazer. Tens de ir.

– Tudo bem – sussurrou, o seu rosto enrubescido. – OK.

Ela moveu-se constrangida enquanto reunia as suas coisas. Aquilo era-me familiar... movi-me assim aparentemente toda a minha vida. Mas não sabia o que fazer quando estava a debater-me tanto com a minha própria insegurança.

Tens a certeza? Eu não...

Sim, por favor, sim.

– Tudo bem – afirmou ela outra vez, avançando em direção à porta. Pensei ter visto não só confusão, mas mágoa na sua expressão, e isso causou-me uma pontada de culpa, fazendo-me estremecer. Sabia que ela não me menosprezaria se soubesse como eu estava a sentir-me. A Bree era gentil. Ela seria compassiva mesmo na sua rejeição. E de alguma forma isso ainda era mais doloroso. A minha própria confusão avassaladora parecia uma coisa viva, que respirava, enchia a sala, pressionada contra mim.

Toquei-lhe no braço enquanto ela se dirigia para a porta, querendo dizer tanto, querendo perguntar-lhe tantas coisas. Mas tudo o que consegui dizer foi: *Desculpa. Gostei muito do corte de cabelo.*

Ela fitou-me por um momento antes de anuir, saindo pela porta e fechando-a suavemente atrás dela. Passei a mão pelo meu novo cabelo curto e puxei-o, fechando os olhos com força. *Que idiota, Archer Hale.* O gemido de tristeza e frustração que me subiu pela garganta não tinha som, mas existia mesmo assim. Sentia raiva de mim mesmo por estar com tanto medo, tão desajeitado, tão atrapalhado com a proximidade da Bree. Mas, Deus, eu não sabia se conseguiria ser diferente. Fui até ao meu quarto e caí de costas na cama, a olhar para o teto por um momento, continuando a passar a mão pelo

cabelo. Parecia estranho ao toque. Sentia-me estranho na minha pele.

O meu corpo ainda estava quente e dorido, e eu estava desesperado por alívio. Desabotoei as calças de ganga e agarrei-me, pulsando com o meu desejo pela Bree. Algumas carícias e fechei os olhos, pressionando a cabeça na almofada enquanto o prazer me invadia. *Alívio*. A respiração abrandou, a mente um pouco mais desanuviada.

Encontrei uma certa paz com a maneira como vivia a minha vida, uma aceitação de quem eu era e de quem sempre seria. Mas a presença da Bree de repente mudou tudo o que eu pensava que sabia, que pensava que queria, e não tinha ideia de como lidar com as estranhas e inesperadas... possibilidades. Ou se deveria permitir-me sequer pensar nelas. Estava entusiasmado e frustrado e mil outras coisas que nem conseguia entender.

Fiquei ali deitado durante algum tempo enquanto a minha frequência cardíaca voltava ao normal. O som das árvores a balançar do lado de fora da janela embalou-me e acalmou-me, o ruído suave das ondas na margem do lago a chamar. Despi-me, vesti um velho par de calções e segui em direção à água.

Enquanto andava, vi-me a nomear inconscientemente as coisas à minha volta com as mãos: pinheiro, rocha, sol quente. Tinha aprendido sozinho a língua gestual e depois praticava dando nomes às coisas que existiam na minha propriedade enquanto trabalhava ou caminhava. Às vezes, falava com os cães com as mãos, sentindo-me um pouco ridículo, mas sabendo que não tinha mais ninguém com quem praticar, ninguém com quem conversar. E depois a Bree entrou pelo meu portão...

A Bree.

Fiquei a olhar para o lago, o sol a brilhar na superfície em mil pontos de luz. E o meu coração acalmou-se.

A água estava fria, mas não gelada, e parecia seda a deslizar-me sobre o corpo quando entrei o suficiente e depois mergulhei. Nadei até ao ponto em que conseguia ver o topo dos edifícios do centro de Pelion, os meus músculos tensos de cansaço e os pulmões a queimar de uma forma que parecia agradável e ligeiramente dolorosa. Flutuei durante um minuto ou dois, descansando o corpo para poder nadar de volta. Ali era o local onde me sentia seguro e competente. Era onde conhecia a minha força e a minha capacidade, onde não pensava em todas as coisas que me faltavam e em tudo o que não *podia* fazer. E enquanto fitava as nuvens brancas e fofas a flutuar preguiçosamente por cima de mim, pensei em como aprendi a nadar, quando o tio Nathan me levou a passear no pequeno e frágil barco a remos que possuía e me deixou estar pendurado no barco de lado até me sentir pronto para me soltar. No início engasguei-me e debati-me, e até chorei, certo de que iria afogar-me e não conseguiria pedir ajuda. Mas passado um momento tentei uma e outra vez, e fiquei mais forte, melhor, até que consegui nadar *à volta* do barco a remos enquanto o tio Nathan ria e batia palmas.

E pensei que talvez pudesse tentar de novo com a Bree, que talvez,

apenas talvez, pudesse aprender a não ser tão desajeitado com ela. Que podia aprender a ser um homem capaz de conquistar uma rapariga como a Bree. E que o facto de não tentar era um tipo diferente de afogamento.

E eu não queria afogar-me. Não queria. Queria *viver*.

Virei-me e comecei a nadar de volta, os braços a cortar a água enquanto me empurrava para a frente, em direção à praia, em direção a casa.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento muito especial, do fundo do coração, mais uma vez, ao meu Comité Executivo de Edição: Angela Smith e Larissa Kahle. Estou grata a ambas por garantirem que a minha gramática estivesse imaculada e que as palavras estivessem escritas corretamente; mas, acima de tudo, agradeço pelo facto de duas pessoas que conhecem o meu coração estarem a publicar o meu trabalho. Vocês compreendem melhor do que ninguém o que estou a tentar dizer e onde me insiro na história. Isso é um presente inestimável, e gostaria de pensar que as minhas personagens são mais fortes, a minha história mais clara e o que tenho para oferecer de mim mesma é transmitido.

Também tenho sorte de ter um grupo fantástico de leitores de provas que não só foram exigentes comigo, como também atenciosos e comprometidos com a história de Bree e Archer, e me deram conselhos, comentários e encorajamento inestimáveis quando eu mais precisava: Elena Eckmeyer, Cat Bracht, Kim Parr e Nikki Larazo – a minha enorme gratidão!

Amor sem fim e eterno ao meu marido, o meu melhor amigo, a minha inspiração, o homem que tem o maior coração de todos os que conheço. Obrigada por me apoiares ao longo do processo e por estares presente na nossa casa quando eu desaparecia na minha caverna de escritora. Tu tornas tudo possível.

Um agradecimento atualizado aos meus editores da Forever, que recuperaram o que se perdeu durante os dois primeiros rascunhos e me ajudaram a aperfeiçoar a história de Archer e Bree. Ensinam-me muito e estou grata por trabalhar convosco.